Ladislau Dowbor

Desafios Sistêmicos na Era Digital

Juntando as peças do quebra-cabeça

6 de agosto de 2025

Sumário

Prefácio 4

Introdução 6

2 - Ciência, fé e ética: um nó político 14

3 – Inclusão e austeridade no Brasil 20

4 – A usura como sistema na economia brasileira 24

5 – Um país rico desperdiçando seus recursos 28

6 – A história nos ajudará a superar o caos? 32

7 - Já não é um tigre: os problemas do capitalismo 36

8 - Precisamos de um novo contrato social 41

9 - Economia global e política nacional: impactos na governança 47

10 - Desigualdade de riqueza no mundo 52

11 - O sistema de recompensas está simplesmente errado 58

12 - Política desamparada e economia desgovernada 63

13 - Um tempo de responsabilidade diluída 68

14 - O custo emocional da desigualdade 73

15 - O lucro cego das corporações 78

16 - Economia de Plataformas: poder corporativo 83

17 - Capitalismo: legitimidade emprestada 89

18 - A economia digital precisa de regras correspondentes 93

19 - Publicidade: estamos pagando para que nos manipulem 99

20 - Brasil: a fome que vai e volta 105

21 - Recolocando o Brasil nos trilhos 111

22 - Desenvolvimento Inclusivo para o Brasil 117

23 - O Brasil pode financiar o desenvolvimento inclusivo e sustentável 122

24 - Gestão Pública revisitada: a mudança de governança 127

25 - Além dos mercados: a erosão geral da governança 132

26 - O dreno financeiro global e o caso brasileiro 136

27 - Riqueza improdutiva: estamos diante de um novo sistema 141

28 - Mudança de poder global: quem está no comando? 145

29 - Uma mudança de paradigma na análise econômica 149

30 - Homo Sapiens: gigantes científicos, idiotas políticos, selvagens morais 155

31 - A era dos heróis corporativos e da má gestão sistêmica 160

32 - Compartilhando conhecimento: a universidade como um bem comum 166
33 - A indústria da atenção 171
34 - Os desafios da gestão global da saúde 178
35 - O poder corporativo na revolução digital 184
36 - Os Big Brothers estão observando você 192
37 - Poder corporativo: os lucros políticos 197
38 - Norte-Sul: encurtando a distância 202
39 - Gestão inovadora na China: além das simplificações 207
40 - Enfrentar a pobreza: um desafio moral e uma questão prática 213
41- As profundezas da natureza humana 218
42 - Uso político e comercial da espiritualidade: Deus Inc. 222
43 - Novos e fortes ventos na pesquisa econômica 227
44 - Além do capitalismo: a revolução digital 232
Conclusão 237
Bibliografia 240

Prefácio

By allowing extreme inequality to exist in the world, we deny our collective humanity[1]
Peter Phillips, *Titans of Capital*, 2024 (224)

Crisis after crisis unfolds, yet we fail to understand their common roots[2].
George Monbiot, *Neoliberalism*, 2024 (1)

Mafalda: "Manolito, não é verdade que há outros valores, não apenas o dinheiro?"
Manolito: "Claro que há, temos também os cheques."
Quino – Mafalda

Ao enfrentar desafios sistêmicos, certamente precisamos de uma visão geral, e aqui utilizo o conceito de revolução digital. No entanto, a transformação sistêmica resulta de uma série de modificações menores na forma como nossa sociedade funciona, envolvendo mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais. De acordo com seu interesse principal, os pesquisadores apresentam as questões de sustentabilidade, os dramas explosivos da desigualdade, o processo de financeirização, as principais tendências tecnológicas, a transformação das famílias e a fragmentação social, a ansiedade que ocupa tanto espaço em nossas vidas, a propagação da violência, entre tantas outras tendências, entre outras a tão impactante inteligência artificial.

Para escrever este livro, observei pacientemente as diferentes facetas da mudança global, reunindo-as para compreender a transformação estrutural. Pode parecer excessivamente ambicioso, e por certo exigiu uma ampla gama de leituras, mas o fato é que temos, na maioria dos países, uma nova geração de pesquisadores menos interessados em apoiar simplificações ideológicas, e que trazem uma visão renovada sobre como as coisas estão mudando nas últimas décadas. Fato interessante, tantas mudanças parciais estão levando a uma mudança é estrutural, sistêmica.

Isso é particularmente importante, dado que o ritmo das mudanças acelerou significativamente, e tem sido difícil acompanhá-lo. Um traço importante da mudança é seu ritmo profundamente desigual. A tecnologia da informação, o alcance da comunicação e a manipulação financeira do dinheiro virtual estão mudando o mundo, mas os governos e outros atores sociais estão perdidos no labirinto de leis e regulações que pertencem a outro tempo. A tecnologia mudou dramaticamente nosso mundo, enquanto as instituições e os marcos legais evoluem no ritmo lento de sucessivas gerações políticas, que tentam desvendar as diferentes redes de interesses entrelaçados e presos ao passado.

Este não é um livro para economistas: nossos desafios são muito mais amplos. Segui um caminho simples, escrevendo capítulos curtos sobre as diferentes tendências, espalhando-os sobre a mesa, por assim dizer, para que as mudanças gerais possam ser distinguidas. Como em

[1] *"Ao permitir que a desigualdade extrema exista no mundo, negamos nossa humanidade coletiva."*
[2] *"As crises se sucedem uma após outra, e ainda assim não conseguimos compreender suas raízes comuns"*

um quebra-cabeça, é necessário espalhar os fragmentos para gradualmente compreender como eles podem se encaixar. Mas é também preciso entrar no detalhe. O resultado é uma imagem coerente, faz sentido. Anteciparia que a imagem não é otimista, mas ajuda a termos uma visão de conjunto dos desafios principais, bem como do seu ritmo de transformação.

Como em um quebra-cabeça, de acordo com as cores dominantes, você procura as principais partes às quais uma peça pode pertencer. Isso significa que algumas questões, como os dramas ambientais, a desigualdade ou a erosão da democracia, bem como as principais transformações tecnológicas, podem parecer repetidas neste texto, porque pertencem a grandes tendências comuns, aos principais elos gerais. E capítulo por capítulo você vai encontrar os pesquisadores que considero mais significativos: uma geração que está transformando nossas visões.

Os capítulos são curtos, cada um tem personalidade própria, e nos leva de volta às dinâmicas estruturais mais importantes, como a desigualdade, os dramas ambientais, o caos financeiro. Neste sentido eu volto frequentemente aos problemas chave em novo capítulo, mas para examinar uma outra cadeia de causalidade. Isso assegura coerência interna de cada capítulo, e eu sugiro que a metodologia pode ser útil para a discussão ou ensino, por atar as facetas confusas das nossas transformações políticas, econômicas, sociais e ambientais ao processo conjunto de transformações que estamos vivendo. Várias partes do presente texto foram publicadas em artigos, em diversas linguas. Eram as peças do quebra cabeça, e aqui estão juntas, e razoavelmente montadas.

Escrevi muitos livros, e posso dizer que este foi escrito com sentimento, apesar dos dramas que ele expõe. Sou um otimista nato. Uma questão de sobrevivência psicológica, para um economista social como eu. A realidade é que não é muito otimista, são desafios profundos que temos de enfrentar.

Introdução

Como nos sentimos em meio ao caos global?

Uma visão geral de nossas realizações como humanidade não é um exercício surrealista. Tanto progresso tecnológico, tanta violência e destruição, tanto sofrimento. E tantas narrativas sobre quem são os mocinhos e os bandidos. De que lado você está? A única certeza é que sou torcedor do Corinthians. O resto virou um caos. Para enfrentá-lo, precisamos ir além da economia e juntar as peças.

"*We've exchanged Adam Smith's invisible hand of the well-functioning market for the invisible fist of monopoly power."*[3]
Nicholas Shaxson – *The Finance Curse*

Yet let's be content, and the times lament,
You see the world turn'd upside down.
Balada inglesa do século 17[4]

Sou economista. Minha principal área de interesse é a linguística. Falo várias línguas, li a Bíblia em hebraico, Dostoiévski em russo, Dante em italiano, Jorge Amado em português, e assim por diante. Sim, e Keynes em inglês, é claro. Entrei na economia porque senti a necessidade de entender nosso caos. Era 1963, no Nordeste do Brasil, dramaticamente desigual. Com tanto sofrimento e miséria diante dos opulentos usineiros, me foi impossível não sentir o absurdo. Até onde vai nossa capacidade de fingir que não vemos? Não foi porque estudei economia que me indignei: a indignação me levou a esses estudos. Encontrei as respostas? O que descobri foi uma mistura de justificativas, em nome dos mercados livres, ou da liberdade – você pode justificar qualquer coisa com matemática e modelos – e construções idealistas. Ainda estou procurando respostas. Não estamos todos?

Fiz minha lição de casa, estudei com bons banqueiros na Suíça, com especialistas em planejamento na Polônia socialista; prestei assistência a assisti países em distintos continentes e até trabalhei como consultor para o Secretário-Geral da ONU. Em tantas décadas acompanhei a descolonização, a ascensão dos direitos das mulheres, a erosão do *apartheid* na África do Sul, tantas esperanças. E, atualmente, acompanho as estatísticas dramáticas, a desigualdade, a fome, o desastre climático, a perda da biodiversidade e toda essa violência. Mas isso não é estatística para mim: tenho 84 anos e ainda não consigo suportar ver uma mãe com filhos dormindo na calçada em São Paulo, a cidade mais rica da América Latina, enquanto pessoas ocupadas e carros vão e vêm. Que tipo de animais somos nós? *Homo sapiens*?

Assisto às notícias horripilantes sobre a calamidade Palestina/Israel. É uma questão de lados? Bem, cada lado tenta trazer para a mídia a coisa mais horrível que o "outro lado" fez, e temos uma escolha de bebês, crianças e mulheres, em um show de barbárie bilateral, um torneio no noticiário da noite. Dependendo de quem controla as notícias, teremos mais barbárie de um lado

[3] *"Trocamos a mão invisível do mercado funcional, de Adam Smith, pelo punho invisível do poder monopolista."*
[4] *"Contudo, contentemo-nos e lamentemos os tempos, vemos o mundo virado de cabeça para baixo."*

ou do outro. E depois temos os comerciais, com caras sorridentes, belas moças e as oportunidades que não devemos perder. Não olhe para cima. Qual o sentido de tudo isso?

Cada um de nós vive sua própria história, e ela pesa. Nasci em 1941, na fronteira espanhola: por nascimento, eu seria catalão. Durante essa guerra, na Europa, ninguém escolhia onde nascer; nascia-se onde se podia. Meus pais poloneses, um engenheiro e uma médica, escaparam da invasão alemã em 1939 pela fronteira sul e chegaram à França. Não eram judeus, mas, se tivessem permanecido na Polônia, meu pai teria acabado, como engenheiro mecânico, em trabalho forçado em fábricas alemãs. Em seguida os alemães invadiram a França, e meus pais fugiram para o sul, para a fronteira espanhola. Ela estava fechada por causa de outra guerra, a tragédia espanhola que o mundo olhara curiosamente, discutindo que lado tomar, no final dos anos 1930. Assim, nasci na fronteira espanhola, na França, de pais poloneses.

Como família, ficamos presos nos Pirineus, meus pais e quatro filhos. Lembro-me, eu provavelmente tinha quatro anos, quando fomos ao campo com minha mãe colher *pissenlit*, um tipo de erva que você podia razoavelmente comer ou usar para fazer chá. Muitas gangues procuravam sobreviver no caos geral. Meu pai foi capturado por algumas milícias armadas e torturado, mas sobreviveu. É impressionante como produzimos milhares de filmes glorificando guerras, soldados heroicos, tanques bonitos, bombas. Vende bem. É preciso uma busca profunda para encontrar um filme sobre o que significa para as famílias viverem em uma guerra. A miséria, o frio, a fome, a insegurança permanente e a angústia. *Angoisse*, em francês, é uma palavra mais forte. Não me fale em guerras. Mudamos para o Brasil porque meus pais, tendo vivido as duas Guerras Mundiais, perderam a confiança na Europa e em sua barbárie de *haute culture*. Assim, atualmente sou brasileiro e economista.

Somos bons em pensamento mágico. Os dramas simplesmente desaparecerão? Na história, sempre deixamos as coisas apodrecerem até um ponto em que a insegurança, as frustrações e a ganância evoluíram para formas poderosas de liberação de pressão: através do ódio, da violência e da guerra. Acabei de ler um belo livro, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, de Amin Maalouf. Não é anticristão, apenas uma pesquisa sólida nos documentos do Oriente Médio desses tempos, por volta do século XIII. As batalhas, a destruição, os massacres, os estupros, as humilhações. Por cristãos tementes a Deus, por xiitas, por sunitas ou entre eles mesmos. Os dois séculos de guerras bárbaras foram seguidos pelas invasões mongóis. Mais massacres. Queimar livros não foi uma invenção nazista: na época, já era um esporte.

Corte rápido para 2025. Acabamos de sair da guerra do Afeganistão, com resultados trágicos para todos. E a guerra do Iraque, com o resultado caótico que vemos atualmente. E o drama líbio. No momento em que escrevo, temos a Ucrânia, é claro. Zelensky está reclamando que o conflito na Palestina nos distrai, mas a trágica guerra no Iêmen está fora dos noticiários: não são europeus brancos que morrem. E temos os massacres no Sudão, é claro, a África é tão instável... Que curiosos, os golpes em Mali, Níger e Burkina Faso! Por que eles simplesmente não respeitam a democracia? Para a grande mídia, apenas curiosidades. Trabalhei nessas regiões por muitos anos. Vi milhares morrerem de cólera; não temos as tecnologias para garantir água potável? Bem, Bezos precisa fazer uma viagem ao espaço. Ele é um idiota? E Zuckerberg? Larry Fink? Prefiro

considerá-los idiotas de alta tecnologia, *hightech assholes,* em inglês é mais expressivo. Sim, sei que isso não é uma categoria econômica. Mas eles não veem o que está acontecendo com o mundo?

Os humanos amam narrativas. Você pode justificar praticamente qualquer coisa, e a humanidade é impressionantemente propensa a acreditar em qualquer coisa. Se há uma narrativa da qual precisamos nos livrar é a de que, se você busca sua própria prosperidade sem se preocupar com o que acontece aos outros, isso resultará em uma contribuição para o bem comum. De certa forma, a ganância individual resultaria em prosperidade geral. Não resulta. A realidade crua é que estamos destruindo nosso mundo pelo poder e pelas riquezas de poucos privilegiados. É preciso ser um idiota em Wall Street ou na City para acreditar que "a ganância é boa" [*greed is good*], como repetem. Não é apenas um desastre para o meio ambiente que nos sustenta; é um desastre para a humanidade e, portanto, para a democracia. Bilhões de pessoas frustradas ao redor do mundo acreditarão em quem quer que se aproveite de sua frustração e do seu ódio. O mundo não está carente de demagogos.

Como podemos acreditar na narrativa da "externalidade"? Você a ouve ou lê em todos os cantos. Sim, produzimos armas, mas é para a segurança das pessoas, e não apertamos o gatilho. Apenas produzimos armas e respondemos à demanda legítima. O mundo está se afogando em dívidas abusivas? Bem, aqueles que se endividam deveriam ser mais responsáveis. Shaxson vai direto ao ponto: "Precisamos de finanças, mas a medida de sua contribuição para nossa economia não é se elas criam bilionários e grandes lucros, mas se nos fornecem serviços úteis, a um custo razoável."[5] (p.12) No entanto, estamos enfrentando gigantes financeiros, e eles financiam o que quer que lhes traga mais dinheiro, independentemente dos dramas sociais ou ambientais. Eles estão seguros, são grandes demais para quebrar. Apoiados por nossos impostos, quando necessário. Em poucos anos, as externalidades serão internas para todos. As partículas de plástico, de fato, já são.

Marjorie Kelly, como tantos economistas hoje, separa a "economia financeira" da "economia real". Esta segunda "é a economia real de empregos e gastos com bens e serviços. Quando separamos esses dois, vemos que cerca de um terço do PIB está sendo extraído pelo setor financeiro. E essa extração é muito maior do que no passado."[6] (p.147) Calculei os números correspondentes para o Brasil e cheguei, aproximadamente, à mesma cifra: mais de 30% do PIB drenado por rentismo financeiro improdutivo.[7] Este deveria ser um mundo de capitalistas lutando

---

[5] Nicholas Shaxson – *The Finance Curse: how global finance is making us all poorer* – Grove Press, New York, 2019

[6] Marjorie Kelly – *Wealth Supremacy: how the extractive economy and the biased rules of capitalism drive today's crises* – Berrett-Koehler Publishers, Oakland, 2023

[7] L. Dowbor – "O dreno financeiro que paralisa o país": https://diplomatique.org.br/o-dreno-financeiro-que-paralisa-o-pais/. Para propostas de reverter esta tendência desastrosa, ler, L. Dowbor, *Resgatar a função social da Economia,* Editora Elefante, São Paulo, 2023 - https://dowbor.org/wp-content/uploads/2024/11/Resgatar-Funcao-Social.pdf

para ganhar dinheiro ao nos servir melhor. A Oxfam apresenta a realidade: “Nos termos atuais, países de baixa e média-baixa renda serão forçados a pagar quase meio bilhão de dólares todos os dias em juros e amortização de dívidas entre agora e 2029. Países inteiros estão enfrentando falência, com os países mais pobres gastando agora quatro vezes mais no pagamento de dívidas a credores ricos do que em saúde.”[8] Isso representa mais da metade dos países mais pobres do mundo, 2,4 bilhões de pessoas.

Caso sejamos lentos em digerir as narrativas, podemos ser ajudados por *think tanks*, atualmente uma enorme rede de formação de opinião. Shaxson nos apresenta “a organização ideológica mais influente”, a Atlas Economic Research Foundation, bem como “a Templeton Foundation, financiada por Wall Street, as redes do magnata dos fundos de hedge Robert Mercer (um apoiador de Steve Bannon e do Breitbart News) e o que alguns chamam de ‘Kochtopus’ – o nexo tentacular de vínculos políticos e financeiros mantidos pelos irmãos bilionários Charles e David Koch. Os membros da Atlas incluem o American Enterprise Institute, o igualmente influente American Legislative Exchange Council (ALEC), o Cato Institute, a Freedom Foundation, a Heritage Foundation e, no momento em que escrevo, mais de 180 outros. E essas são apenas as redes de financiamento nos Estados Unidos. A Atlas espalhou pelo mundo 475 instituições parceiras – e o número está aumentando.” (p.127)[9]

O sistema tornou-se disfuncional. Os interesses dominantes são atualmente globais, sejam eles financeiros, de comunicação, de informação, de comércio de *commodities*, de corporações militares ou do comércio privado de informações. Mas não temos capacidade de regulação global, exceto pelas enfraquecidas instituições internacionais herdadas da Segunda Guerra Mundial, 80 anos atrás. Ainda temos autoridades verificando nossa bagagem em aeroportos internacionais, enquanto os fluxos econômicos reais são apenas registros virtuais em computadores. E tanta finança corrupta, tantos paraísos fiscais, vendas ilegais (e legais) de armas em ascensão, tantos oligarcas navegando no caos institucional e jurídico global.

Sim, sabemos o que deveria ser feito. Temos isso nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs), nos ESGs (Environment, Social, Governance), no Global Green New Deal, no Pacto Global, você escolhe. Mas estamos impotentes, observando o mundo sendo levado pelas corredeiras e se aproximando do abismo das cataratas. Apenas como lembrete, as tecnologias que dominamos e os recursos financeiros que desperdiçamos são mais do que suficientes para garantir que tenhamos o necessário para todos, sem destruir nosso futuro. Ganância é para idiotas. E observar como estamos sendo arrastados nessa catástrofe em câmera lenta é realmente angustiante. Mas entender a engrenagem, como as diversas peças se articulam, é essencial.

---

[8] Oxfam – *World’s poorest countries to slash public spending by more than 220 bi*llion – Oxfam, October 9, 2023 - https://www.oxfam.org/en/press-releases/worlds-poorest-countries-slash-public-spending-more-220-billion-face-crushing-debt

[9] Sobre como a Atlas Network interfere nas decisões políticas no Brasil, ver a entrevista no Youtube, 2025 - https://www.youtube.com/watch?v=n6F2kjLnN3g

1 – Qual o sentido de tudo isso?

Todos deveriam ter direito a um pouco de filosofia, mesmo que, hoje em dia, presuma-se que você precise de um diploma correspondente. Mas todos somos filósofos na intimidade. É uma questão de sobrevivência. É impossível evitar questionar-se: qual o sentido de tudo isso? Para onde todos estamos correndo? Win Wenders teve este momento de lucidez: "A humanidade anseia por sentido (humanity is craving for meaning)".

Todos compramos a ideia de que devemos correr. Superar os outros, eis o objetivo geral. Mas superar os outros em direção a quê? Ao cruzar com um professor apressado no corredor da minha universidade, não pude deixar de questioná-lo: para onde estamos correndo? Ele sorriu. E deu de ombros: quem sabe? Apenas corremos. Corra, homem, corra! Um filme que assisti em 1962, *A Solidão do Corredor de Fundo*, está muito presente para mim mais de cinquenta anos depois. O herói do filme decide que superar todos os demais simplesmente não é o seu objetivo.

Bem, se você corre mais rápido, deixará os outros para trás, estará à frente, será um sucesso. Você terá uma coroa de louros, um mausoléu, ou construirão um enorme obelisco em sua honra, na Place de la Concorde, ou em qualquer lugar onde se possa erguer um monumento gigantesco, mais alto que os outros. No Rio de Janeiro, também temos um obelisco na parte central da cidade. Quem se lembra em honra de quem? O importante é que ele se destaque.

Há algumas décadas, com o HIV por toda parte, lutávamos por uma autorização para recomendar preservativos, enfrentando os protestos indignados de moralistas religiosos. O secretário do meio ambiente da cidade, Carlos Minc, teve uma ideia maravilhosa. Ele fez com que os carnavalescos costurassem um enorme preservativo e, em plena luz do dia, um helicóptero alugado o colocou sobre o monumento, envolvendo lentamente a gloriosa ereção. Nenhuma TV conseguiu resistir, e o clima social mudou no Brasil; ninguém mais achava que discutir proteção sexual era tabu. Como o ambiente social pode mudar rapidamente! Que poderoso senso de humor construtivo!

Frans de Waal, em seus perspicazes estudos sobre "Nosso Primata Interior" [*Our Inner Ape*], comenta uma curta nota em um jornal americano sobre uma mulher presa por amamentar um bebê em um supermercado. Como os americanos podem ficar tão chocados com a visão de um seio, pergunta Waal, quando se pode vê-los aos pares em qualquer praia da Europa? Bem, os americanos consideram natural possuir armas letais, mas a visão de um seio seria uma ruptura social. É tudo uma questão de normas, muitas vezes ridículas ou divertidas, mas deveríamos nos preocupar primeiro com os direitos humanos.

As normas podem mudar, os humores sociais podem mudar, mesmo que pareçam tão rígidos e até eternos dentro de nossa vida breve. A escravidão ainda era vista como algo natural há apenas algumas gerações, assim como o colonialismo na época de meu pai e até mesmo na minha juventude. O apartheid na África do Sul foi ontem, e na Palestina ainda está em curso. Conseguimos avançar nessas questões, mas deveríamos considerar os novos desafios, que envolvem outra profunda mudança cultural, uma abordagem civilizada e solidária sobre como nos organizamos como sociedade. Não basta repertirmos slogans ideológicos do século 19.

Sabemos tudo sobre nossas tendências globais mortais, elas cabem em um parágrafo. Estamos destruindo a vida neste planeta, embora tenhamos toda a tecnologia necessária para reverter essa tendência. Estamos mantendo mais da metade da população mundial na pobreza e em condições humilhantes, embora o que produzimos mundialmente – o equivalente a R$30 mil em bens e serviços por mês por uma família de quatro pessoas – pudesse garantir uma vida digna para todos, bastando uma redução moderada da desigualdade.

Os recursos financeiros necessários para resolver tanto os dramas ambientais quanto os da desigualdade correm soltos em investimentos especulativos, embora saibamos muito bem quais deveriam ser os investimentos produtivos. Temos o dinheiro, temos a tecnologia, temos estatísticas detalhadas sobre cada drama em cada canto da Terra, temos até mesmo instruções passo a passo nos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs), definidos pela ONU e seus parceiros para 2030. No entanto, apenas olhamos e balançamos a cabeça. Nossos problemas não são econômicos, são uma questão de organização social e política. Têm a ver com mudança cultural. Sentimo-nos institucionalmente desamparados. É incrível que nos chamemos de *Homo sapiens*.

Peter Drucker teve uma compreensão profunda do desafio quando escreveu que "não haverá negócios saudáveis em uma sociedade doente". Podemos trazer essa percepção para nossas vidas diárias: não haverá vida próspera em um planeta doente. Até quando o *Homo sapiens* que temos dentro de nós continuará repetindo com admiração que "O Negócio do Negócio é Negócio" [*The Business of Business is Business]*, porque parece tão profundamente simples? O autor da frase ganhou um Nobel em Economia – um Nobel que, aliás, não é um prêmio do Fundo Nobel, mas do Banco da Suécia. O sucesso do autor se deveu essencialmente ao fato de que ele deu brilho acadêmico ao que as corporações queriam: apropriar-se de qualquer coisa a qualquer custo se tornou legítimo. Todos vimos seres humanos adultos pulando felizes alegremente e gritando "A Ganância é Boa" [*Greed is Good]* no encerramento do dia em Wall Street. Precisamos construir um novo normal.

Ter sucesso por meio da acumulação de riqueza geralmente significava que você a conquistou. A conotação de "conquistou" é que você mereceu. Em um livro inspirador, Gar Alperovitz e Lew Daly chamaram a acumulação moderna de riqueza de "merecimentos injustos" [*Unjust Deserts*], livro publicado no Brasil com o título *Apropriação Indébita*. Os autores mostram que o progresso que tivemos resultou basicamente do avanço tecnológico, que por sua vez é um resultado de construções sociais, desde a eletricidade até a eletrônica, passando pelo DNA, pela biologia moderna e pela internet. Mariana Mazzucato deu mais força a esse entendimento em seu livro *O Estado Empreendedor*.

Joseph Stiglitz mostra que atualmente essa riqueza no topo é essencialmente construída sobre rentas geradas por atividades especulativas, dívidas e organização monopolista, ao invés de lucros resultantes de contribuições produtivas para a sociedade. Marjorie Kelly e Ted Howard chamam isso de capitalismo extrativo, mostrando de modo conclusivo que a riqueza extraída está muito à frente do progresso produtivo, gerando um resultado líquido de extração. Thomas Piketty enterrou o que restava da aparência de legitimidade do capitalismo ao seu estilo, sob pilhas de páginas, mas também com um raciocínio muito sólido: a contribuição produtiva para a sociedade e a acumulação de riqueza tornaram-se rodas separadas. E rodas separadas no veículo

econômico não funcionam. Não é apenas ilegítimo; simplesmente não está funcionando. O PIB mundial cresce a uma taxa média de 2% a 2,5% ao ano, enquanto a especulação financeira rende cerca de 7% a 9% nas últimas décadas, nas dimensões mais moderadas. A Visa, intermediário financeiro controlado por grupos de gestão de ativos (*asset management*) tem lucros da ordem de 55% ao ano, você contribui a cada compra com o cartão. Obviamente, o dinheiro tem ido para onde rende mais. O rentismo financeiro drena o capitalismo produtivo. Voltaremos a isso em detalhe, em diversas partes.

Uma chave para as novas tendências está em compreender como mudou a ideia de progresso econômico e social. Os principais insumos produtivos, ou fatores de produção, como costumávamos chamar, são o conhecimento e a tecnologia incorporados ao processo produtivo. A agricultura e o controle da terra foram os principais fatores de produção séculos atrás. Mais tarde, a máquina e a propriedade das fábricas assumiram o controle, enquanto hoje em dia o insumo imaterial, o conhecimento, tornou-se a força motriz. A grande diferença é que se uma pessoa tiver uma ideia inovadora, ela poderá ser espalhada pelo mundo sem custos adicionais.

Se você produz uma bicicleta, produzi-la para mais pessoas envolve custos adicionais. Não é o caso das ideias. Uma vez que os custos de as gerar foram cobertos, é muito mais produtivo para a sociedade deixá-las fluir, em vez de multiplicar patentes e gerar escassez artificial. Durante a pandemia, milhões morreram enquanto a *Big Pharma* mantinha suas patentes de 20 anos, pré-históricas. A inovação certamente deve ser recompensada, mas na devida proporção e com respeito ao fato de que o conhecimento livremente acessível pode ter um enorme efeito multiplicador. Apossar-se de ideias resulta em fortunas para poucos, enquanto a colaboração gera progresso geral. Tim Berners-Lee não patenteou a World-Wide-Web, o www que tanto utilizamos; ele não fez fortuna individualmente, mas permitiu que bilhões de pessoas melhorassem sua produtividade. Precisamos de inteligência social e ambiental, não apenas da capacidade de ser mais espertos do que os outros. O sentido? Equilibrar o interesse individual e o bem-estar social e ambiental.

É possível examinar por outro ângulo. Temos um grande número de pesquisas e estudos sobre a felicidade humana. Você pode pensar que ter dinheiro é uma boa medida: não é. Ou melhor, se você é muito pobre, ter algumas centenas de reais a mais aumenta muito sua sensação de felicidade e conforto material. Permite ter acesso ao essencial. Mas, depois de atingir um limite muito modesto, o fator dinheiro continua como uma ilusão, mas a sensação de felicidade estagna. Enriquecimento social e cultural, relacionamento familiar, bons amigos, uma variedade de objetivos e realizações tendem a assumir a dianteira. Coloque mais um milhão nas mãos de um milionário, e isso pode erguer seu obelisco -- mas não o tornará mais feliz. Porém, os poucos reais colocados na base da pirâmide geram não apenas muito mais felicidade, mas reduzem drasticamente o sofrimento. Os mesmos recursos que já temos, mas melhor distribuídos, aumentariam a produtividade social. Tornar o planeta menos desigual não é apenas uma questão de justiça; é também uma questão de inteligência social e econômica.

Qual o sentido de tudo isso, afinal? Fazer mais alguns obeliscos e torná-los mais altos ou gerar sustentabilidade e bem-estar geral? Lutar contra rivais, derrubar concorrentes poderia ao final fazer algum sentido quando se competia para produzir mais e melhores bens e serviços para a sociedade. Na era da revolução digital, quando a colaboração é muito mais produtiva do que a

competição, o que resta é a obsessão pelo sucesso individual, exibir mais dinheiro, mandar-se para o espaço. "*S'envoyer en l'air*", como diriam os franceses, com um objetivo mais sábio e melhores resultados.

A lição básica é simples: qualquer que seja o seu sucesso individual, se ele não for acompanhado pelo sucesso ou bem-estar da sociedade como um todo, o bem-estar social e a sustentabilidade desse nosso pequeno planeta, você é apenas um oportunista. Um oportunista bem-sucedido, possivelmente, mas ainda assim um oportunista. O importante não é correr mais rápido, mas entender para onde estamos indo. Não apenas ser inteligente em termos de alcançaar objetivos individuais, mas inteligente em termos do resultado sistêmico.

Obeliscos? Bem, eu tenho algumas ideias criativas sobre o que essas pessoas poderiam fazer com eles.

2 - Ciência, fé e ética: um nó político

Está se tornando difícil saber se estamos ouvindo um professor, um pregador ou um político. Nosso conhecimento, crenças e valores se misturam enquanto governos e corporações surfam em interesses muito reais. Em vez de um pacto pelo progresso, temos narrativas, orações e conselhos severos, entre comerciais. Como acreditamos nessas narrativas?

"The human race is always all ears for a fairy tale"[10]
"Lucrécio, *De rerum natura*, 50 a.C., (590)

"Insistence on a rooted notion regardless of contrary evidence is the source of the self-deception that characterizes folly"[11]
Barbara Tuchman, *The March of Folly*, (224)

A parte científica não é complicada. Estamos progredindo firmemente rumo ao que foi chamado de catástrofe em câmera lenta. A destruição deste planeta solitário, nosso próprio habitat, em consequência de mudança climática, redução drástica da biodiversidade, esterilização do solo, poluição da água e do ar, contaminação química, desmatamento e tantos dramas surreais como plásticos nos mares, rios e em nosso sangue. Temos todos os números, estatísticas, cadeias de causalidade. Sabemos quais atividades os causam e quem são os responsáveis. E temos todas as informações sobre a catástrofe social: 750 milhões passando fome, dos quais cerca de 180 milhões são crianças, bem como 2,3 bilhões em insegurança alimentar, e ainda mais pessoas com dificuldade de acesso a água potável. Morrem de fome anualmente cerca de 6 milhões de crianças. Não os matamos, não somos nazistas, apenas os deixamos morrer. Cerca de 2 bilhões de pessoas não têm acesso à eletricidade, sem falar na inclusão digital. Estamos destruindo nosso ambiente vital, em prol do lucro de poucos. Para onde foi nossa racionalidade? Século 21?

Podemos dar de ombros: a pobreza sempre existiu. E fingir que não sabemos: o plástico nos mares nem sempre é visível; a Amazônia está queimando, mas é muito longe, e 2050 parece tão distante. Omeletes e ovos quebrados e assim por diante. Mas o fato é que todo esse drama simplesmente não é inevitável, e o sofrimento não é necessário. Temos todas as medidas óbvias delineadas na Agenda 2030: 17 metas e 169 objetivos. E temos toda a tecnologia de que precisamos, incluindo o sistema de renda básica bem experimentado no Brasil e em outros

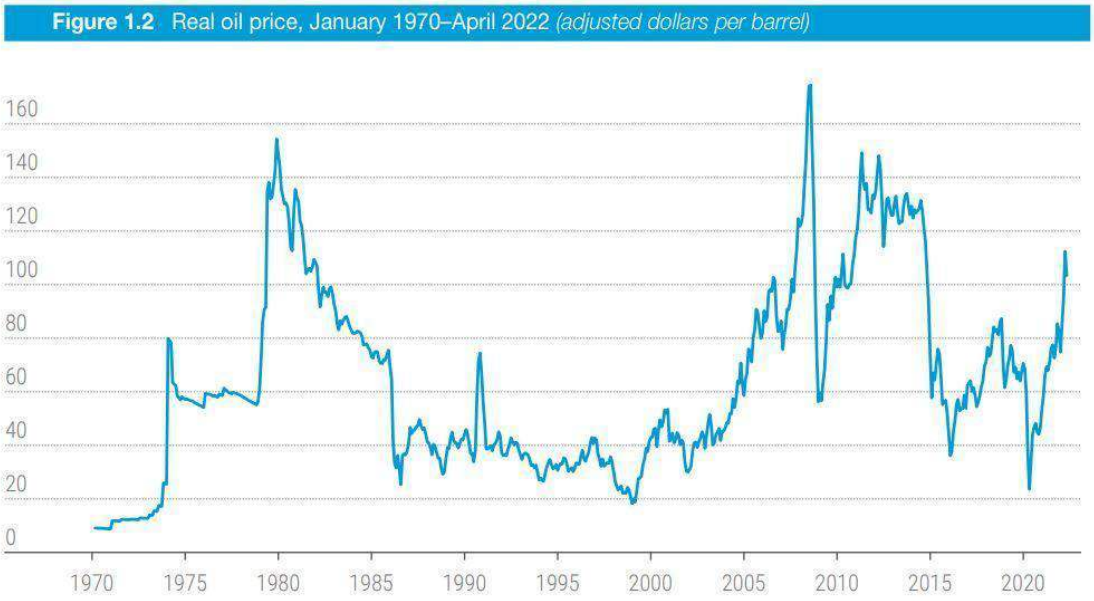
[10] *"A espécie humana está sempre de ouvidos atentos para um conto de fadas"*
[11] *"A insistência em uma noção enraizada, a despeito de evidências contrárias, é a fonte do autoengano que caracteriza a tolice"*

países. E, claro, temos os meios financeiros. Não posso deixar de repetir que o PIB mundial de 115 trilhões de dólares que estamos atingindo este ano significa que o que produzimos em bens e serviços é equivalente a 5 mil dólares por mês para uma família de quatro pessoas. Na realidade, se utilizarmos a capacidade de compra efetiva do dólar (paridade de poder de compra, PPP na sigla internacional), são mais de 7 mil dólares por mês por família de 4 pessoas, cerca de 40 mil reais.

O que produzimos é amplamente suficiente para garantir que todos tenham acesso às necessidades básicas familiares, conforto e dignidade. Claro, podemos nos referir à renda nacional líquida em vez do produto interno bruto, ou adicionar o capital acumulado, mas isso não muda o fato básico: estamos destruindo nosso ambiente e gerando um enorme sofrimento para bilhões, preparando uma catástrofe ainda maior para nossos filhos, enquanto temos todos os meios necessários para reverter os dramas. Nossos problemas não são econômicos, no sentido de falta de recursos: são questões de organização política e social. Estupidez estrutural, como David Graeber a chama.

Um exemplo simples nos ajuda a voltar à realidade. O mundo está enfrentando inflação e os governos, com forte apoio de interesses financeiros, estão aumentando as taxas básicas de juros, como se as economias estivessem superaquecidas, muito dinâmicas. Mas vejamos a energia, por exemplo. A produção e o consumo de petróleo no mundo têm girado em torno de 90 milhões de barris por dia nas últimas décadas, num patamar notavelmente estável. Enquanto isso, os preços têm apresentado um comportamento de ioiô. Isso é atribuído aos “mercados”, mas o fato é que os custos de extração, o volume de oferta e o uso final não mudaram significativamente. Não foi preciso esperar pelo conflito na Ucrânia para especular com o petróleo.

Figura 1



Source: World Bank (2022).
Note: Real oil prices are averages of Dubai, Brent, and WTI prices, deflated by the CPI index of the United States (using March 2022=100).

A razão óbvia é que esses não são "preços de mercado", que refletiriam variações de oferta e demanda, mas decisões políticas. Estamos enfrentando formadores de mercado, não mercados livres. O petróleo é um recurso natural – é extraído, não produzido. E pertence aos países, ou à humanidade, não às corporações. Mas os extratores e negociantes corporativos decidem sobre os preços. Não é uma questão de custos, mas de poder para aumentar os lucros.

No final de 2022, "os lucros das maiores empresas de petróleo do mundo dispararam para quase £150 bilhões [US$ 173 bilhões] até agora este ano, à medida que a guerra da Rússia na Ucrânia aumentou os preços da energia, de acordo com estimativas de analistas. A Shell, da Grã-Bretanha, e a TotalEnergies, da França, relataram na quinta-feira lucros de US$59 bilhões (£51 bilhões) nos primeiros nove meses de 2022. Rivais norte-americanas, Chevron e ExxonMobil, devem relatar ganhos no acumulado do ano próximos de US$70 bilhões na sexta-feira, enquanto os lucros de 2022 da BP britânica podem ultrapassar a marca de US$20 bilhões na terça-feira. As receitas acumuladas dos sete maiores perfuradores do setor privado nos primeiros nove meses de 2022 podem atingir US$173 bilhões (£150 bilhões), segundo previsões

de analistas coletadas pela S&P Global Market Intelligence e ganhos relatados."[12] Os lucros do petróleo da Exxon triplicaram em 12 meses[13].

Como o uso de energia permeia todos os setores econômicos, os preços sobem em toda a economia. Muitos governos estão subsidiando os usuários finais, em vez de reduzir os lucros através de impostos sobre ganhos extraordinários. Os preços mais altos pagos pela população alimentam esses lucros mais elevados. Os preços não "sobem", eles são aumentados na origem, sob qualquer pretexto. A inflação é uma transferência de dinheiro para as grandes petrolíferas e para grandes "traders", vazando para vários setores. Devemos abrir mão do controle dos recursos naturais para especuladores privados?

O governo Bolsonaro no Brasil privatizou em parte a Petrobrás, estatal do petróleo, em nome de "combater a corrupção" – uma narrativa política polivalente – quase dobrando os preços de um botijão de gás e dos combustíveis automotivos. Foi uma decisão política, e o dinheiro que as famílias têm de pagar a mais é transferido para corporações privadas na forma de dividendos. Existe alguma justificativa científica para lucros gigantescos obtidos a partir de um recurso natural? Atribuir o caos a mecanismos de mercado inevitáveis pertence ao que Michael Hudson chamou de *Junk Economics,* "Economia de Lixo".

São escolhas políticas. A revista *The Economist* lamenta que "a cada ano, US$2,6 trilhões em alimentos são desperdiçados – o suficiente para acabar com a fome quatro vezes."[14] Quatro "traders" – ADM, Bunge, Cargill e Dreyfus – controlam 80% do comércio de grãos. Mercados? Eles estão competindo para melhor satisfazer os clientes? A produção de alimentos no Brasil está em suas mãos: produzimos 4 quilos de grãos per capita somente na última safra, mas em 2022 havia 33 milhões passando fome e 125 milhões subnutridos[15]. O governo da Índia simplesmente bloqueou as exportações de trigo e arroz para garantir mais oferta de alimentos para a população, uma decisão política que alimenta a população e mantém os preços baixos. O elefante na sala, ao considerar o desastre ambiental e a pobreza explosiva, é que os interesses corporativos e as necessidades sociais se separaram, gerando uma situação insustentável. Mercados livres?

O Relatório 2022 da UNRISD (Instituto de Pesquisa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Social), intitulado *Crises da Desigualdade: mudando o poder para um novo contrato eco-social*, apresenta os números do Crédit Suisse sobre concentração de riqueza, um resultado direto do escoamento geral de renda e riqueza para os gigantes corporativos:

---

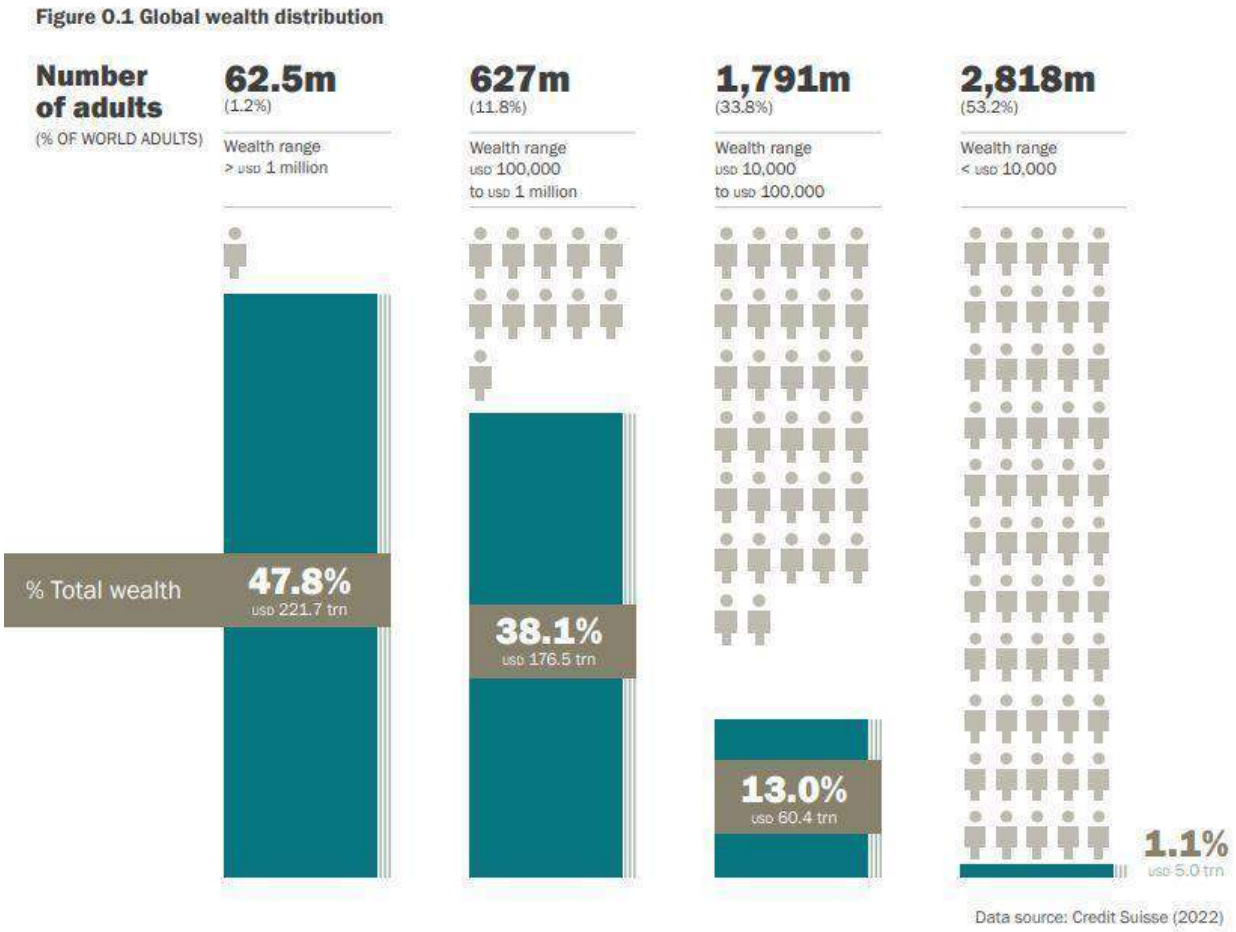
[12] The Guardian, 27 de outubro de 2022 https://www.theguardian.com/business/2022/oct/27/profits-at-worlds-seven-biggest-oil-firms-soar-to-almost-150bn-this-year-windfall-tax

[13] Sharon Zhang – Truthout, 28 de outubro de 2022 - https://truthout.org/articles/this-is-what-price-gouging-looks-like-exxon-profits-break-all-time-records/?eType=EmailBlastContent&eId=0c9d419c-ca2c-44a4-a9f1-780ebe87c591

[14] The Economist, 27 de outubro de 2022

[15] Tereza Campello e Ana Paula Bortoletto (Orgs.) – *Da Fome à Fome* – Ed. Elefante, São Paulo, 2022

Figura 2



Para tornar os números claros, 1,2% dos adultos do mundo possui 47,8% da riqueza total, ou US$221,7 trilhões. Na base da pirâmide, mais de metade da humanidade, 53,2%, possui apenas US$5 trilhões, 1,1% da riqueza total. Para dobrar a riqueza da metade mais pobre da população, bastaria transferir 2,2% dos mais ricos, o que eles mal perceberiam. Os números são explosivos e estão piorando rapidamente. O "livre mercado" tornou-se um grande dreno para uma elite improdutiva, gerando um drama universal. O Relatório da UNRISD afirma o óbvio: "As desigualdades extremas de hoje, a destruição ambiental e a vulnerabilidade a crises não são uma falha no sistema, mas uma característica dele. Apenas mudanças sistêmicas em larga escala podem resolver essa situação terrível."[16]

Como afirma o relatório, "nosso mundo está em estado de fratura". A ciência está aí, sabemos o que está acontecendo, e ainda assim os "fatos" permanecem basicamente enterrados em relatórios técnicos, e a população é insuficientemente informada. Mas não é apenas uma questão

[16] UNRISD – *Crises of Inequality: shifting power for a new eco-social contract* – Geneva, 2022 - https://cdn.unrisd.org/assets/library/reports/preview-unrisd-flagship-report-2022.pdf

de informação. Na última eleição presidencial no Brasil (final de 2022), que Lula venceu por 1,8%, aproximadamente metade da população não apenas aceitou, mas defendeu (e continua sustentando) argumentos como o de que Lula é comunista, seu governo quer levar crianças à homossexualidade, o mundo quer tomar a "nossa" floresta amazônica, e tantos outras alegações completamente absurdas, aceitas docilmente por pessoas inteligentes, técnicos com diplomas universitários – pessoas normais, não apenas extremistas armados. Nos debates políticos, não discutimos o que é necessário para preservar o meio ambiente, gerar empregos, reduzir desigualdades, expandir a escolarização: basicamente, a questão girou em torno de "Deus, Pátria, Família". O fígado, não o cérebro.

Com a prioridade para o julgamento moral e argumentos religiosos, nacionalismo estridente, porte de armas em nome de Jesus e a bandeira nacional espalhada em tantos ombros, estamos enfrentando pessoas com ódio nos olhos, um conjunto de atitudes tão bem apresentadas por Jonathan Haidt em *A Mente Moralista*. Com quanta facilidade as pessoas são tomadas pelo fanatismo, tornando-se inacessíveis a argumentos de bom senso, racionalidade e ciência. Isso não é particularmente brasileiro, é claro – e estimular as reações irracionais que são tão poderosas em todos nós tornou-se uma ferramenta política importante. O mesmo "Dio, Patria, Famiglia" ressoou na eleição de Meloni na Itália, Erdogan na Turquia, Kaczynski na Polônia, Orbán na Hungria, Le Pen na França, Duterte nas Filipinas, Netanyahu em Israel, Kristersson na Suécia, sem falar nos discursos repugnantes de Donald Trump ou nas absurdidades do Brexit, bem como em tantos discursos de políticos locais. Devemos dedicar muito mais esforço para compreender racionalmente nossas dimensões irracionais.

Mark Twain estava profundamente envolvido por essas questões, ao observar a sociedade "sempre fazendo guerras, mobilizando exércitos e construindo marinhas, e buscando a aprovação de Deus de todas as formas possíveis. E onde quer que houvesse um país selvagem que precisasse de civilização, eles iam lá e o dividiam entre os vários monarcas esclarecidos, e o civilizavam – cada monarca à sua maneira, mas geralmente com bíblias, balas e impostos. E a forma como eles promoviam a Moralidade, o Patriotismo, a Religião e a Fraternidade Humana era algo nobre de se ver."[17] Isso é poderoso, e é essencial separarmos o sentimento religioso, a espiritualidade, que encontramos em tantas civilizações, de seu uso político em diferentes estruturas de poder, que recorre a divindades para justificar qualquer coisa, uma tendência que se generaliza com as mídias sociais, algoritmos e manipulação em escala industrial, impulsionada por tecnologias.

"A razão pode te levar aonde você quiser", escreve Haidt[18]. Ele qualifica o uso deformado da racionalidade como pensamento confirmatório, raciocínio motivado ou cérebro partidário. Barbara Tuchman, ao tentar entender *A Marcha da Insensatez*, refere-se à auto-hipnose, bem

---

[17] Mark Twain – *The Bible According to Mark Twain* – Touchstone, 1995

[18] Jonathan Haidt – *A Mente Moralista – Por que as pessoas boas são segregadas por política e religião* – Edições 70, Lisboa, 2023 *The Righteous Mind: why good people are divided by politics and religion* – Pantheon Books, New York, 2012

como à autocomplacência. “Os psicólogos chamam o processo de filtrar informações discordantes de ‘dissonância cognitiva’, um disfarce acadêmico do tipo ‘Não me confunda com os fatos.’”[19] Mas o que é particularmente chocante é a escala em que o mundo corporativo apoia e financia essas manipulações, algo especialmente evidente na esfera republicana dos EUA, mas também no Brasil, trazendo votos e apoio à destruição do meio ambiente, à promoção de privatizações e ao enriquecimento de líderes evangélicos.

O fato é que tantos economistas transformaram docilmente essa ciência social em uma justificativa para interesses que sabem ser destrutivos; tantos advogados estão defendendo absurdos em nome da lealdade aos seus clientes; tantos jornalistas espalham profissionalmente mentiras e ódio com o poder de TVs como a Fox News nos EUA e tantos canais no Brasil. Não estamos apenas caminhando para uma catástrofe sistêmica. Estamos perdendo nossa capacidade de lidar com ela, o controle básico do processo de decisão pública. Democracia? *Quo Vadis?*

[19] Barbara Tuchman – *A Marcha da Insensatez: de Tróia ao Vietnã* – José Olympio, Rio de Janeiro, 1985.*The March of Folly: from Troy to Vietnam* – Random House, New York, 2014

3 – Inclusão e austeridade no Brasil

A desigualdade é o principal desafio no Brasil. Nas últimas três décadas, oscilamos entre os governos conservadores de FHC (até 2002), os governos Lula/Dilma, que buscaram reduzir a desigualdade (2003-2016) e as políticas de extrema-direita com Temer e Bolsonaro (2016-2022). O novo governo Lula, a partir de 2023, está retomando o caminho da inclusão produtiva. Mas essa alternância entre políticas de inclusão e austeridade polariza o país

O Brasil não é um país pobre. Com um PIB de aproximadamente 12 trilhões de reais em 2024, e uma população de 215 milhões, o que produzimos equivale a 18 mil reais por mês por família de quatro pessoas. Viver com o equivalente a 18 mil reais por mês seria um sonho para a maioria das famílias. Na verdade, uma redução moderada da desigualdade seria suficiente para garantir que todos tenham uma vida digna e confortável. Esta maneira simples de apresentar a situação – não a partir da renda per capita anual, mas da dimensão familiar mensal – ajuda a nos trazer para a Terra. Podemos utilizar dados da renda nacional liquida em vez do produto interno bruto, mas teríamos de acrescentar o capital acumulado, mas isso não altera o essencial. Nosso desafio não é a falta de recursos, mas a lacuna na organização social e política. Para ser mais direto, estamos enfrentando o caos social e político.

O Brasil havia sido retirado do mapa mundial da fome da FAO durante os primeiros governos Lula. Após o período Bolsonaro, voltamos a ter 33 milhões de pessoas passando fome, em um país que produzia, em 2022, mais de 4 quilos de grãos por pessoa por dia. Não nos falta comida, faltam-nos políticas. Com um real desvalorizado, os negociadores de *commodities* alimentares acham mais interessante exportar do que vender no mercado local, o que leva a preços inflacionados de produtos básicos como arroz e feijão, e a mais pobreza. Isso em um país onde a terra ociosa, usada para acumulação de *renta*,[20] mal disfarçada de "pecuária extensiva", equivale a cinco vezes o território da Itália, ou 160 milhões hectares. Não há nenhuma razão econômica para a pobreza no Brasil, muito menos para a fome. A rapidez com a qual o governo Lula na presente administração conseguiu tirar de novo o país do mapa da fome (FAO, 28 de julho de 2025) mostra o potencial de iniciativas organizadas contra a pobreza, e o absurdo que é orientar a economia para favorecer a concentração de renda, quando o país é um dos mais desiguais do mundo.

Mas os desafios continuam profundos. A maneira como administramos a economia não é viável. As empresas estão operando com apenas cerca de 70% de sua capacidade e os pobres não vão às compras, pagam juros. Socialmente, segundo o relatório de 2025 da UBS, somos hoje o país mais desigual em termos de riqueza (*wealth*), com fortunas improdutivas escandalosas no topo. E

[20] Acompanho aqui a literatura internacional que diferencia "renda", fruto de trabalho, e "renta", ganho improdutivo. Personagens de Machado de Assis, que não trabalham, "vivem de rendas", este é o sentido, caracterizando o *rentismo*. Em inglês fica mais claro, com a distinção entre *income* (renda) e *rent* (renta). Também em francês se distingue *revenu* (renda) e *rente* (renta). Em alemão se diferencia *Einkommen* e *Rente*. Em português o fato não existir o termo "renta" no dicionário não impede que o conceito seja necessário, tanto assim como nos referimos ao "rentismo", cuja base é a apropriação de renta.

o meio ambiente está sendo sistematicamente destruído pelos interesses de curto prazo de corporações locais e internacionais: negociadores de *commodities* que vendem madeira, soja, carne e minerais da Amazônia em chamas. É uma crise sistêmica nos planos social e ambiental.

O absurdo de tudo isso é que sabemos o que funciona. Em 2003, com a eleição do presidente Lula, o Brasil iniciou uma experiência de desenvolvimento inclusivo com resultados impressionantes. Embora o Bolsa Família seja o mais conhecido, ele fez parte de 149 programas, como a política de compras governamentais, o acesso de milhões à energia elétrica em regiões isoladas, o apoio da União a municípios em dificuldades, a melhoria sistemática do salário mínimo, a renda básica para idosos ou pessoas incapacitadas e tantas outras iniciativas. O acesso à renda na base da pirâmide foi essencial, mas as famílias também dependem crucialmente do acesso às políticas sociais públicas, particularmente saúde, educação, segurança, água e esgoto e afins, que não são adquiridos diretamente com dinheiro, mas devem ser acessíveis como serviços públicos universais gratuitos. São também qualificadas como "salário indireto".

Também foi um sucesso de gestão. Uma iniciativa lançada em 2003 organizou um cadastro nacional dos pobres (o CadÚnico), que reuniu as informações de diferentes ministérios, estados e municípios, contando com ONGs e organizações religiosas para alcançar as comunidades mais isoladas ou marginalizadas. Os dramas humanos, sociais e econômicos receberam nomes e localização precisa, permitindo políticas direcionadas. Os projetos resultantes não dependiam apenas de um ministério específico, mas envolviam a tomada de decisões intersetoriais no governo e se beneficiavam fortemente de organizações da sociedade civil no território. Além disso, os gestores de projetos-chave foram selecionados entre pessoas com longa experiência em questões sociais, em nível comunitário.

Mais dinheiro na base, acesso a políticas sociais ampliadas e uma gestão saudável transformaram o cenário social e econômico. Na época cerca de 36 milhões de pessoas saíram da pobreza, 18 milhões de empregos formais foram criados, o número de estudantes universitários dobrou, a mortalidade infantil continuou a cair, a expectativa de vida subiu para 76 anos. O desemprego, de 12% em 2002, caiu para 6% em 2010. O PIB cresceu 3,8% ao ano entre 2003 e 2013, no que o Banco Mundial chamou de "década de ouro do Brasil" (*The Golden Decade*). Tão importante quanto isso foi uma demonstração flagrante de que a democracia pode funcionar e, particularmente, de que a democracia política pode ser fortalecida com a democracia econômica.

O funcionamento das políticas inclusivas é simples. Ao orientar a economia para o bem-estar da maioria, aumentamos a demanda, o que, em uma economia estagnada, estimula a produção, que, por sua vez, gera empregos. Tanto a crescente demanda quanto a produção geram impostos, e o governo pode equilibrar o orçamento e financiar mais saúde, educação e outros bens e serviços de consumo público. Em um país como o Brasil, com enorme riqueza ociosa e capacidade de produção, os retornos são muito sólidos, sem inflação. É, como Hazel Henderson escreveu, um processo ganha-ganha.

Mas, como em outros países latino-americanos que adotaram políticas de desenvolvimento inclusivo, as elites reagiram fortemente. No Brasil, a partir de 2013/2014, essa reação tomou a forma de uma ampla gama de ataques de uma coalizão de direita, em nome do combate à corrupção – um mote recorrente e eficaz para mobilizar a sociedade. Os ataques judiciais da

Operação Lava Jato a Lula e ao governo paralisaram corporações nacionais importantes como a Petrobrás e a Odebrecht. A disputa política em torno da eleição presidencial de 2014 encerrou o experimento de desenvolvimento inclusivo. Dilma foi eleita, mas como as elites alegaram, se eleita ela não governaria. A partir de 2014, ela ainda era presidente, mas enfrentava o caos político. A fase de inclusão foi revertida. E Lula foi convenientemente preso com base em alegações absurdas durante o período das eleições de 2018, que ele iria ganhar. Justificaram com "provas circunstanciais".

O período 2014-2022 é de desmantelamento do processo inclusivo e de retrocesso da economia à reprodução tradicional da elite, em nome da "austeridade". Austeridade é um nome bem encontrado. Soa responsável, sério. De fato, o que aconteceu neste segundo período foi mais concentração de riqueza, aumento da desigualdade, economia estagnada e déficit explosivo. Os números são claros: o crescimento econômico de 3,8% do período 2003-2013 foi seguido por uma recessão em 2015 e 2016, e estagnação até 2019 inclusive. O crescimento médio do PIB entre 2014 e 2019 foi de 0,4% negativos. Em 2020, com a pandemia, o PIB caiu cerca de 4,5%. A retomada mais recente, com o governo Lula, nos traz de volta ao crescimento de 3%, mas com limitações estruturais: a tão necessária redistribuição é travada pelos interesses políticos, e por mecanismos que detalharemos em vários capítulos.

O que é importante para nosso argumento é que a estagnação da economia brasileira, a reversão de indicadores-chave, como desigualdade de renda e riqueza, mortalidade infantil, destruição de florestas tropicais e outros aspectos do atraso econômico, social e ambiental, bem como um crescente déficit orçamentário, eram de se esperar. Os governos de direita que assumiram após o golpe contra Dilma Roussef desmantelaram as políticas sociais e reduziram o poder de compra da população. Um empresário de São Paulo resumia o problema em poucas palavras: "É verdade que é mais barato para mim contratar; mas por que eu deveria contratar se não tenho para quem vender?"

Na verdade, o capitalismo está mudando. Poderíamos criticar o dono de uma fábrica de calçados por explorar seus trabalhadores, mas ele produzia sapatos, que são úteis, gerava empregos e pagava impostos. Os impostos poderiam, por sua vez, ser utilizados para financiar infra-estruturas e políticas sociais. As rodas econômicas giraram, mesmo que com retornos desiguais. Atualmente, a exploração através de baixos salários continua, mas foi reforçada pelo sistema de dívida que atinge famílias, empresas produtivas e o setor público. A financeirização está se expandindo e mudando as regras do jogo. A concentração de riquezas que permitia aos empresários fazer investimentos produtivos hoje viabiliza enormes ganhos financeiros improdutivos, a partir de dívidas, dividendos, especulação em derivativos e afins. Os lucros das atividades produtivas foram substituídos pela especulação geradora de rentas, e inclusive evasão para paraísos fiscais.

O respeitado *Valor Econômico* publicou os números de 2019 das 200 maiores corporações econômicas do Brasil. A Petrobrás tem o maior lucro líquido, a partir de uma atividade extrativista de recursos naturais. Mas os cinco postos seguintes são ocupados por bancos: Itaú Unibanco, Bradesco, Caixa, Banco do Brasil, Santander. No grupo das 200, os bancos ficaram com 37% do total de lucros em 2018, e 49% em 2019. Enquanto a indústria, o comércio e os serviços caíam, os lucros do setor bancário aumentaram 27%. É o que Marjorie Kelly e Ted

Howard chamam de capitalismo extrativo. (*Valor Econômico: Grandes Grupos*, dezembro 2020).

A pandemia só piorou as coisas: entre 18 de março e 12 de julho de 2020, 42 bilionários brasileiros viram suas fortunas crescerem 200 bilhões reais, equivalentes na época a seis anos de Bolsa Família: para 42 pessoas, em menos de quatro meses, durante a pandemia.

A "austeridade" não funcionou, porque significa essencialmente uma enorme transferência de recursos financeiros para as mãos de uma elite financeira improdutiva e uma redução do poder de compra na base da pirâmide – o que, por sua vez, traduz-se em demanda estagnada, produção e emprego reduzidos e um déficit público crescente. Não há nenhum milagre: para que a economia funcione, o dinheiro deve ir para onde é produtivo.

No geral, estudar o que aconteceu com o Brasil nessas duas primeiras décadas do milênio é enriquecedor, porque temos dois modelos de desenvolvimento claramente opostos. Distribuição e inclusão durante um período e o processo de concentração e exclusão durante o outro. Com os impactos convergentes do aprofundamento da desigualdade, catástrofe ambiental, caos financeiro – e a pandemia – o período de "austeridade", sob os governos Temer e Bolsonaro, foi um desastre. A verdade simples é que, para a economia funcionar, ela deve chegar a todos[21].

[21] Para uma análise comparativa dos modelos inclusivo e de austeridade, ver Dowbor, L., E Cezar, B. B. (2022). *O Brasil Enfrentando Mais que a Pandemia: Distribuição e Exclusão na Política Econômica*. Latin-American Perspectives, 49(5), 14-33 - https://dowbor.org/2022/10/brazil-facing-more-than-the-pandemic-distribution-and-exclusion-in-economic-policy.html

4 – A usura como sistema na economia brasileira

Com o dinheiro virtual emitido pelos bancos e sem controle do Banco Central e as taxas de juros absurdas, o Brasil enfrenta um processo de aumento da desigualdade econômica muito mais acelerado. Vai além da exploração tradicional por baixos salários. O país tornou-se um exemplo do dreno improdutivo pela financeirização na economia.

Como um país tão rico como o Brasil pode ter tamanho nível de pobreza torna-se compreensível quando você segue o dinheiro. Usura certamente não é novidade, praticada desde a Veneza medieval com Shylock até os dramas de Balzac, que passou a vida escrevendo livros para pagar suas dívidas. Consiste principalmente em ganhar dinheiro com dinheiro, mesmo que não seja seu. *Pecunia pecuniam parit*, como foi descrito. Mas no Brasil moderno, evoluiu para um sistema radicalmente mais amplo, com dinheiro virtual, computadores de ponta, algoritmos de última geração e invasão de privacidade. No Brasil os bancos prosperam em um ambiente financeiro descontrolado.

Crédito com Recursos Livres

	Taxas médias de juros (% a.a.)		Variações mensais (p.p.)		
	jun/24	jul/24	Efeito Taxa	Efeito Saldo	Total
Pessoa Física	51,7	51,2	0,1	-0,6	-0,5
Pessoa Jurídica	20,9	21,2	0,4	-0,1	0,3
Total	39,4	39,3	0,2	-0,3	-0,1

Source: https://www.bcb.gov.br/estatisticas/estatisticasmonetariascredito – (Accessado em 8/9/2024)

Os números são impressionantes. Para empresas (pessoas jurídicas), os juros médios são de 21,2%. Como alguém pode criar qualquer atividade produtiva, pagar esse tipo de juros, saldar o empréstimo e ainda ter lucro? O custo médio do crédito para famílias é 51,2%. O crédito rotativo do cartão de crédito foi 192,94% em março de 2013 e 257,1% em janeiro de 2021, atingindo 430% em 2024. O cheque especial custa-nos 130%. Os juros médios no comércio, para compras parceladas foram de 60,1% em março de 2013, 72,73% em janeiro de 2021 e 82,48% em junho de 2024. Tudo isso em contraste com uma inflação da ordem de 6%.

Os números desafiam a credibilidade. Mas eles representam o Custo Efetivo Total – CET – ou custo real total do crédito para famílias e empresas no Brasil, com pouquíssima mudança na década. Até subiram com a pandemia, quando tanto famílias quanto empresas estavam desesperadas por crédito. Os números são apresentados no tradicional relatório mensal de taxas de juros da ANEFAC, Associação Nacional de Executivos de Finanças, Administração e

Contábeis[22]. Durante a pandemia, os lucros bancários aumentaram drasticamente, incluindo nos bancos internacionais, enquanto a economia entrou em recessão. Mas desde então, pouco mudou, até as tentativas iniciais de reversão de políticas pelo novo governo Lula-3. Pelo contrário, como veremos adiante, continuaram se agravando.

Em reuniões internacionais, as pessoas me perguntam como a população pode aceitar esse nível de usura. Há várias razões. Durante décadas, a inflação no Brasil foi extremamente alta, chegando a 80% ao mês, e a compreensão do que significam as taxas anuais de juros, com tais variações do valor futuro do dinheiro, simplesmente desapareceu. Os bancos passaram a apresentar as taxas de juros por mês. A hiperinflação caiu em 1994, mas os bancos e o comércio continuam a apresentar o crédito como taxas mensais, números semelhantes às taxas anuais no resto do mundo. As pessoas pagam o que é cobrado. Por exemplo, a taxa atual da ordem de 150% ao ano no cheque especial é apresentada nos bancos como 7,96%, e muito pouca gente sabe calcular a taxa anual composta que isso representa. E, claro, o cálculo financeiro é excluído do currículo educacional, onde aprendemos sobre imperadores gloriosos, mas não como administrar um cartão de crédito. Somente cursos de gestão financeira muito especializados ensinam como funcionam as finanças. Mas a população paga. Como comentam os banqueiros do Brasil, “os pobres têm palavra, os ricos têm advogados”.

O fato é que o aprisionamento de famílias, de pequenas e médias empresas e do governo em uma armadilha crescente do serviço da dívida raramente é compreendido com clareza pela população em geral. Tradicionalmente, os baixos salários são o principal mecanismo de extração do excedente. No que Marjorie Kelly e Ted Howard chamam de *capitalismo extrativo*, dívida e busca de renta tornaram-se novos instrumentos impressionantes. E o dinheiro mudou. É difícil tirar uma nota de dez reais do bolso de um pobre, mas agora essa população tem contas bancárias e cartões de crédito, o que significa que depende de dinheiro virtual, imaterial.

Em todo o mundo, o dinheiro impresso pelos governos representa cerca de apenas 5% da liquidez; 95% está na forma de registros em computadores. Não é impresso pelos Estados, mas basicamente emitido pelos bancos. Cobrar 2,5% a 5% como tarifa sobre dezenas de milhões de pagamentos diários feitos com cartão de crédito em todo o país – um pedágio que flui para os bancos e seus controladores – é muito simples. Aumentar as taxas de juros de milhões de indivíduos endividados ou cobrar algum novo serviço significa que os bancos apenas pressionam “Enter”.

A usura não é novidade no Brasil. Na Constituição de 1988, o artigo 192 limitou as taxas de juro a 12% mais inflação, o que hoje rondaria os 18%. Acima disso, seria “usura, crime púnível nos termos da lei.” O ex-deputado Hermes Zaneti, em seu livro *O Complô*, mostra em detalhes como o sistema financeiro conseguiu tirar o artigo da Constituição.[23] O resultado é que os dois terços de adultos endividados no Brasil contribuem permanentemente para a riqueza dos intermediários financeiros, o que explica os números que vimos. O relatório do Banco Central do Brasil sobre cidadania financeira conclui que “é necessário avançar na direção de um diálogo mais ativo,

[22] Anefac - *Pesquisa mensal de juros* - https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/5b15da22-d953-4758-8779-844a926baccc/96f2d764-98d4-7a3c-45fc-8fe0868bf700?origin=2

[23] Hermes Zaneti, *O Complô,* Verbena Editora, Brasília, 2024 - https://dowbor.org/2024/04/o-complo-2.html

pessoal e construtivo entre os brasileiros sobre o funcionamento de seu sistema financeiro".[24] Em 2021, o Congresso votou a "autonomia" do Banco Central, o que significa basicamente que a instituição está mais do que nunca nas mãos dos banqueiros, com capacidade limitada de controle público.

Os bancos têm hoje um sistema muito sofisticado de renegociação da dívida, através do qual 25% dos clientes em inadimplência podem alongar sua dívida. Mesmo começando com um crédito pequeno, mas com juros tão altos, os clientes se tornam prisioneiros permanentes dos bancos, pagando juros sucessivos sobre os juros anteriores. Milhões no Brasil já pagaram muitas vezes sua dívida inicial e continuam trabalhando para os bancos. Zygmunt Bauman afirma corretamente que "os banqueiros odeiam os bons pagadores". Dezenas de milhões de pessoas endividadas no Brasil gastam 26% de sua renda no serviço da dívida. (BCB, p.2) É útil lembrar que muitos países têm taxas de juros radicalmente mais baixas, ainda que um volume maior de dívidas. A financeirização tomou conta.

Impressiona também que, embora muitas das principais universidades, centros de pesquisa e economistas tenham denunciado o absurdo esquema de usura que passou a dominar o país, a poderosa mídia comercial simplesmente ignora a fraude e regularmente apresenta entrevistas com economistas pertencentes aos "mercados". Suas explicações baseiam-se no argumento de que altas taxas de juros são necessárias para proteger a população da inflação, o espantalho usado para os brasileiros em geral. Uma economista que compreendia as finanças, Conceição Tavares, foi das primeiras pessoas a se dar conta e a denunciar: "Nós nos rendemos à financeirização, sem qualquer resistência…O Brasil tornou-se uma economia rentista, o que eu mais temia. É preciso fazer a eutanásia do rentismo, a concentração mais eficaz e perversa da riqueza "[25].

O sistema é reforçado pela multinacional Serasa-Experian, que organiza informações financeiras detalhadas sobre todos os clientes de crédito, emitindo uma pontuação sobre cada pessoa, levando a uma transparência financeira dos clientes – mas não das corporações. Bancos e comércio têm acesso a informações precisas sobre até onde é possível esticar a corda, no caso de cada cliente individual, e as condições de crédito são ajustadas em conformidade. A lacuna de informações do tomador, ampliada pela apresentação do crédito em taxas mensais, torna as negociações financeiras uma armadilha. Em 2021, um vazamento de informações na Serasa-Experian, revelou nomes, números previdenciários, formulários de declaração de imposto de renda, endereços e outras informações privadas de quase todos os cidadãos brasileiros.

Esse sistema é possível porque 5 bancos – Itaú, Bradesco, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Santander – controlam 85% do crédito. As instituições menores participam do cartel informal e as condições não mudam significativamente. O governo Lula tentou abrir uma alternativa, através do crédito consignado, onde os pagamentos são feitos diretamente aos credores, reduzindo drasticamente o risco. Mas mesmo nesse nível as taxas de juros rondam 28%

---

[24] Banco Central do Brasil, Relatório de Cidadania Financeira, 2018, p. 41- https://www.bcb.gov.br/nor/relcidfin/index.htm and https://www.bcb.gov.br/nor/relcidfin/index.htm

[25] Conceição Tavares, *Restaurar o Estado é Preciso* - January 18, 2021 - https://outraspalavras.net/outrasmidias/conceicao-tavares-restaurar-o-estado-e-preciso/

ao ano. E deve-se considerar que a massa mais pobre da população não tem dinheiro para comprar eletrodomésticos sem crédito, e sofrem os juros abusivos dos crediários.

As elites econômicas certamente podem aumentar sua fatia do excedente social pagando baixos salários, mas para isso devem pelo menos criar empregos, enquanto as taxas de juros e as diferentes tarifas sobre o uso de cartões de crédito afetam a todos, empregados ou não. No Brasil, com 215 milhões de habitantes, dos quais 140 milhões adultos, temos apenas 47 milhões de empregos formais no setor privado. Somando os 12 milhões de servidores públicos, chegamos a 60 milhões. Grande parte da população adulta está no setor informal (40 milhões), desempregada (6 milhões) ou simplesmente cansada demais para continuar tentando (os "desalentados", 6 milhões). Assim, altas taxas de juros tendem a aumentar a desigualdade, em um país que está entre os 10 mais desiguais do mundo. Enriquecimento no topo, e dominantemente improdutivo.

Em termos de progresso econômico, isso é simplesmente estúpido. O dinheiro que chega à base da pirâmide social, os cerca de dois terços mais pobres da população, é usado principalmente para consumo direto, e tende a estimular a economia através da demanda em massa de bens simples. Não gera inflação, já que temos grande subutilização da capacidade produtiva. Isso já está acontecendo com o novo governo Lula, com o pouco que ele consegue direcionar para as camadas mais empobrecidas da sociedade no quadro do Arcabouço Fiscal. Mas a principal tendência e tensão política é que os ricos ganham fortunas investindo em produtos financeiros, o que drena a economia em vez de estimulá-la. Quando as políticas distributivas foram revertidas em nome da austeridade, a partir de 2014, toda a economia ficou paralisada.

Essa não é uma situação estritamente brasileira, como pode ser visto com o que acontece com a dívida estudantil ou de saúde nos Estados Unidos. Mas no Brasil ela tornou-se um sistema em uma escala muito maior, e está funcionando apenas para uma minoria feliz. São políticas de alta tecnologia … e medievais. Agiotagem hightech. Varoufakis recorre corretamente ao conceito de tecnofeudalismo. E no legislativo predominam políticos com elevados níveis de dinheiro aplicado neste universo financeiro. Essa é a cor política da austeridade: é para os outros. Voltaremos várias vezes a esses números que caracterizam a financeirização no Brasil, pois constituem uma dimensão essencial de muitos dos nossos desafios.

5 – Um país rico desperdiçando seus recursos

O Brasil tem tudo para se tornar uma economia rica e uma sociedade florescente. Uma grande população para garantir economias de escala, uma enorme área de solo fértil com água, recursos importantes em ciência e tecnologia e uma infra-estrutura bancária muito moderna. Nosso problema não é a falta de recursos, mas a sobrevivência de um sistema de governança de incompetência impressionante fremte aos novos desafios.

O Brasil é um país rico, com uma maioria pobre e uma elite prodigiosamente rica. A apresentação da *Forbes* dos 240 bilionários em reais mostra-os prosperando em 2023, aumentando suas fortunas em mais de 20% em um ano. Isso mostra uma correlação negativa entre o crescimento econômico do país e o crescimento das fortunas da elite. Mas também levanta a questão do que as elites estão fazendo, pois se estivessem investindo na produção e na geração de empregos, a correlação seria positiva. Um olhar mais atento em como os recursos do país são desperdiçados nos dá uma imagem mais clara.

Emprego

O desemprego é um drama para as famílias. Mas para o país revela um desperdício de oportunidades, já que uma pessoa fora da força de trabalho é uma perda de contribuição econômica potencial. Voltemos aos números básicos que vimos acima. A população do Brasil é de 215 milhões, crescendo cerca de 1,7 milhão por ano. Mas o emprego privado formal total equivale a 47 milhões, num universo de 140 milhões de adultos e uma força de trabalho de 105 milhões. Se somarmos 12 milhões no serviço público, o total de 60 milhões de empregos formais representa apenas 57% da força de trabalho. Cerca de 40 milhões tentam encontrar alguma renda no setor informal, e 7 milhões estão oficialmente desempregados; há 6 milhões que gostariam de encontrar trabalho, mas desistiram, os chamados ‘desalentados’. O rendimento médio no setor informal, segundo as estatísticas oficiais, é cerca de metade do rendimento do setor formal.

Isto é um desperdício impressionante de capacidade produtiva potencial, principalmente devido à má gestão. Quase todos os 5.570 municípios do Brasil enfrentam uma situação comum: enorme subutilização da mão de obra e terras desaproveitadas ao redor das cidades. Um cinturão verde de agricultura de pequena escala é uma alternativa óbvia, proporcionando empregos, alimentos e receita, como se pode encontrar em qualquer cidade européia ou chinesa. A manutenção urbana, a arborização, a melhora do saneamento e tantas outras iniciativas que ampliam a produtividade sistêmica local são possibilidades óbvias, e o resultado geral seria um melhor equilíbrio financeiro. Como avaliaríamos uma empresa que usa apenas metade de seus funcionários e equipamentos?

Terra

O censo agrícola 2017 mostra outra dimensão da subutilização dos potenciais produtivos. Os estabelecimentos agrícolas cobrem 351 milhões hectares. Nesses, 225 milhões estão aptos para atividades produtivas, tanto em termos de solo quanto de água, mas a soma da agricultura temporária e permanente usa apenas 63 milhões de hectares. Isso significa que o Brasil tem cerca de 160 milhões de hectares de terra ociosa ou grosseiramente subutilizada, 5 vezes o tamanho da Itália. A afirmação do governo passado de Bolsonaro, de que deveríamos derrubar a floresta amazônica para abrir espaço à produção agropecuária é absurda.

A maior parte das terras agrícolas é de propriedade de elites urbanas, que não as usam produtivamente nem permitem que outros o façam. Outra parte é usada para criação de gado, com aproximadamente um hectare por cabeça. Uma simples aplicação do imposto sobre a terra existente (Imposto Territorial Rural, ITR), atualmente ignorado pelos proprietários de terra, os estimularia a torná-la produtiva ou vendê-la para quem a usaria produtivamente. A longa luta dos camponeses pelo acesso à terra, com frequência reprimida com sangue, é impressionante, mas a própria necessidade de lutar por ela é absurda, considerando a extensão das terras agrícolas subutilizadas. Um hectare de terra pode render mais de 6 toneladas de grãos ou 28 toneladas de batata por ano, não apenas pasto para um boi!

Capital

A impressionante subutilização de dois dos principais recursos para o desenvolvimento, o trabalho e a terra, é uma característica estrutural da sociedade brasileira. A escravidão foi abolida apenas no final do século XIX e os proprietários de terras na época proclamavam que os escravos libertados não deveriam ter acesso à sua própria terra, "pois quem trabalharia nas nossas"? A divisão resultante, entre a monocultura voltada para a exportação e a frágil agricultura familiar, permanece até hoje. Com pouca terra e tecnologia, a agricultura familiar ainda garante 70% do consumo interno de alimentos agrícolas.

Mas igualmente importante é a subutilização do capital, que através da financeirização desvia recursos do investimento produtivo para a especulação financeira. Os 240 bilionários mencionados acima fazem suas fortunas essencialmente através de juros, dividendos, valorização de imóveis e outras atividades extrativas. Michael Hudson resume: "O favorecimento fiscal da propriedade imobiliária, a privatização das fontes de petróleo e minerais, os monopólios bancários e de infraestrutura aumentam o custo da vida e dos negócios. O trabalho está sendo explorado cada vez mais pela dívida bancária, dívida estudantil, dívida de cartão de crédito, enquanto os preços da habitação e outros são inflados pelo crédito, deixando menos renda para gastar em bens e serviços."[26] Ele escreve sobre o capitalismo em geral, mas no Brasil isso atingiu uma dimensão grotesca.

Isso é crucial, pois o capital industrial podia ser criticado por pagar baixos salários, mas para explorar os trabalhadores ao menos tinha que criar empregos. Com o capitalismo financeiro, as famílias, as empresas e o Estado estão se afogando em dívidas. Com a privatização parcial ou

[26] Michal Hudson – *The rentier resurgence and takeover finance capitalism vs industrial capitalism* – March, 2021 - https://michael-hudson.com/2021/01/the-rentier-resurgence-and-takeover-finance-capitalism-vs-industrial-capitalism/

total, corporações extrativistas como Petrobrás ou Vale[27], em vez de gerarem recursos para o desenvolvimento do país, atualmente priorizam pagar dividendos aos acionistas nacionais e internacionais. O capital não vai para onde é mais produtivo, mas para onde gera mais renta.

Ciência e Tecnologia

De 2016 a 2022, com os governos de extrema direita, o investimento em ciência e tecnologia foi congelado no Brasil. As bolsas de estudo foram reduzidas, o programa Ciência sem Fronteiras para enviar estudantes para universidades de ponta no exterior foi suspenso, centros tecnológicos de excelência como os da Petrobrás ou da Embraer foram diminuídos. Na década de 2003-2013, dos governos Lula e Dilma, muitas novas universidades tinham sido abertas, mais do que dobrando o número de estudantes. O Brasil tem inúmeros centros de pesquisa de primeira classe, cujo financiamento foi drasticamente reduzido, apesar dos esforços do novo governo Lula.

Em nome da "austeridade" e da "política fiscal responsável" derrubou-se a maior parte das iniciativas Lula/Dilma na gestão anterior, o que num país como o Brasil, com uma enorme população semi-analfabeta face às modernas tecnologias, é desastroso. A inclusão digital, nas mãos de um oligopólio de Big Techs, inclusive gerando fortunas como as de Carlos Slim, deixou de fora um terço da população. Um dos programas importantes do governo Lula tinha sido direcionar os recursos gerados pelas exportações de petróleo e minério de ferro para promover o progresso científico no país. Lula-3, a partir de 2023, batalha pelo renascimento científico e tecnológico, que exige esforços sustentados a longo prazo.[28]

Políticas públicas

A crise da covid-19 mostrou o caos que pode resultar da ausência de coordenação e planejamento dinâmicos nos diferentes níveis da administração pública. Mariana Mazzucato tem mostrado a importância das políticas públicas em áreas-chave do desenvolvimento. Não é uma questão de "governo agigantado", mas das atividades de regulação e coordenação, bem como da prestação direta de serviços sociais essenciais, como educação, saúde, segurança, proteção ambiental e afins. Tirar dinheiro do sistema público de saúde (SUS), no meio da pandemia, resultou em centenas de milhares de mortes e forçou mais pessoas a pagar pelos serviços de saúde de corporações privadas, muitas delas multinacionais como a United Health, e ligadas a gigantes financeiros como a BlackRock.

Um problema particularmente importante no Brasil é a extrema centralização das políticas, em um país enorme de 5.570 municípios com situações e desafios profundamente diferenciados. O

[27] O controle da Petrobrás, apenas parcialmente privatizada, está sendo recuperado, mas as pressões pela maximização de dividendos continuam. Os lucros originados nas riquezas naturais podem ser aplicados na melhoria dos salários e condições de trabalho, no reinvestimento nas empresas para ampliar a produção, no financiamento de infraestruturas e de políticas sociais através dos impostos pagos, e no pagamento de dividendos aos acionistas nacionais e internacionais. A privatização privilegia o pagamento de dividendos.Trata-se de recursos do solo, da nação.

[28] Um excelente documento*, IA para o bem de todos: plano brasileiro de inteligência artificial*, de 2025, mostra a retomada de iniciativas na terceira gestão de Lula. MCTI e CGEE. "Um passo decisivo para garantir que o Brasil não seja apenas um consumidor pasivo de tecnlogias desenvolvidas alhures."(p10)

discurso oficial é que devemos deixar que os mercados resolvam os problemas, um eco distante do que Ronald Reagan dizia em 1980. O que funciona é uma participação equilibrada do Estado, das empresas e das organizações da sociedade civil, com vigorosa descentralização da gestão pública, para que as políticas públicas e as atividades empresariais respondam aos desafios econômicos, sociais e ambientais que enfrentamos. Não há razão econômica para a pobreza, o desemprego e outros dramas. A questão-chave é a má gestão, com uma elite incapaz de ver além dos resultados financeiros no próximo trimestre.

O Brasil é realmente um país rico, e não apenas em potencial. Mas se juntamos a força de trabalho ociosa, recursos agrícolas subutilizados, capital desviado para rentistas financeiros, políticas regressivas de ciência e tecnologia e gestão pública centralizada inapta nas mãos das elites, temos uma melhor compreensão da irracionalidade geral das atuais estruturas políticas e sociais. E, é claro, a dimensão dos desafios da terceira gestão do governo de Lula.

Nenhum país é uma ilha hoje. Neste estudo, estaremos relacionando os desafios globais de grande escala com os desafios concretos que enfrentamos no Brasil. Desigualdade e financeirização estão diretamente ligadas aos mega-fundos globais de gestão de ativos; nossas opções na agricultura e na exportação de minérios conectam-se com a indústria de intermediação de commodities em escala mundial e assim por diante. Este é também o caso do novo ambiente de comunicação e informação. Encontrar o nosso lugar nas tendências globais de mudança é diferente de simplesmente nos adaptarmos a uma nova situação. Neste fluxo caótico, devemos equilibrar a soberania com a realidade de dependências cruzadas. O desafio estrutural permanente é que muitas atividades se tornaram globais, enquanto os sistemas de regulação datam de Bretton Woods, de 80 anos atrás, impotentes frente aos novos desafios. E como pano de fundo, temos o peso desestabilizador das políticas norte-americanas e um Donald Trump navega à vontade neste espaço desgovenado. Mas vale a pena buscar uma perspectiva mais ampla.

6 – A história nos ajudará a superar o caos?

Desde os esforços de organização civilizada da Mesopotâmia até o atual caos globalizado, somos os mesmos seres humanos. Basicamente o mesmo DNA, com ciência e tecnologia mais sofisticadas, mas se olharmos bem, poucas melhoras em termos de modo de vida civilizado. As guerras e a tortura atingiram escalas muito mais amplas, e podemos assistir confortavelmente, na TV ou nas telinhas*, ao mundo ir pelo ralo, em massacres, inundações e incêndios. A história pode ser uma poderosa ferramenta de construção da consciência.*

World history is nothing but an endless,
dreary account of the rape of the weak by the strong [29]
Hermann Hesse

Animals eat one another without qualm; civilized men
consume one another by due process of law. [30]
Will and Ariel Durant – The Lessons of History (19)

Durante muito tempo, e particularmente nas escolas, a história tendeu a apresentar nossos países à luz do passado glorioso, os nossos vizinhos em tons muito mais sombrios, mas sobretudo focando os momentos-chave da mudança estrutural. E, é claro, enfatizando a importância das elites como transformadoras, ou sujeitos reais de mudanças. E a própria história esteve principalmente interessada no que hoje chamamos de "civilização ocidental". Nunca estivemos preparados para pensar na história como um drama em curso, ou a pensar na humanidade muito além da minoria feliz. É hora de pensar globalmente.

Na década de 1980, pediram-me para rever os 8 volumes da *História Geral da África*, o primeiro resultado do esforço monumental da Unesco para trazer o continente para dentro da história mundial, coordenado por Ki-Zerbo. Era a história de África, não dos feitos europeus na África. Eu havia trabalhado vários anos em diferentes países africanos, mas fiquei atordoado com minha ignorância. Como eu poderia saber tanto sobre Robespierre, mas nada sobre Sundiata Keita, sobre a produção de aço no Mali ou sobre as exportações de têxteis da Guiné-Bissau para a Europa, antes das invasões? No Brasil, as pessoas de origem africana são maioria, mas tudo o que é ensinado nas escolas é sobre o tráfico de escravos, não como as populações viviam, trabalhavam e se organizavam, suas culturas e crenças. Uma sombra de primitivismo foi lançada sobre todo o continente. Ler Ki-Zerbo e os inúmeros autores que contribuíram para a reconstituição da história africana é mágico, no sentido de que nos reconhecemos nos dramas, e passamos a entender as dimensões de outra civilização.

---

[29] *"A história do mundo não é senão um relato interminável e sombrio do estupro dos fracos pelos fortes."*
[30] *"Os animais comem um ao outro sem escrúpulos; os homens civilizados consomem um ao outro seguindo devidos procedimentos legais."*

Tomar a história como um espelho para nos percebermos é hoje uma necessidade, pois somos apenas humanidade, neste planeta solitário e frágil. “A natureza e o homem, a geografia e a história – escreve Ki-Zerbo na introdução do primeiro volume – não foram gentis com a África. E é indispensável examinar as condições fundamentais desse processo de evolução, a fim de expor os problemas em termos objetivos e não sob a forma de mitos aberrantes como a inferioridade racial, o tribalismo congênito e a pretensa passividade histórica dos africanos. Todas essas abordagens subjetivas e irracionais servem apenas para mascarar a ignorância voluntária.”(25)

Seguindo os historiadores e os africanos, chegamos a outra história relacionada à humanidade, de Howard Zinn, em *A People's History of the United Sates* (“Uma História do Povo dos Estados Unidos”): “Estima-se que a África perdeu aproximadamente cinquenta milhões de seres humanos para a morte e a escravidão naqueles séculos que chamamos de início da civilização ocidental moderna, nas mãos de traficantes de escravos e proprietários de terras na Europa Ocidental e América, nos países considerados os mais avançados do mundo… Esse tratamento desigual, essa combinação crescente de desprezo e opressão, sentimento e ação, a que chamamos de “racismo” – isso foi resultado de uma antipatia “natural” do branco contra o negro? Se o racismo não pode ser visto como natural, então é o resultado de certas condições, e somos impelidos a eliminar essas condições”. Zinn visa “um impulso humano básico em direção à comunidade”.(27) No comércio de escravizados, quem eram os selvagens? Quanto estamos distantes? Bem, quando meu pai nasceu, em 1900, a escravidão tinha acabado de ser abolida no Brasil, e seu impacto ainda hoje se faz sentir em tantas desigualdades. A leitura de *A sociedade desigual: racismo e branquitude na formação do Brasil,* (2022), de Mário Theodoro, é poderosa.

Os europeus não eram negros, claro. “Nos anos 1600 e 1700, por exílio forçado, por ciladas, promessas e mentiras, por sequestro, por sua necessidade urgente de escapar das condições de vida do país de origem, as pessoas pobres que queriam ir para a América tornaram-se mercadorias lucrativas para negociantes, comerciantes, capitães de navios, e ao fim seus patrões na América. Depois de assinar a escritura, em que concordavam em pagar o custo da passagem trabalhando para um patrão por cinco ou sete anos, os imigrantes eram muitas vezes presos até que o navio partisse, para garantir que não fujam." (35)

Esta abordagem, feita por historiadores de diferentes escolas e credos, de que devemos olhar para nossos desafios comuns, restaurando a importância das estratégias de sobrevivência das pessoas comuns – além de Hastings e Waterloo, por assim dizer – é rica em lições sobre a humanidade. Outro esforço semelhante foi empreendido pelo historiador polonês Adam Leszczynski, no recém-publicado *Ludowa Historia Polski* (“História do povo da Polônia), referência explícita ao trabalho de Zinn, nos EUA. Reis e magnatas aparecem no livro, mas ele é centrado nas lutas diárias da imensa maioria para sobreviver às sucessivas formas de submissão.

Eu estava ciente das formas diferentes e violentas de opressão na Polônia, particularmente com os estudos clássicos de Witold Kula sobre o feudalismo. Mas esta nova história detalhada das formas concretas e sofisticadas de opressão, começando em 996 e seguindo até os tempos recentes, muda profundamente a perspectiva. Não é a história de quais guerras e palácios as elites promoveram ou construíram com o excedente extorquido, mas de como os sistemas de

extorsão mudaram de forma e permaneceram em termos de conteúdo. É uma forma profundamente mais rica de reconstruir a história.

Não é tão diferente do que aconteceu com o Brasil, onde o abismo social está totalmente presente em 2025. “No século XVIII, a República [da Polônia] era um país periférico muito pobre, governado por uma pequena elite, que exportava para o Ocidente produtos agrícolas criados sob a escravidão (*niewolnicza praca*), enriquecendo ao longo de uma vasta cadeia de intermediários estrangeiros.”(530) Opressão, exportação de produtos agrícolas e importação de bens de luxo para “*the happy few”* (os poucos felizardos) não é algo particularmente polonês, e o autor menciona países em desenvolvimento e colônias semelhantes. Curiosamente, o filho de Witold, Marcin Kula, com quem Leszczynski estudou, fez estudos comparativos de Brasil e Polônia.

Uma dimensão comum que encontramos em diversos países consistia em redirecionar as numerosas revoltas internas contra os estrangeiros, e particularmente os judeus, um estratagema amplamente usado na Polônia durante séculos, mas também em tantos países em tantos séculos, algo tão profundamente combinado com racismo: *America First*, *Deutschland Uber Alles*, o mito do “povo escolhido”. Tantos hinos patrióticos, o uso de religiões – tudo isso cria uma legitimidade ideológica para a opressão cínica. Aqui encontramos um denominador comum dos regimes opressivos: a culpa tem que ser externa. A catarse do ódio ao “diferente” desempenha um papel muito importante na máquina de opressão. “Haitianos comem nossos animais de estimação”, afirmou o presidente dos Estados Unidos, em 2024. E hoje quer mandar no mundo.

Thomas Piketty é economista, mas *O Capital no Século XX* deve suas mais de 800 páginas não ao assunto – extração de excedente – mas à reconstrução histórica de como este foi extraído em diferentes períodos. Há ampla referência, por exemplo, a Balzac. Não é uma *préciosité*, pois na construção de sua *Comédie Humaine,* Balzac descreve em detalhes impressionantes como o excedente era extraído através do aluguel de imóveis, e particularmente do endividamento, do qual ele sofreu durante toda a sua vida. Balzac certificou-se em seus romances de que os diferentes *personnages* da sociedade que descreve estivessem presentes, e os principais mecanismos expostos. História real na ficção. Esta reorientação de economistas para a compreensão da história, em vez de multiplicar equações, é particularmente promissora.

Uma questão-chave no livro de Piketty é que a produção de bens e serviços, o que chamamos de PIB, cresce em média em torno de 2,5% ao ano, enquanto a renta extraída por meio de mecanismos financeiros como juros, dividendos, especulação imobiliária e similares é muito maior, entre 7% e 9%, - e ainda muito mais no topo do mundo corporativo. O capital flui para onde paga mais, especialmente se não é preciso enfrentar o esforço de produzir algo. Mas no posterior *Capital e Ideologia*, Piketty vai além do funcionamento da extração do excedente, detalhando como, em diferentes períodos e em distintos países, os poderosos criaram diferentes ideologias para justificar seu direito ao que não produziam. A parte final do livro propõe mudanças práticas que nos permitiriam criar uma sociedade mais justa e estável. A questão chave é que as elites sempre conseguiram criar justificativas sofisticadas para o que Gar Alperovitz chamou de “merecimentos injustos”. Piketty chama a isso de ideologia; no Brasil, tomam forma de *narrativas*.

No fim das contas, o que a história nos mostra é que em diferentes continentes, culturas e épocas, as minorias exerceram seu poder criando sólidos mecanismos de extração do excedente

produzido pelas maiorias. Compreender o mecanismo econômico é essencial, como demonstrado em estudos recentes sobre financeirização. Mas o excedente social também foi tomado com a ajuda de narrativas – os reis tinham sangue azul e foram ungidos por Deus, os escravos não tinham alma, os capitalistas ganham lucros tão naturalmente quanto os trabalhadores ganham salários, os rentistas são premiados pelo risco que assumem com o dinheiro com que especulam e assim por diante. A docilidade com que tantas civilizações aceitaram as narrativas é impressionante. Mas para aqueles que não acreditam em narrativas, há sempre o porrete, um terceiro componente essencial do sistema.

O que esses historiadores que olharam as populações, e não apenas as elites, nos ensinam? É assim que as sociedades funcionam: um mecanismo de extração de excedentes econômicos, narrativas poderosas e o porrrete para aqueles que não as compram. Nosso desafio vai muito além de mudar a economia. Não muito tempo atrás, as pessoas consideravam a escravidão algo natural, mesmo que hoje em dia seja vista como um passado bárbaro. Bem, atualmente temos 750 milhões passando fome, cerca de 180 milhões são crianças, e este é o novo normal, mesmo que tenhamos comida e tecnologia mais do que suficientes para alimentar a todos. Comportamentos bárbaros tornaram-se mais sofisticados, e nós nos tornamos mais cegos para o sofrimento, como nossos bisavôs se tornaram cegos para a escravidão. O mecanismo, a narrativa, e o porrete. Vemos isso diariamente, até na TV. Sim, e depois temos o intervalo comercial.

7 - Já não é um tigre: os problemas do capitalismo

Temos grande dificuldade em pensar de forma sistêmica e num horizonte temporal mais longo. 2050 parece tão distante, embora o ano 2000 pareça ter sido ontem. E os sistemas de informação modernos nos prendem ao presente. Mas compreender as mudanças estruturais na sociedade, os impactos de longo prazo da tecnologia, as catástrofes ambientais e sociais em curso, exige precisamente que ampliemos nossa visão da mudança sistêmica. Bem-vindos ao rentismo, a nova forma de apropriação da riqueza.

Um tigre pode ter muitas listras diferentes, e temos sido criativos em chamá-lo de diferentes nomes: o capitalismo seria global, financeiro, imaterial, extrativista, parasitário, monopolista – tantos são os qualificadores que usamos para tentar entender o que está acontecendo com o bom e velho capitalismo industrial. Em vez de descrever as novas listras, talvez seja mais útil recuar um pouco e perceber que ele não é mais um tigre. Em vez de descrever como o passado está sendo deformado, poderíamos tentar olhar para o novo sistema que está se formando.

Estamos no meio de uma revolução digital, tão profunda em seu impacto quanto a Revolução Industrial, quando emergimos da escravidão e do feudalismo. Ela muda a maneira como vivemos, como nos socializamos, como trabalhamos, como ganhamos a vida, como o excedente social é extraído, como é utilizado. Os alemães a chamaram de Indústria 4.0, mas ela vai muito além da indústria e da robótica. Lester Brown enfatiza a dimensão ambiental e defende um Plano B 4.0. Jeremy Rifkin a chama de uma nova Era, como em *The Age of Access* (A Era do Acesso) e em *The Zero Marginal Cost Society* (A Sociedade de Custo Marginal Zero). Hazel Henderson destacou as oportunidades para um mundo ganha-ganha. Shoshana Zuboff chama isso de *civilização da informação.* Até onde vão as mudanças? Por quanto tempo podemos continuar chamando isso de capitalismo? Por quanto tempo dependeremos de uma "mão invisível" para resolver magicamente nossos problemas?

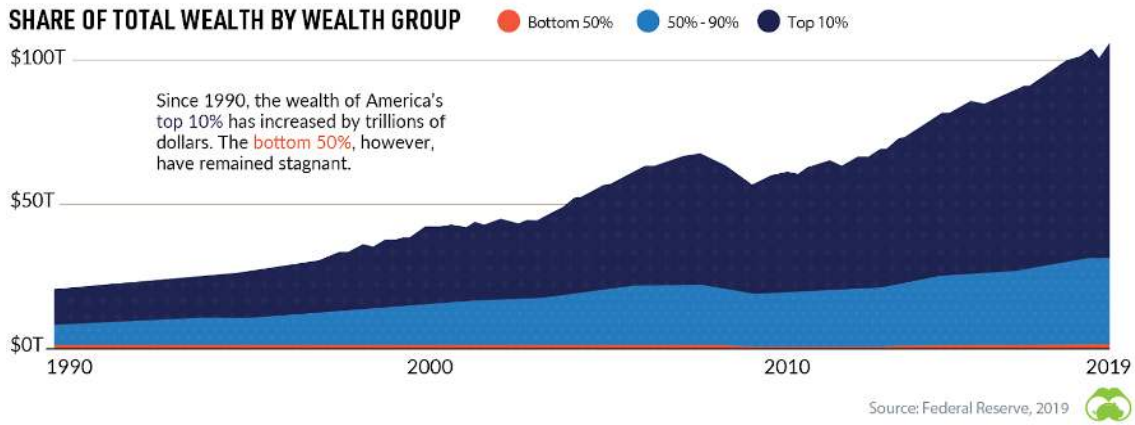
No centro do que chamamos de capitalismo está obviamente o conceito de capital, e o que os clássicos chamavam de reprodução e acumulação de capital. O capitalismo funcionou, para uns poucos afortunados, obviamente, mas também para grandes massas, mesmo que geograficamente circunscritas. E a lógica é bastante simples: o dinheiro era investido na produção – fábricas, máquinas, salários – que gerava os bens de que precisávamos, ou então eles não venderiam, e gerava lucros que podiam ser reinvestidos em mais produção, e capital acumulado. A mais-valia era extraída por meio de baixos salários, mas pelo menos empregos tinham que ser criados. O sistema era desigual, mas produtivo. Era o capital, em seu ciclo dinâmico de reprodução e expansão.

O superávit permitiu a acumulação de fortunas privadas, mas também a criação de impostos suficientes para sustentar alguma forma de Estado de bem-estar social, fornecendo aos governos meios para financiar infraestruturas – o que aumenta a produtividade – e políticas sociais, como saúde, educação e serviços similares de consumo coletivo, essenciais para o bem-estar social e a própria produtividade do capital. À medida que mais capitalistas compreendiam gradualmente a mensagem de Henry Ford, de que melhores salários geravam demanda e, portanto, estimulavam o sistema, espalhou-se uma certa sensação de que havíamos alcançado um sistema equilibrado. Keynes apresentou o arcabouço teórico.

Mas não durou. Por um lado, o progresso nos países mais ricos baseou-se na exploração sólida da parte mais pobre do mundo, basicamente para os 15% mais prósperos da população global. Por outro lado, com Margaret Thatcher e Ronald Reagan, o sistema começou a mudar nos próprios países ricos. A década de 1980 ficou conhecida como "a década perdida", mas foi um período de transição e o que se seguiu não foi glorioso. Tomando os EUA como exemplo, vemos que nos trinta anos seguintes, de 1990 a 2020, as fortunas dos 10% mais ricos ganharam velocidade impressionante, os 40% seguintes tiveram ganhos modestos, enquanto os 50% mais pobres, a linha marrom quase invisível na parte inferior do gráfico, permaneceram estagnados. Não foi apenas porque os salários na base estagnaram, mas também porque o investimento público em políticas sociais e infraestrutura foi drasticamente reduzido, como resultado da privatização.

Uma nova combinação, poderíamos chamá-la de metamorfose, estava em andamento. A exploração continua, pode-se dizer, a propriedade privada também, então o sistema seria basicamente o mesmo, com mais tecnologia. Essa gigantesca massa na base da sociedade não viu a sua situação melhorar nem com Republicanos nem com Democratas. Trump entendeu o potencial que promessas demagógicas representavam para os mais frustrados e explorados dos Estados Unidos.

Figura 3



Fonte: https://www.visualcapitalist.com/5-tendencias-inegiveis-de-longo-prazo-que-moldam-o-futuro-da-sociedade/

Marjorie Kelly foi uma das primeiras a apontar, em 2003, que a própria lógica da acumulação de capital estava sendo deslocada. Em seu livro *The divine right of capital (O direito divino do capital),* Kelly demonstrou que os chamados investidores, acionistas de um grande e crescente número de empresas, extraíam recursos em quantidade muito maior do que contribuíam. O sistema financeiro estava drenando recursos das atividades produtivas. Na lógica emergente de prioridade absoluta dos acionistas, o reinvestimento produtivo, os salários e as preocupações sociais ou ambientais perderam peso no processo geral decisório. Milton Friedman deu brilho acadêmico a um profundo deslocamento da lógica da acumulação de capital: *O negócio dos negócios é o negócio (the business of business is business)*. Isso lhe rendeu um prêmio Nobel do Banco da Suécia e enorme popularidade entre os emergentes interesses financeiros corporativos.

Thomas Piketty deu forma estrutural ao que estava mudando no capitalismo. Com os ganhos financeiros superando em muito os lucros das atividades produtivas – na verdade explorando-os – uma casta de grupos financeiros mais ricos enriqueceu em uma proporção muito maior do que o crescimento da riqueza real. Ele chamou isso de *O capital no século XXI*. David Harvey afirmou corretamente que isso não é capital, mas riqueza. Porque o dinheiro – apenas papel, ou um sinal magnético em um computador – se torna capital quando investido produtivamente, gerando mais produtos, mais capacidade produtiva, empregos, salários e impostos para o governo fornecer políticas sociais e infraestrutura. O que era investimento produtivo foi gradualmente superado pelo financiamento extrativista. O Brasil não é uma ilha no que diz respeito à exploração financeira. Como em muitas coisas, apenas exagerado.

O dinheiro extraído do processo de reprodução para se tornar riqueza pessoal não é capital. Não é gerado pelo lucro da produção eficiente, mas sim por dividendos para proprietários ausentes. Joseph Stiglitz e outros chamam isso de renda não merecida, *rent*. Os aproveitadores da economia são os rentistas, e o dinheiro que eles extraem do setor produtivo é a renta. Mazzucato afirma isso claramente: "O setor financeiro agora responde por uma parcela significativa e crescente do valor agregado e dos lucros da economia. Mas apenas 15% dos fundos gerados vão para empresas em setores não financeiros. O restante é negociado entre instituições financeiras, gerando lucro simplesmente trocando o dinheiro de mãos, um fenômeno que se desenvolveu enormemente, dando origem ao que Hyman Minsky chamou de "capitalismo de gestão de dinheiro" *(money manager capitalism)*. Ou, em outras palavras: quando as finanças geram dinheiro servindo não à economia 'real', mas a si mesmas." (p. 136)[31]

Michael Hudson, em seu excelente *Killing the Host* (Matando o Hospedeiro)*,* entra em detalhes: "Hoje, o setor de Finanças, Seguros e Imóveis (FIRE) retomou o controle do governo, criando economias neorentistas. O objetivo desse capitalismo financeiro pós-industrial é o oposto do capitalismo industrial, como era conhecido pelos economistas do século XIX: ele busca riqueza principalmente por meio da extração de renta econômica, não da formação de capital industrial. O favoritismo tributário para imóveis, a privatização da extração de petróleo e minerais, os monopólios bancários e de infraestrutura aumentam o custo de vida e de fazer negócios. A mão

[31] Mariana Mazzucato – *The Value of Everything: making and taking in the global economy* – Public Affairs, New York, 2018

de obra está sendo cada vez mais explorada por dívidas bancárias, estudantis e de cartão de crédito, enquanto os preços de moradias e outros são inflacionados a crédito, deixando menos renda para gastar em bens e serviços, à medida que as economias sofrem com a deflação da dívida." (p. 1) [32]

Uma questão fundamental é que, para aumentar os lucros por meio de baixos salários, as empresas precisavam, pelo menos, criar empregos. Mas a renta gerada por dívidas, dividendos, especulação imobiliária e afins pode ser aumentada sem investimento produtivo ou criação de empregos. Isso rompe a essência do que conhecíamos como capitalismo, onde os lucros resultavam da produção, os salários eram aumentados para suprir a demanda e os impostos eram pagos para fornecer infraestrutura, políticas sociais e governança geral. Isso muda a natureza da acumulação de capital, que é a essência do capitalismo. Podemos ignorar o fato de que a BlackRock administra ativos no valor de 12 trilhões de dólares, 6 vezes o PIB do Brasil? Os diferentes tipos de intermediários, bancos para dinheiro, plataformas para comunicação, comerciantes globais de commodities, são meios, não fins, em termos econômicos: são necessários, mas apenas na medida em que estimulam os fins, que é a produção de bens e serviços. São custos injustificados se forem maiores do que o estímulo econômico que geram. E os custos atualmente são muito maiores: o rabo está abanando o cachorro.[33]

O Brasil ilustra claramente essa transformação. Segundo Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), os lucros bancários no Brasil cresceram 11% durante o governo Cardoso, na década de 1990, e 14% ao ano durante a década de 2003-2013, no governo Lula/Dilma. Esses lucros aumentaram à medida que o país se desindustrializava. Nenhuma economia consegue sobreviver a esse nível de extração improdutiva de renta. A presidente Dilma tentou reverter a tendência reduzindo drasticamente as taxas de juros em 2013, utilizando os bancos públicos. Ela não resistiu: uma guerra foi iniciada contra sua presidência, resultando em seu impeachment. 2013 foi o último ano em que a economia brasileira cresceu, 3%. O desmantelamento das políticas de inclusão produtiva começou em 2014. Em 2021, a renda per capita brasileira estava abaixo da de 2011. (FMI, abril de 2021)[34] A financeirização atingiu o Brasil com força excepcional. O sistema está tomando conta do mundo capitalista que conhecíamos.[35]

A questão-chave é: quando o núcleo da lógica de acumulação de capital é deslocado, por quanto tempo devemos chamá-lo de capitalismo? A revolução digital vai muito além da Indústria 4.0.

---

[32]Michael Hudson –*The Rentier Resurgence and Takeover: finance capitalism vs industrial capitalism - Janeiro 2021*
-https://michael-hudson.com/2021/01/o-ressurgimento-do-rentista-e-aquisição-financeira-capitalismo-vs-capitalismo-industrial/

[33]L. Dowbor -*A Era do Capital Improdutivo* –Autonomia Literária, 2017
-https://dowbor.org/2019/06/l-dowbor-a-era-do-capital-improdutivo-novas-arquiteturas-do-poder-cambridge-scholars-uk-2019.html

[34] Em Valor Econômico, 10-12, abril de 2021, p.1 e p. A3

[35] L. Dowbor – *Além do capitalismo: novas arquiteturas sociais* -Edições Sesc, 2020
-https://dowbor.org/2020/05/debate-livro-novo-o-capitalismo-se-desloca-novas-arquiteturas-sociais-ladislau-dowbor-e-antonio-martins-edicoes-sesc-26-05-16h.html

Outro animal está nascendo. Rentismo seria uma forma mais precisa de denominá-lo do que capitalismo, mas os rentistas adoram se autodenominar capitalistas e "investidores", ainda que estajam mais drenando do que produzindo.

8 - Precisamos de um novo contrato social

Precisamos de mudanças estruturais, mas não temos a força política correspondente, pois as iniciativas são muito fragmentadas e as rivalidades políticas predominam. Quanto mais precisaremos afundar até acordarmos para a realidade de que temos desafios comuns de sobrevivência? Reivindicar ESG, transferir a culpa (são sempre os outros), esperar pelo próximo G20 ou próxima COP simplesmente não é sério.

Mi ritrovai per una selva oscura, che la diritta via era smarrita[36]
Dante Alighieri, A divina comédia

As crises convergentes que enfrentamos têm um impacto sinérgico. Estamos destruindo o planeta em benefício de muito poucos, e os recursos de que precisamos para enfrentar os dois grandes dramas — a crise ambiental e a desigualdade crescente — estão sendo desperdiçados em especulação financeira estéril. Sabemos o que deve ser feito; os ODS apresentam medidas de bom senso e bem organizadas. Também temos o dinheiro: o PIB mundial equivale a R$30 mil por mês por família de quatro pessoas. Repito esse número, pois ele é ponto de partida para tantas questões: temos os recursos. Nosso problema não é econômico, no sentido de falta de recursos, mas sim as formas ultapassadas de organização política e social.

A visão básica que nos foi transmitida ao longo de várias gerações é a de que os mercados se autorregulam por meio de uma mão invisível, e que o governo é um problema, porque, se permitirmos que cada um maximize seus próprios interesses, o resultado será a prosperidade para todos. O argumento tem lógica. Se um padeiro quiser ter sucesso, terá de produzir um bom pão, em quantidade razoável, e se cobrar muito caro por ele, outro padeiro abrirá uma loja na vizinhança.

Faz sentido, mas no mundo moderno, onde muita *baguette tradition* em Paris é trazida congelada de um gigante corporativo nos subúrbios e assada em um forno de micro-ondas, há muito pouca *tradition.* O padeiro sequer sabe qual farinha foi escolhida e de onde ela vem no mundo. O produtor da base da pirâmide está precisamente na base da pirâmide, dependendo de um vasto sistema corporativo sobre o qual ele tem pouco ou nenhum controle. O feedback sistêmico dos produtores finais e consumidores na pirâmide econômica está diminuindo. Gigantes corporativos adoram dizer que atendem ao mercado, mas na carne importada do Brasil, nem o açougueiro nem o consumidor europeus saberão quanta floresta tropical foi destruída, nem quantos antibióticos foram usados para engordar o gado, ou quanto solo é esterilizado pelo excesso de química na produção de soja. Sem feedback de baixo para cima, o ciclo econômico perde controle. A cadeia de responsabilidade se dilui.

---

[36] *"Encontrei-me em uma selva escura, e a via reta se perdera".* Tradução nossa.

A questão fundamental é que, se for mais barato produzir soja ou carne destruindo a Amazônia no Brasil, a Amazônia continuará a ser desmatada, assim como as florestas tropicais da Indonésia estão desaparecendo para produzir óleo de palma para a Europa, que terá um combustível mais limpo. Esta é a verdadeira face dos mercados modernos: eles simplesmente se autodenominam mercados. Geram mais dinheiro para um grupo de acionistas ausentes (*absentee owners*), independentemente do impacto sistêmico para as partes interessadas. A escala das operações corporativas é tal que a base da pirâmide não tem controle, ou sequer voz, enquanto no topo o foco está exclusivamente nos resultados financeiros, e não nos resultados sociais ou econômicos. A BlackRock no Brasil lucra com os setores de saúde privatizados e atividades de mineração, mas seus ativos no mundo, como vimos, representam seis vezes o PIB brasileiro. Nas palavras de Ellen Brown, diga adeus ao capitalismo familiar (*mom-and-pop capitalism*). Estamos diante de uma nova lógica de organização econômica, social e política. A reprodução do capital está sendo substituída pela extração de renta, o rentismo.

O sistema não é equilibrado por feedbacks de mercado, mas tampouco o é por regulação pública. O poder dos governos para regulamentar as corporações é muito limitado, em particular porque elas operam globalmente enquanto a regulação pública está fragmentada entre inúmeros países com interesses divergentes. Meio século atrás discutíamos se o planejamento estatal era melhor que o livre mercado; hoje não temos nem um nem outro. Estamos sem freio e sem motorista na cabine, exatamente o que Marjorie Kelly e Ted Howard chamaram de "capitalismo extrativista" *("extractive capitalism").* Quando nosso sistema econômico está estruturalmente deformado, precisamos buscar um novo contrato social.

O *Observatoire de la Finance*, em Genebra, clama por "novas regras": "A situação atual é uma oportunidade para corrigir distorções e aproximar os mercados financeiros da economia, propondo 'novas regras do jogo' para 'desfinanceirizar a economia'. Isso poderia ser feito introduzindo um imposto sobre transações financeiras e ganhos de capital para reduzir as negociações de alta frequência *(high-frequency trading)*, ou proibindo o uso massivo de recompra de ações e opções de ações que as corporações usam regularmente para inflar artificialmente seu desempenho de curto prazo — sem mencionar um teto para pagamento de dividendos."[37] Podemos discutir se essas são as medidas necessárias, mas o ponto importante é que estamos diante de uma mudança estrutural. O dinheiro precisa voltar a ser produtivo, resgatar a sua utilidade social e econômica.

Uma visão ampla sobre a transformação necessária é defendida por Thomas Piketty: "A crise da Covid-19 nos leva a repensar as ferramentas de redistribuição e solidariedade. Em quase todos os lugares, surgem propostas: renda básica, garantia de emprego, herança para todos. Vamos deixar claro: essas propostas são complementares e insubstituíveis. Em última análise, todas devem ser

[37] Paul Dembinski and Virgile Perret – Observatoire de la Finance, 25 de setembro 2020
http://www.obsfin.ch/virustovitamin-n8/

implementadas, em fases e nessa ordem.[38]" Aqui, as regras são chamadas de "ferramentas", mas implicam uma mudança sistêmica na forma como o capitalismo é organizado. Se é que ainda queremos chamá-lo de capitalismo.

O Instituto de Pesquisa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Social (UNRISD)[39] propõe "uma abordagem baseada em direitos humanos que vá além dos benefícios sociais dependentes de emprego formal: um novo contrato ecossocial deve ser acompanhado de um novo contrato fiscal que arrecade recursos suficientes para a ação climática e a implementação dos ODS, além de distribuir de forma justa o ônus financeiro."[40] Essa proposta nos leva a uma compreensão clara de que a implementação dos ODS implica a arrecadação dos recursos necessários, o que aponta para o cerne da questão: o controle sobre para onde o dinheiro vai. Dinheiro é basicamente um direito de decidir onde concentramos nossos esforços produtivos ou improdutivos. São apenas números nos computadores.

No já citado artigo sobre o capitalismo familiar ("*mom-and-pop capitalism*"), Ellen Brown também destaca a necessidade de retomarmos o controle sobre nosso dinheiro: "Reformar o sistema bancário é uma ferramenta crucial. Bancos operando como serviços públicos poderiam alocar crédito para fins produtivos voltados ao interesse público. Outras possibilidades incluem a aplicação efetiva das leis antimonopólio e a reforma da lei de patentes. Precisamos de um conjunto de regras que realmente nivele o campo de atuação, recompense a produtividade e maximize os benefícios para a sociedade como um todo, preservando ao mesmo tempo os direitos individuais garantidos pela Constituição dos EUA."[41] Isso não é apenas economia, implica mudança política estrutural.

O Instituto Roosevelt também está olhando para o futuro e alinhando transformações-chave para o que chama de novo-progressismo: "Olhando adiante, saberemos que essa nova visão de mundo está ganhando força se virmos o surgimento de políticas como: mais transferências diretas; dinheiro e serviços entregues rapidamente à pessoas reais e com controle comunitário sobre esses recursos; mais bens públicos; menos poder corporativo extrativista; e mais poder de oposição para trabalhadores e outras partes interessadas... Abordar essas questões superficialmente e remendar sistemas que não funcionam já não é opção. Soluções neoliberais não vão descarbonizar a economia, nem reduzir a desigualdade racial, muito menos criar prosperidade compartilhada."[42] Novamente, é o sistema que está em questão.

---

[38] Thomas Piketty, 9 de maio de 2021 - https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-receita-de-piketty-para-vencer-a-desigualdade/

[39] United Nations Research Institute for Social Development

[40] UNRISD, *A New Eco-Social Contract* - Issue Brief 11, Março de 2021 - https://www.unrisd.org/80256b3c005bccf9/httpnetitframepdf?readform&parentunid=2d51d21d694a94d4802586a1004d18fc&parentdoctype=brief&netitpath=80256b3c005bccf9/(httpauxpages)/2d51d21d694a94d4802586a1004d18fc/$file/ib11---eco-social-contract.pdf

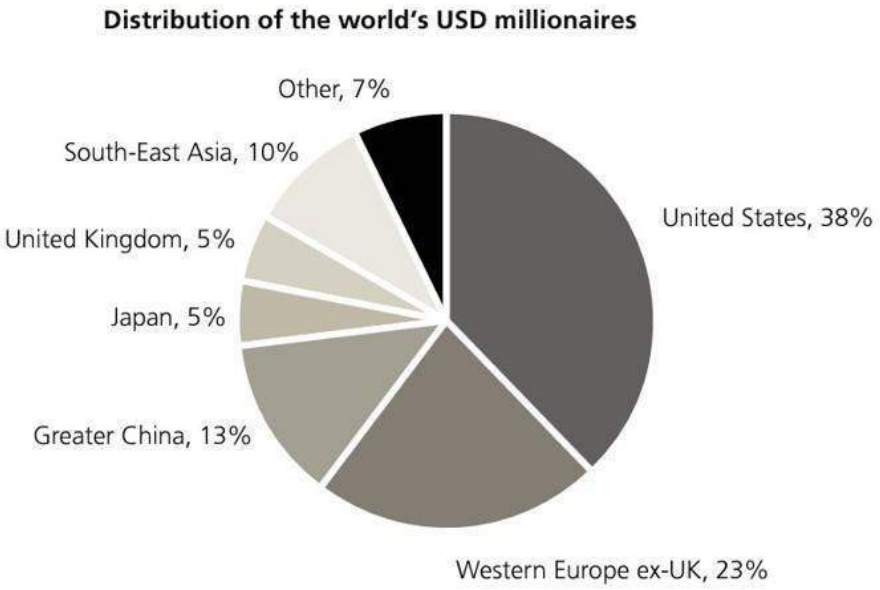
[41] Ellen Brown – *Como os EUA foram do capitalismo familiar ao feudalismo tecnológico* - https://dowbor.org/2021/05/como-os-eua-foram-do-capitalismo-familiar-ao-feudalismo-tecnologico.html

[42] Felicia Wong – *New Progressivism is emerging* - Roosevelt Institute, 21 de abril de 2021 https://rooseveltinstitute.org/2021/04/28/a-100-day-progress-report-how-new-progressivism-is-emerging/

Até o conservadorismo bem-comportado a que nos acostumamos na *The Economist* está mudando: "Governos devem refazer o contrato social para o século XXI. Os gastos sociais devem fluir rápida e automaticamente para aqueles que precisam — não, como nos Estados Unidos, apenas durante crises, quando um governo em pânico aprova leis de emergência...No ano passado, mais de dois terços dos europeus disseram apoiar uma renda básica universal (UBI), um pagamento recorrente e incondicional para todos os adultos."[43] Estará surgindo uma nova consciência social e econômica? Em um mundo com quase um bilhão de seres humanos passando fome, enquanto em 10 meses de 2020 algumas centenas de bilionários aumentaram sua riqueza em mais de 1 trilhão de dólares, o que impressiona é a lentidão com que estamos abrindo os olhos para a realidade.

A posição dominante dos EUA nesse sistema desigual também é essencial — tanto pelo poder militar quanto pela concentração de milionários: com 4% da população mundial, concentram 38% dos milionários. Somando Europa Ocidental, Reino Unido e Japão — ou seja, o Norte Global — temos 71% dos milionários. Excluindo a China, o resto tem pouca importância estrutural, e conhecemos o poder político do grande capital. O Sul Global está fora do jogo (p. 19)[44]

Figura 4



[43] The Economist – 6 de março de 2021 - https://www.economist.com/leaders/2021/03/06/how-to-make-a-social-safety-net-for-the-post-covid-world?utm_campaign=the-economist-this-week&utm_medium=newsletter&utm_source=salesforce-marketing-cloud&utm_term=2021-03-04&utm_content=ed-picks-article-link-1&etear=nl_weekly_1

[44] UBS - *Global Wealth report 2024* - https://www.ubs.com/content/dam/assets/wma/mx/latam-access-2024/week31/global-wealth-report-2024-pt.pdf

Já conhecemos bem os dramas sociais e ambientais. O que há de promissor é que a análise começa a focar nos meios. Em *The Case for the Green New Deal*, Ann Pettifor formula a pergunta essencial: "Como transformar o capitalismo financeirizado? Como tirar das mãos de poucos o poder sobre o sistema monetário — esse bem público essencial — e devolvê-lo à autoridade pública e democrática?"[45] As finanças não são um setor, são uma dimensão transversal de toda a atividade econômica. A questão não é se temos o dinheiro ou não, mas sim quem segura as rédeas. O Green New Deal implica transformar o processo decisório, a lógica que rege a alocação dos nossos recursos.

Um novo contrato social deve reconhecer também que regras iguais para agentes desiguais não funcionam. Daniel Mutevar, na IPS, enfatiza a questão da dívida: "A parcela das receitas públicas nos países em desenvolvimento destinada ao serviço da dívida externa triplicou entre 2011 e 2020, passando de 6,6% para 17,4%. Em pelo menos 32 países, mais de 20% da receita governamental é alocada para este fim... Priorizar os direitos dos credores acima dos direitos e dos meios de subsistência das populações dos países pobres é um beco sem saída que já conhecemos. Em vez disso, a comunidade internacional deve reconhecer que a saúde e a vida das pessoas no mundo em desenvolvimento são uma pré-condição básica para uma recuperação econômica bem-sucedida. Uma não virá sem a outra."[46] Competição desregulada nesse nível de desigualdade só pode aprofundar os desequilíbrios — por isso tantas instituições clamam por uma abordagem pautada num Novo Pacto Verde Global *(Global Green New Deal Approach.)*

Em pesquisa recente mais ampla sobre o serviço da dívida nos países em desenvolvimento, a situação aparece ainda mais dramática: "Um novo banco de dados do Debt Service Watch, preparado para este relatório, mostra que, se medirmos a carga do serviço da dívida sobre os orçamentos, esta é a pior crise global da dívida da história. Em 2024, o serviço da dívida absorverá 41,5% das receitas orçamentárias, 41,6% dos gastos e 8,4% do PIB, em média, em 144 países em desenvolvimento. Mais importante ainda, o serviço excede todos os gastos sociais e representa 2,7 vezes os gastos com educação, 4,2 vezes os gastos com saúde, 11 vezes os gastos com proteção social e 54 vezes os gastos com adaptação climática."[47] Estamos cegos?

Neste breve panorama de proponentes de um novo contrato social, emerge uma constatação: a humanidade está madura para novas regras, para uma redefinição socioeconômica de como as coisas devem funcionar. Como vimos, temos os recursos financeiros para garantir que todos tenham acesso a uma vida digna e confortável, com uma redução muito moderada da

[45] Ann Pettifor – *The case for the green new deal* – Verso, London, 2019, p. 71
[46] Daniel Mutevar - *A debt pandemic is engulfing the global south* – IPS, 15 de abril de 2021 - https://www.ips-journal.eu/topics/economy-and-ecology/a-debt-pandemic-is-engulfing-the-global-south-5114/?utm_campaign=en_885_20210416&utm_medium=email&utm_source=newsletter
[47] Matthew Martin e David Waddock, Debt Relief International (dfi@dri.org.uk). Janeiro de 2024 - https://www.kirkensnodhjelp.no/contentassets/c1403acd5da84d39a120090004899173/ferdig-time-for-a-nordic-initative-lowres.pdf

desigualdade. Temos a capacidade tecnológica para redirecionar nossos processos produtivos a fim de não destruirmos os recursos naturais dos quais dependemos para nossa sobrevivência. Mas enfrentamos um impasse político: a desigualdade concentrou o poder nas mãos das corporações globais, e estas têm pouco interesse em mudanças. Várias corporações estão atualmente promovendo a abordagem ESG (sigla em inglês para práticas ambientais, sociais e de governança), bilionários estão financiando instituições de caridade e alguns até declarando que deveriam ser tributados. Mas estamos avançando em direção a uma tragédia anunciada muito mais rápido do que nos organizamos para promover a mudança necessária.

A atual revolução digital transferiu o poder dos barões industriais e dos governos nacionais, o que conhecíamos como capitalismo industrial, para plataformas globais que controlam as finanças, a comunicação e a informação. Nosso desafio fundamental não é apenas a catástrofe ambiental e a desigualdade crescente – esses são os resultados –, mas a falta de capacidade política para promover a mudança necessária. O desafio fundamental é a governança.

9 - Economia global e política nacional: impactos na governança

Estamos tentando administrar a sociedade do século XXI com instituições ultrapassadas. As questões-chave são globais, mas não temos instituições globais, além das organizações internacionais atualmente impotentes. A concentração de riqueza no topo da pirâmide criou uma capacidade exclusiva de interferência na governança, fora do alcance democrático. E a capacidade de governança local, essencial para um processo decisório centrado nas pessoas, está presente em poucos países e regiões.

"The platform has emerged as a new business model, capable of extracting and controlling immense amounts of data, and with this shift we have seen the rise of large monopolistic firms."[48]
Nick Srnicek – *Platform capitalism* (2017)

[48] *"A plataforma surgiu como um novo modelo de negócios, capaz de extrair e controlar imensas quantidades de dados, e com essa mudança vimos o surgimento de grandes empresas monopolistas"*. Capitalismo de plataformas, 2017. Tradução nossa.

Não nos faltam recursos; falta-nos organização social e política. Em nome do livre mercado, de alguma mão invisível e de figuras mágicas como as curvas de oferta e demanda, o gráfico de Kuznets, as descrições em "U" ou "W" dos nossos altos e baixos econômicos, transformamos a economia em uma espécie de vaca sagrada com a qual não devemos nos envolver. Em vez de nos curvarmos em reverência à econometria ou comentarmos os mercados "Bull" ou "Bear" conforme o humor das grandes gestoras de ativos, deveríamos recolocar a economia em seu papel mais modesto de abordagem útil, mas complementar às ciências sociais. A economia deve servir às necessidades da sociedade, garantindo o bem-estar da população, e não o contrário. Os ricos nos dizem que devemos servi-los, pois isso nos levará ao bem estar, *indiretamente.* Com o que êles têm aprontado, é hora de organizar a economia para servir à sociedade, *diretamente.*

O crescimento do PIB é uma métrica tecnicamente falha, que nos leva a recompensar qualquer expansão das atividades humanas, mesmo que estejamos destruindo recursos naturais, gerando desigualdade e sofrimento, e criando um desastre ambiental, ou simplesmente desperdiçando recursos, com todo o tempo que perdemos com besteirol invasivo das grandes campanhas publicitárias. O PIB mede apenas a quantidade de esforços, não a qualidade dos resultados. Devemos medir o que estamos produzindo, com que custos para nós mesmos e para o planeta, e em benefício de quem. Temos um veículo do tamanho de um Boeing com apenas um indicador de velocidade, sem ideia de para onde estamos indo, ou mesmo de quanto combustível resta. Um indicador que ignora as questões ambientais e de desigualdade está fora da realidade.

Mas temos as informações necessárias. A Agenda 2030, com seus 17 objetivos de desenvolvimento e 169 objetivos, organiza nossos desafios e medidas necessárias. A ONU adicionou indicadores de saúde e educação aos números de renda, o relatório Stiglitz sobre contas nacionais (com Amartya Sen e Jean-Paul Fitoussi) mostrou toda a fragilidade de como medimos os resultados econômicos, a Comissão Europeia organizou as reuniões "além do PIB", Hazel Henderson e outros publicaram o Relatório Calvert-Henderson sobre Qualidade de Vida nos EUA, Kate Raworth organizou medidas-chave de desenvolvimento em seu conjunto de indicadores "Economia Donut" (Doughnut Economics). Temos as ferramentas estatísticas para orientar o desenvolvimento no caminho da sustentabilidade e do bem-estar. Assim, sabemos para onde deveríamos estar indo e sabemos que estamos na direção errada.[49]

Também temos todo o conhecimento tecnológico necessário para reorientar nosso desenvolvimento em direção a objetivos sustentáveis. A matriz energética, a matriz de transportes, as iniciativas de agricultura sustentável, a preservação da biodiversidade e outros desafios importantes estão todos ao nosso alcance técnico. Temos muito orgulho de enviar uma sonda para Marte, mas somos incapazes de promover as transformações essenciais para reduzir a destruição da natureza e o sofrimento humano. Patentes, direitos autorais e royalties pré-históricos estão restringindo o acesso a tecnologias-chave e ao conhecimento científico.

[49]Sixty Minutes with Kate Raworth and Hazel Henderson- https://www.socioeco.org/bdf_fiche-video-5770_en.html

Como podemos ainda ter patentes de 20 anos para produtos farmacêuticos essenciais, uma eternidade nos tempos tecnológicos modernos, criando monopólios rentistas? Direitos autorais de 90 anos após a morte do autor?

Isto é tecno-feudalismo, como descreveram Marjorie Kelly e Ted Howard, e como qualifica Yanis Varoufakis. A mudança tecnológica acelerada e a inovação institucional estagnada criam uma mistura perigosa. E não nos faltam recursos financeiros. A próspera economia do estado de bem-estar social de décadas atrás, e particularmente a impressionante revolução tecnológica que se alastrou em tantas áreas, nos levaram a um novo patamar de prosperidade material. Temos uma sociedade rica em geral, mas políticas precárias e uma distribuição catastrófica.

De acordo com o *Global Wealth Report 2022* da UBS/Crédit Suisse, uma gigante instituição de gestão de patrimônio, "a riqueza global total cresceu 7,4% (em 2020) e a riqueza por adulto aumentou 6%, atingindo outro recorde de US$ 79.952. A riqueza global agregada aumentou US$ 28,7 trilhões, atingindo US$ 418,3 trilhões no final do ano." Não somos um mundo pobre. Um patrimônio familiar de cerca de 800 mil reais no Brasil parece um sonho. Mas essa riqueza é para os poucos felizardos. As diferenças de riqueza entre adultos aumentam. O número global de milionários aumentou em 5,2 milhões, chegando a 56,1 milhões. Como resultado, um adulto agora precisa de mais de US$1 milhão para pertencer ao 1% mais rico do mundo... O grupo de patrimônio líquido ultra-alto *(Ultra High Net Worth)*, com mais de US$50 milhões em patrimônio, cresceu ainda mais rápido, 24% membros a mais, a maior taxa de crescimento desde 2003. A pandemia atingiu a economia, mas não o mundo bilionário das finanças extrativas *(extractive finance)*.[50]

O mundo está inundado de informações bem organizadas, tecnologia poderosa e recursos financeiros impressionantes. Sabemos o que deve ser feito, temos os meios técnicos e financeiros e, basicamente, nos sentamos e lamentamos que as coisas erradas estejam acontecendo. Estamos destruindo o mundo natural essencial à nossa sobrevivência, comprometendo as próximas gerações, em benefício de pouquíssimos. Somos sistemicamente disfuncionais, e uma jovem sueca, Greta, demonstrou mais bom senso do que tantos políticos maduros e executivos corporativos. Se há um denominador comum entre tantos cientistas sociais – e a pandemia apenas lhes deu o empurrão final – é que precisamos de um novo conjunto de regras, uma nova cultura econômica. E a janela de tempo antes do colapso sistêmico está se fechando rapidamente.[51]

A questão que queremos levantar aqui é que precisamos trazer o processo geral de decisão econômica para a realidade, para mais perto de onde as pessoas vivem, para que a política, ou

---

[50] Crédit Suisse – Global Wealth Report 2021 - https://www.credit-suisse.com/about-us-news/en/articles/media-releases/global-wealth-report-2021-202106.html

[51] Felicia Wong, do Instituto Roosevelt, enfatiza a necessidade de uma nova estrutura econômica global, no espírito de um novo Bretton Woods: https://rooseveltinstitute.org/blog/a-bretton-woods-moment-how-this-years-g7-summit-could-rewrite-the-international-rules/ (2021)

seja, as decisões relativas ao nosso bem comum, chegue a um nível que faça sentido para a população. Basicamente, temos uma economia global, mas não um governo global.Três empresas administram mais de 20 trilhões em ativos, quase os 29 trilhões do PIB dos EUA. O Relatório de Investimentos Mundiais da UNCTAD nos dá uma ideia das proporções: "Os ativos investíveis das seguradoras atingiram US$ 32,9 trilhões em 2018, e os dos bancos atingiram US$ 155 trilhões em 2019."[52]As finanças já foram a ferramenta financeira das atividades produtivas. Atualmente, as atividades produtivas atendem a interesses financeiros. A extração de dividendos e o serviço da dívida mudaram a forma como o excedente social é extraído, e uma questão fundamental é que as principais atividades econômicas estão além da regulamentação pública.

Os tímidos primeiros passos para estabelecer alguma forma de taxação global para gigantes corporativos, decididos na reunião do G20 de 2021, são evidências da fragilidade dos governos nacionais diante dos fluxos financeiros em escala mundial. A questão voltou na reunião do G20 de 2024. Tenho acompanhado essas discussões desde as iniciativas do ATTAC, décadas atrás, e as negociações do BEPS (*Base Erosion and Profit shifting*) na OCDE. A situação dos países endividados do hemisfério sul é particularmente dramática. Sem soberania financeira, há pouca soberania política e pouca capacidade de um governo canalizar seus recursos de acordo com as necessidades nacionais. Como afirma Wolfgang Streeck, o governo atualmente tem uma chance muito maior de sobrevivência sendo favorável ao mercado do que às pessoas. E os mercados são globais. Temos governos nacionais enfrentando uma economia global, com regras do jogo dos tempos de Bretton Woods.

Um desajuste semelhante pode ser encontrado entre as instituições governamentais nacionais e o processo decisório local. No caso do Brasil, a Constituição de 1988 delegou aos governos locais (municípios) grande parte das políticas públicas, como educação e saúde, mas não descentralizou os recursos correspondentes. Em termos simples, não há como um país funcionar se a gestão local não funcionar. O Brasil tem 5.570 municípios, e eles têm poucos recursos para atender às suas necessidades básicas. Prefeitos estão desamparados e buscam amigos em Brasília, e frações de emendas parlamentares. O que um ministro em Brasília pode saber sobre os diversos desafios locais? Atualmente, os prefeitos são subservientes aos principais políticos nacionais, e a política nacional está absorvida em conflitos locais. Se somarmos os interesses transnacionais que reduzem a capacidade de governança nacional, o resultado geral é que nem o governo central nem os governos locais são capazes de estabelecer um processo decisório funcional e uma alocação eficiente de recursos. Estamos diante de uma falha de gestão sistêmica *(management mess)*.

A gestão local participativa e descentralizada dos assuntos públicos está sendo redescoberta como uma âncora fundamental para garantir que o resultado geral seja um desenvolvimento sustentável e mais equilibrado. A maior parte da população mundial vive atualmente em cidades, proporção que chega a 87% no Brasil. Governar cidades é diferente de governar populações rurais dispersas e permite economias de proximidade. Como mostraram estudos clássicos como *Small is Beautiful* (Schumacher) e *Making Democracy Work* (Putnam), melhorar a gestão pública quando o governo e o dinheiro estão mais próximos dos cidadãos representa um enorme e

[52]UNCTAD – *World Investment Report,* 2021 – p. 32

subutilizado potencial para melhorar a governança. Esta é uma característica fundamental dos países nórdicos, bem como do sistema de "economia de prefeito" da China. Os trabalhos de Keyu Jin, em particular *The new China playbook,* (2023) ajudam muito.

Um argumento importante que sustenta essa tendência é o fato de que as políticas sociais estão se tornando cada vez mais importantes na composição da atividade econômica. Nos EUA, por exemplo, as atividades industriais empregam menos de 10% da força de trabalho, enquanto os serviços de saúde, por si só, representam 20% do PIB. Com o conhecimento se tornando o principal fator de produção nas economias modernas, a ampla gama de atividades ligadas à educação também se expandiu. Enquanto sapatos possam ser importados da Ásia, as políticas sociais são profundamente enraizadas na comunidade e geridas localmente. A saúde deve chegar de maneira diferenciada a cada pessoa, a educação a cada criança. Organizar o desenvolvimento sustentável local, criar qualidade de vida local, investir em empregos locais por meio de iniciativas como cinturões verdes ao redor das cidades ou mesmo a agricultura urbana – um número impressionante de nossos desafios pode ser melhor enfrentado em nível local, por pessoas que conhecem suas prioridades porque as enfrentam todos os dias.

Já ouvi argumentos em Brasília de que a descentralização facilitaria a corrupção porque os governos locais têm menos conhecimento técnico. O argumento é irônico, considerando o que acontece em Brasília, mas o fato é que o dinheiro mais próximo das pessoas é mais fácil de controlar e é mais fácil para as comunidades se organizarem em torno de questões-chave. E hoje, com a conectividade que a internet permite, a cooperação entre cidades, especialmente para pequenos municípios, está gerando economias por meio do uso conjunto de capacidade técnica e consórcios colaborativos em diferentes setores. Parcerias com universidades e centros de pesquisa regionais também estão criando uma nova cultura de gestão. O fato é que a conectividade e a gestão horizontal em rede que ela permite estão abrindo novas oportunidades. É o potencial das plataformas colaborativas locais, em vez da manipulação global.

Quaisquer que sejam os arranjos institucionais e territoriais adotados, o principal problema é que, hoje em dia, as decisões são tomadas muito longe dos *stakeholders,* das partes interessadas, levando a uma ampla erosão da responsabilidade e a um sentimento generalizado de indignação e impotência. Quando tantas pessoas estão cientes da necessidade de mudança e tão pouco acontece, trata-se de uma falha de gestão sistêmica. Temos o conhecimento, as tecnologias, os recursos financeiros, mas seguimos teimosamente caminhando em direção ao abismo, seja em termos ambientais, sociais, políticos ou econômicos. Tudo o que precisamos mudar está muito bem documentado em diferentes livros, incluindo as proclamações ESG do mundo corporativo, mas muito pouco sai do papel. E o tempo está ficando curto.

10 - Desigualdade de riqueza no mundo

A aceleração da desigualdade dentro e entre os países é um desafio ético, uma fonte de instabilidade política e de estagnação econômica. Trata-se do sofrimento dos que estão na base e de um ressentimento crescente em relação à própria desigualdade, mas também de um fato: o acesso a uma enorme quantidade de recursos financeiros no topo deformou o processo de decisão política. Plutocracia é, infelizmente, o termo mais adequado para defini-la.

Forget left versus right. It's democracy or oligarchy.
Robert Reich[53]

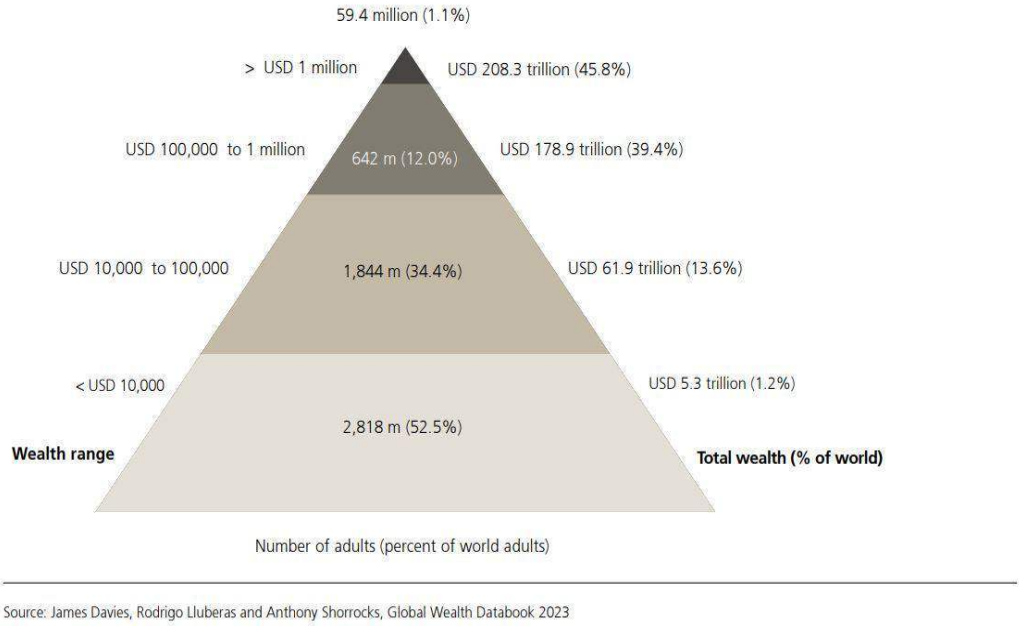
[53] *"Esqueça esquerda versus direita. É democracia ou oligarquia."* Robert Reich - *The System: who rigged it, how we fix it* – Alfred A. Knopf, New York, 2020. (Tradução nossa.)

Enquanto esperava o semáforo abrir na Avenida Brasil, em São Paulo, uma senhora muito idosa se aproximou da janela do meu carro pedindo esmolas. Nada de novo no Brasil moderno. Mas fiquei perplexo ao ver que ela se parecia muito com a minha mãe. Como eu poderia me sentir tão profundamente chocado? O mendigo, uma categoria social, agora era uma pessoa, e uma pessoa próxima, embora minha mãe tivesse morrido anos atrás. Se ela tivesse outra aparência, eu teria tirado alguns reais do bolso e esquecido. Anos depois, ainda me lembro. A emoção que senti é compreensível; o que não é compreensível é que sejamos tão indiferentes, por exemplo, aos 6 milhões de crianças menores de cinco anos que morrem de fome a cada ano. Como podemos tornar as estatísticas não apenas intelectualmente compreensíveis, mas capazes de nos levar à ação? Como gerar a empatia necessária para a sobrevivência da humanidade? A indiferença diante de um escândalo, desde que seja "um fenômeno geral", é inevitável, apenas estatística?

Antes de mais nada, permitam-me insistir que não há razão econômica para a pobreza. Como vimos, ao dividir o PIB mundial — 115 trilhões de dólares — pela população, 8 bilhões de pessoas, resulta que o que produzimos em bens e serviços neste planeta equivale a 30 mil reais por mês para uma família de quatro pessoas. Esse número pode ser ajustado, podemos recorrer à Renda Nacional Líquida em vez do Produto Interno Bruto ou fazer outros ajustes, particularmente somando a infraestrutura herdada, mas o fato básico permanece: o que produzimos atualmente, com uma redução muito modesta da desigualdade, é suficiente para que toda a humanidade tenha acesso a uma vida confortável e digna. O nosso não é um problema econômico, é uma questão de organização política e social, o que atualmente chamamos de governança. Sim, eu sei que estou me repetindo, mas algumas coisas parecem tão difíceis de manter em pauta.

Figura 5

Figure 1: The global wealth pyramid 2022



Fonte: https://www.ubs.com/global/en/family-office-uhnw/reports/global-wealth-report-2023.html - p. 22

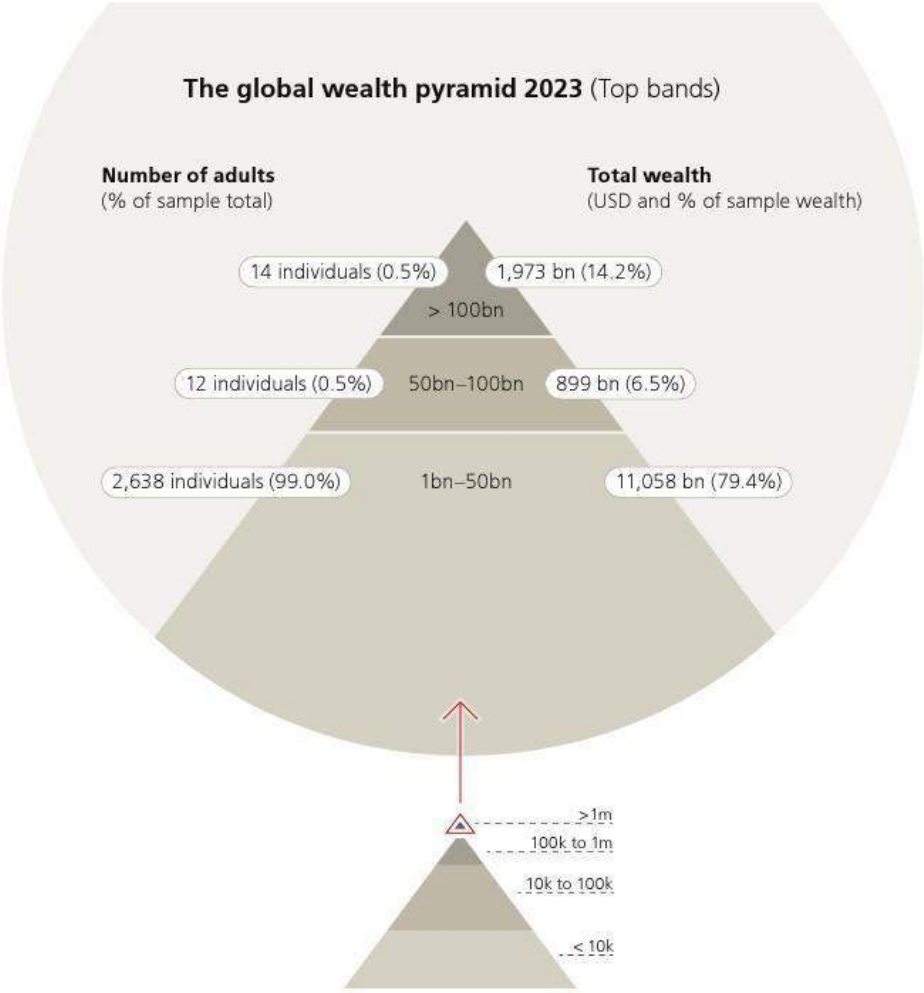
A pirâmide da riqueza é outra maneira de apresentar a desigualdade crescente. No topo, 59,4 milhões de adultos, 1,1% do total, possuindo patrimônio pessoal acima de US$ 1 milhão, possuem uma riqueza total de US$ 208,3 trilhões, 45,8% da riqueza adulta mundial total. Na base, 2.818 milhões de adultos, 52,5% da população adulta total, possuindo menos de US$ 10 mil, têm uma riqueza total de US$ 5,3 trilhões, 1,2% do total. Em ordem de magnitude, 2,5% da riqueza do topo seriam suficientes para dobrar a riqueza da metade inferior da população mundial. Na base, seria uma enorme melhoria. Em ordem de magnitude, dois terços da população estão em situação terrível, com sofrimento dramático ainda mais abaixo. [54]

Esta apresentação gráfica nos ajuda a "visualizar" o drama. Mas a estrutura da desigualdade não é regular. As diferenças internas entre aproximadamente os dois terços da população na base são significativas, mas é nos níveis mais altos de renda que as desigualdades aumentam drasticamente, especialmente entre o 1% mais rico e os 0,1%, 0,01 etc. A edição de 2024 do Relatório Global de Riqueza do UBS nos apresenta os detalhes dos 2.664 bilionários, o topo do próprio 1%.[55]

[54] A realidade é mais absurda ainda. 115 trilhões de dólares é o PIB contabilizado em dólares de capacidade de compra diferente segundo os países. Utilizando a paridade de compra das organizações internacionais como o FMI, PPP (Purchasing Power Parity), o PIB efetivo mundial é da ordem de 180 trilhões de dólares, 7 mil dólares por mês por família de 4 pessoas, cerca de 40 mil reais.

[55] *UBS Global Wealth Report 2024*
https://www.ubs.com/content/dam/assets/wma/mx/latam-access-2024/week31/global-wealth-report-2024-pt.pdf
(pág. 22/23)

Figura 6



Fonte: https://www.credit-suisse.com/about-us/en/reports-research/global-wealth-report.html

A publicação da Forbes de 2025 sobre Bilionários do Mundo, resume: "Juntos, os 3.028 bilionários acumulam um parimânio recorde de US$ 16,1 trilhões, US$ 2 trilhões a mais do que o PIB de qualquer país, exceto os de EUA e China". São 3 mil pessoas, imaginem isso no Maracanã...E têm US$16 trilhões, comparem com o PIB do Brasil, oitava potência econômica do Brasil, US$2 trilhões.[56] Uso essas imagens porque as pessoas têm dificuldade em dimensionar as grandes quantidades.

O aumento drástico da desigualdade nas últimas décadas é fácil de entender, visto que cerca de dois terços da população mundial mal conseguem sobreviver. Isso significa que eles não têm

[56] Forbes, *Bilionários batem recorde,* Edição 129, 2025

meios para investir na acumulação de riqueza familiar. Por outro lado, pessoas com alta renda têm um superávit substancial que lhes permite comprar sua casa e não pagar aluguel, e comprar títulos financeiros que geram mais renda e riqueza acumulada. Isso gera um efeito bola de neve, no sentido de que quanto mais rico você fica, mais rápido você acumula. Sem mecanismos eficientes de distribuição de riqueza, o mundo só fica cada vez mais desequilibrado. O imposto sobre fortunas está na nossa Constituição, mas apenas nela. A resistência dos políticos brasileiros à taxação das operações financeiras e das grandes fortunas é escandalosa. E burra: se você taxa ganhos de manipulação financeira, ficará mais interessante os dos das fortunas investirem em coisa útil.

Assim como o mundo gera renda suficiente todos os anos para garantir uma vida digna para todos, a redistribuição de riqueza, com impostos sobre herança e outros tributos mais eficazes sobre o patrimônio, pode trazer conforto e estabilidade para todos neste planeta. Pagar melhores salários também permitiria que mais pessoas acumulassem riqueza. A riqueza pessoal total de adultos apresentada pelo Crédit Suisse, como vemos na tabela abaixo, é de US$ 418 trilhões, equivalente a praticamente US$ 80 mil de riqueza média por adulto. Para uma família com dois adultos, isso representa US$ 160 mil, equivalentes a 800 mil reais. Não é uma fortuna, mas uma imensa mudança na qualidade de vida da maioria da população, mesmo com uma redistribuição modesta. Tirar apenas US$ 5,5 trilhões dos US$ 191,6 trilhões dos 1,1% mais ricos dobraria a riqueza na base da pirâmide. Essa tabela facilita comparações entre regiões.

Figura 7

Table 1: Change in household wealth 2020, by region

	Total wealth	Change in total wealth		Wealth per adult	Change in wealth per adult
	USD bn	USD bn	%	USD	%
Africa	4,946	36	0.7	7,371	–2.1
Asia-Pacific	75,277	4,694	6.7	60,790	5.0
China	74,884	4,246	6.0	67,771	5.4
Europe	103,213	9,179	9.8	174,836	9.8
India	12,833	–594	–4.4	14,252	–6.1
Latin America	10,872	–1,215	–10.1	24,301	–11.4
North America	136,316	12,370	10.0	486,930	9.1
World	**418,342**	**28,716**	**7.4**	**79,952**	**6.0**

Fonte: Crédit Suisse - *Global Wealth Report 2021* – pág. 7
https://www.credit-suisse.com/about-us/en/reports-research/global-wealth-report.html

O Relatório também mostra quão dramaticamente desigual é o planeta na distribuição geográfica da riqueza: "As disparidades regionais são refletidas no fato de que América do Norte e Europa juntas respondem por 57% da riqueza familiar total, mas abrigam apenas 17% da população adulta mundial." (p.11). Não estamos apenas enfrentando a herança de tantas atrocidades coloniais, mas um processo renovado de aumento da desigualdade, basicamente por meio de mecanismos financeiros, um neocolonialismo financeiro.

Do ponto de vista ético, isso é um escândalo, pois os pobres não são responsáveis pelo funcionamento do sistema que os mantém presos na armadilha da pobreza — e os ricos tampouco produzem a riqueza que acumulam. A forma básica de acumulação de riqueza mudou. Um produtor tradicional de bens e serviços obtinha lucros pagando menos aos seus trabalhadores, mas tinha que criar empregos, produzir coisas úteis que as pessoas comprassem e pagar impostos, o que permitia que serviços públicos e infraestrutura fossem fornecidos. O sistema funcionava. Era acumulação de capital. O sistema dominante atual de extração de excedente social é baseado na financeirização. Não é capital, é renta. Estou me repetindo? Sem dúvida, esperando que a compreensão chegue aos comuns dos mortais.

"Na verdade", escreve Ellen Brown, "temos duas economias – a economia de consumidor/produtor, onde bens e serviços são produzidos e comercializados, e a economia financeirizada, onde o dinheiro busca "rendimentos" (*yields*) sem produzir novos bens e serviços. A economia financeirizada é essencialmente um parasita da economia real e agora contém a maior parte do dinheiro do sistema. Os donos de empresas e investidores ganham mais e mais rapidamente na economia financeirizada do que investindo em trabalhadores e equipamentos. Banqueiros, investidores e outros "poupadores" colocam seu dinheiro em ações e títulos, escondem em paraísos fiscais, enviam para o exterior ou simplesmente o mantêm em espécie."[57] Robert Reich resume: **"**A economia deixou de produzir coisas e passou a produzir instrumentos financeiros. Empreendedores de produtos foram substituídos por empreendedores financeiros." (p. 31)

Se considerarmos a produtividade do dinheiro, um pequeno aumento quando falta tudo faz uma enorme diferença na qualidade de vida, enquanto reduzir um pouco a fortuna dos bilionários não muda muito para eles. Mais dinheiro na base o torna mais útil. Mas será que eles merecem? John Kenneth Galbraith usa um bom argumento: **"**Um dos exercícios mais antigos da filosofia moral do homem é buscar atribuir ao egoísmo uma justificativa moral superior. É um exercício que sempre envolve um certo número de contradições internas e até mesmo alguns absurdos. Os notavelmente ricos aparecem insistindo no valor da privação como um formador de caráter para os pobres."[58]

[57]Ellen Brown –*A Universal Basic Income is Essential and will Work* - Global Research, 20 de abril de 2020
https://www.globalresearch.ca/universal-basic-income-essential-will-work/5710152
[58]Em Robert Reich – *The system* – (2020) pág. 174

Não se trata de ideologia, mas sim de fazer o sistema funcionar. O grau de desigualdade que atingimos é uma farsa ética. Do ponto de vista social e político, gera caos: no limite da desigualdade, não há espaço para a democracia. E, do ponto de vista econômico, é simplesmente contraproducente, visto que a especulação está sendo premiada acima do nível das atividades de produção e geração de empregos, e o dinheiro está naturalmente indo para onde se multiplica mais rápido. Aplicar na dívida pública no Brasil, por exemplo, é rendimento seguro sem precisar produzir, uma apropriação dos nossos impostos. Não se trata apenas de mocinhos e bandidos, trata-se de um sistema disfuncional.[59]

11 - O sistema de recompensas está simplesmente errado

Para que nosso sistema social funcione, ele deve recompensar a contribuição, não a extração. Mas se for mais lucrativo produzir alimentos ultraprocessados do que produtos saudáveis, o fluxo atual de recursos privilegiará o que paga mais. O elo entre o que precisamos como sociedade e o processo decisório do mundo corporativo foi deformado.

"It can certainly be said that our technological proficiency far exceeds our moral, social, and political development".
Oliver Stone e Peter Kuznick[60]

Não é incomum reagirmos positivamente às recompensas. Mas quando as recompensas são equivocadas, no sentido de que geram estragos no ambiente ecológico, social e econômico, consertar o sistema se torna uma luta árdua, permanente e frequentemente inútil. Estamos

[59]Um estudo particularmente rico sobre a desigualdade no Brasil é o de Marcelo Medeiros *Os Ricos e os Pobres: o Brasil e a desigualdade* – Companhia das Letras, São Paulo, 2023

[60]"*Pode-se certamente dizer que a nossa proficiência tecnológica supera em muito nosso desenvolvimento moral, social e político".* Oliver Stone e Peter Kuznick – *The Untold History of the United States* – Gallery Books, Nova York, 2019, P.734. Tradução nossa.

inundados de ditados que tentam conciliar o sucesso econômico com o bem comum: *a ganância é boa, sucesso atrai sucesso (nothing succeeds like success),*e, em particular, o argumento acadêmico de que maximizar suas próprias vantagens gerará naturalmente os melhores resultados possíveis para a sociedade. A ideia geral é que você pode ficar muito rico e ainda assim dormir tranquilo com a forma como está aumentando sua riqueza.

George Monbiot vai direto ao ponto: "Para o comércio convencional, a Terra serve tanto para pilhagem quanto para lixão *(Earth is both loot and dump)*. A atividade comercial, em termos gerais, consiste em extrair recursos de um buraco de um lado do planeta, induzir as pessoas a comprá-los e, alguns dias depois, despejá-los em um buraco do outro lado. Se foram ou não úteis para quem os comprou é irrelevante: se o marketing consegue persuadir as pessoas a gastar seu dinheiro em troca de bens, os interesses da humanidade foram atendidos. Quanto mais rápido fizermos isso, mais bem-sucedida será a vida econômica e maior será a soma do progresso humano."[61]

Minha esposa, Fátima, mandou construir uma bela casa em São Paulo, mas prefere morar na Bahia, em uma casa mais modesta, e a antiga casa lhe proporciona um bom aluguel. Nada de errado nisso. Mas quando uma corporação compra dezenas de milhares de casas e assume o controle do acesso à moradia e ao aluguel, estamos em outro universo. Em Berlim, onde os preços dos imóveis praticamente dobraram em uma década, o governo está tentando recomprar casas de gigantes financeiros como Vonovia e Deutsche Wohnen, para devolver à moradia a sua função de lugar para viver. Goldman Sachs, Lloyds Banking Group e outros gigantes estão todos envolvidos nesse negócio de extração de renta. A China está pressionando duramente os grupos especuladores imobiliários, com Xi Jinping afirmando que a moradia é para as pessoas viverem bem, não para enriquecer especuladores. No entanto, chineses ricos estão comprando casas em Vancouver não para morar, mas como investimento de capital. A escassez de moradias para os moradores eleva os preços e o valor do capital aumenta.

A questão-chave aqui é que os fundos de investimento imobiliário (REITs)[62] ganham mais dinheiro. Eles não estão construindo casas, estão fazendo negócios. Descendo a escada financeira, os indivíduos colocarão seu dinheiro em títulos financeiros, em vez de construir mais casas. Não há nada de errado em uma família alugar sua casa pelo tempo em que não a usa; é um capital fixo melhor utilizado. Mas quando o Airbnb começa a comprar prédios inteiros e expulsar moradores, seja em Paris, Veneza ou Barcelona, todo o sistema fica distorcido. O dinheiro está indo para onde cresce mais rápido e, neste caso, não está construindo casas mais acessíveis para as pessoas viverem melhor. O sucesso econômico está apontando na direção errada. O prazer e o bem-estar de ter um bom lugar para morar é o que queremos, mas o bem-estar não é contabilizada no PIB.

Ao investir na produção de bens e serviços, você pode estar obtendo lucro, mas isso também gera uma sociedade mais rica. A revista The Economist chama isso de "investimento produtivo", diferentemente de "investimento especulativo". Citando Monbiot novamente, "um é o

[61] George Monbiot – *Regenesis: feeding the world without devouring the planet* - Verso, Londres, Nova York, 2018 – p. 114

[62] Real-Estate Investment Trusts

financiamento de atividades produtivas e socialmente úteis; o outro é a compra de ativos existentes para extrair deles renta, juros, dividendos e ganhos de capital. Usar a mesma palavra para diferentes atividades 'camufla as fontes de riqueza', levando-nos a confundir extração de riqueza com criação de riqueza" (p. 36). É mais claro em francês, com '*investissements*' e *'placements financiers'* deixando clara a diferença. No Brasil, tecnicamente, as instituições deveriam diferenciar '*investimento'* e '*aplicações financeiras',* mas os investidores institucionais, bancos e outras corporações financeiras obviamente preferem usar apenas "investimento" e se qualificar como 'investidores', parece que estão sendo úteis para a sociedade. Mas a questão fundamental é que hoje o investimento especulativo em larga escala paga mais do que o investimento produtivo, como Thomas Piketty demonstrou tão bem. O que eleva os preços dos imóveis não é construir mais casas, mas sim dificultar o acesso. Isso tem sido chamado de economia de pedágio.

Quando explodiu a pandemia, viajar se tornou uma experiência desgastante. Tendo que ir de São Paulo a Luanda (Angola) via Lisboa, fiz o teste de Covid de acordo com o que Portugal exige, sem saber que Angola exige o teste PCR. Fui impedido de embarcar no avião e direcionado para a unidade de vacinas que o Hospital Albert Einstein criou no aeroporto, uma unidade privada que cobra preços exorbitantes. Somando os trajetos, durante toda a viagem me cobraram cerca de US$ 300 em atestados de que eu estava apto a viajar e tive meu nariz examinado inúmeras vezes. Você simplesmente levanta o nariz, abaixa a máscara e torce para estar fazendo o teste certo. A Covid dinamizou bons negócios e gerou dividendos financeiros desproporcionais em comparação com o custo dos serviços. Você precisa pegar o avião, você paga o que eles cobram.

Lena Lavinas estuda a deformação dos serviços de saúde pela privatização: "Os ativos das empresas de saúde são adquiridos por fundos de investimento ou por investidores estrangeiros para obter dividendos e, posteriormente, revender ações na bolsa de valores. Nesse cenário, os prêmios de planos de saúde são sobredeterminados por movimentos especulativos dos acionistas, que desejam aumentar as taxas médias de lucro esperadas, uma variável-chave para atrair investidores na área da saúde em tempos de globalização."[63] Gigantes de gestão de ativos como a BlackRock estão investindo em empresas privadas de saúde no Brasil e extraindo dividendos para 'investidores' do mundo todo. Na realidade, são atravessadores.

Eles não estão fornecendo mais ou melhores serviços de saúde, mas sim explorando-os para obter ganhos financeiros. São sociedades gestoras de ativos, sem conhecimento específico de saúde, mas sua atividade rende mais, tanto a elas quanto aos acionistas. E os acionistas consideram mais lucrativo investir em títulos financeiros do que fornecer serviços de saúde. Estamos nas mãos de intermediários financeiros, mas, ao longo da cadeia de renda, seus enormes lucros atraem capital que, de outra forma, teria sido usado em investimentos produtivos. Quando a extração de renta rende mais do que as atividades produtivas, o sistema de recompensas sistêmicas vai contra o interesse social.

---

[63] Carlos Ocké-Reis e outros, *A financeirização provoca aumento de preços? O caso dos planos de saúde privados brasileiros*– Desenvolvendo a Economia, 24 de setembro de 2021 https://developingeconomics.org/2021/09/24/a-financialização-provoca-aumento-de-preços-o-caso-do-seguro-saúde-privado-brasileiro/

Produzir plástico é ridiculamente barato. A indústria petroquímica utiliza uma riqueza natural acumulada, o petróleo, para produzir enormes quantidades. Os custos de produção são muito baixos, o que permite à indústria inundar o mundo com plástico, obter lucros enormes e pagar dividendos consideráveis. O enorme custo ambiental gerado por essa indústria não preocupa nem a indústria nem os acionistas. Eles os chamam de externalidades, mas não são "externas" para a sociedade, que arca com os enormes custos da limpeza, nem para a natureza, onde temos uma dramática extinção da vida. Poluir todo o planeta representa, portanto, uma enorme fonte de lucro para poucos. Se o custo completo do ciclo do produto fosse contabilizado, o plástico seria muito caro.

Em termos financeiros, ignorar a poluição como externalidade gera altos lucros e atrai investidores. Dizem que nós, como consumidores, devemos agir com responsabilidade, mas obviamente temos pouca escolha, e as tentativas nos supermercados são ineficazes. O sistema é manipulado. Se o custo total de produção, uso e limpeza fosse incluído no preço do plástico, certamente já teríamos alternativas. Mas os custos são repassados a quem tiver que limpar. Lembra do prazer de uma praia sem plástico? Bem, isso não gera dividendos. Os sentimentos de prazer não estão no PIB.

As nossas contas são simplesmente erradas. Simon Kuznets, que estabeleceu as bases para o sistema de contabilidade do PIB, escreveu que "o bem-estar de uma nação dificilmente pode ser inferido a partir de uma medida da renda nacional". As rentas que mencionamos acima, como alguns exemplos de deformação econômica, estão todas incluídas em nossos números do PIB e transmitem uma ideia de crescimento e progresso. Mas elas estão criando um desastre social, econômico e ambiental. No Brasil, a indústria representava mais de 20% das atividades econômicas há pouco mais de uma década, um número que caiu para 12% em 2020. Mas as exportações de matérias-primas agrícolas e de mineração estão crescendo. Desde 1996, a produção de bens primários para exportação não está sujeita a impostos, o que torna nossos produtos muito mais baratos para a China e outros mercados. O resultado é que a descapitalização do Brasil gera enormes retornos e atrai acionistas. São retornos que reprimarizam a economia brasileira, geram dramas ambientais e sociais, mas, como são altos, vale a pena investir neles.

Em nossas universidades, estamos ensinando a importância do ESG (Ambiente, Social e Governança), da abordagem das partes interessadas (*stakeholders*) em vez de apenas dos acionistas (*shareholders*), mas enquanto a catástrofe em câmera lenta se aprofunda, as pessoas falam em uma direção e agem em outra. Elas buscam as recompensas. A revista The Economist traz um exemplo curioso: “Uma aquisição no Reino Unido mostra que os acionistas ainda mandam nas corporações: falar da importância dos stakeholders é apenas isso. Em 20 de setembro, a Philip Morris International (PMI), gigante fabricante de cigarros, anunciou que havia convencido mais de três quartos dos acionistas da Vectura, empresa farmacêutica britânica, a apoiar seu plano de aquisição. Assim, uma fabricante de inaladores projetados para combater doenças respiratórias em breve será integralmente controlada por uma empresa cujos produtos

frequentemente as causam."[64] Um exemplo entre tantos: você não está expandindo a produção, você está expandindo o controle.

Tenho uma relação próxima com a padaria do meu bairro. O padeiro como produtor, eu como consumidor.Uma relação direta e clara. Mas é essencial compreender a cadeia de responsabilidade radicalmente mais longa entre o consumidor e as decisões corporativas de alocação de recursos. No topo, temos as gigantes da gestão de ativos. Elas estão vinculadas a holdings que controlam os produtores efetivos de bens e serviços, exigindo a maximização de dividendos. A maximização de curto prazo imposta pelos gestores de ativos influencia os produtos e preços, e impacta o consumidor — com pouco retorno.

No topo, os gestores de ativos, com seus computadores, algoritmos e IA, sabem pouco sobre as necessidades sociais, e o consumidor, na base, não tem ideia de quem controla todo o sistema. A pirâmide do processo decisório dilui a responsabilidade. Alimentos ultraprocessados são ruins para os consumidores e geram obesidade, entre outros problemas. Mas são mais baratos, impulsionados pelo marketing, e vendem. Outro conjunto de atividades é estimulado, em hospitais e na indústria farmacêutica, com o Ozenpic e similares. Temos, portanto, uma indústria alimentar gerando problemas de saúde e outra indústria farmacêutica para consertar esses problemas, lucros para os gigantes nos diferentes níveis da pirâmide do processo decisório, tudo isso em vez de simplesmente produzir alimentos saudáveis. E isso aumenta o PIB. No topo, a renta extraída é colocada em paraísos fiscais. Eles nem sequer pagam impostos para cobrir os custos de saúde que geram. A interdependência entre produtor e consumidor, mediada por ‘mercados livres’, é turva.

A questão fundamental é que criar um desastre sistêmico é mais lucrativo do que seguir as demandas básicas de sustentabilidade a longo prazo, e o dinheiro simplesmente flui para onde paga mais. Mercados descontrolados, o que significa responsabilidade diluída, em tempos de gigantes corporativos e tecnologias de impacto massivo, dinheiro imaterial e negociação de alta frequência, estão criando o caos. Um novo acordo global já deveria ter sido feito há muito tempo. Que seja verde também. Do jeito que está, a transgressão *(wrongdoing)* está recebendo as melhores recompensas.

---

[64]The Economist, 25 de setembro de 2021 - *A takeover in Britain shows shareholders still rule the corporate roost:Talk of the importance of stakeholders is just that* - https://www.economist.com/business/2021/09/23/a-takeover-in-britain-shows-shareholders-still-rule-the-corporate-roost?utm_campaign=the-economist-today&utm_medium=newsletter&utm_source=salesforce-marketing-cloud&utm_term=2021-09-28&utm_content=article-link-6&etear=nl_today_6

12 - Política desamparada e economia desgovernada

Enfrentamos os dramas ecológicos, a explosão da desigualdade, a erosão da democracia, o caos financeiro. Mas o verdadeiro problema é a falta de capacidade de governança para enfrentá-los. É a máquina de solução de problemas que está quebrada.

"The government was irrevocably in the hands of the prodigiously rich and their hangers on, the suffrage had become a mere machine, which they used as they chose."
Mark Twain[65]

O processo geral de decisão que chamamos de política está ultrapassado e não corresponde aos desafios que enfrentamos. Enfrentamos finanças globais e operações online de alta frequência (*high-frequency trading*) com políticas em escala nacional, e o dinheiro global é escorregadio demais para ser assim regulado. Enfrentamos mudanças climáticas globais, mas não temos capacidade de governança global. O oligopólio de comunicação do GAFAM[66] funciona livremente. O que temos são reuniões e promessas. Promessas pertencem ao longo prazo, 2030 ou 2050, mas os políticos têm vida curta e basicamente prometem o que outros terão de entregar. Os governos têm o poder formal, mas as corporações têm os meios, incluindo a eleição de outros governos. A política deve ser organizada para o bem comum, responsiva às demandas da população, mas a população está em grande parte desinformada, sobrecarregada com marketing político e comercial que atinge as entranhas, não o cérebro. O mundo está em plena revolução digital, a governança está estagnada em tempos analógicos.

O dinheiro costumava ser ouro e prata de verdade, guardados em cofres. Atualmente, é apenas um sinal virtual em computadores. O gigantesco cofre de aço do que era o Banespa, em São Paulo, hoje foi convertido em bar exótico. O dinheiro de papel representa apenas 5% da chamada liquidez; o restante é dinheiro virtual. Como uma notação eletromagnética, ele pode circular pelo mundo em segundos, gerando enorme volatilidade e uma perda impressionante de controle. A regulamentação financeira deveria colocar alguma ordem nos fluxos, mas como o espaço virtual é global e o espaço de governança é nacional, o que temos é o caos financeiro. Temos discussões sobre ESG e discurso político sério, mas o dinheiro pertence a outro mundo. A revista The Economist apresenta um número importante: "A parcela dos lucros estrangeiros das multinacionais americanas registrada em paraísos fiscais aumentou de 30% há duas décadas para cerca de 60% hoje."[67] Se você não tem informações sobre os fluxos de dinheiro, não há como mapear responsabilidades. E se você não governa o dinheiro, que representa a capacidade de definir e financiar prioridades, o que você está governando?

A economia produtiva está sendo drenada. O investimento produtivo está repleto de riscos, e é preciso disputar seu espaço no mercado, organizar o processo produtivo, recrutar gerentes e trabalhadores, verificar patentes e enfrentar regulamentações. Não é de se surpreender que, como

---

[65] *"O governo estava irrevogavelmente nas mãos dos prodigiosamente ricos e seus parasitas, o sufrágio tornou-se uma mera máquina, que eles usavam como bem entendiam."*. Mark Twain, *Outlines of History*. Tradução nossa.
[66] GAFAM é o acrônimo de gigantes da Web: Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft.
[67] Economist, 2 de junho de 2021 -*Twilight of the tax haven*- https://www.economist.com/finance-and-economics/2021/06/01/twilight-of-the-tax-haven

o investimento financeiro rende mais que o investimento produtivo e exige muito menos esforço, o dinheiro vai para a especulação. O The Guardian tenta definir diretrizes para o próximo governador do banco central britânico: “Os bancos investem dinheiro para aumentar o valor de ativos preexistentes, apenas £1 em cada £10 que emprestam é destinado a apoiar empresas não financeiras. O próximo Governador deve considerar seriamente a introdução de medidas para desviar o crédito da especulação para atividades produtivas.”[68] O que devemos considerar é se os governos têm o poder correspondente, ou o interesse correspondente, considerando como são eleitos, e o fato que em geral eles também são donos de aplicações financeiras.

Finanças não são um "setor", são uma dimensão de todas as nossas atividades econômicas. Essa notação virtual dá ao detentor o poder de decidir se financia saúde ou educação, ou se financia a eleição de um candidato político, ou se compra opções nos mercados de derivativos na esperança de que os preços do petróleo subam ou desçam, de acordo com suas apostas. Ativos privados superam ativos públicos e estão dissociados de restrições como necessidades sociais e ambientais. “Os humanos ainda definem as regras que os computadores seguem. Mas a inteligência artificial está borrando essa distinção. Computadores gerenciam portfólios de investimentos oferecendo ‘fundos negociados em bolsa’ baratos, que automaticamente acompanham índices de ações e títulos. Isso tem sido tão bem-sucedido que os três grandes — BlackRock, Vanguard e State Street — hoje gerenciam US$ 19 trilhões em ativos, cerca de um décimo dos valores mobiliários mundiais... Os mercados deveriam alocar capital com eficiência. Mas claramente não o fazem.”[69]

Wolfgang Streeck resume isso numa comparação muito útil entre o “estado cidadão”, que representa o que pensamos ter, e o “estado de mercado”, que representa as novas engrenagens do processo de decisão política:[70]

---

[68]The Guardian - *Next Bank of England governor must serve the whole of society* - 4 de junho de 2019 https://www.theguardian.com/business/2019/jun/04/next-bank-of-england-governor-must-serve-the-whole-of-society

[69] The Guardian – Editorial 21 de março de 2021 – The Guardian View on Financial Failures - https://www.theguardian.com/commentisfree/2021/mar/21/the-guardian-view-on-finance-failures-manmade-errors-amplified-by-machines

[70]Wolfgang Streeck, *Buying time* –Verso, Londres 2014 – https://outraspalavras.net/sem-categoria/democracia-e-capitalismo-divorcio-definitivo/

Estado do cidadão	Estado do mercado
Nacional	Internacional
Cidadãos	Investidores
Direitos Civis	Direitos Contatuais
Eleitores	Credores
Eleições (periódicas)	Leilões (contínuos)
Opinião Pública	Taxas de Juros
Lealdade	“Confiança”
Serviços Públicos	Serviço da Dívida

É claro que um é financiado por impostos, o outro por ativos privados e crédito. Um governo, portanto, depende de "dois ambientes que impõem demandas contraditórias ao seu comportamento" (p. 80). E isso certamente se aplica às corporações financeiras. A revista The Economist apresenta números do Crédit Suisse, uma grande gestora de ativos, hoje controlada pelo UBS: “Os novos ativos líquidos em gestão de patrimônio em todos os territórios têm crescido cerca de 5% ao ano, e os lucros, 15%.”[71] O crescimento do PIB mundial, a produção efetiva de bens e serviços, fica em torno de 2,5%, se excluirmos a China. Ganhar dinheiro está na gestão do dinheiro, e não na produção de bens e serviços. Quando o presidente eleito dos EUA entra no Salão Oval, ele descobre que não está sozinho: muitos assentos já estão ocupados. E a maior parte do dinheiro já está destinada. No caso do Donald Trump, são os amigos de sempre.

De acordo com relatórios da FAO, a agricultura produz alimentos suficientes para 12 a 14 bilhões de pessoas, enquanto estamos perto de um bilhão de pessoas sofrendo de fome crônica.[72] Nós, humanos, perdemos ou desperdiçamos cerca de um terço dos alimentos que produzimos. É uma quantidade impressionante, além de ser um absurdo moral. A maior parte desse alimento desperdiçado acaba em aterros sanitários, onde apodrece, produzindo gases de efeito estufa. Pode-se dizer que estamos cozinhando o planeta em vez da nossa comida.[73] Mais uma vez, nosso

[71]The Economist – 24 de agosto de 2019**-** *Tidjane Thiam's overhaul of Credit Suisse is paying off* - https://www.economist.com/finance-and-economics/2019/08/22/tidjane-thiams-overhaul-of-credit-suisse-is-paying-off?cid1=cust/dailypicks1/n/bl/n/20190827n/owned/n/n/dailypicks1/n/n/EU/299052/n

[72] FAO –*Um Mundo sem Fome* - https://thetricontinental.org/pt-pt/newsletterissue/cartasemanal-40-um-mundo-sem-fome

[73] New Scientist Daily, 27 de setembro de 2021

problema não é econômico, no sentido de falta de recursos, é um problema de organização política e social. Isso não é política; é o caos da ganância descontrolada.

Thomas Piketty nos lembra que “a desigualdade é basicamente uma construção social, histórica e política”, o que significa que está em nossas mãos, não é uma fatalidade: “A democracia representativa é apenas uma das formas imperfeitas de participação política; as desigualdades de acesso à educação permanecem abissais; a tributação progressiva e a redistribuição devem ser inteiramente reconsideradas nas escalas doméstica e transnacional; a partilha do poder nas empresas está nos primeiros passos; a propriedade da quase totalidade dos meios de comunicação por alguns oligarcas dificilmente pode ser considerada a forma máxima de liberdade de imprensa; o sistema jurídico internacional, baseado na circulação de capital sem controle, sem objetivos sociais ou climáticos, assemelha-se, na maioria das vezes, ao neocolonialismo em benefício dos mais ricos.”[74]

A questão fundamental não é apenas que temos problemas, mas que não temos as ferramentas para enfrentá-los. O desastre climático não é novo. A demonstração científica de como os gases de efeito estufa impactam o clima data de meados do século XIX. Foi preciso chegar a 1972 para que o primeiro alarme fosse acionado em Estocolmo, mais vinte anos para que uma Convenção do Clima fosse aprovada na Cúpula do Rio em 1992, um alarme mais estridente na Conferência Rio+20 e na Cúpula de Paris em 2015, prometendo ações concretas e US$ 100 bilhões por ano para ajudar a financiar o controle climático. Não só o financiamento não foi concluído, como a soma representa cerca de 200 vezes menos do que os recursos financeiros ocultados em paraísos fiscais por corporações legais. Não é de surpreender que a conferência de Glasgow em 2021 tenha declarado ser "a última chance" para a humanidade. A COP de Belém em 2025 é mais uma esperança, mas são tantos anos de reuniões. Estamos avançando lenta e seguramente em direção a um desastre global, apesar de termos todas as informações, tecnologias e recursos financeiros para evitá-lo. A ganância é estúpida. Mas é o processo decisório no seu conjunto que é travado.

É importante entender que o dinheiro digital, na forma de dívida ou papéis financeiros de qualquer tipo (ainda os chamamos de "papéis"), permite uma drenagem capilar profunda dos bolsos de qualquer pessoa em todo o mundo. O preço das casas e dos aluguéis é apenas um exemplo de como as grandes corporações assumem o controle de nossos lares: "Os maiores nomes são bem conhecidos. A BlackRock e o negócio de gestão de ativos do JPMorgan Chase estão na corrida entre compradores. A KKR, uma empresa de private equity, está construindo uma nova entidade de locação de imóveis unifamiliares nos Estados Unidos. As somas envolvidas estão aumentando rapidamente. Estima-se que US$ 87 bilhões em dinheiro institucional entraram no mercado de aluguel de imóveis nos Estados Unidos durante o primeiro semestre deste ano, de acordo com a Redfin, uma corretora residencial. Cerca de 16% das casas unifamiliares à venda foram compradas por investidores no segundo trimestre, acima dos mais de 9% do ano anterior. Uma mudança semelhante está em andamento na Europa, onde empresas como Goldman Sachs, Aviva e Legal & General estão entrando no mercado. O Lloyds Banking Group, o maior credor hipotecário da Grã-Bretanha, também está se movendo para o mercado

[74] Thomas Piketty –*Une brève histoire de l'égalité* – 2021 - pág. 24 - http://piketty.pse.ens.fr/files/Piketty2021Extraits.pdf

imobiliário com a meta de comprar 50.000 casas na próxima década. Isso pode torná-lo o maior locador do país."[75] Os futuros inquilinos serão fonte permanente de drenagem financeira.

A dívida de saúde nos EUA obedece a um processo semelhante: “Um em cada cinco americanos, hoje, estão em cobrança por dívidas médicas. Recebendo ligações telefônicas de assédio dia e noite. Tendo suas contas correntes penhoradas, seu crédito e a capacidade de conseguir um novo emprego arruinados por anos ou décadas. Uma em cada cinco pessoas nos Estados Unidos. E a vida de cada uma delas virou de cabeça para baixo porque elas ou seus filhos adoeceram. Somos o único país desenvolvido do mundo que faz isso com seus cidadãos, e a única razão pela qual fazemos isso é para que as pessoas como Bill McGuire, ex-CEO da United Health, possam sair com, literalmente, um bilhão de dólares.”[76]A crise da dívida estudantil é apenas mais uma dimensão da drenagem financeira.

Qualquer pessoa que pegue um táxi em São Paulo, Uber, é claro, contribui com alguns reais para enormes fortunas a milhares de quilômetros de distância. Manuel Castells menciona os "sistemas de micropagamento cada vez mais sofisticados" que chegam a qualquer bolso em qualquer parte do mundo, sem precisar produzir bens ou gerar empregos.[77] E se você pagou com cartão Visa, parte do seu pagamento vai parar nas mãos dos gestores financeiros, que cobram pedágio de intermediação.

A Visa tem uma taxa de lucros da ordem de 55% ao ano.[78] E os lucros por sua vez migram para paraísos fiscais, como vimos com os Pandora Papers ou os ProPublica Papers. Os exemplos abundam, e a questão é que estamos perdendo o controle. Há muito tempo discutimos se o planejamento ou o livre mercado seriam melhores para regular a economia. O planejamento foi proibido, exceto na China, no Vietnã e em alguns países europeus. O que chamamos de "mercados" é, na verdade, uma rede de gigantes corporativos, intermediando dinheiro, comunicação, informação e dados pessoais. Na arena global, não temos planejamento nem mercados, apenas força. E o mundo está à deriva.

---

[75] Economist, 25 de setembro de 2021 –*Beware the backlash as financiers muscle into rental property*- https://www.economist.com/finance-and-economics/2021/09/25/beware-the-backlash-as-financiers-muscle-into-rental-property

[76] Truthout - 22 de julho de 2021 - *Nearly One in Five Americans Are in Collections for Medical Debt* https://truthout.org/articles/quase-um-em-cada-cinco-americanos-está-em-cobranças-por-dívidas-médicas/?eType=EmailBlastContent&eId=fefbb67d-6dd6-4305-9a32-0d9cd14d4178

[77]Manuel Castells – *Communication Power* – Oxford U.P., 2009, p. 82

[78] É muito útil buscar Visa na Wikipédia em inglês, para ver como é controlado o sistema que permite microdrenagens permanentes das nossas atividades econômicas. O artigo apresenta os gigantes financeiros por trás da marca. A Wikipédia em português apresenta apenas um pequeno resumo. A guerra dos americanos contra o Pix é compreensível: permite-nos escapar do pedágio.

13 - Um tempo de responsabilidade diluída

O equilíbrio entre o interesse pessoal e o bem comum é profundamente falho. Muitos de nós, no entanto, temos que engolir e aceitar isso, pois precisamos ganhar a vida. À medida que a moral das corporações se desvia para a maximização dos lucros de curto prazo, com o uso de IA e algoritmos, parece que o que estamos fazendo é "técnico". Não é, é um golpe moral.

"A quest for freedom and dignity withheld by a corrupted social order"[79]
Ron Powers, *Mark Twain: A Life* - p.494

"A society of corporate economic misadventure and crime will not usefully survive and serve."[80]
J.K. Galbraith – *The Economics of Innocent Fraud* – p.53

Escrever sobre economia deve constituir um exercício frio e distante, com forte pretensão de objetividade. Gunnar Myrdal, famoso por seu estudo sobre racismo nos Estados Unidos, *The American Dilemma* (*O Dilema Americano),* escreveu um ensaio importante sobre *Objetividade na Pesquisa Social.* Seu principal argumento era que, em vez de fingir a ausência de valores subjacentes, que todos nós temos, é muito melhor, para a objetividade e o bem do leitor, declará-los claramente. Assim, os valores subjacentes *a priori* que sustentam os argumentos tornam-se transparentes. Uma enorme quantidade de pseudociência, construída sobre suposições fracas ou falsas, mas, em todo caso, ocultas, pode ser evitada. A economia, mais do que outras ciências sociais, está inundada de argumentos fortes, mas baseados em suposições absurdas, e justificando interesses. O edifício parece sólido, os argumentos são sofisticados, mas tudo é construído sobre lama. O uso extensivo de modelos matemáticos complexos ajudou a economia a escapar com fraudes descaradas, confiando na dificuldade que os leitores teriam para acompanhar os argumentos.

Economia não é uma ciência, é uma composição complexa de argumentos correspondentes a interesses diferentes e frequentemente excludentes. *Cui bono?* – ou seja, a quem aproveita, é a pergunta que devemos nos fazer sempre que pegamos um livro sobre economia, porque estamos essencialmente falando de política disfarçada: mais do que análises objetivas, o que encontramos principalmente é justificativa, ou o que atualmente chamamos de "narrativas", destinadas a convencer o leitor de que o que coincide com um interesse particular é, de fato, bom para todos. A questão aqui é fazer com que as diferentes partes inseridas nos processos econômicos se

[79] *"Uma busca por liberdade e dignidade travada por uma ordem social corrompida".* Tradução nossa.
[80] "*Uma sociedade de desventuras econômicas corporativas e crimes não sobreviverá e não servirá de forma útil*." Tradução nossa. A leitura desse texto bem humorado de Galbraith, se referindo à barbárie como "fraudes inocentes", é particularmente instrutiva.

sintam confortáveis com a ideia de que servir a uma corporação e receber os salários ou bônus é bom não apenas para elas, mas também para o bem comum. Podemos dormir tranquilos.

John Kenneth Galbraith descreve essa auto-ilusão, referindo-se ao "prazer que pode ser encontrado na identificação de crenças egoístas e absurdos inventados".[81] Assim, venderam-nos a ideia de um mecanismo impessoal, "os mercados", que nos poupa o trabalho de identificar quem está a gerar o caos social, ambiental e econômico que enfrentamos. "Nehuma empresa individual, nenhum capitalista individual, é hoje considerado como tendo poder; que o mercado está sujeito a uma gestão qualificada e abrangente não é mencionado nem mesmo na maioria dos ensinamentos econômicos. Eis a fraude. Outro nome para o sistema soa persuasivo aos olhos e aos ouvidos: o 'Sistema Corporativo'. Ninguém pode duvidar de que a corporação moderna é uma força dominante na economia atual, e certamente o é nos Estados Unidos. No entanto, alusões a ela são usadas com cautela ou mesmo não são usadas. Amigos e beneficiários sensíveis do sistema não desejam atribuir autoridade definitiva à corporação. Melhor a referência benigna ao mercado."(9)

Uma vez que ultrapassamos a fachada abstrata dos "mercados", temos corporações reais, com enorme poder financeiro e político, e praticamente nenhuma regulamentação. Como se sente uma pessoa que trabalha para essas corporações? Ela compreende o impacto sistêmico daquilo para o que está contribuindo? Luyendijk, que estudou como as pessoas avaliam suas atividades no ambiente especulativo financeiro da City de Londres, apresenta uma visão aguçada de como as pessoas tentam conciliar seus interesses pessoais com o que não podem deixar de saber sobre as consequências. "Por que um gerente de risco ou responsável por conformidade daria o alarme nesse ambiente? Por que não enganar o cliente, se tudo é perfeitamente legal e você está sob imensa pressão para 'performar'?"[82](154)

Esta é a questão-chave: somos milhões em todo o mundo carregando interesses corporativos nas costas, gerando lucros que estão aprofundando crises financeiras, sociais, ambientais e políticas. Como é que os funcionários, e em particular os profissionais, frequentemente altamente qualificados e com pleno conhecimento do que fazem, se sentem neste profundo divórcio entre a aspiração legítima de garantir uma vida confortável e digna para as suas famílias e a consciência de que os interesses que servem estão gerando um desastre social e ambiental?

Os dramas são óbvios demais para serem ignorados. Sabemos atualmente como foi gerado o desastre da BP no Golfo do México, como as corporações marítimas lavam seus tanques contaminados em alto-mar, quão disseminada está a sobrepesca nos oceanos do mundo, como a fraude farmacêutica se generalizou, compreendemos o golpe financeiro que levou ao desastre da dívida estudantil, a fraude da Euribor envolvendo praticamente todos os grandes bancos, a Enron criando mais de 1.500 empresas fictícias para encobrir prejuízos, a fraude de informações da Volkswagen sobre emissões de veículos – esta lista poderia se estender por centenas de páginas.

---

[81] J.K. Galbraith –*The Economics of Innocent Fraud*– Houghton Mifflin, Boston, 2004 -https://dowbor.org/2004/11/a-economia-da-fraude-inocente.html

[82] Joris Luyendijk –*Swimming with sharks : my journey into the world of the bankers*– Guardian Books, Londres, 2015 https://dowbor.org/2016/12/joris-luyendijk-nadando-com-tubarões-minha-jornada-no-mundo-dos-banqueiros-livros-do-guardian-londres-2015.html

Basta escrever o nome de qualquer grande corporação junto com a palavra *settlements,* (acordos extra-judiciais) na internet para ver o quão fundo o mundo corporativo está na ilegalidade, e muito mais em atividades ilegítimas no limite da legalidade.

Com o *settlement* pago em dinheiro, a empresa não precisa admitir culpa e os negócios seguem em frente. Já ouviu falar de oxicodona? Quanto tempo levou para a indústria do tabaco admitir que sabia da ligação com o câncer? As empresas desconheciam o impacto das mudanças climáticas? Ou o impacto a longo prazo do plástico? A contaminação de rios e aquíferos? A calamidade da obesidade resultante de alimentos não saudáveis, atingindo 35,5 milhões de crianças em 2025? Os 750 milhões de pessoas que passam fome no mundo (cerca de 25% delas crianças) devido à má gestão alimentar? O Brasil tinha em 2022 55% de sua população em situação de insegurança alimentar, enquanto produz mais de 4 quilos de grãos por pessoa por dia. Não sabemos para onde está indo tanta comida? Como, por exemplo, para virar "combustível limpo" para carros?

Podemos compreender a diluição da responsabilidade no contexto da *high-frequency trading* mencionada, com computadores e algoritmos no setor de gestão de ativos injetando dinheiro onde o retorno é maximizado, independentemente das questões ambientais, sociais e de governança, porque o dinheiro, da forma como é gerido, simplesmente flui para onde os retornos são maximizados, e os modelos de gestão são construídos para maximizar o retorno sobre o investimento (ROI), não o Retorno Social sobre o Investimento (SROI, como a New Economics Foundation o propõe). A dimensão do desastre planetário resultante é atualmente conhecida por tantos relatórios, e todas as grandes corporações proclamam seu compromisso ESG, mas estamos estagnados em uma corrida autopropulsora para o fundo do poço. Como vimos, a Conferência COP26 de Glasgow recomendou um apoio de US$ 100 bilhões para o desafio climático, mas isso é 200 vezes menos do que os US$ 20 trilhões que a The Economist estima que as corporações têm em paraísos fiscais. Será que os profissionais de todas essas corporações não sabem para que estão contribuindo? Até onde pode ir a diluição de responsabilidade, a indiferença, o auto-engano?

Temos boas intenções, mas aparentemente não temos noção do funcionamento real dos interesses corporativos. John Gerard Ruggie, após anos de negociação com empresas para que adotassem um compromisso básico de respeito aos direitos humanos, mostra o verdadeiro processo de tomada de decisões corporativas em seu livro de 2013, *Just Business: multinational corporations and human rights (Apenas negócios: corporações multinacionais e direitos humanos.)*[83] Esses desastres mundiais são provocados por pessoas perfeitamente informadas sobre o impacto de suas decisões. Jean Ziegler chocou os suíços bem-intencionados ao escrever: *La Suisse lave plus blanc (A Suíça lava mais branco),* um relatório sobre como os bancos suíços organizam lavagem de dinheiro em larga escala. Os chefões do cartel colombiano ou mexicano são os únicos culpados?

Shoshana Zuboff escreveu uma análise detalhada sobre *A Era de Capitalismo de Vigilância (The Age of Surveillance Capitalism),* mostrando como as corporações drenam, organizam e vendem

[83]John Gerard Ruggie -*Just Business: multinational corporations and human rights*–W. W. Norton, Nova York, 2013

informações privadas, levando a uma sociedade "na qual o capitalismo não funciona como meio para instituições econômicas ou políticas inclusivas. Em vez disso, o capitalismo de vigilância deve ser considerado uma força social profundamente antidemocrática".[84](513) Não há onde se esconder, e os poucos delatores que ousaram denunciar as ilegalidades estão detidos ou escondidos. Os delatores, não os criminosos. Os departamentos de *compliance* são exatamente o que as corporações esperam que sejam: *compliant*. Todas essas corporações são geridas por profissionais altamente qualificados e bem informados.

Carolyn Nordstrom, em seu estudo sobre *The Global Outlaws (Os bandidos globais),* mostra quão mal definidas são as fronteiras entre o crime e as atividades sofisticadas — e muito mais disseminadas — de legalidade duvidosa: "Está muito mais claro agora, depois da Enron, WorldCom, Xerox (assim como de uma série de outras grandes corporações como Adelphia Communications, Qwest Communications, Peregrine Systems, Dynegy, Imclone, Tyco International, Global Crossings), como práticas ilegais podem permear as instituições econômicas mais respeitadas. Na minha experiência, poucas pessoas se consideram moralmente comprometidas. De torturadores a criminosos, de elites corruptas a aproveitadores ilegais, as pessoas elaboram explicações que suavizam suas ações até torná-las aceitáveis."[85] Ela cita Joseph Stiglitz sobre "as habilidades que o capitalismo corporativo americano demonstrou tão amplamente: corrupção em uma escala quase incompreensível. Envergonham os pequenos burocratas que roubaram alguns milhares ou até milhões. Os números nas fraudes da Enron, WorldCom e outras são de bilhões — maiores que o PIB de muitos países."

John Perkins, em seu *Confessions of an economic hit-man* (*Confissões de um assassino econômico),* mostra em detalhes como ele negociou contratos internacionais com números falsos, contribuindo para enormes lucros para empresas como a Halliburton e outras gigantes, ao mesmo tempo em que quebrava o equilíbrio financeiro em países em desenvolvimento.[86] Até onde vai o *just business,* apenas negócios? A crescente fortuna financeira dos bilionários durante a pandemia de Covid-19 certamente desempenhou um papel importante na deformação sistêmica do capitalismo, mas precisamos considerar todo o processo de decisão, a solidariedade corrompida, uma mão lavando a outra, a evasão de responsabilidades, já que há tantos ombros. Uma excelente série *Dinheiro sujo,* por Alex Gibney, mostra abertamente como muitos golpes são criados por nomes conhecidos na linha de frente, como Wells Fargo e muitos outros.[87]

As pessoas estão lentamente aprendendo a atribuir responsabilidades a quem elas realmente pertencem. Sentindo a pressão, as corporações têm proclamado sua adesão aos princípios ESG, como na 2018 Business Round Table letter (carta da Mesa Redonda Empresarial de 2018), assinada por 181 grandes corporações americanas, afirmando que "embora cada uma de nossas empresas sirva ao seu próprio propósito corporativo, compartilhamos um compromisso

---

[84]Shoshana Zuboff –*The Age of Surveillance Capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power* PublicAffairs, Nova York, 2019.

[85]Carolyn Nordstrom – *Global outlaws: crime, money and power in the contemporary world* – University of California Press, Berkeley, 2007

[86]John Perkins – *Confessions of an economic hit-man* - Berrett-Koehler, New York, 2004 - https://dowbor.org/2005/01/confessions-of-an-economic-hit-man-confissoes-de-um-agressor-economico-250-p.html

[87]Alex Gibney –*Dinheiro sujo* –2020

fundamental com todos os nossos stakeholders", para "promover a diversidade e a inclusão, a dignidade e o respeito", bem como "apoiar as comunidades em que trabalhamos. Respeitamos as pessoas em nossas comunidades e protegemos o meio ambiente adotando práticas sustentáveis em todos os nossos negócios". O fato de tantas corporações precisarem afirmar o que seria óbvio para qualquer cidadão, para não mencionar as empresas, respeitar, dá uma boa medida do quão longe avançamos. Mais de 100 bancos assinaram uma declaração semelhante. Você pode consultá-los no meu artigo *A Derailed Economy (A economia desgovernada)*, disponível online.[88] E vemos a sucessão de COPs, conversa e mais conversa. Porque o poder está com as corporações.

Como demonstramos em outros capítulos, nosso problema não é a falta de recursos. Uma redução muito moderada da desigualdade seria suficiente para garantir uma vida digna e confortável a todos. Não é caridade, é um piso para permitir que as pessoas tenham a chance de construir suas vidas. Temos os recursos financeiros, a tecnologia, sabemos o que precisa ser feito e temos alguns princípios morais. Os milhões de crianças que morrem de fome todos os anos são responsáveis por este sistema? Quem é o responsável?

Por quanto tempo nós, economistas, engenheiros, advogados, arquitetos, administradores e tantos outros profissionais, toleraremos o uso de nossa expertise técnica para fins estúpidos, ainda que lucrativos? Não há contradição necessária entre um salário razoável e uma consciência tranquila. O sistema é manipulado.

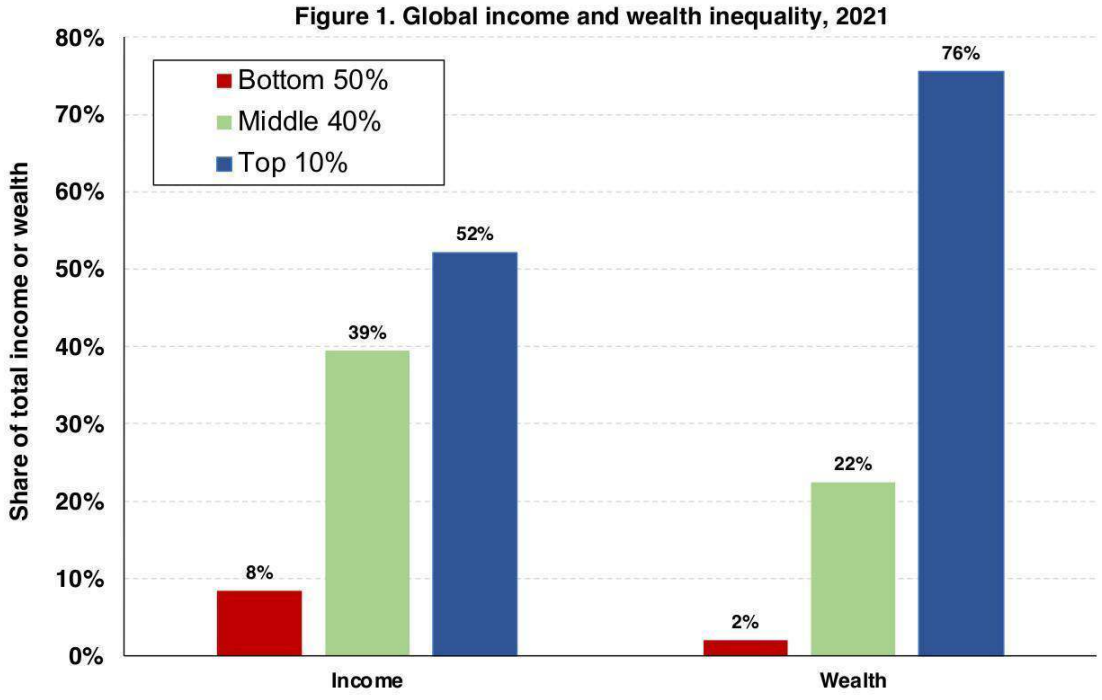
[88]Ladislau Dowbor – *A economia desgovernada* – 2020, publicada inclusive pelo Vaticano, no quadro do movimento *Economia de Francisco* - https://dowbor.org/2020/08/l-dowbor-a-derailed-economy-august-2020-18p.html

14 - O custo emocional da desigualdade

A questão da desigualdade vai muito além da pobreza e da falta de acesso a bens e serviços básicos. Trata-se também do sentimento de desigualdade, da humilhação e da frustração de ser excluído da tendência principal, de ser privado de oportunidades, de ver seus filhos travados no seu progresso.

A desigualdade está explodindo no mundo. Atualmente, temos todas as estatísticas necessárias sobre nossos dramas globais. Trata-se de desigualdade dentro dos países e entre os países. Desigualdade de renda e também de riqueza. Mais recentemente, temos estudos sobre a desigualdade educacional, que ganha importância nesta era centrada no conhecimento. O *Human Development Reports* (*Relatório de Desenvolvimento Humano)* apresenta dados multidimensionais sobre desigualdade. Uma pesquisa global também significativa do Banco Mundial, *Voices of the Poor (Vozes dos Pobres),* mostrou que os pobres tendem a permanecer pobres, porque não se trata de falta de iniciativa, mas de oportunidades. Bilhões estão presos na armadilha da pobreza resultante da desigualdade estrutural. No que diz respeito ao nosso futuro como humanidade, este é o nosso principal desafio, diretamente ligado ao desastre ambiental.

Figura 7



Interpretation: The global 50% captures 8% of total income measured at Purchasing Power Parity (PPP). The global bottom 50% owns 2% of wealth (at Purchasing Power Parity). The global top 10% owns 76% of total Household wealth and captures 52% of total income in 2021. Note that top wealth holders are not necessarily top income holders. Incomes are measured after the operation of pension and unemployment systems and before taxes and transfers. **Sources and series:** wir2022.wid.world/methodology.

Fonte: https://wir2022.wid.world/executive-summary/ [89]

A figura acima mostra que os 4 bilhões de pessoas na base da pirâmide social têm muito pouco acesso à renda (8% do total), mas um acesso irrisório à riqueza familiar, 2%. Um bilionário com apenas um bilhão investido em títulos com rendimento de 7%, está ganhando cerca de 190 mil dólares por dia, graças ao chamado efeito bola de neve financeiro. Não há necessidade de produzir nada, basta deixar o dinheiro trabalhar. Cortesia do sistema financeiro rentista, BlackRock, Vanguard, State Street, Crédit Suisse/UBS, Goldman & Sachs e similares. É a indústria de gestão de ativos (*asset management*).

A tendência se retroalimenta, já que os pobres não têm possibilidade de gerar condições para melhorar de vida. Os ricos podem melhorar seu acesso à educação e à informação, podem investir em títulos financeiros, comprar casas e evitar o pagamento de aluguel. O excedente de renda pessoal dos ricos permite que eles gerem mais excedentes, enquanto os pobres mal conseguem chegar ao fim do mês. Isso leva a um crescimento exponencial da desigualdade. Temos todas as informações necessárias sobre esse impacto estritamente econômico da desigualdade. Ao que temos prestado menos atenção é como as pessoas se sentem quando se tornam claramente marginalizadas, quando sabem que há um teto baixo em suas vidas e, pior, quando veem seus filhos sem possibilidade de escapar da armadilha.

Vivemos em um mundo conectado. Trabalhei por muitos anos em alguns dos países mais pobres, como consultor de desenvolvimento econômico e social da ONU. Nessas regiões do quarto mundo, as pessoas sofrem com a pobreza, mas não estão isoladas ou desinformadas. De alguma forma, assistem à TV, têm contato com profissionais treinados em hospitais regionais, estão perfeitamente conscientes do abismo social, da possibilidade de uma escola decente para os filhos, de ter um mínimo de conforto. Em muitos casos, isso significa acesso à água potável. A pobreza hoje vem acompanhada da consciência sobre ela.

Na Guiné-Bissau, na África Ocidental, parei meu carro para conversar com um camponês que caminhava descalço por uma pequena estrada de terra. Comentei com ele sobre a seca que assolava a região, perguntando como eles estavam lidando com a situação. Ele olhou para mim, para o jipe, e perguntou o que *nós* íamos fazer a respeito. Para ele, não era a fatalidade do clima, mas a falta de apoio. Por "nós", ele claramente se referia ao sistema, à administração, às diferentes organizações, sabendo bem onde começam as falhas. Como essa pessoa se sente ao ver seus filhos pobres em casa? Os pobres não são uma categoria, são pessoas, com a mesma inteligência e o mesmo potencial para contribuir para a sociedade, e atualmente bastante conscientes da castração social que sofrem. O sentimento de desigualdade é poderoso e um prato cheio para demagogos que espalham o ódio, e para economistas que justificam com “mercados”.

Como é ter vinte anos em Argel e não ter perspectiva de vida, vendo seus irmãos mais velhos na mesma situação, sobrevivendo de empregos informais? A humilhação que vi no Marrocos, com um enxame de homens tentando se vender como guias turísticos por algumas horas: eu mesmo, visitante, não sou mais uma pessoa falando com outras pessoas, apenas uma fonte de dinheiro

[89] WID – *Relatório Mundial sobre a Desigualdade 2022* – Resumo Executivo: https://wir2022.wid.world/executive-summary/

diante de adultos desesperados. No Norte da África, 70% da força de trabalho está no setor informal, uma categoria elegante para dizer que estão apenas se virando. Nos bares, a TV mostra a vida luxuosa do outro lado do Mediterrâneo, as praias de Saint Tropez. Somos um mundo conectado, a prosperidade arrogante é vista em todos os lugares. Conectados e distantes. Em Wall Street eles gritam que a ganância é boa, montados no dinheiro dos outros. Não têm olhos? Ou consciência?[90]

Na Guatemala, em missão para a Unicef, tive uma grande reunião com líderes de organizações comunitárias. Todos muito jovens. Em conversas privadas após a reunião, comentei sobre a falta de líderes mais velhos. Descobri a extensão dos assassinatos cometidos pelas milícias, uma razão simples. Honduras, El Salvador e outros não se saem melhor. A corporação bananeira sobre a qual lemos em *Cem Anos de Solidão,* com seus massacres, se chamava United Fruit — hoje atende pelo nome alegre de Chiquita. Uma marca nova e limpa, para apagar o sangue. Mas as coisas mal mudaram, como se vê nas fronteiras entre o México e os EUA.

A violência, a desigualdade e a pobreza não mudaram, mas a compreensão, sim. As pessoas estão em movimento, em toda parte. Estamos cercando países, construindo muros, colocando mais navios em mares regionais para proteger os 15%, o Norte Gobal. Faz algum sentido? Um traficante de imigrantes comentou com um jornalista francês: "Se vocês investissem em desenvolvimento aqui, não teriam pessoas em suas fronteiras." Quando as pessoas entendem a armadilha, os humores e as atitudes mudam.

Isso tem sido amplamente utilizado por extremistas de direita. Henri Giroux escreveu um artigo aprofundado sobre as transformações nos EUA. "Extremistas de direita redefiniram a noção de liberdade, desconectando-a do bem comum e de qualquer consideração ética, reduzindo-a a um direito individual completamente privatizado. Imitando valores neoliberais, a liberdade agora se refugia em si mesma, reduzida a um egocentrismo quase patológico, cada vez mais hostil ao bem comum, à solidariedade e à responsabilidade social." É um círculo vicioso: desigualdade gera polarização, frustração e violência, o que alimenta políticas cada vez mais dominadas por corporações e gera mais desigualdade. Os pobres votaram em Trump, que alimenta o seu ódio e frustração. Ele reduziu drasticamente os impostos corporativos, não a desigualdade, tanto na primeira como na segunda gestão.[91]

Não se trata estritamente de pobreza, de falta de recursos. Os 50% mais pobres dos Estados Unidos certamente estão em melhor situação do que tantos pobres em países em desenvolvimento. Mas eles sentem o peso da armadilha que os prende. *The trap*. E sentem as armadilhas dos seus jovens, pois estão presos na teia da dívida estudantil que deveria libertá-los. Os jovens têm diploma agora, mas estão presos na rede financeira.

Na década de 1970, Vasco Cabral me convidou para ajudar a construir um plano de desenvolvimento para a Guiné-Bissau. Quando perguntei quanto me pagaria, ele disse que meu

---

[90]É importante ler o livro de John Ruggie, *Just Business: multinational corporations and human rights* – W.W. Norton, New York, 2013

[91]Henrique Giroux - *Right-Wing Authoritarianism and the Crisis of Education* – CounterPunch, December 16, 2021 https://www.counter punch.org/2021/12/10/right-wing-authoritarianism-and-the-crisis-of-education/

salário seria maior que o dele. Compreendi o que ele queria dizer e aceitei o salário de 300 dólares por mês. Mas estávamos construindo um futuro, uma escada econômica e social para um país que se libertava do colonialismo. Tínhamos esperança e a sensação de construir um futuro. Condições econômicas modestas, mas não uma armadilha. Os pobres em todo o mundo não são apenas pobres, eles estão presos. Uma placa do lado de fora de um parque em Joanesburgo, em 1971, restringe seu uso: "Este gramado é para uso exclusivo de mães europeias com bebês nos braços". As mulheres negras que passavam por ali não teriam permissão para entrar no gramado. Com o movimento Black Life Matters, estamos muito longe desse embate?[92]

Cerca de 300 milhões de pessoas no mundo vivem da pesca costeira, utilizando pequenos barcos e redes, alimentando suas populações. Observam ansiosamente os enormes navios pesqueiros modernos, de diferentes países, com suas redes quilométricas que varrem os mares descartando a pesca acessória, mantendo apenas as espécies mais caras, destruindo não apenas as atividades pesqueiras de pequena escala, mas também a fonte de proteína para muitos. Da costa ou de seus barcos, observam quão eficiente e destrutiva a modernidade pode ser. A sobrepesca está destruindo a vida nos mares, temos reuniões e relatórios internacionais, mas o processo simplesmente continua. As corporações estão capturando peixes sem precisar repovoar (*breed*). É política de "pegar tudo" (*grab-it-all policy*). Bem, agora temos a piscicultura, também interesses corporativos, mas eles precisam pescar outras espécies para alimentar as fazendas de peixes (*fish farms*). Outro desastre ambiental, altos lucros para poucos e um enorme sentimento de raiva e impotência nas costas ao redor do mundo. Os japoneses retomaram a caça às baleias, citando "tradições".

Os custos militares da guerra no Afeganistão foram estimados em US$ 2,3 trilhões. Isso equivale a US$ 315 milhões por dia, durante 20 anos. O resultado é um desastre econômico, social e político, centenas de milhares de mortes, o país nas mãos do Talibã e a fome atingindo 9 milhões de pessoas. Podemos imaginar o que poderia ter sido feito com todo esse dinheiro em desenvolvimento social, cultural e econômico, com R$1,8 bilhão por dia? Daria para financiar inúmeros hospitais, escolas, tecnologia para os pequenos produtores. Não seria mais eficiente em termos políticos? Para os EUA, isso é política ou catarse emocional, a boa sensação de vingança? Não podemos entender o fundamentalismo islâmico sem a humilhação de tantas pessoas ao longo de um século, desde o Acordo Sykes-Picot em 1916 e tantas intervenções desastrosas em tantos países. Será que o Ocidente acreditará que o mundo islâmico não estuda história? O Irã não esquece Mossadegh.

Feridas emocionais não se curam com mais violência, e a desigualdade é uma força: tantas comunidades humilhadas recorrem ao único denominador comum que têm, o islã, neste caso lido por olhos revoltados. Chegou nossa vez de aprender a ler as humilhações, entender os impactos profundos da desigualdade e construir políticas que devolvam dignidade. Temos os meios e a inteligência, mas usamos bombas. As imagens de tortura em Abu Ghraib foram vistas em todo o mundo islâmico, mais de um bilhão de pessoas. Todos sabem sobre Guantánamo. É isso que vai tornar a América grande de novo?

---

[92]Alistair Boddy-Evans - *Apartheid Era Signs* – ThoughtCo – 3 de julho de 2019 -https://www.thoughtco.com/apartheid-signs-image-gallery-4122664

A questão central é que o poder tecnológico ultrapassou radicalmente a capacidade de organização política e social, aprofundando o desastre ambiental e social e gerando frustração, ódio e indignação que não serão acalmados por tantas guerras, repressão ou arame farpado nas fronteiras. Quem são os selvagens aqui?

15 - O lucro cego das corporações

Apesar do discurso inspirador e das alegações de ESG, o mundo corporativo não está à altura de suas responsabilidades. O fato é que a maximização do lucro a curto prazo torna toda a pirâmide decisória, desde as gigantes da gestão de ativos no topo até os consumidores manipulados pelo marketing comportamental na base, solidária com os mesmos absurdos.

O mundo estava, com razão, preocupado com a pandemia, pois ela estava causando milhões de mortes e sofrimento para centenas de milhões de pessoas. Mas é tão evidente que, se em vez de países ricos disputarem as primeiras vacinas e as grandes farmacêuticas priorizarem patentes, um esforço colaborativo tivesse sido empreendido para enfrentar o que claramente era um problema global, muitas vidas teriam sido salvas. E não apenas o sofrimento teria sido reduzido, mas as economias teriam sido estimuladas. Houve um tempo em que os desafios eram enfrentados em nível de aldeia, depois se tornaram questões nacionais, mas hoje em dia o mundo enfrenta desafios evidentemente globais, e a pandemia foi apenas um deles. Precisamos que as empresas atualizem suas prioridades.

As reuniões do G20 são interessantes, e os eventos de Davos certamente brilhantes – eles me lembram dos antigos encontros de Versalhes e Viena –, mas um agente-chave da mudança são as corporações globais. Muitos economistas nos chamaram a atenção para o enorme poder do setor de gestão de ativos. Eles são os principais responsáveis pela decisão sobre o destino do dinheiro. Melhor dizendo, elas controlam os algoritmos. Um editorial do The Guardian parece realista: "Computadores gerenciam carteiras de investimento oferecendo ETFs baratos que rastreiam automaticamente índices de ações e títulos. Isso tem sido tão bem sucedido que as três maiores — as norte-americanas BlackRock, Vanguard e State Street — agora administram 19 trilhões de dólares em ativos, cerca de um décimo dos valores mobiliários cotados do mundo... Os mercados deveriam alocar capital de forma eficiente. Mas claramente não o fazem. A sociedade está enfrentando desigualdade e instabilidade financeira. Minsky argumentava que o comportamento de mercado precisava ser limitado para garantir os 'fundamentos econômicos da democracia'. Seu conselho parece hoje mais verdadeiro do que nunca."[93]

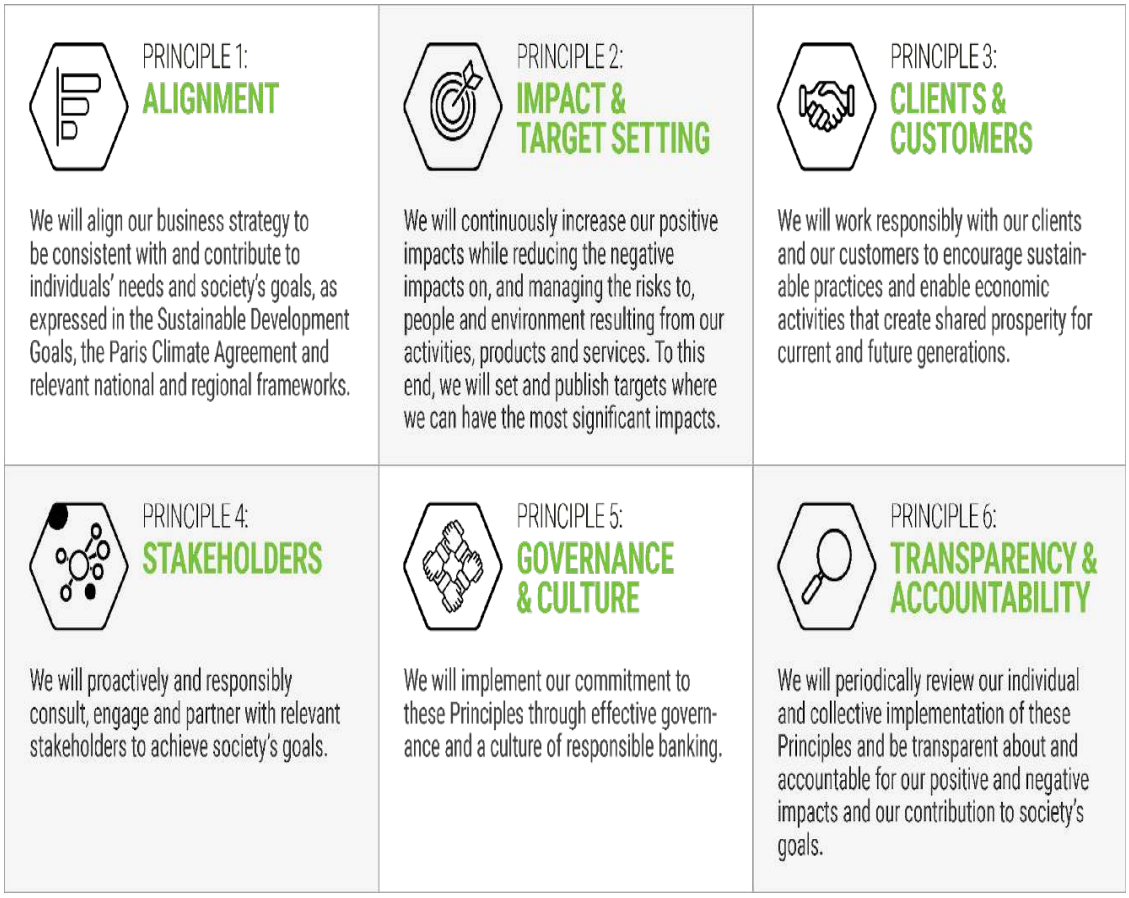
Grande parte do próprio orçamento dos EUA será direcionada de acordo com os interesses corporativos. Frédéric Pierucci, ex-executivo da gigante de energia Alstom, publicou um livro importante: *The American Trap (A Armadilha Americana),* sobre como as grandes corporações e a política funcionam, em sua área de especialização: "Quem quer que ocupe a cadeira de Presidente dos Estados Unidos, um democrata ou republicano, carismático ou detestável, a administração em Washington sempre responderá aos interesses do mesmo grupo de industriais: Boeing, Lockheed Martin, Raytheon, Exxon Mobil, Halliburton, Northrop Grumman, General Dynamics, GE, Bechtel, United Technologies, entre outras." E os gigantes financeiros administram os ativos financeiros de todas elas. O dinheiro faz o mundo girar.

---

[93] The Guardian: Editorial – 21 de março de 2021 - *The Guardian view on finance failures: manmade errors amplified by machines* - https://www.theguardian.com/commentisfree/2021/mar/21/the-guardian-view-on-finance-failures-manmade-errors-amplified-by-machines

O mundo está ciente da gestão catastrófica dos problemas ambientais globais, da desigualdade explosiva, do crescimento absurdo das fortunas no topo da pirâmide e da erosão da democracia. O mundo corporativo, profundamente envolvido nesses desastres, afirma estar mudando as regras. Uma elite de 130 bancos publicou suas principais diretrizes em 2019.O Secretário-Geral da ONU, António Gutierres, comentou que "os *UN Principles for Responsible Ban king* (Princípios da ONU para atividades bancárias responsáveis) são um guia para o setor bancário global responder, impulsionar e se beneficiar de uma economia de desenvolvimento sustentável. Os Princípios criam a responsabilização que pode concretizar a responsabilidade e a ambição que pode impulsionar a ação."[94]

Diretrizes Bancárias



As diretrizes adotadas são positivas, mas não reais. Precisamos que o setor bancário "contribua para os objetivos dos indivíduos e da sociedade" e seja "transparente e responsável". Mas são os canais para as corporações investirem seu dinheiro em paraísos fiscais, sem falar nas transações

[94]UNEP – *Principles for responsible banking* – 23 de setembro de 2019 – São bancos que administram US$47 trilhões. https://www.unepfi.org/banking/bankingprinciples/– Ver também https://www.unepfi.org/news/industries/banking/130-banks-holding-usd-47-trillion-in-assets-commit-to-climate-action-and-sustainability/

ilegais e nos lucros exorbitantes das empresas de gestão de ativos. O contraste entre discurso e prática é gritante.

Em setembro de 2019, 181 das maiores corporações do mundo assinaram uma carta de acordo, redefinindo seus objetivos e abandonando formalmente sua crença de décadas de aumentar a riqueza de seus acionistas sem se importar com as consequências sistêmicas, confortavelmente qualificadas como "externalidades". O texto, acordado e divulgado pela BRT (*Business Round Table*), é curto, basicamente cinco parágrafos. Abaixo está o texto traduzido ao português, atualizado em 6 de setembro de 2019:[95]

"Embora cada uma de nossas empresas atenda a seu próprio propósito corporativo, compartilhamos um compromisso fundamental com todos os nossos stakeholders. Comprometemo-nos a:

- *Entregar valor aos nossos clientes. Daremos continuidade à tradição das empresas americanas em atender ou superar as expectativas dos clientes.*
- *Investir em nossos funcionários. Isso começa com uma remuneração justa e benefícios relevantes. Também inclui apoio por meio de treinamentos e educação para desenvolver novas habilidades em um mundo em rápida mudança. Promovemos diversidade e inclusão, dignidade e respeito.*
- *Lidar de maneira justa e ética com nossos fornecedores. Somos dedicados a atuar como bons parceiros das outras empresas, grandes e pequenas, que nos ajudam a cumprir nossas missões.*
- *Apoiar as comunidades nas quais atuamos. Respeitamos as pessoas em nossas comunidades e protegemos o meio ambiente ao adotar práticas sustentáveis em nossos negócios.*
- *Gerar valor de longo prazo para os acionistas, que fornecem o capital que permite às empresas investir, crescer e inovar. Comprometemo-nos com a transparência e com o engajamento eficaz com os acionistas. Cada um dos nossos stakeholders é essencial. Comprometemo-nos a entregar valor a todos eles, para o sucesso futuro de nossas empresas, comunidades e país."*

Aparentemente, isso não é profundamente revolucionário, apenas puro bom senso. Mas depois de 40 anos de corporações se escondendo atrás de teorias altamente convenientes como a de Milton Friedmann, "*The business of business is business*", inteiramente dedicadas a trazer riqueza aos seus acionistas, esta carta chama a atenção. Os grandes conglomerados decidiram mudar de rumo. Ou assim dizem.

De acordo com a OMS, "o tabaco mata mais de 8 milhões de pessoas a cada ano. Mais de 7 milhões dessas mortes são resultado do uso direto do tabaco, enquanto cerca de 1,2 milhão decorrem da exposição de não-fumantes à fumaça alheia (fumo passivo). Mais de 80% dos 1,3

[95]Lançado em: 19 de agosto de 2019. Atualizado com novas assinaturas em: 6 de setembro de 2019.

bilhão de usuários de tabaco vivem em países de baixa e média renda."[96] Bom, sabemos, são os vilões de sempre. Mas estima-se que "a poluição do ar é responsável por aproximadamente 4,2 milhões de mortes por ano devido a AVC, doenças cardíacas, câncer de pulmão, doenças respiratórias agudas e crônicas. Cerca de 99% da população mundial vive em locais onde os níveis de qualidade do ar excedem os limites da OMS." A Volkswagen não sabia sobre poluição do ar ao manipular emissões de seus veículos? O escândalo mostrou que outras corporações não se comportam muito diferente.

Tomemos como exemplo a obesidade, um drama em rápida expansão: "Segundo dados do CDC (Centros de Controle e Prevenção de Doenças)[97], 36,5% dos adultos e cerca de 17% das crianças e adolescentes nos Estados Unidos são obesos... A obesidade está associada a custos mais altos de saúde, menor qualidade de vida, incapacidades e mortalidade prematura. Atualmente, contribui para mais de 5 milhões de mortes anuais, globalmente." [98] Todos conhecemos o impacto de bebidas açucaradas, alimentos ultraprocessados e dietas nocivas promovidas por tantas corporações. Devemos confiar nos rótulos em letras minúsculas? Será que não sabem como fazer comida saudável?

As empresas químicas seguem uma maximização de lucro de curto prazo semelhante:"Estima-se que existam 350.000 produtos químicos (ou misturas de produtos químicos) no mercado global. Quase 70.000 foram registrados na última década... Um motivo convincente para considerar a produção química total como variável de controle é o problema do 'efeito lock-in', em que inércias econômicas, técnicas, políticas e burocráticas mantêm a produção apesar da necessidade de redução." O impacto sobre o clima, sobre os produtos químicos tóxicos presentes em nossos alimentos e tantos outros desafios é evidente, já que apenas uma pequena parte das novas substâncias químicas passa por uma análise adequada de toxicidade. Água contaminada é responsável por 3,6 milhões de mortes por ano, segundo a OMS."[99]

As corporações que contribuem para esta tragédia – temos mais de 20 milhões de mortes por ano nas áreas mencionadas acima, em comparação com os cerca de 7 milhões de mortes por Covid-19 – estão perfeitamente cientes dos impactos dos produtos que disseminam, mas gastam somas enormes simplesmente para se isentar de responsabilidade. A maioria delas é signatária dos princípios ESG. Lembram-se de quanto tempo levou para tirar o chumbo do nosso tanque de gasolina? Ou das batalhas de Teflon? Ou de quanto tempo a indústria do tabaco conseguiu esconder o fato de que sabia que fumar causa câncer?[100]

---

[96] OMS - www.google.com/search?q=mortes+por+tabagismo+2020+no+mundo - Acesso em 26 de julho de 2021
[97] Centers for Disease Control and Prevention (CDC)
[98] Jonathan W. Raymond - Medical News Today, 11 de novembro de 2021 - https://www.medicalnewstoday.com/articles/costs-associated-with-obesity-may-account-for-3-6-of-gdp-by-2060#Current-and-future-impact-of-obesity
[99] Environmental Science and Technology – 18 de janeiro de 2022 - *Outside the Safe Operating Space of the Planetary Boundary for Novel Entities* – Environmental Science & Technology (acs.org)
[100] John Naughton - *As a new Year Dawns*- Guardian, 1 de janeiro de 2022 – "Subestimamos a astúcia e a crueldade das corporações, a fragilidade dos governos e o fato de que muitos de nossos semelhantes se contentavam em ser sedentários passivos." (tradução nossa)
https://www.google.co.uk/amp/s/amp.theguardian.com/commentisfree/2022/jan/01/as-a-new-year-dawns-expect-a-fresh-assault-on-big-tech

Os grandes bancos que operam no Brasil financiam inúmeras campanhas de TV afirmando que a população deve aprender a administrar suas finanças, como se fosse um problema de educação do consumidor. Como administrar as finanças diante de campanhas de desinformação e quando as taxas de juros do cartão de crédito chegam a 430% ao ano no Brasil, para mencionar o número mais escandaloso?[101]

Certamente também é uma questão de responsabilidade dividida. Devemos traçar um limite para o nosso comportamento de compras privadas, o governo deve fornecer serviços sociais básicos com acesso universal e garantir a regulamentação, mas o fato é que, com a apropriação da política pelas grandes corporações e o impressionante controle da informação que os algoritmos modernos lhes permitem — Shoshana Zuboff, em *The Age of Surveillance Capitalism (A Era do Capitalismo de Vigilância),* não exagera — estamos todos nas mãos de gestores irresponsáveis que só querem ganhar dinheiro. Se as corporações não mudarem, as tendências destrutivas continuarão. Adoçar a pílula com campanhas de TV com mensagens suaves não resolverá os problemas reais. Nem os repetidos "compromissos", "diretrizes" e a transferência de responsabilidades.

Como o Brasil se sai nessas circunstâncias? Bem, em 2022, tivemos 31% de desemprego entre os jovens, 47% dos jovens querendo deixar o país e a floresta amazônica derretendo. E tivemos a Covid, é claro, e um presidente que era contra a vacinação. Mas os lucros bancários estavam crescendo o tempo todo. Essa é a dimensão dos desafios que hoje enfrentamos, com novas orientações positivas, mas um peso retrógrado impressionante.

[101] Anefac -*Pesquisa mensal de juros* -https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/5b15da22-d953-4758-8779-844a926baccc/96f2d764-98d4-7a3c-45fc-8fe0868bf700?origin=2

16 - Economia de Plataformas: poder corporativo

As regras econômicas herdadas, baseadas em narrativas de livre mercado, pertencem ao passado industrial. Nesta era de economia de plataformas, os mercados deixaram de funcionar e a regulamentação ainda está sendo discutida. Como elas atuam na esfera global e lidam com fluxos imateriais de alta velocidade, enquanto as legislações são essencialmente nacionais, perdemos o controle sobre dinâmicas econômicas e políticas fundamentais.

A livre concorrência no mercado pode ser bastante útil e ainda é um mecanismo importante para o funcionamento da nossa economia, mas em um conjunto cada vez menor de áreas. De camisetas a tomates e carros, os produtores dependem da produção de coisas úteis a preços razoáveis. A qualidade e os preços devem corresponder ao que a concorrência pode trazer aos mercados. Deixar os mercados encontrarem o seu equilíbrio revelou-se uma solução inteligente. Este é Adam Smith, claro, a soma dos interesses individuais seria o melhor caminho para expandir os interesses da sociedade. O problema é que, quando pensamos em economia, ainda pensamos em produtores de bens e serviços, sem perceber que a estrutura das atividades econômicas mudou profundamente. Estamos nas mãos de "*gatekeepers*" (porteiros), intermediários, no que também tem sido chamado de economia de pedágio. Bens e serviços devem ser financiados e movimentados, mas a movimentação, nesta nova era tecnológica, está nas mãos de gigantes corporativos da economia imaterial, as plataformas.

Shreeja Sen resume este desafio fundamental da era digital: "Historicamente, o direito da concorrência tem sido a ferramenta central da regulação do mercado para identificar qualquer atividade que possa ser considerada anticompetitiva ou afetar a eficiência do mercado, independentemente do setor, indústria ou empresa. Tem sido bem-sucedido? Em grande parte, sim, nos mercados da era industrial... O verdadeiro desafio dos mercados digitais é que as empresas que controlam a infraestrutura das plataformas se tornam donas de setores econômicos inteiros – comércio varejista, cadeias de suprimentos do campo à mesa ou intermediação entre oferta e demanda de trabalho – ao monopolizarem a inteligência derivada dos dados que fluem por essas infraestruturas. Como essa inteligência derivada de dados catapulta a vantagem de network da empresa líder para uma vantagem imbatível de inteligência é que é a chave para essa transformação."[102]

Figura 8

[102] Shreeja Sen - *Time for upgrade: why competition law is not enough for the platform economy* – Alainet, 25 de fevereiro de 2022 - https://www.alainet.org/es/node/215001 Veja também: https://itforchange.net/sites/default/files/1681/Platform%20Planet%20Report.pdf

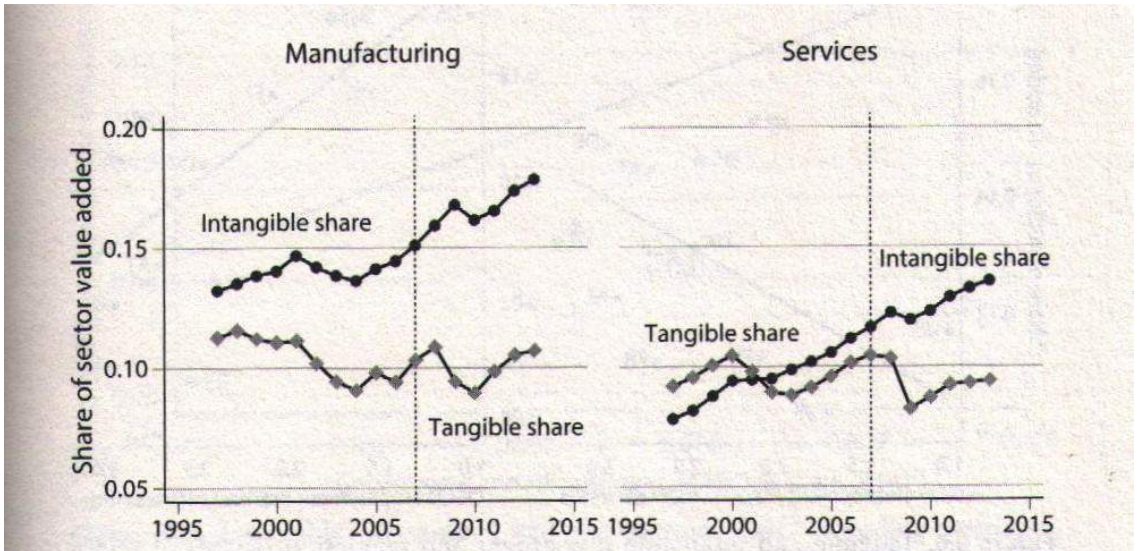


Figure 2.7. Intangible intensity in manufacturing and services (real shares of real sector value added, EU and US, non-farm business). Source: authors' calculations from INTAN-Invest (www.intan-invest.net) and SPINTAN (www.spintan.net) databases.

Fonte: Haskel e Westlake,*Capitalismo sem Capital,*pág. 31

Haskel e Westlake chamaram isso de *"Capitalism without Capital"* (Capitalismo sem Capital), explorando as novas formas de organização que constituem um setor em si, mas que, na prática, dominam todos os setores da economia, visto que todas as atividades tradicionais dependem delas. Considerando 20 anos de transformação tecnológica, de 1995 a 2015, eles apresentam a crescente participação do valor agregado intangível, em comparação com as atividades tangíveis tradicionais: tanto na indústria quanto nos serviços, a participação intangível está se tornando dominante. Podemos chamá-la de *L'immatériel* (O intangível), como faz André Gorz, ou de *A Galáxia da Internet*, como Manuel Castells, mas a questão central é que as regras do jogo mudam quando entramos na era da economia de plataformas. Há uma consciência crescente das limitações da concorrência tradicional para regular a economia digital. A economia mudou, mas as regras continuam ancoradas no século passado. Não temos nem mercado, pelo poder de oligopólio, nem regulação, pelo poder político que manejam.

As plataformas têm uma tendência natural a concentrar poder, uma vez que, por uma questão de produtividade, temos de usar o que a maioria usa. Google para pesquisas, Facebook para mensagens, Amazon para compras online, Microsoft para software, Visa para pagamentos e assim por diante: temos de usar o que os outros usam, uma vez que tudo isto tem a ver com fluxos digitais. Os economistas chamam-lhe "monopólio de demanda". Na ONU, usávamos o WordPerfect para escrever relatórios, mas tivemos de mudar para o Microsoft Word: temos de escrever e ler no software dominante para poder comunicar. Se as empresas aumentarem os seus

preços, temos de cumprir. O universo dos gigantes das plataformas, GAFAM nos EUA e na maior parte do mundo, ou BAT na China, pertence ao universo intangível dos baixos custos (as ondas eletromagnéticas pertencem à natureza) e dos lucros estupendos. A taxa de lucros da Visa é superior a 50%, pagos por todos nós.

O relatório da UNCTAD sobre a economia digital de 2021 afirma que "um dos principais desafios é como governar e aproveitar o aumento exponencial de dados digitais para o bem global" e que é preciso "reconhecer que as instituições globais atuais foram criadas para um mundo diferente, que o novo mundo digital é dominado pelos intangíveis, e que são necessárias novas estruturas de governança" (p. 10).[103] O problema é que as grandes plataformas atuam no espaço global, enquanto os sistemas de regulação ainda são estabelecidos em nível nacional, com resultados limitados. Governos europeus têm tentado criar regulação, partindo do fato de que "hoje, a forma como os intermediários digitais conduzem seus negócios é em grande parte não regulada ou baseada em conjuntos de regras que, em sua maioria, precedem a economia digital". Por isso, o Digital Markets Act "visa garantir que essas plataformas se comportem de forma justa online. Junto com o Digital Services Act, o Digital Markets Act é uma das peças centrais da estratégia digital europeia."[104] São os primeiros passos.

As grandes corporações de gestão de ativos, por exemplo, que devem ser vistas como plataformas transnacionais, que lidam com dinheiro intangível nos mercados globais, escapam de praticamente qualquer regulamentação, como vimos com os Panama Papers, os Paradise Papers, os Pandora Papers, as Luxemburgo Files e as Swiss Secrets Files vinculadas ao Crédit Suisse.[105] Nos EUA, várias tentativas de regulamentação do sistema foram feitas, como a FCPA (Foreign Corrupt Practices Act/Lei de Práticas de Corrupção no Exterior), a FATCA (Foreign Account Tax Compliance Act/Lei de Conformidade Tributária de Contas no Exterior), a FINC (Financial Crimes Enforcement Network/Rede de Repressão a Crimes Financeiros) e a CFPB (Consumer Financial Protection Bureau/Escritório de Proteção Financeira do Consumidor), mas com pouco sucesso, como demonstra a evasão e a sonegação fiscal declaradas no estado de Delaware. Como visto acima, de acordo com The Economist,"a parcela dos lucros estrangeiros das multinacionais americanas registrada em paraísos fiscais aumentou de 30%, há duas décadas, para cerca de 60% hoje."[106] O fato de o dinheiro ser essencialmente apenas uma notação em computadores, com apenas 5% sendo impresso por governos, torna os fluxos fáceis e rápidos. E descontrolados.

---

[103]UNCTAD –*Relatório de Economia Digital 2021*–https://joserobertoafonso.com.br/relatorio-de-economia-digital-2021-unctad/?utm_source=mailpoet&utm_medium=email&utm_campaign=atualizacoes-da-semana-de-economia_639

[104]A Lei do Mercado Digital -https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/europe-fit-digital-age/digital-markets-act-ensure-fair-and-open-digital-markets_en

[105]Para o conteúdo dos arquivos e o volume de recursos financeiros, consulte os relatórios do ICIJ no site: https://icij.org

[106] *What would a new system for taxing multinationals look like*, Economist, 15 de maio de 2021 - https://www.economist.com/finance-and-economics/2021/05/13/what-could-a-new-system-for-taxing-multinationals-look-like?itm_source=parsely-api

Chuck Collins, em seu estudo *The Wealth Hoarders: how billionaires pay millions to hide trillions* (Os acumuladores de riqueza: como bilionários pagam milhões para esconder trilhões), mostra como as finanças estão fora de controle, e lista os grupos internacionais de defesa "que trabalham incansavelmente para expor as injustiças do sistema global de riqueza oculta. Entre eles, estão a Tax Justice Network, a Global Witness, a Oxfam, a Global Financial Integrity, a Transparency International e a coalizão americana Financial Accountability and Corporate Transparency (FACT). Muitos são motivados pela forma como esse sistema empobrece bilhões de pessoas em todo o mundo." A OCDE criou os Common Reporting Standards (Padrões Comuns de Relatórios), com mais de cem países se comprometendo a adotar sistemas de relatórios por país. "Os Estados Unidos, a segunda pior jurisdição em sigilo financeiro, não são signatários desse processo." Boa vontade proclamada, mas poucos resultados. [107]

A perda de controle sobre as finanças é uma questão crucial, pois reduz drasticamente a capacidade dos governos de canalizar recursos para onde são necessários, seja para meio ambiente, saúde, ciência ou infraestrutura. Também limita o acesso dos consumidores a crédito adequado (veja a crise de 2008), bem como a capacidade de investimento produtivo. Jacques de Larosière, ex-ministro das Finanças da França e diretor-gerente do FMI, lamenta que apenas 3% do PIB em ativos financeiros sejam destinados a investimentos produtivos.[108]Ainda pensamos nos bancos usando nossos depósitos para financiar crédito útil e estimular a economia, mas esse universo, embora ainda presente em pequenos bancos locais ou instituições públicas, mudou: com o dinheiro virtual, *high frequency trading* (negociações de alta frequência),criação de moeda como crédito pelos bancos, expansão do sistema bancário paralelo (*shadow banking*), cerca de 60 paraísos fiscais e toda uma indústria de especulação financeira – além dos EUA emitindo dólares gratuitamente – criamos um caos financeiro desregulado. Chamar isso de "mercado" é uma farsa; trata-se de um vale-tudo, uma extorsão descontrolada, que permite a explosão de fortunas improdutivas no topo, como vimos.

A economia intangível gerenciada por plataformas vai muito além do mundo financeiro. Hoje em dia, todos nós estamos no ramo da comunicação, gostemos ou não. E a comunicação passa pelas mãos de um pequeno grupo de gigantes como Google (Alphabet), Facebook (Meta), Amazon, Microsoft e alguns outros. Tudo o que fazemos é registrado online: os remédios que compramos, os livros que lemos, os filmes que gostamos, os lugares que frequentamos – tudo isso deixa rastros para que as plataformas gigantes criem uma indústria de dados comportamentais, baseada em Informações de Perfil do Usuário (UPI em inglês). De acordo com Shoshana Zuboff, em seu *A Era do Capitalismo de Vigilância,* os cientistas das corporações não são recrutados para resolver a fome do mundo ou eliminar os combustíveis fósseis. Em vez disso, sua genialidade visa invadir os portões da experiência humana, transformando-a em dados e traduzindo os dados em um novo mercado colossal que cria riqueza ao prever, influenciar e controlar o comportamento humano.

---

[107]Chuck Collins – *The Wealth Hoarders* – Polity Press, Medford, USA, 2021 – páginas 61 e 157

[108]Larosière no webinar sobre o 50°Aniversário de Bretton Woods, 1 de março de 2022 - Para dados sobre a economia alemã, também referentes a 3% de investimento produtivo, ver: Michael Peters e Magdalena Senn – *Finanças em baixa, ou prosperidade: por que o excesso de financiamento prejudica a economia e a sociedade europeias* -https://transformative-responses.org/wp-content/uploads/2021/12/2021214_Shrink-Finance_komplett.pdf

Isto não é "mais do mesmo" (*business as-usual*). "Um texto eletrônico totalmente novo agora se estende muito além dos limites da fábrica ou do escritório. Graças aos nossos computadores, cartões de crédito e telefones, e às câmeras e sensores que proliferam em espaços públicos e privados, quase tudo o que fazemos hoje é mediado por computadores que registram e codificam os detalhes do nosso cotidiano em uma escala que seria inimaginável há apenas alguns anos. Chegamos ao ponto em que pouco resta do que é omitido na contínua acumulação deste novo texto eletrônico."(182)[109]Assim, as informações pessoais, individualizadas por algoritmos, permitem uma poderosa influência e marketing na indústria. Hazel Henderson se refere a isso como "o controle que se espalha por meio da economia da atenção, dos meios de comunicação de massa e das indústrias de influência, baseadas em métodos psicológicos de modificação de comportamento".[110]

Em termos econômicos, este é um sistema diferente. Ao pesquisar um livro na Amazon ou qualquer informação no Google, estamos produzindo a base para este banco de dados global, usar tudo sem pagar, com apenas uma regulamentação superficial de privacidade, para gerar lucros enormes, colocando essas plataformas na faixa de valor de um trilhão de dólares. Para nós, usar as plataformas parece gratuito, mas quanto mais sofisticado o banco de dados sobre cada um de nós se torna, maior o preço pago pelos produtores da economia real para canalizar as mensagens publicitárias. Esses custos enormes para os produtores estão além de qualquer controle, já que as mensagens precisam ir para essas poucas plataformas.

Os custos, por sua vez, estão incluídos nos preços de venda que pagamos. Em outras palavras, produzimos a matéria-prima gratuitamente e pagamos pelos custos de marketing por meio do nosso comportamento de consumo e dos preços mais altos que pagamos. O marketing se tornou uma indústria que influencia o comportamento, gerando lucros enormes pelos quais pagamos. A mensagem que você recebe no seu celular, interrompendo o que você estiver fazendo, é paga por você e chega até você porque eles estão registrando cada movimento seu. É um ciclo completo, uma equação ganha-ganha para as plataformas. E é cansativo, gerando sobrecarga sensorial à medida que tentamos pular mensagens indesejadas. A atenção que dispersam é o tempo da nossa vida.

Assim, a comunicação e a informação pessoal tornaram-se uma indústria, e as plataformas ascenderam ao primeiro lugar como as corporações mais lucrativas. Mas elas não são controladas nem pela concorrência de mercado – são muito poucas, e eventuais concorrentes emergentes são simplesmente comprados – nem pela regulação do Estado. As tímidas tentativas de regulação foram recebidas com protestos em escala mundial em nome da liberdade e com o financiamento generoso de políticos. É uma indústria em larga escala, com raízes em nossos celulares e cartões de crédito. Na verdade, nós somos o produto. A já mencionada Lei dos Mercados Digitais (Digital Markets Act), proposta pela União Europeia, "pretende enfrentar as preocupações com a

[109] Shoshana Zuboff – *The Age of Surveillance Capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power* – PublicAffairs, New York, 2019

[110] Hazel Henderson – *Steering our powers of persuasion toward our human future* – 2019 - https://www.ethicalmarkets.com/steering-our-powers-of-persuasion-toward-our-human-future/

concorrência na economia digital, com um mandato claro para regular práticas comerciais injustas impostas por grandes plataformas". A intenção é louvável. Mas a verdade é que o que temos, de fato, é uma tal de "autorregulação" — seja lá o que isso signifique nas mãos de quem detém o poder.

No meu 70º aniversário, recebi uma mensagem curiosa de um cemitério no estado de Goiás, um curta-metragem mostrando o belo local, as árvores, um lago ao fundo, me chamando para este lugar maravilhoso com uma mão estendida e um gracioso sorriso feminino, me convidando: "Vem"! Que gentileza deles terem se lembrado do meu aniversário e da minha idade. A mensagem faz parte do preço, é claro. O que eu estava fazendo mesmo quando esta mensagem chegou?

17 - Capitalismo: legitimidade emprestada

O que ainda chamamos de capitalismo está navegando mal, embalado pelos ventos de glórias do passado. Para além das ideologias, é hora de nos concentrarmos no que funciona. Com o controle corporativo global, a financeirização e os desastres sociais e ambientais, enfrentamos novas realidades que exigem um processo decisório renovado a nível global.

It is immoral for oil and gas companies to be making record profits from this energy crisis on the backs of the poorest people and communities, at a massive cost to the climate."[111]

António Guterres – Secretário Geral da ONU[112]

O mundo mudou demais para que continuemos a depender de simplificações ideológicas, com iniciativas públicas apresentadas como burocracias em oposição à eficiência corporativa, resultando em polarizações muitas vezes ridículas e crescente ódio político. Encontrar quem culpar pelo caos que enfrentamos tem sido mais atraente do que pensar no que realmente funciona. O que funcionava era uma combinação adequada no processo de decisão social, com empresas privadas, serviços públicos e organizações da sociedade civil participando ativamente. Com tanto controle tecnológico, as corporações assumiram o comando, e nossa capacidade de atualizar as instituições e o processo geral de tomada de decisão social ficou para trás. As tecnologias são rápidas, enquanto a mudança cultural é muito mais lenta, sem falar nas instituições e nos marcos legais.

Um exemplo simples é o caos financeiro. Na era da internet e da conectividade mundial, com dinheiro virtual – apenas notações de computador –, as finanças se movem no espaço global, enquanto a regulação financeira permanece fragmentada no espaço nacional de nossos cerca de 200 países. Temos uma economia global, mas nenhum governo global. Temos custos globais, em particular a enorme sobrecarga ambiental, mas nenhum sistema tributário global para reduzir a destruição e financiar as externalidades. O grande dinheiro, o dinheiro de verdade, migrou do lucro na produção de bens e serviços para drenos financeiros, baseados em dívidas, dividendos, intermediação de commodities e drenagem de recursos naturais, basicamente renta improdutiva. O resultado é a crise global, com estagnação econômica, desigualdade explosiva, catástrofe ambiental, caos financeiro e erosão da democracia.[113]

---

[111] *É imoral que empresas de petróleo e gás obtenham lucros recordes com esta crise energética às custas das pessoas e comunidades mais pobres, com um custo enorme para o clima." (Tradução nossa)*

[112] Matthew Taylor – *Grotesque Greed: immoral fossil fuel fossil profits must be taxed, says UN chief* - The Guardian, 3 de agosto de 2022 - https://www.theguardian.com/environment/2022/aug/03/greed-of-fossil-fuel-companies-is-grotesque-says-un-secretary-general

[113] Michael Hudson – *Destiny of Civilization: finance capitalism, industrial capitalism or socialism* – ISLET, Baskerville, 2022 – www.michael-hudson.com

O caos corporativo generalizado e a desordem econômica internacional não podem ser chamados de economia de mercado. Os mercados funcionam quando há concorrência equilibrada, o que significa que muitas empresas tentam satisfazer muitos clientes, buscando melhorar os bens ou serviços que fornecem. Isso certamente ainda existe em algumas áreas, especialmente para pequenas empresas, produção local e mercados locais. De certa forma, nesse nível, as coisas podem se resolver sozinhas. Mas a mágica "mão invisível" perdeu espaço nos mercados globais. Se olharmos para a base do sistema alimentar, por exemplo, quatro corporações, Archer-Daniels-Midland (ADM), Bunge, Cargill e Dreyfus, também conhecida como ABCD, controlam cerca de 80% da produção e comercialização de grãos. Elas são poderosas o suficiente para ignorar a regulamentação governamental, enquanto Panamá, Libéria, Delaware e outros paraísos fiscais permitem que elas soneguem impostos. Não há concorrência significativa se elas aumentarem os preços e se apropriarem da renta do monopólio. Nenhum governo foi capaz de fazê-las pagar pelos desastres ambientais, como, por exemplo, a destruição da floresta amazônica.[114]

Nós os chamamos de "mercados", mas isso é poder corporativo, controlado por gigantes financeiros e gerido por algoritmos. Eles têm enorme influência política, especialmente desde a decisão de 2010 que permitiu que corporações financiem eleições nos EUA. Mas também desconsideraram qualquer tentativa de regulamentação nos países em desenvolvimento, financiando oligarquias políticas corruptas, derrubando governos e gerenciando campanhas de construção de imagem. Os governos são simplesmente muito pequenos. Vimos o poder das empresas de gestão de ativos, um grupo delas controlando o equivalente ao PIB dos EUA.

Quando as pessoas ganham dinheiro, muito dinheiro, nós as chamamos de capitalistas. Mas isso é capitalismo? Proprietários de escravos faziam fortunas, mas nós não os chamávamos de capitalistas. Por outro lado, eles usavam escravos para produzir algodão, que era vendido a fabricantes britânicos que produziam tecidos, e obtinham lucros no que distintamente chamávamos de acumulação de capital, administrada por capitalistas. O tráfico de escravos e as plantações de escravos eram administrados por mãos muito visíveis. Onde está o limite?

O luxo de Versalhes baseava-se na servidão, mas não chamaríamos esses detentores de riqueza de "capitalistas". Eles não geravam excedente social, eles o extraíam da sociedade. De camponeses na França, de populações inteiras escravizadas em tantas colônias. O Brasil e os EUA foram atores importantes no processo. O capitalismo estava solidamente ligado a sistemas sociais primitivos de exploração. Para muitos países no mundo, isso praticamente não mudou. O Brasil é um dos maiores exportadores mundiais de alimentos mas em 2022 57% de sua população vivia em insegurança alimentar, antes das inciativas do novo governo Lula. A polícia matou em média 17 pessoas por dia em 2023, a maioria negra, jovem e do sexo masculino.

As gigantescas fortunas financeiras atuais baseiam-se em intermediação, monopólio, especulação financeira e imobiliária, apropriação de recursos naturais e outras atividades extrativas com

[114] Tereza Campello e Ana Paula Bertoletto (Orgs.) – *Da Fome à Fome* – Ed. Elefante, são Paulo 2022 - https://dowbor.org/2022/08/da-fome-a-fome-dialogos-com-josue-de-castro.html

pouquíssima contribuição produtiva. Isso é capitalismo? O capitalismo costumava gerar acumulação de capital. A produção de calçados gerava lucros e riqueza, mas também empregos, calçados e impostos que permitiam ao governo construir infraestrutura e garantir políticas sociais como saúde, educação, segurança e outros bens e serviços públicos. Esse sistema funcionou, particularmente nas modalidades do New Deal e do Estado de Bem-Estar Social, onde se encontrou um equilíbrio razoável entre lucros que financiavam mais investimentos e melhores salários que garantiam a compra de bens. Congele a imagem: isso é capitalismo. Avance, e o caos global que enfrentamos atualmente ainda é proclamado como capitalismo. Isso certamente é algo diferente, mas navega na legitimidade do passado. É legitimidade emprestada, e eles adoram se autodenominar "mercados", e “investidores”.

Na verdade, se recuamos um pouco e olhamos com uma visão mais ampla, digamos, há dois séculos e meio, veremos que o mundo se transformou em um período muito curto de tempo, após milhares de anos de trabalho agrícola predominando em todas sociedades primitivas. O que transformou o mundo e nos conduziu à modernidade não foi o capitalismo, mas a ciência. Copérnico esperou décadas para ousar publicar que não somos o centro do universo, Galileu foi forçado a sussurrar "eppur se muove", Newton, Leibniz e tantos outros gradualmente lançaram luz sobre nossa ignorância e, de fato, lutaram para afastar o poder estruturado da ignorância. Os atuais céticos do clima não são muito diferentes; ainda lutamos contra a ignorância e contra o uso político da ignorância.

A máquina a vapor nos levou ao mundo da energia multiplicada, seguida pela eletricidade, petróleo, motor de combustão, energia atômica, eletrônica, química, biologia, DNA, satélites, comunicações, IA e assim por diante. Todas essas transformações estão enraizadas na ciência. Einstein não era uma corporação. A ciência está no centro da transformação sistêmica no mundo atual, incluindo a internet e as vacinas. A hierarquia organizada nas empresas, sejam os sistemas ferroviários públicos na Europa, os sistemas de saúde pública no Canadá ou a indústria pesada estatal na China, não é menos produtiva ou mais burocrática do que a UBS ou a Amazon. Uma enorme indústria de construção de marcas, gastando bilhões, promove diariamente o progresso como sendo o resultado de bilionários heroicos, os lutadores capitalistas pelo progresso, que poderiam fazer muito mais se não fosse pela burocracia pública e pelos impostos. Isso é uma fachada falsa. Já paramos para pensar em quantas mensagens promovendo marcas recebemos todos os dias, inclusive as crianças?

Não estamos mais na era Roosevelt ou no Estado de Bem-Estar Social Europeu. Os 15% da população mundial pertencentes à chamada civilização ocidental e que controlam três quartos da renda mundial não representam um modelo para o resto do mundo, mas sim um dreno global.[115] Se o capitalismo funcionasse, não teríamos tanta pobreza e destruição ambiental no resto do mundo. O Brasil é um país capitalista. Tendo descoberto enormes campos de petróleo offshore

[115] Frank Jacobs – *The world is, in fact, the world’s biggest gated community* - ThinkBig, 12 de outubro de 2019 - https://bigthink.com/strange-maps/walled-world/?utm_medium=Social&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR3WF9_e_YVIDAstRyyaTwHgBs_SqwwXV3y11DbT-nwDtwAgzlPq65cy9vM#Echobox=1648785756-1

(Pré-Sal), o então governo Lula negociou um arcabouço institucional que permitiria o uso da Petrobras, uma empresa pública, para financiar P&D, educação e infraestrutura. Desde o golpe contra a presidência de Dilma Rousseff em 2016, a Petrobras foi parcialmente privatizada, e os lucros foram redirecionados para pagar dividendos a investidores financeiros internacionais. O que deveria financiar o desenvolvimento pós-petróleo no país tornou-se em um dreno financeiro. E a fome está de volta, depois de ter sido retirada do mapa da fome da FAO em 2014. Em 2024, com Lula-3, lutamos para colocar o Brasil de volta nos trilhos. Mas estaremos reconstruindo o mesmo sistema?

A questão fundamental é que algumas coisas funcionam melhor em mãos privadas, mas com ESG de verdade e regulamentação. Outras deveriam estar na esfera pública, como a saúde ou a educação, mas com forte participação ou controle de organizações civis. E a estrutura geral deve estar relacionada aos resultados que buscamos: uma sociedade economicamente viável, mas também socialmente justa e ambientalmente sustentável – o tripé da sustentabilidade amplamente aceito como nosso novo "norte", também presente nos princípios ESG. Sabemos para onde devemos ir. Mas mover o ESG das declarações de relações públicas para o processo de decisão de resultados ainda está fora de alcance. Os governos estão basicamente servindo aos interesses corporativos. Muita tinta foi gasta em como o livre mercado era superior ao planejamento público para o progresso. Atualmente, não temos livre mercado nem planejamento público. E precisamos de ambos. De fato, com a profundidade da mudança tecnológica e a gravidade dos desafios, precisamos analisar melhor o processo decisório como um todo.

O mundo corporativo atualmente gera enormes rendas improdutivas, desigualdade social e desastres ambientais. O fazendeiro europeu que alimenta seu gado com soja brasileira da região amazônica não tem controle sobre o sistema mundial de comércio de commodities. Essa questão, de que o vínculo entre lucro privado e bem-estar social foi rompido, significa que precisamos voltar ao básico. A questão não é qual dos dois é mais eficiente, o setor privado ou o setor público, mas o que funciona melhor em quais setores de atividade e em que sistemas de governança institucional, incluindo parcerias. As guerras de especulação financeira em escala mundial têm pouco em comum com a livre concorrência entre empresas produtivas. E com uma economia global funcionando sem regulamentação em um cenário político fragmentado, estamos nos aprofundando em dramas sociais, políticos e ambientais. O bem-estar da sociedade não está na mira do mundo corporativo. António Guterres está certo: não se trata de "mercados", trata-se de ganância.

18 - A economia digital precisa de regras correspondentes

Passamos do investimento produtivo para o dinheiro improdutivo, do lucro para a renta, da compensação merecida para a apropriação indébita, dos empreendedores para os intermediários e atravessadores. Mas as instituições que herdamos da fase do capitalismo industrial estão obsoletas, permitindo uma drenagem financeira em larga escala da economia real e manipulações descontroladas.

National States are weakened because they cannot control dynamics that extrapolate their territorial limits.
Liszt Vieira – *Brazil and Starlink*[116]

À medida que as cores deste estranho capitalismo em que vivemos foram mudando nas últimas quatro décadas, mal percebemos que já não se trata mais de capitalismo. Traços capitalistas permanecem, sem dúvida, mas a lógica do sistema foi transformada. As grandes corporações produtivas certamente ainda existem, como a General Motors, a General Electric, a Toyota e similares. Mas grandes fluxos de dinheiro e as fortunas correspondentes estão na esfera GAFAM, Google, Apple, Facebook (Meta), Amazon, Microsoft no Ocidente, bem como na esfera BAT, Baidu, Alibaba e Tencent na China. E os bancos, claro, mas estes já existem há bastante tempo, embora sua mudança para a era das plataformas tenha sido igualmente recente. Estamos todos na era das plataformas, governados por intermediários, pagando pedágios virtuais por serviços virtuais.

Precisamos dos serviços deles. Moro em São Paulo e uma senhora vem uma vez por semana fazer a limpeza. Pago a ela uma diária de 350 reais. Parte disso ela paga a uma empresa privada de saúde – eles não têm médicos nem clínicas, apenas garantem o acesso, mediante o pagamento de uma taxa. Essa empresa tem acionistas, entre os quais a BlackRock, a gestora de ativos, especializada em dinheiro, não em saúde. Uma parte do valor ridículo que pago à senhora acaba em algum lugar do mundo. Isso porque hoje em dia apenas 5% do que chamamos de liquidez existe na forma de notas impressas, 95% é dinheiro virtual, alguns sinais em um computador. E o acesso à saúde passa, em parte, por essas mãos.

Algumas décadas atrás, um acionista na Arábia Saudita teria que gastar muito para ter acesso a uma parte do dinheiro que paguei à Dorinha, minha faxineira. Atualmente, com dinheiro virtual, computadores, algoritmos e a internet, em frações de segundo o dinheiro dela se torna parte da riqueza de alguém ao redor do mundo. Estou falando de dinheiro sendo drenado para uma

[116] *Os Estados-nação estão enfraquecidos porque não conseguem controlar as dinâmicas que extrapolam seus limites territoriais.* (Tradução nossa.)

enorme corporação financeira, do bolso de alguns dos habitantes mais pobres de um país do terceiro mundo. A capilaridade da moderna máquina virtual de drenagem de dinheiro é impressionante. Tirar uma nota de dinheiro do bolso de alguém na Índia não é fácil. Com dinheiro virtual, a corporação financeira simplesmente pressiona "Enter" e algum tipo de taxa atinge não centenas de milhões, mas bilhões de pessoas ao redor do mundo. Com um custo muito baixo: as ondas eletromagnéticas ou fotons que transportam o dinheiro pertencem à natureza. Isso é muito mais do que "o dinheiro faz o mundo girar". É micro-drenar o mundo inteiro. Não é à toa que Larry Fink administra US$ 12 trilhões.

O Facebook, agora Meta, é gratuito. Eu o uso, entre outros, para divulgar como a economia está mudando. Preciso usar o Facebook porque, para me comunicar, preciso usar o que os outros usam. Isso se chama monopólio da demanda. O acesso de bilhões de pessoas ao Facebook torna isso inevitável para os anunciantes. O marketing se tornou uma indústria enorme, hoje denominada de *attention industry*. Para mim, é um incômodo, e para os anunciantes, um custo salgado. As inúmeras empresas que postam suas mensagens no Facebook, ou em outras plataformas de comunicação de massa, incluem os custos no preço de venda, o que significa que, toda vez que compro bens ou serviços, há uma boa chance de que parte do dinheiro que pago vá aumentar as centenas de bilhões que Zuckerberg, Alphabet e outros donos de pedágios semelhantes estão ganhando.

Não há almoço grátis. Os custos são ridículos, isso é a internet. E a relação custo-benefício é fabulosa. Eu preciso me comunicar, não preciso de publicidade. Sei o que estou interessado em comprar, não preciso que me imponham pinturas de estilo de vida. Caso você não tenha notado, não são informações que você recebe, mas principalmente mensagens de sucesso. Na verdade, essa enorme indústria de marketing é um pé no saco e inútil para a economia. Assim como um serviço aberto, como o consórcio de internet W3C, poderíamos ter acesso aberto, reduzir os custos e a perda de tempo. Ter Vivaldi interrompido por uma voz animada me dizendo como eu ficaria feliz se comprasse essa linda sandália me traz de volta ao mundo real em que vivemos. Honestamente, quem precisa dessa porcaria pela qual estamos pagando? Sem a custosa indústria de marketing, as pessoas não comprariam as coisas de que precisam? Sim, e seria mais barato. O produto que você compra da Johnson&Johnson, para dar um exemplo, é 27% mais caro pelo custo de publicidade incorporado. Poderiam investir isso em melhores produtos, ou reduzir o preço.

Outro tipo de apropriação indébita pode ser encontrado na exploração da natureza. A Petrobras é uma das maiores empresas petrolíferas do mundo. Ela domina todo o ciclo, desde as descobertas de petróleo no Pré-Sal, passando pelas plataformas, extração em águas profundas, refinarias, distribuição e as tecnologias correspondentes. Como empresa estatal, gerou recursos para custear a infraestrutura e as políticas sociais que o governo precisa fornecer. Ninguém "produz" petróleo; trata-se da extração de um recurso natural pertencente a uma nação e que deveria beneficiá-la. Ela foi em parte privatizada e, atualmente, 63% dos lucros vão para acionistas privados, basicamente empresas como a BlackRock, em diferentes escalas. Os enormes lucros drenam o país e, em vez de financiar nosso desenvolvimento, tornam-se parte dos lucros das empresas globais de commodities.

Eles certamente investiram algum dinheiro no negócio, nos leilões de campos de petróleo, mas sem uma proporção razoável em relação aos lucros extraídos. Privatizar não foi uma decisão econômica, mas política, beneficiando as finanças globais e os acionistas brasileiros. A mesma opção absurda foi tomada em relação à Vale, uma das maiores exportadoras de ferro e níquel do mundo, privatizada na década de 1990. O Banco Mundial corretamente chama essas atividades de "descapitalização" e não de "produção", uma vez que drenam o capital natural sem estimular a economia. Geram renta, não capital. Do ponto de vista dos países em desenvolvimento, estamos de volta ao sistema neocolonial de exportação de matérias-primas em troca de bens e serviços mais sofisticados, embora com um nível de tecnologia de extração muito superior.

As plataformas geradoras de dívida tornaram-se um sistema mundial de extração de renta. Em vez de fornecer capital mais barato às partes pobres do mundo, a fim de restaurar algum equilíbrio ao nosso drama de desigualdade social e econômica, os países mais pobres, considerados de maior risco, pagam juros mais altos, e o serviço da sua dívida é usado para drenar recursos naturais. Eles permanecem presos na armadilha da dívida crescente, exportando petróleo, como Angola, e usando-o para pagar os juros da dívida, em vez de financiar a infraestrutura econômica. Quanto mais pobre você for, mais você estará nas mãos do sistema internacional de usura, porque você representa um risco maior. A desigualdade entre pessoas se desdobra para desigualdade entre países.

Isto está atingindo duramente os países em desenvolvimento: “Um novo banco de dados do Debt Service Watch, preparado para este Relatório, mostra que, quando medido pelo peso do serviço da dívida sobre os orçamentos, esta é a pior crise global da dívida de todos os tempos. Em 2024, o serviço da dívida absorverá 41,5% das receitas orçamentárias, 41,6% dos gastos e 8,4% do PIB, em média, em 144 países em desenvolvimento: números muito superiores aos observados antes do auxílio à América Latina, na década de 1980, e aos países HIPC, a partir de 1996. Mais importante ainda, o serviço excede todos os gastos sociais e representa 2,7 vezes os gastos com educação, 4,2 vezes os gastos com saúde, 11 vezes os gastos com proteção social e 54 vezes os gastos com adaptação climática. A crise também é generalizada – afetando 118 países – e concentrada naqueles que acessaram os mercados de capitais.”[117]

No Brasil, o problema é a dívida interna, que se tornou um enorme dreno para a economia. O crédito rotativo em cartões de crédito atingiu 440%, o cheque especial 150%, e as taxas de juros médias gerais para pessoas físicas acima de 50%, mesmo com a inflação abaixo de 6%. O resultado é que a maioria da população está profundamente endividada e muitos em inadimplência. O serviço da dívida tornou-se um dreno permanente na renda das famílias, das empresas e do governo. O crédito é, obviamente, útil se as taxas de juros permitirem que uma empresa expanda suas atividades. Não com a média de 24% cobrada de pessoas jurídicas no Brasil. Assim como no caso dos dividendos para acionistas, taxas de juros superiores à contribuição produtiva do crédito prendem a empresa em uma armadilha de serviço da dívida,

[117]Matthew Martin and David Waddock - *Debt Relief International* (dfi@dri.org.uk). January 2024 - https://www.kirkensnodhjelp.no/contentassets/c1403acd5da84d39a120090004899173/ferdig-time-for-a-nordic-initative-lowres.pdf - Veja um resumo no The Guardian: https://www.theguardian.com/world/article/2024/jul/21/developing-countries-face-worst-debt-crisis-in-history-study-shows

incapaz de investir em níveis mais altos de produção. Torna-se um dreno permanente. O sistema de usura generalizada praticado no Brasil explodiu depois que os bancos conseguiram retirar da Constituição de 1988 o artigo 192, que equiparava a usura a crime, limitando os juros a 12% mais inflação.[118] Esses gestores financeiros não estão produzindo, estão drenando.

Outra forma de apropriação indébita é a busca por renta no setor imobiliário. Com a expansão demográfica e a urbanização acelerada, os preços dos imóveis aumentam, e os lucros são gerados simplesmente pela apropriação de moradias e galpões já existentes. Segundo dados da Visual Capitalist, "a demanda por imóveis pode ser fortemente influenciada por tendências globais abrangentes. Uma delas é o crescimento populacional e a urbanização, que elevaram drasticamente o custo da moradia em muitas cidades ao redor do mundo. Outra é a ascensão do comércio eletrônico, que provocou um boom na demanda por espaços de armazenamento." Isso ficou evidente com o crescimento vertiginoso da Amazon durante a pandemia de COVID-19, quando a empresa dobrou o número de seus centros de distribuição."[119] Os lucros financeiros aqui observados não vêm da expansão da oferta habitacional, mas sim da transformação da infraestrutura existente em ativos de renta — comprar o que já está construído, inflar os preços e rentabilizar o patrimônio. Um mecanismo de acumulação que nada produz, mas muito extrai.

O investimento imobiliário também tem sido amplamente utilizado para lavagem de dinheiro: "O uso de empresas de fachada anônimas e estruturas corporativas complexas continua sendo o principal método de lavagem de dinheiro. Oitenta e dois por cento dos casos nos EUA envolveram o uso de uma entidade legal para mascarar a propriedade, destacando a importância de implementar um registro robusto de beneficiários reais conforme previsto no *Corporate Transparency Act* (Lei de Transparência Corporativa)."[120] Trata-se de dinheiro extraído a partir do capital já existente, com o bônus adicional de não precisar pagar impostos. "Em termos de retorno total, imóveis residenciais e ações mostraram ganhos reais muito semelhantes e elevados, em média cerca de 7% ao ano. Quando se extrai mais do que a expansão da produção, o resultado é a extração líquida.

O controle da propriedade intelectual tornou-se outra fonte de renta. No século passado, patentes com duração de 20 anos poderiam ser consideradas uma forma razoável de estimular a criatividade, mas com o ritmo atual das inovações, tornaram-se concessões feudais. Quando o principal fator de produção é o conhecimento, que com a conectividade online pode ser difundido ao infinito sem custos adicionais para quem o produziu, podemos generalizar o acesso, remunerando apenas os custos iniciais de sua geração e multiplicando os benefícios por milhões de usuários. Na China, no âmbito do ORE (*Open Resources for Education*), a pessoa que cria

[118]Os números das taxas de juros no Brasil são difíceis de acreditar. Consulte a ANEFAC, *Pesquisa mensal de juros*- https://www.anefac.org/_files/ugd/bed087_18abab75c41e47f8a1ecd3ff366522df.pdf - Veja também os dados do Banco Central: https://www.bcb.gov.br/estatisticas/estatisticasmonetariascredito

[119] Visual Capitalist - Real Estate Investment Trusts (REITs) - https://www.visualcapitalist.com/the-worlds-largest-real-estate-investment-trusts-reits/

[120]Global Financial Integrity – Acres of Money Laundering – 2 de agosto de 2021 - https://gfintegrity.org/report/acres-of-money-laundering-why-u-s-real-estate-is-a-kleptocrats-dream/?utm_medium=email&_hsmi=153147175&_hsenc=p2ANqtz-_dQDkw9bsAsfZWejIcFezC6_eVikqqfH6VqfmPlVWO7sNCCzRqzGBiK6QeYxEJOrVCZoBu_Bt9ku9K1AOcqSyAW7dy1g&utm_content=153147175&utm_source=hs_email

uma inovação recebe um bônus da instituição, e a inovação é repassada para toda a rede de universidades e centros de pesquisa, de modo que ninguém fica reinventando a roda, todos trabalham na crista da onda da tecnologia. Gera-se um ambiente colaborativo sistemicamente inovador. Wikipédia, Open Access, Creative Commons, OCW do MIT e tantas outras experiências, apresentadas entre outras em *Wikinomics*, apontam para um caminho muito mais equilibrado e produtivo.[121]

O processo de construção interativa e colaborativa do conhecimento em redes é mais justo, pois reduz o peso dos intermediários que filtram o acesso a um saber que poderia multiplicar a produtividade de inúmeros outros agentes. Gar Alperovitz e Lew Daly trazem uma excelente análise em *Unjust Deserts* (merecimentos injustos, publicado no Brasil como *Apropriação Indébita*), ao lembrarem que, se não fosse pelos avanços no desenvolvimento dos transistores e microprocessadores feitos por outros, Bill Gates estaria até hoje em sua garagem brincando com tubos catódicos. Pagamos fortunas por um produto para o qual sua empresa contribuiu muito pouco, aproveitando o conhecimento desenvolvido por outras instituições e centros de pesquisa frequentemente públicos. Hoje somos forçados a usar o Word, por exemplo, simplesmente porque temos que usar o que os outros usam. Não há mercado nem competição, apenas monopólio da demanda e busca de renta. Por quanto tempo continuaremos pagando esse pedágio? O conhecimento é uma construção social e seu retorno deve ser para a sociedade. O objetivo não é controlar o conhecimento, mas libertá-lo dos intermediários.[122]

A conectividade planetária permite uma gestão em rede muito mais horizontal, em vez das gigantescas pirâmides de poder verticalizado. A riqueza do planeta, como resultado dos avanços científicos e do desenvolvimento da capacidade produtiva, atingiu um nível que hoje permite a todos viver de forma digna e confortável. Para isso, basta uma redistribuição moderada da riqueza e, em particular, o controle da drenagem financeira exercida por agentes econômicos improdutivos. E muito além de enfrentar a desigualdade, permite a participação efetiva em rede de toda a sociedade.

As principais áreas da economia global estão hoje no domínio digital. A Europa começa a dar os primeiros passos: “Hoje, a maneira como os ‘gatekeepers’ (‘porteiros digitais’) conduzem seus negócios é largamente não regulamentada ou baseada em regras que em grande parte antecedem a economia digital. Isso se verifica em toda a União Europeia... O proposto Digital Markets Act (DMA) da UE pretende enfrentar as preocupações com a concorrência na economia digital, com um mandato claro para regulamentar práticas comerciais desleais impostas por grandes plataformas. O DMA define como ‘gatekeepers’ as plataformas com forte posição econômica e capacidade de intermediação consolidada no mercado.”[123]

---

[121] Don Tapscott and Anthony Williams- *Wikinomics: how mass collaboration changes everything* - Penguin, US, 2006 - https://dowbor.org/2008/03/wikinomics-2.html

[122]Gar Alperovitz and Lew Daly – *Unjust Deserts: how the rich are taking over our common inheritance* – The New Press, New York, 2008
- https://dowbor.org/2010/11/apropriacao-indebita-como-os-ricos-estao-tomando-a-nossa-heranca-comum.html

[123]European Commission – *The Digital Markets Act: ensuring fair and open digital markets* - 2019
-https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/europe-fit-digital-age/digital-markets-act-ensuring-fair-and-open-digital-markets_en

Estes são realmente os primeiros passos. Ann Pettifor resume bem: “A financeirização permitiu a geração quase sem esforço de ganhos extraordinários de capital àqueles que obtêm renta da posse de ativos financeiros que geram juros, ou de ativos escassos ou artificialmente escassos (como patentes e propriedade intelectual). Rentas de aluguel de terras, propriedades, minerais ou investimentos financeiros são as formas mais conhecidas de capitalismo rentista.[124] As regras e os sistemas de regulação que herdamos da era industrial estão ultrapassados. Precisamos de um novo pacto global verde, ou de um novo Bretton Woods. Estamos na era digital, ainda com instituições da era do aço.

[124] Ann Pettifor, - *Inequality and morbid symptoms of a financialized system* - Real-world EconomicsRreview, issue no. 92, 29 de junho de 2020 p. 246-251, http://www.paecon.net/PAEReview/issue92/Pettifor92.pdf

19 - Publicidade: estamos pagando para que nos manipulem

As práticas de marketing se tornaram um grande incômodo, elas se infiltram no que fazemos, custam muito dinheiro, geram fortunas e nós pagamos por tudo isso. A IA e o marketing comportamental, com conectividade global, estão gerando um universo impressionante de manipulação e uma enorme perda de tempo. Surgiu uma enorme indústria da atenção, às nossas custas.

New technologies and the incessant interruptions and distractions leave many of us irritated, dispersed and exhausted.[125]
Jonathan Haidt – *The anxious generation* - 2024

As mensagens comerciais estão se tornando um ator cultural fundamental. A narrativa é que eles nos trazem suas mensagens para nos servir melhor. E se estamos assistindo a um filme, ele é interrompido por alguma mensagem melosa, juntamente com a sugestão de que estão nos "oferecendo" esse filme gratuitamente. Nada disso é gratuito, é claro, pois os custos estão incluídos nos produtos que compramos. Estamos pagando a eles para divulgar a mensagem na mídia. Precisamos disso? A economia básica de tudo isso é que pagar diretamente a quem produz produtos culturais nos permitiria ter uma cultura melhor a custos muito mais baixos.

Na França, as famílias pagam uma taxa, 138 euros por ano, para ter excelentes programas de TV gratuitos, eventos culturais, científicos, shows, notícias e tantos outros produtos essenciais do mundo da comunicação. Na Inglaterra, a taxa corresponde a 180 euros. Temos a BBC e outras emissoras de cultura, informação e entretenimento de primeira classe, sem "intervalos comerciais". Mas Macron está sugerindo que eliminará a taxa, chamada "*redevance"*, do orçamento. Na Grã-Bretanha programam a eliminação do financiamento a partir de 2027. Isso significa que a cultura e a comunicação dependerão muito menos do orçamento público, mas, acima de tudo, o que resta da cultura de interesse público estará nas mãos das corporações, por meio da publicidade. Uma cultura voltada para a maximização do lucro comercial é pasteurizada.

A indústria de captura da atenção tornou-se gigante. Como passamos boa parte de nossas vidas assistindo a algum tipo de tela, prender-nos pelos olhos tornou-se uma indústria extremamente eficiente e lucrativa. Em primeiro lugar, expandiu o consumismo a um nível patológico, a última coisa de que precisamos nesta catástrofe ambiental explosiva em câmera lenta. Na publicidade, não não somos *informados* sobre produtos e serviços, devemos nos encantar com belas moças sorridentes, vozes suaves e cheias de intimidade, ou vozes gritantes que nos alertam sobre uma oportunidade instantânea que não podemos perder, mas, acima de tudo, por meio de repetições incessantes, como se fôssemos idiotas incapazes de entender a mensagem. Estamos pagando por

[125] *"As novas tecnologias e as interrupções e distrações incessantes deixam muitos de nós irritados, dispersos e exaustos."* (Tradução nossa)

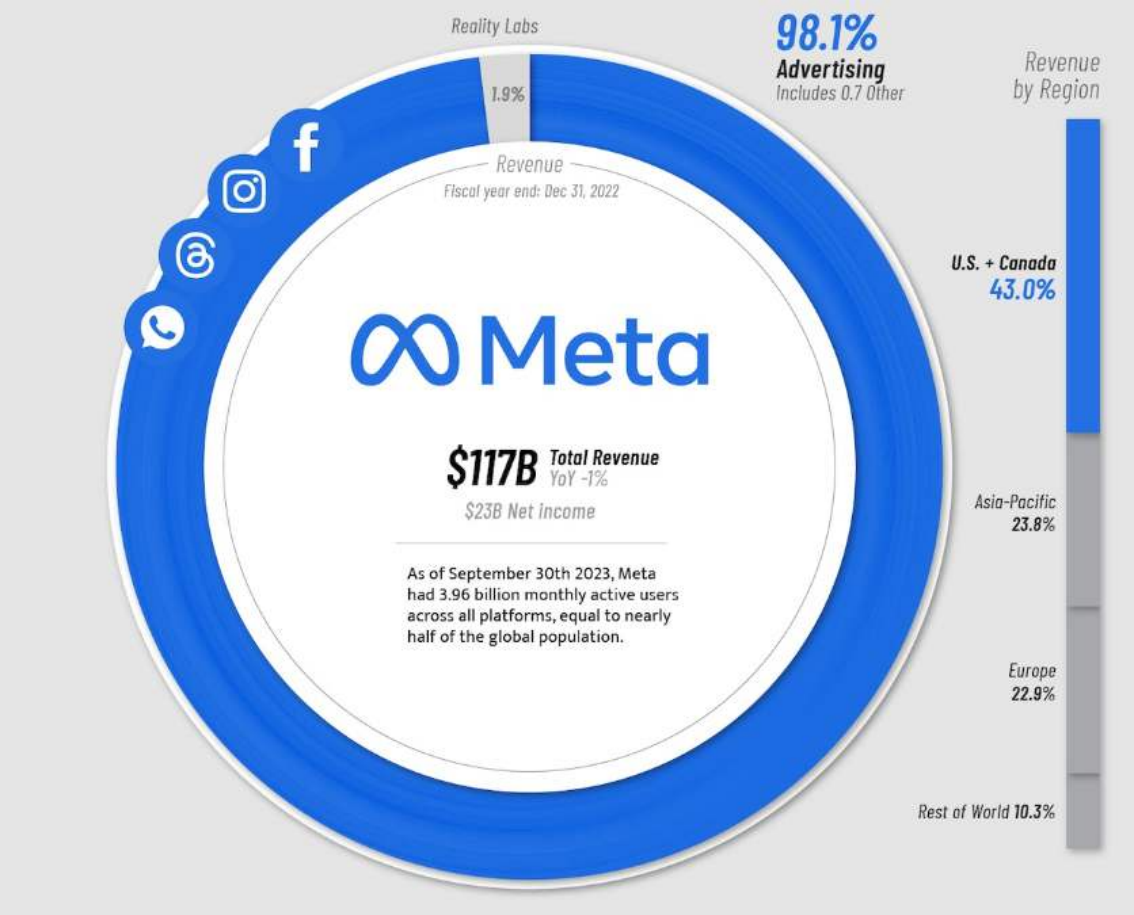
isso, e é o nosso tempo que eles estão desperdiçando. Faz sentido ouvir a mesma mensagem inúmeras vezes, mesmo sobre assuntos e produtos nos quais não estamos interessados? Liberdade?

As corporações insistem que precisam mostrar seus produtos, espalhar a palavra. Isso é legítimo, mas não preciso que Monroe me informe milhares de vezes no rádio que eles são os primeiros a produzir amortecedores, interrompendo um programa. Se eu precisar de amortecedores, pesquisarei na internet ou, melhor ainda, consultarei meu mecânico. E ele não precisa desse tipo de publicidade; ele consultará publicações especializadas. Publicidade e informação sobre produtos se separaram. O nome de uma marca é martelado incessantemente em diferentes mídias, e pesquisas dispendiosas informarão as campanhas publicitárias sobre como o reconhecimento da marca está crescendo. Mas precisamos disso?

Melhora as vendas? Bem, se uma marca de cerveja investe pesado em publicidade, com comerciais mostrando homens muito felizes bebendo cerveja, se animando com algum jogo na TV, com pernas femininas charmosas passando, a marca venderá mais. Mas as outras marcas recorrerão a uma contraofensiva para não perder participação de mercado, e o resultado é uma cacofonia, custos enormes incluídos no preço da cerveja que pagamos e mais guerras comerciais pela frente. Eu gosto de assistir futebol. Preciso desses anúncios idiotas, das interrupções e do estilo de vida ridículo que está implícito nos comerciais? Bem, eles dizem que é de graça, ou até que "nos oferecem"!

Nos EUA, Amazon, Google e Facebook controlam 50% do mercado de publicidade, cerca de 250 bilhões de dólares. "Os EUA são lar de alguns dos maiores investidores em publicidade do mundo. Apesar da queda com a pandemia da COVID-19, os gastos publicitários em 2020 ultrapassaram 225 bilhões. O triopólio publicitário das Big Techs arrecadou cerca de US$ 120 bilhões desse valor e vem conquistando cada vez mais participação de mercado a cada ano. Um dos motivos para isso é a migração do setor para anúncios digitais, que agora representam quase dois terços de todos os gastos com publicidade. Ações de grandes empresas de tecnologia, como Google e Facebook, são amplamente reconhecidas como apostas puras no setor publicitário. Mas a presença da Amazon pode surpreender. Conhecida principalmente pelo comércio eletrônico, a empresa já fatura mais de 16 bilhões de dólares por ano só com publicidade."[126] E sim, somos nós que pagamos essa conta — toda vez que compramos praticamente qualquer produto. Pagamos para que nos interrompam no que estamos fazendo ou assistindo, para nos dizerem o que devemos comprar, ou para nos convencerem de que não podemos viver sem aquilo.

[126]Visual Capitalist – 29 de junho de 2022 - https://www.visualcapitalist.com/3-companhias-geram-50-por-cento-da-nossa-receita-de-publicidade/



Fonte: https://www.visualcapitalist.com/big-tech-companies-billions/?utm_source=Visual+Capitalist+Infographics+%28All%29&utm_campaign=f51b8fcca0-EMAIL_CAMPAIGN_2023_12_24&utm_medium=email&utm_term=0_-80ff0af106-%5BLIST_EMAIL_ID%5D

Em escala global, o Facebook (Meta) alcança quase 4 bilhões de usuários, e 98,1% de sua receita vem de publicidade. A fortuna de Zuckerberg está incluída em todos os custos extras que pagamos, como se fossem impostos privados.[127] E os anúncios direcionados, que penetram cada atividade, são simplesmente eficazes: não são informações sobre produtos e serviços, são manipulações. "Facebook, Google, Apple e Amazon evitam impostos, esmagam a concorrência, violam a privacidade. Seus algoritmos inescrutáveis determinam o que vemos, o que sabemos, moldam opiniões, restringem visões de mundo e subvertem até mesmo a própria ordem democrática que os gerou". Em 2018, a reação contra as big techs — o chamado techlash — estava a todo vapor. Havia um consenso crescente de que algo precisava ser feito. Seja a função da Amazon "*clientes que compraram isso também compraram...*", ou os pontinhos vermelhos ou alaranjados com "novidade" nos ícones de aplicativos do celular, os produtos das gigantes digitais não são apenas bons — são sutilmente projetados para nos controlar, até nos viciar —

[127] Visual capitalist - How Do Big Tech Giants Make Their Billions? (visualcapitalist.com)

fisgando nossos olhos e nos mantendo ali. O resultado é a economia da atenção, cuja moeda são os dados (*data*)"[128]

Quanto pagamos de marketing ao comprar um produto? A Johnson & Johnson, como vimos, é outra marca mundialmente famosa que fabrica medicamentos, produtos de higiene e equipamentos médicos. Hoje, é um dos mercados mais competitivos. Ainda assim, em 2017, a empresa investiu 27,7% de sua receita em marketing.[129] Isso é enorme. Assim como no exemplo da cerveja acima, todas as outras empresas são obrigadas a seguir o mesmo caminho para não perder sua fatia de mercado. Pagamos por uma guerra de marketing, com mensagens idiotas repetidas aos milhões, um custo para todos. Eles poderiam usar esse dinheiro para pesquisa e produtos mais baratos. Estamos falando de saúde, o que precisamos é informação, não propaganda. A educação está trilhando o mesmo caminho: "O setor educacional também não vive sem marketing. Hoje, todos conhecemos Harvard, Oxford ou Yale, não apenas por sua história ou pela qualidade do ensino, mas porque investem pesado em promoção."

Resultados financeiros se tornam centrais. A Strayer Education (Strategic Education Inc.) investiu 18,2% de sua receita em publicidade em 2017. Ela detém a quinta maior dívida de empréstimos estudantis nos EUA. Segundo informações da Wikipédia, "Em 2021, os principais acionistas da Strategic Education foram BlackRock, T. Rowe Price e Vanguard Group". Maximização dos dividendos para acionistas na educação, bem como dos lucros da dívida estudantil. Apenas negócios, mas turbinado pelas plataformas modernas e com um poder de alcance radicalmente novo.

Enrique Dans vai direto ao ponto: "Por que alguém iria querer proibir um tipo de publicidade que deu origem a uma indústria bilionária? Fundamentalmente, porque suas premissas são equivocadas, abusivas e insustentáveis. A essa altura, qualquer pessoa que use a internet sabe que a ideia de monitorar tudo o que fazemos online, para que nossas atividades possam ser analisadas e, assim, nos bombardear com publicidade hipersegmentada, é uma péssima ideia."[130]

De acordo com o *Digital Economy Report 2021* (Relatório de Economia Digital) da UNCTAD de 2021, "essas empresas têm uma vantagem competitiva em termos de dados resultante de seu componente de plataforma, mas não são mais apenas plataformas digitais. Tornaram-se corporações digitais globais com alcance planetário; enorme poder financeiro, de mercado e tecnológico. E controle sobre grandes volumes de dados sobre seus usuários." (p. 10) Devemos "reconhecer que as instituições globais atuais foram construídas para um mundo diferente, que o novo mundo digital é dominado por intangíveis e que novas estruturas de governança são necessárias." (p. 18)[131]

---

[128]Douglas Heaven - *How Google and Facebook Hooked us, and how to break the habit.* - New Scientist, 7 de fevereiro de 2018

[129]Ivana Shepetyuk –*Qual é o orçamento médio de marketing por setor?*– Merehead, 18 de novembro de 2021https://merehead.com/blog/orçamento-médio-de-marketing-diferentes-áreas-de-negócios/

[130] Enrique Dans – *The only people who want to save hypersegmented advertising are those who make their living from it* – Abril de 2021 - https://www-enriquedans-com.cdn.ampproject.org/c/s/www.enriquedans.com/2022/04/los-unicos-que-quieren-que-siga-existiendo-la-publicidad-hipersegmentada-son-los-que-viven-de-ella.html/amp

[131]UNCTAD – *Digital Economy Report 2021* - https://unctad.org/system/files/official-document/der2021_overview_en_0.pdf

A indústria da atenção está em alta. Precisamos disso? Ela gera empregos, mas empregos devem ser criados para assegurar bens e serviços úteis, e não para aumentar seus custos. Criamos uma cultura em que o ato de comprar é mais estimulante que o próprio produto. O fato é que não preciso ser bombardeado com mensagens sobre coisas de que não preciso, enquanto as coisas de que preciso não preciso que sejam anunciadas. É simples assim. E o enorme dinheiro que gastamos em publicidade drena a capacidade criativa de tantos profissionais que poderiam estar produzindo cultura e entretenimento ricos para todos, em vez de servir às corporações. Um enorme desperdício de talento.

O artigo de Merehead citado acima resume bem: "Hoje em dia, simplesmente não faz sentido alocar orçamentos enormes de milhares de milhões de dólares**.** Até mesmo líderes de mercado, da Coca-Cola Company à Nike, cortaram seus custos com publicidade. Por quê? O consumidor começou a se interessar pelo produto por conta própria. Ele não precisa enfiar na cabeça que esta ou aquela empresa existe. Em busca de alternativas, ele ainda descobre algumas oportunidades." Uma publicação clássica sobre o assunto é o livro de Juliet Schor, de 1998: *The Overspent American - why we want what we don't need* (O americano gastador: por que queremos o que não precisamos): "Ser pobre ou desprovido de posses prejudica muito o bem-estar de alguém, mas, a partir de certo ponto, ter mais coisas não parece ajudar. Um aumento de cinco vezes na renda média do Japão não melhorou a felicidade de seus cidadãos. O aumento de três vezes na renda americana no pós-guerra teve o mesmo resultado. Em média, já passamos há muito do ponto em que a renda adicional, ou consumo, gera muito benefício psíquico." (p. 165) Mesmo na época em que ela escreveu, antes da explosão do comércio de dados pessoais, já estávamos pagando uma fortuna: "Os gastos com publicidade dispararam nos últimos anos e agora chegam a mais de US$ 2.000 por família. Esses gastos são totalmente subsidiados pelos contribuintes: os custos com publicidade são dedutíveis dos lucros corporativos."[132]

Isso foi antes da revolução digital completa e das corporações globais com seus algoritmos. A Electronic Frontier Foundation nos traz a este novo mundo: "Empresas de tecnologia obtêm lucros impressionantes direcionando anúncios para nós com base em nosso comportamento online. Isso incentiva todos os atores online a coletar o máximo possível de nossas informações comportamentais e, em seguida, vendê-las para empresas de tecnologia de publicidade e os corretores de dados que as atendem. Esse aparato onipresente de vigilância comportamental online transforma nossas vidas em livros abertos — cada clique do mouse e cada toque na tela podem ser rastreados e disseminados por todo o vasto ecossistema de tecnologia de publicidade. Às vezes, esse sistema é chamado de "publicidade comportamental online."[133] E o sistema está nas mãos de um punhado de corporações: nos EUA, 78,6% está nas mãos das 10 principais editoras e plataformas digitais, e a proporção está aumentando. " A receita de anúncios digitais nos EUA aumentou 35% para US$ 189 bilhões no ano passado, à medida que os profissionais de marketing perseguiam os consumidores que passavam cada vez mais tempo em mídias online e compras, de acordo com um novo relatório do Interactive Advertising Bureau e da PricewaterhouseCoopers LLP."[134]

---

[132]Juliet B. Schor – *"The Overspent American - why we want what we don't need"* – HarperPerennial, Nova York, 1998

[133] Bennett Cyphers and Adam Schwartz – *Ban Online Behavioral Advertising* – 21 de março de 2022 – Electronic Frontier Foundation (eff.org)

[134] Wall Street Journal – 12 de abril de 2022 - Digital Ad Revenue Jumped 35% in the U.S. Last Year, Biggest Gain Since 2006 - WSJ

Citando novamente Enrique Dans: “E, no entanto, pela simples razão de que era algo novo e ainda não adequadamente regulamentado, há mais de uma década aceitamos e tomamos como característica do mundo online esse mesmo modelo de publicidade, que gerou enormes quantias de dinheiro para as empresas que vendem publicidade, mas não se traduziu em mais vendas. O resultado é que as marcas desperdiçam seus orçamentos de publicidade, nos sentimos espionados e tudo isso para que algumas empresas e intermediários que dominam esse mercado possam fazer uma fortuna.” Custa-nos muito, não estamos mais felizes com isso e a sustentabilidade está indo por água abaixo. E tentar se concentrar em algo enquanto mensagens invasivas interrompem o que estamos fazendo é simplesmente cansativo. O tempo que perdemos é o tempo das nossas vidas.

Bem, há algumas reações. Em 2024, o Google foi levado ao tribunal: “O Departamento de Justiça alega que Google construiu um monopólio por meio de uma série de manobras anticompetitivas implacáveis. Essas manobras incluem a eliminação de rivais por meio de aquisições ou práticas de exclusão que equivalem a exercer um monopólio ilegal sobre o setor, de acordo com o processo. O processo alega que o Google usa sua posição dominante para cobrar deliberadamente a mais dos anunciantes, enquanto fica com pelo menos 30 centavos de cada dólar que flui para os editores de sites por meio de sua tecnologia de publicidade. Essa vantagem inesperada resultou na empresa lucrando dezenas de bilhões de dólares a cada ano com sua tecnologia de publicidade, constituindo a maior parte de sua receita total.” Pelo menos 30% para gerenciar o acesso à internet é fabuloso.[135]

Mencionei anteriormente que, há alguns anos, quando completei 70 anos, recebi um anúncio de uma empresa funerária oferecendo seus serviços, com a descrição de um belo cemitério e acompanhamentos. Trabalho profissional, com música suave, passeios turísticos e tudo. Não chegou na hora certa; a essa altura, eles certamente já têm minhas informações de saúde e seriam mais precisos. Achei divertido, mas meus filhos, que viram o anúncio, ficaram tristes com a perspectiva da publicidade sobre o meu futuro. Precisamos mesmo disso? Esta é a minha vida, fique longe, deixe-me fazer minhas escolhas e escolher minhas informações. Por quanto tempo aceitaremos qualquer coisa em nome da liberdade de mercado?

E posso sugerir o que podem fazer com seus cookies?

[135] The Guardian, 9 de setembro de 2024 -https://www.theguardian.com/technology/article/2024/sep/09/google-antitrust-lawsuit-online-ads?utm_source=Roosevelt+Institute&utm_campaign=40825173eb-Rundown_2024_09_11&utm_medium=email&utm_term=0_a36a36c6ff-252c8af0c0-%5BLIST_EMAIL_ID%5D

20 - Brasil: a fome que vai e volta

O Brasil, um dos maiores produtores de alimentos do mundo, sofre com a fome em larga escala. A globalização do sistema agrícola, o controle financeiro generalizado, o comércio mundial de commodities e a intermediação de insumos concentrada nas mãos de poucos levaram a um divórcio entre os interesses dominantes e as prioridades sociais. O Brasil saiu de novo do mapa da fome, em 2025, mas precisamos desta loucura deshumana?

Vivemos em um país que produz muita comida e tem muita gente passando fome. Além do escândalo ético, isso é uma aberração em termos de organização econômica e social. Voltando aos números básicos: em 2021, 33 milhões de pessoas passavam fome, das quais cerca de 25% eram crianças, e 125 milhões sofriam de insegurança alimentar, mais da metade da população. O Brasil produz, só de gráos, mais de 4 quilos por pessoa e por dia. Em 2014, o Brasil havia sido retirado do mapa da fome da FAO, após medidas simples dos governos Lula e Dilma. Inicio esta reflexão pelo lado ético, porque é a indignação que nos mobiliza, mesmo que na Academia devamos manter uma certa aparência de neutralidade. A fome não admite neutralidade e, em termos legais, considerando nossa Constituição, um governo que não tome nenhuma medida para garantir o acesso básico da população à alimentação, quando há e em abundância, é, no mínimo, prevaricação. Não há justificativas de livre mercado quando crianças passam fome. No nível moral e ético, beira o criminoso.[136]

Trabalhei sete anos na África, como Assessor Técnico das Nações Unidas, e conheci países onde a fome era resultado direto da pobreza, da falta generalizada de recursos. Não é o caso do Brasil, onde um PIB de aproximadamente R$ 2 trilhões, equivalente a quase 50 mil anuais per capita, deveria garantir o atendimento das necessidades básicas. Uma forma mais simples de apresentar esses números, como vimos, pode ajudar: dividindo o PIB, a soma dos bens e serviços produzidos anualmente, pela população, mostra que o Brasil produz o equivalente a 17 mil reais por mês por família de quatro pessoas. Uma soma que, não fosse a brutal concentração de renda e riqueza que temos, permitiria a todos uma vida digna e confortável. Uma redução moderada da nossa desigualdade seria suficiente para garantir que as pessoas vivam bem. O problema central e estruturante do Brasil não é econômico. É um problema de organização política e social. Nenhuma democracia funciona com o grau de desigualdade que temos. Isso é uma farsa democrática. Repito aqui esses números, vistos acima, porque é a âncora necessária para entender diversos dramas, no caso aqui, a fome.

Entender esse contexto é importante para entender o retorno da fome no Brasil, e em dimensões tão dramáticas. Em 2022, apenas dois setores da economia apresentaram dinamismo: a intermediação financeira, em suas diferentes modalidades, e a exportação de bens primários, que constitui, em grande parte, uma descapitalização do país em favor de grupos de intermediação de commodities. A explosão radical da fome e da insegurança alimentar está diretamente ligada a

---

[136] Renato Maluf – *Fome no Brasil* – Julho de 2021 http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf Uma visão de conjunto da questão pode ser encontrada no livro *Da Fome à Fome: diálogos com Josué de Castro,* organizado por Tereza Campello e Ana Paula Bortoletto, Ed. Elefante, São Paulo, 2022 - https://dowbor.org/2022/08/da-fome-a-fome-dialogos-com-josue-de-castro.html

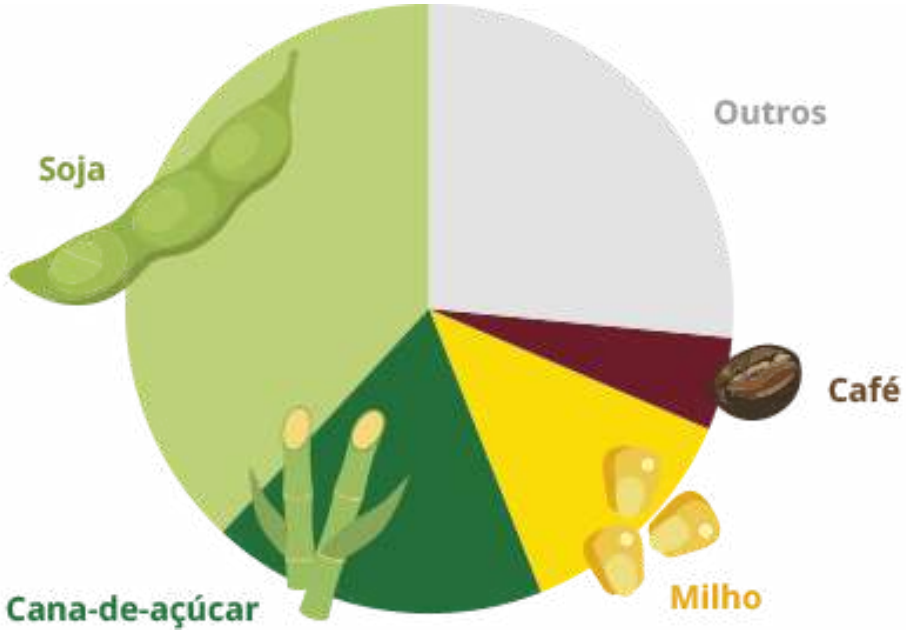
ambos: a apropriação de recursos por grupos financeiros reduz a capacidade de compra da população, que não consegue pagar pelos alimentos, e a exportação de alimentos pela agroindústria gera desabastecimento no mercado e a alta dos preços. A política econômica, particularmente durante os governos de extrema direita Temer e Bolsonaro (2016-2022), esteve desconectada do que a sociedade precisa.

Na era do controle dos produtos agrícolas pelas grandes empresas de commodities, a lógica é a da maximização do lucro. Seu controle sobre a política econômica levou a uma desvalorização do real, o que favorece as exportações em relação ao mercado interno. Em 2010, por exemplo, um dólar de produto exportado revertia 2,5 reais para o exportador. Hoje, com um dólar exportado, ele ganha 5,5 reais. O interesse em exportar praticamente dobrou. E desde 1996, com a Lei Kandir, a produção para exportação passou a ser isenta de impostos. "Exportar é o que importa", era o que proclamavam na época, um jogo de palavras de marketeiros. A produção de alimentos para a população do país é tributada, mas não quando se destina à exportação. Esse sistema tributário reforça ainda mais a deformação gerada pela taxa de câmbio. Some-se a isso o enfraquecimento da capacidade de compra da população e o aumento dos preços, e tivemos a volta da fome generalizada.

No Brasil, considerando os volumes de alimentos produzidos e a quantidade de terra disponível, o processo é aberrante, mas foi ativamente apoiado pelo governo de extrema direita, determinado a favorecer banqueiros e empresas de commodities. Caroline Oliveira, no Brasil de Fato, mostra como isso é uma política: "A pecuária e a soja foram as atividades mais financiadas pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) em 2020, respondendo por 59,9% dos recursos, seguidas pela produção de milho (14,4%). Enquanto isso, apenas 2,53% dos recursos do Pronaf Custeio Geral foram destinados à produção de arroz e feijão."[137]

Figura 9

[137] Caroline Oliveira – *Bovinocultura e soja foram as atividades mais financiadas pelo Pronaf* - Brasil de Fato, 17 de dezembro de 2021 – Dados da análise do Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar - https://www.brasildefato.com.br/2021/12/17/produtor-familiar-de-arroz-e-feijao-recebeu-apenas-2-5-de-recursos-do-pronaf-soja-recebeu-26



Fonte: https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/agricultura.html

O IBGE, instituto nacional de estatística, apresenta no gráfico as prioridades da agricultura brasileira: "A soja é a cultura com maior valor de produção no Brasil, seguida pela cana-de-açúcar, milho e café". Alimentos como feijão e arroz estão entre os "outros". É importante ressaltar que a desnutrição infantil, que afeta milhões de pessoas no Brasil, acarreta, além do drama humano, um impacto estrutural de longo prazo: "A desnutrição está associada a uma maior recorrência de doenças infecciosas, comprometimento do desenvolvimento psicomotor, menor desempenho escolar e menor capacidade produtiva na vida adulta. Adultos que foram desnutridos na infância correm maior risco de desenvolver doenças cardiovasculares, diabetes e obesidade." [138]

A deformação é planetária, embora no Brasil tenha atingido proporções aberrantes. A Cúpula dos Sistemas Alimentares da ONU (UN Food Systems Summit - UNFSS) de 2021 levou ao seguinte comentário da organização FoodSystems: "Os sistemas alimentares industriais, as cadeias de suprimentos globais e o crescente controle corporativo da governança alimentar são responsáveis pelas ameaças existenciais e inextricavelmente interconectadas enfrentadas por nossas populações e pelo planeta, incluindo a crise climática, o desmatamento, a perda de biodiversidade, a degradação da terra e dos oceanos, a poluição do ar e da água, a fome, a marginalização e inúmeras violações de direitos humanos. Um modelo de desenvolvimento extrativista centrado no controle corporativo de recursos, em debates políticos e em processos regulatórios produziu um sistema alimentar global que, mais recentemente, deixou mais de dois bilhões de pessoas subnutridas e economicamente destituídas. Além disso, produtos industriais

[138] Ariel Bentes e Carolina Cerqueira – *Fome: desnutrição infantil para toda a vida* – Nexo, 2 de fevereiro de 2022 – https://www.nexojornal.com.br/explicado/2022/02/02/Desnutri%C3%A7%C3%A3o-infantil-um-problema-para-a-vida-toda?posicao-home-esquerda=2&utm_medium=Email&utm_campaign=NLDurmaComEssa&utm_source=nexoassinantes

ultraprocessados causam desnutrição, doenças crônicas não transmissíveis relacionadas à dieta e obesidade."[139]

O relatório da FAO sobre o Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo 2021 mostra como o drama está crescendo: "Enquanto a prevalência global de insegurança alimentar moderada ou grave tem aumentado lentamente desde 2014, o aumento estimado em 2020 foi igual ao dos cinco anos anteriores combinados. Quase uma em cada três pessoas no mundo (2,37 bilhões) não tinha acesso à alimentação adequada em 2020 – um aumento de quase 320 milhões de pessoas em apenas um ano." [140]

As corporações insistem que nós, consumidores, devemos aprender a nos comportar: "É o que as petrolíferas inventaram quando inventaram a ideia da 'pegada de carbono' — ou seja, a sua pegada na biosfera, não a delas. É a estratégia de deslocamento de responsabilidade: como é um país livre, ninguém está te forçando a fazer o que é ruim para você. A obesidade infantil é responsabilidade da criança ou de seus pais. O alcoolismo acontece porque você não 'bebe com responsabilidade'. A radicalização do atirador em massa não é responsabilidade do YouTube. A culpa é sempre sua, não do fabricante do produto viciante."[141] Mas os desafios mais amplos apontam claramente para o comportamento corporativo.

Os dados são dramáticos e vão muito além da fome. Como vimos, a obesidade mata cerca de 5 milhões de pessoas e causa perda de qualidade de vida para centenas de milhões, atinge 35,5 milhões de crianças de menos de 5 anos. O câncer mata cerca de 10 milhões de pessoas, em grande parte devido ao cigarro, mas também aos pesticidas e a tanta química descontrolada. As empresas que causam essas mortes conhecem perfeitamente os números e as causas. Mas a prioridade é obter mais lucros e dividendos para os acionistas, os grandes grupos financeiros. Todos eles proclamam a sua aderência aos princípios de responsabilidade social e ambiental. Será que aqueles que contaminam água e alimentos com pesticidas estão desinformados? Não sabem o impacto do uso generalizado de antibióticos em nossa carne?

Trata-se de um sistema planetário que reflete, para muitos países, a reprodução, no século XXI e com tecnologias muito mais avançadas – tanto na produção quanto na comercialização, no transporte e na drenagem financeira – do que tem sido corretamente descrito como tecnofeudalismo, neocolonialismo ou, mais precisamente, capitalismo extrativo. Essencialmente, gerou-se uma estrutura planetária de exploração corporativa, com gigantes financeiros como a BlackRock, bem como as grandes comerciantes de commodities ADM, Bunge, Cargill, Dreyfus (ABCD), os GAFAM no controle da informação e assim por diante.

Poder econômico nessa escala se transforma em poder político. Robert Reich, que foi ministro do Trabalho de Clinton, resume o seguinte: "Já em 2012, mais de 40% de todo o dinheiro gasto em eleições federais veio dos mais ricos entre os mais ricos – não do 1% mais rico, nem mesmo do 1% mais rico da décima parte desse 1%, mas do 1% mais rico do 1%." No Brasil, os banqueiros

---

[139] UNFSS – UN Food Systems Summit 2021 - https://www.csm4cfs.org/wp-content/uploads/2021/09/Declaration-EN-2.pdf and https://Foodsystems4people.org

[140] FAO - *Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no mundo 2021* - O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo 2021 (fao.org)

[141] John Naughton – *As the New Year Dawns* – The Guardian, 1 de janeiro de 2022

controlavam diretamente o Ministério da Economia e o Banco Central. O Ministério da Agricultura ainda está nas mãos de agroexportadores. A agricultura familiar de pequena escala, vinculada aos mercados locais ou regionais, ainda subsiste, mas está sendo invadida pelo sistema mundial de produção e comercialização de commodities. A luta do novo governo Lula, a saída do mapa da fome em 2025, os sucessos das iniciativas do MST e outras iniciativas mostram a que ponto não de trata de "mercados" no sentido de mecanismos inevitáveis, e sim de opções de política econômica e social.

Neste sistema internacional, onde os interesses financeiros globais e nacionais estão profundamente entrelaçados com os interesses do agronegócio, da exportação de madeira e da mineração, da extração de dividendos, o Brasil está simplesmente sendo drenado. O resgate do bom senso econômico e a volta de um Brasil sem fome implica, portanto, não apenas políticas internas adequadas, mas também o resgate da soberania que perdemos com o golpe de 2016. A fome no Brasil não é um acidente, é uma política centrada em interesses corporativos, com governos a serviço de um sistema que pouco tem a ver com o desenvolvimento sustentável.

Reverter essa tendência é um dos grandes desafios de Lula-3, e vemos no dia a dia político o travamento das iniciativas pelos interesses corporativos. No entanto, em dois anos e meio da nova gestão, redirecionando recursos e retomando as políticas das gestões anteriores, os avanços são impressionantes. "O Brasil já tinha saído do Mapa da Fome em 2014, segundo relatório anual produzido em conjunto por agências da ONU como FAO, FIDA, UNICEF, PMA e OMS, e sustentava a posição até 2018. Entre 2019 e até 2022, contudo, houve crescimento da pobreza, extrema pobreza e da insegurança alimentar e nutricional. O País voltou ao Mapa da Fome no triênio 2019-2021 e se manteve no triênio 2020-2022. No ano passado, (2024) o relatório apontou que a insegurança alimentar severa caiu 85% no Brasil em 2023. Em números absolutos, 14,7 milhões deixaram de passar fome no país. A insegurança alimentar severa, que afligia 17,2 milhões de brasileiros em 2022, caiu para 2,5 milhões. Percentualmente, a queda foi de 8% para 1,2% da população." [142]

Esse sucesso impressionante no enfrentamento de um desafio essencial, a fome que gera tanto sofrimento, está sendo novamente liquidada. É economia na sua melhor compreensão, o bom senso de direcionar os recursos onde são mais necessários. O novo Bolsa Família foi expandido, atingindo uma média de 705,40 reais por família. Foram destinados cinco bilhões de reais à alimentação de cerca de 40 milhões de crianças em escolas públicas. O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA) e outras instituições que haviam sido extintas pelo governo anterior estão de volta. São programas simples, de baixo custo, e com resultados impressionantes.

---

[142] EBC – julho de 2025 - https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202507/brasil-deve-sair-do-mapa-da-fome-na-semana-que-vem Ver também *Seis meses de governo* - https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/07/em-seis-meses-um-brasil-ativo-altivo-e-que-voltou-a-ser-protagonista assim como *Em 100 dias, 250 realizações,* https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/04/em-100-dias-250-realizacoes-que-ja-mudaram-os-rumores-do-brasil

No Brasil, produzimos muitos alimentos, e as pessoas passarem fome é absurdo. Nos Estados Unidos, o milho é em grande parte usado para produzir bioenergia para carros e a soja é usada para produzir mais carne; em todo o mundo, um terço dos alimentos é perdido por má gestão. É um caos, mas gera lucros enormes no topo da pirâmide: os comerciantes de commodities e a indústria de gestão financeira. Os meios técnicos são certamente avançados, mas o resultado é um desastre humano. O elo que um dia conectou livre mercado, ainda que lucrativo, ao bem-estar social, hoje está rompido. Temos de voltar ao hoje internacionalmente aceito tripê: uma sociedade que seja economicamente viável, mas também socialmente justa e ambientalmente sustentável. E assegurar a governança correspondente, no nível dos países, um novo equilíbrio entre Estado, empresas e sociedade civil. Em terceiro nível, reconstituir a capacidade de governança global.

21 - Recolocando o Brasil nos trilhos

O Brasil tem oscilado entre regimes progressistas e regressivos. É hora de uma mudança estrutural, além dos momentos democráticos entre fases autoritárias.

Semper crescis, aut decrescis, vita detestabilis[143]
Carl Orff, *Carmina Burana*

Estas são as três palavras que sempre digo: primeiro, o governo precisa ter credibilidade. Segundo: precisa garantir estabilidade econômica, política, social e jurídica. E terceiro: precisa ter previsibilidade, para que as pessoas saibam o que fazer neste país. É isso que prometo. Garantimos ao povo brasileiro que este país voltará a ser um país feliz.
Presidente Luiz Inácio Lula da Silva[144]

As diferentes tendências globais de mudança que temos observado estão tendo um profundo impacto no processo de desenvolvimento brasileiro, e seria útil analisá-las mais de perto. Será que o Brasil conseguirá gerar um modelo de crescimento sustentável e sustentado, com mais justiça social, democracia séria e soberania razoável? Se olharmos para trás na história, vemos uma tentativa de desenvolvimento autônomo com Getúlio Vargas no início da década de 1950, interrompida por uma oposição que o levou ao suicídio. Outra tentativa, com Juscelino Kubitschek, alguns anos depois, foi fortemente contestada pelas elites tradicionais. Ele foi seguido por João Goulart, cujas tentativas de implementar reformas progressistas levaram ao golpe militar e empresarial em 1964 e a uma ditadura que durou 21 anos, até 1985. A Constituição de 1988, revertendo os tempos sombrios, trouxe muita esperança: um modelo de mudança institucional que equilibrasse os desafios econômicos, sociais e ambientais. Não durou, e emendas se seguiram, promovidas pelas mesmas elites, transformando gradualmente a Constituição em um papel sem força.

Mesmo assim, a fase de 2003-2013, com Lula e Dilma, chamada de "década de ouro do Brasil" pelo Banco Mundial, criou um ritmo impressionante de crescimento equilibrado, com mais justiça social, investimento público e políticas ambientais sérias. O crescimento médio do PIB durante esse período foi de 3,8%, o desemprego caiu de 12% em 2002 para 4,6% em 2012, o país foi retirado do Mapa da Fome da FAO, a perda da floresta amazônica foi reduzida de 28 mil quilômetros quadrados em 2002 para 4 mil em 2014. Ataques massivos (Lava Jato, guerra de juros e a luta internacional pelas enormes reservas de petróleo do Pré-Sal) derrubaram a experiência. A narrativa era de que o governo havia gastado demais com os pobres, gerando déficit público, e que precisávamos de austeridade. A questão real era sobre poder político e a restauração do dreno financeiro. A presidente Dilma Rousseff sofreu impeachment em 2016, mas

[143] "*Sempre aumentas ou diminuis, detestável vida."(Tradução nossa)* - Carl Orff, na sua maravilhosa ópera Carmina Burana, usa a imagem da lua para as instabilidades (fortuna) das nossas vidas.
[144]Presidente Lula – 8 de julho de 2023
-https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/07/em-seis-meses-um-brasil-ativo-altivo-e-que-voltou-a-ser-protagonista

a partir de 2014 o experimento de desenvolvimento equilibrado foi derrubado. Dilma tentara enfrentar a financeirização, com juros menores nos bancos públicos: não tinha a força política correspondente. Políticas autoritárias e baseadas em austeridade e entreguismo retornaram, com Temer e Bolsonaro.[145]

Em 2022, após a fase de estagnação econômica, retrocesso nas políticas sociais, desemprego crescente, Amazônia em chamas e fome atingindo níveis desastrosos – em meados de 2022, temos 33 milhões sofrendo de fome e 125 milhões em insegurança alimentar – a esperança é que, com Lula de volta ao governo, possamos colocar o Brasil de volta nos trilhos. Mas o principal desafio é que, após cada fase desastrosa com a oligarquia, temos alguns anos de administração democrática e políticas sólidas, mas assim que as elites sentem seus privilégios absurdos ameaçados, somos jogados de volta à era das trevas, como aconteceu com os governos Temer e Bolsonaro. Parece que só podemos ter democracia se não a usarmos. E democracia não se restringe apenas de ter eleições, trata-se principalmente de fazer as pessoas viverem melhor. Por quanto tempo o Brasil continuará a viver neste desastroso processo histórico de vaivém?

O fato é que o Brasil, um dos países mais desiguais do mundo, é relegado a regimes autoritários sempre que medidas democráticas ameaçam os privilégios herdados do topo.[146] Há progresso tecnológico, sem dúvida, em todas as fases, mas ele é usado para reproduzir o mesmo sistema, ainda que tecnicamente mais sofisticado. Primitivismo político com alta tecnologia, baseado em uma aliança entre a oligarquia local e os interesses corporativos dos EUA.[147]

A cada nova eleição, esperamos que os ventos mudem e que essa mudança seja duradoura. E não se trata de não saber o que deve ser feito, mas de gerar o poder de decisão necessário. Aqui estão algumas das principais mudanças que podem ajudar a restaurar o processo de desenvolvimento brasileiro, rompendo com essa trágica história de crescimento econômico limitado e sem progresso social. As principais transformações necessárias podem ser resumidas como inclusão produtiva, a transformação financeira para financiá-la, a correspondente mudança de governança e a ampliação do apoio político para tornar tudo isso possível.[148]

Inclusão produtiva

---

[145] Com a abertura de arquivos nos Estados Unidos, temos acesso a excelentes documentos sobre como foi preparado o golpe, a partir de 2013. Vejam Bob Fernandes, os EUA e golpe no Brasil – *Papel da Atlas Network* - Youtube, 1h - https://www.youtube.com/watch?v=n6F2kjLnN3g

[146] O relatório *Global Wealth Report 2025*, da UBS, sobre desigualdade de riqueza, nos coloca no primeiro lugar no mundo, com um Gini de 0,82. (Ver tabela p. 30)

[147] Jessé Souza - *A elite do atraso* - Casa da Palavra/LeYa, 2017

[148] Para um programa detalhado, veja L. Dowbor – *Resgatando a Função Social da Economia: uma questão de dignidade humana* – Editora Elefante, 2022 https://dowbor.org/2022/04/resgatar-a-funcao-social-da-economia-uma-questao-de-dignidade-humana.html ; ver também L. Dowbor – O pão nosso de cada dia: opções econômicas para sair da crise, versão atualizada em 2021, Autonomia Literária - https://dowbor.org/2015/06/l-dowbor-o-pao-nosso-de-cada-dia-os-processos-produtivos-no-brasil-ed-fundacao-perseu-abramo-sao-paulo-2015144p-isbn-978-85-7643-266-1.html

A inclusão produtiva é um eixo estratégico diretamente ligado à imensa subutilização dos fatores de produção. Voltando aos números, para uma população de 215 milhões, temos apenas 47 milhões de empregos formais privados. Somando 12 milhões de servidores públicos, chegamos a cerca de 60 milhões. Mas 40 milhões estão no setor informal, como ambulantes, precariados e afins. Somando 5 milhões de desempregados e 6 milhões que desistiram (*desalentados*), significa dezenas de milhões de capacidades de trabalho subutilizadas. E o Brasil tem uma área de terras agrícolas não cultivadas, 160 milhões de hectares, o equivalente a cinco vezes o tamanho da Itália. A capacidade financeira do país, em vez de ser usada para financiar atividades produtivas, é basicamente usada para especulação financeira. Este é um sistema extremamente ineficiente.

As medidas concretas para inclusão produtiva são bem conhecidas e foram aplicadas com sucesso durante os governos Lula/Dilma e estão sendo parcialmente introduzidas com o novo governo Lula a partir de 2023, dentro dos limites do espaço político mais estreito. A iniciativa inicial é garantir mais dinheiro na base da pirâmide, com maiores salários mínimos, ampliação da renda básica, apoio à pequena e média empresa e à agricultura familiar e semelhantes: isso não gerará inflação, já que as empresas estão trabalhando abaixo da capacidade e podem responder com mais produtos, desde que tenham a quem vender. O financiamento estagnado ou em declínio de políticas sociais públicas, particularmente saúde, educação, segurança, habitação social e similares, também deve ser restaurado: isso gera bem-estar e empregos.

Um terceiro grupo de iniciativas está na área de infraestrutura, que melhora a qualidade de vida, a produtividade empresarial e o emprego produtivo. E a subutilização restante da força de trabalho deve ser enfrentada com um programa residual de garantia de emprego, como aplicado em larga escala na Índia e descrito para os EUA por Pavlina Tcherneva.[149] A redução da jornada de trabalho é igualmente essencial, e amplamente utilizada na França, na Alemanha e outros países. Essas iniciativas significam que, em vez de esperar que os "mercados" resolvam os problemas, o próprio setor privado seria estimulado pelo impulso econômico geral, com papel articulador do Estado.

Reestruturação financeira

Precisamos evoluir das políticas de austeridade e da narrativa da "responsabilidade fiscal" para uma abordagem global centrada nas necessidades básicas e na promoção de atividades produtivas. Isso implica a reestruturação do sistema tributário. No Brasil, lucros e dividendos distribuídos são isentos de impostos desde 1995, o que é uma deformação grotesca. Também são isentas de impostos as atividades voltadas para a exportação, desde 1996, o que levou a um enorme crescimento das exportações de commodities, em vez da produção para o mercado interno, e ao aumento dramático da fome, como vimos acima. Além disso, o sistema tributário é centrado em impostos sobre o consumo, fazendo com que a maioria da população, que gasta a maior parte dos ganhos em compras diárias, pague proporcionalmente muito mais do que as faixas de renda média e alta. A questão fundamental aqui é transformar esse sistema tributário

[149] Pavlina Tcherneva – *The Case for a Job Guarantee* – Polity Press, 2020 - https://dowbor.org/2022/05/the-case-for-a-job-guarantee.html

regressivo em um sistema progressivo, como já acontece na Europa e em diversos outros países.[150]

Um segundo grupo de medidas para fazer com que as finanças estimulem o desenvolvimento em vez de drenar a economia é a regulamentação do crédito. Como visto, o Artigo 192º da Constituição de 1988 definiu a usura como crime, mas os bancos conseguiram derrubá-lo em 2003, e os bancos brasileiros apresentam o terceiro maior spread do mundo, com taxas de cartão de crédito rotativo acima de 430% (para uma inflação abaixo de 6%), cheque especial acima de 150%, crédito comercial parcelado em torno de 80%. Como cinco bancos controlam 85% do crédito, é um oligopólio que drena a economia. O Banco Central foi declarado "autônomo", o que torna o controle sobre as taxas de juros mais difícil. O crédito deve ser organizado de forma a estimular a demanda, o investimento e as atividades produtivas.

A política financeira, ou seja, o uso produtivo dos recursos controlados pelo Estado, também deve ser orientada para as necessidades básicas e o apoio econômico aos produtores. A questão não é de onde vem o dinheiro, seja por meio do orçamento, da dívida ou das emissões, ou ainda da conversão de reservas cambiais, desde que o uso do dinheiro estimule o desenvolvimento e, assim, gere o crescimento da economia real correspondente ao dinheiro injetado. Atualmente, a dívida pública, em vez de ser usada para financiar educação, ciência, infraestrutura e empregos, basicamente usa nossos impostos para pagar juros altos aos detentores de títulos do governo: 82% do crescimento da dívida pública resulta do pagamento de juros aos 10% dos grupos mais ricos, em vez de financiar o desenvolvimento. O dinheiro precisa ir para onde tenha um efeito multiplicador na economia real.[151]

O Brasil precisa resgatar o controle sobre petróleo, minério de ferro e outras exportações primárias. Petrobras, Vale e outras corporações de grande porte, atualmente privatizadas, que geram dividendos para acionistas internacionais e seus aliados internos, em vez de financiar investimentos produtivos no país. O enorme capital natural do Brasil está sendo desperdiçado: é contabilizado como produção no PIB, mas, como o Banco Mundial já demonstrou, trata-se basicamente de uma descapitalização de ativos não renováveis.

O processo de tomada de decisão: gerenciando a transformação

Como tantos estudos demonstram atualmente, com Joseph Stiglitz, Mariana Mazzucato, Thomas Piketty e até mesmo editoriais do Financial Times, precisamos restaurar o equilíbrio entre o setor público, a iniciativa privada e as organizações da sociedade civil, um universo atualmente profundamente deformado em favor dos gigantes corporativos. O papel do Estado como

---

[150] Ver Marcelo Medeiros – *Os Ricos e os Pobres: o Brasil e a desigualdade* – Companhia das Letras, São Paulo, 2023, assim como outros estudos de Eduardo Fagnani, *A reforma tributária necessária – 2018* *https://dowbor.org/2018/06/eduardo-fagnani-org-a-reforma-tributaria-necessaria-anfip-fenafisco-plataforma-politica-social-sao-paulo-2018.html*

[151] Para uma análise detalhada, veja L. Dowbor - *A Era do Capital Improdutivo* –Autonomia Literária, 2017 https://dowbor.org/2017/11/2017-06-l-dowbor-a-era-do-capital-improdutivo-outras-palavras-autonomia-literaria-sao-paulo-2017-316-p-html.html Ver também *O dreno financeiro*, (2023), https://dowbor.org/2023/02/o-dreno-financeiro-que-paralisa-o-pais-a-farsa-do-deficit.htm

investidor e organizador geral precisa ser reconstruído. A mão invisível é invisível porque não existe: o que temos são disputas caóticas de poder entre as empresas e a perda da capacidade de regulação do Estado. Todo o sistema deve funcionar em benefício da sociedade, e organizações fortes da sociedade civil com pressões de baixo para cima são essenciais. Por trás dos nossos dramas econômicos, sociais e ambientais, está a nossa incapacidade de enfrentar as novas estruturas de poder corporativo, uma questão de governança.

A própria gestão pública centralizada não está funcionando, e o que temos é ineficiência sistêmica. O principal problema é que a economia, e particularmente as corporações financeiras, operam em escala mundial, enquanto os governos são nacionais, de modo que temos uma perda generalizada de controle. Por outro lado, o poder excessivo do governo central prejudica a capacidade essencial de cada região, cada município, de organizar e gerir iniciativas de acordo com suas necessidades e particularidades, com a participação de grupos locais. A descentralização das iniciativas públicas é essencial tanto para reconstruir a capacidade de desenvolvimento local quanto para libertar o governo central de micro negociações, permitindo que ele se concentre em questões estruturais e mais amplas, como políticas tecnológicas de longo prazo, grandes infraestruturas, negociações internacionais e afins. No Brasil, com a Constituição de 1988, muitas iniciativas foram transferidas para os municípios, mas o dinheiro está concentrado em Brasília. Nem a tomada de decisões local nem a central estão funcionando.[152]

Um terceiro ponto-chave no processo decisório é a necessidade urgente de uma reestruturação da gestão pública, incorporando a revolução digital e os modelos horizontais e colaborativos que ela permite. Os recursos financeiros podem ser descentralizados para a administração local, sem perda de controle, já que o seguimento final dos meios e resultados pode ser acompanhado online, com radicalmente mais flexibilidade e democratização. No Brasil, o governo tem sido lento em implantar infraestruturas públicas de inclusão digital, permitindo que um oligopólio cobre preços absurdos pelo acesso. As ondas eletromagnéticas que transportam a informação digital pertencem à natureza, mas o uso foi privatizado. Um terço da população brasileira não tem acesso adequado à internet, e apenas 22% dispõe de conexão com qualidade plena.[153] A falta de acesso a bons serviços digitais prejudica praticamente todos os setores da atividade econômica e social. Em vez de plataformas globais como a Uber, podemos ter plataformas colaborativas locais que reduzem custos e garantem maior capital social. Resgatar o controle nacional das comunicações e garantir a inclusão digital são desafios fundamentais.

Por fim, em vez da narrativa do "Estado mínimo", a gestão deve ser vista na perspectiva de uma sociedade complexa, onde a infraestrutura básica é melhor gerida com planejamento público e investimento de longo prazo, enquanto bens e serviços de consumo adequados às necessidades dos consumidores podem funcionar melhor com empresas e mercados privados. Políticas sociais como saúde, educação e segurança são melhor geridas como serviços públicos gratuitos e de

---

[152] Veja L. Dowbor – Os estranhos caminhos do nosso dinheiro – Fundação Perseu Abramo, 2013 - https://dowbor.org/2013/06/l-dowbor-os-estranhos-caminhos-do-dinheiro-sao-paulo-ed-fundacao-perseu-abramo-2013-isbn-978-85-7643-209-8-70p.html

[153]Para números completos, veja CETIC, 2024 -https://nic.br/noticia/releases/perto-da-universalizacao-do-acesso-a-internet-brasil-ainda-tem-maioria-da-populacao-com-baixa-conectividade-significativa-revela-novo-estudo/

acesso universal. Serviços bancários e outros serviços de intermediação, por outro lado, precisam de alternativas públicas sólidas para reduzir o efeito da economia de "pedágio", com estudantes, famílias e empresas endividados. Os sistemas de regulação herdados da era industrial não são adequados à economia de plataforma digital.[154]

Horizonte político mais amplo

A desigualdade é uma questão estrutural fundamental, mas deve ser vista muito além da desigualdade econômica. A desigualdade de renda e riqueza, ambas atingindo níveis dramáticos, pode ser enfrentada com os meios que temos. Mesmo com as fases alternadas de desenvolvimento nas últimas décadas e com os enormes recursos naturais, o Brasil atingiu um nível de produção suficiente para que todos vivem de maneira digna e confortável, como vimos anteriormente. Uma redução muito moderada da desigualdade já permitiria que todos vivessem com dignidade e conforto.

Mas há desigualdades ainda mais profundas, entranhadas na cultura social e política — em especial a desigualdade racial (56% da população se declara negra ou de origem negra)[155] , mas também o preconceito de gênero, a situação humilhante de tantos idosos, e as profundas desigualdades regionais. Seremos capazes de promover essa transformação cultural, onde a própria existência da desigualdade e da humilhação de grandes parcelas da população seja considerada um escândalo moral? Temos os meios, temos a informação, a tecnologia e até mesmo os objetivos de desenvolvimento sustentável bem definidos. Estamos diante de uma crise civilizatória e do desafio da mudança estrutural. Tantos falam que o Brasil precisa de uma estratégia, mas o que falta mesmo é capacidade política de implantar o óbvio. Em vez de criticar Lula e o seu governo por não fazer o suficiente, temos de atacar as forças e interesses que travam as medidas.[156]

---

[154]UNCTAD – *Digital Economy Report 2021* – UN, 2022 - https://unctad.org/system/files/official-document/der2021_overview_en_0.pdf Ver o importante documento *IA para o bem de todos: plano brasileiro de inteligência artificial*, Governo Federal, CGEE e CCT - 2025.

[155] Mario Theodoro – *A sociedade desigual* – Zahar, Rio de Janeiro, 2022 - https://dowbor.org/2022/05/a-sociedade-desigual-racismo-e-branquitude-na-formacao-do-brasil.html

[156] Ver o excelente documento *Transformação do Estado no Brasil* – Esther Dweck, Mariana Mazzucato - 2025 https://dowbor.org/2025/03/relatorio-transformacao-do-estado-no-brasil.html

22 - Desenvolvimento Inclusivo para o Brasil

A ideia de que enriquecer os de cima é bom para a economia, gerando prosperidade geral por meio do "gotejamento", pertence à junk economics: a economia precisa ser direcionada para os principais desafios e o bem comum. Esperar que os mercados definam as diretrizes não faz sentido.

Inequality is structural when policies keep some groups of people from obtaining the resources to better their lives
Amadeo Kimberly[157]

Economistas adoram narrativas, todas reivindicando legitimidade científica. Como você poderia proclamar "*business of business is business*" (Milton Friedman, 1970)[158], permitindo que as empresas ignorem o impacto ambiental, social e econômico de suas atividades? As empresas adoraram, e Milton recebeu o "Nobel" do Banco da Suécia. Se você adicionar o seu lema *Greed is good,* você tem a liberdade total que justifica qualquer forma de ganhar dinheiro, desde que você se mantenha dentro da lei. E como a lei é escrita em grande parte por políticos eleitos com dinheiro corporativo, o círculo se fecha. E em questões mais espinhosas, você sempre tem paraísos fiscais, em Delaware, Genebra ou nas Ilhas Virgens Britânicas. Sempre há justificativas para nossos dramas, Iraque, Cabul, Kiev, Gaza. Tentativas de fazer ajustes, por meio de declarações de conformidade ESG, infelizmente vêm dos departamentos de relações públicas. O fato é que estamos diante de uma catástrofe em câmera lenta, nas dimensões econômica, social e ambiental.

As iniciativas econômicas devem ser voltadas para o bem comum, respondendo diretamente às necessidades das populações. Mariana Mazzucato chama isso de *Missão Economia.* À medida que o Brasil enfrenta um novo ciclo político, com o terceiro governo Lula a partir de 2023, nos concentramos no desenvolvimento inclusivo, ou seja, na organização de iniciativas econômicas e sociais com base no pressuposto básico de que, se priorizarmos diretamente o bem-estar da população, e não por meio de alguma hipótese complexa de longo prazo, teremos as melhores chances de sucesso. E sucesso significa unir democracia política e democracia econômica. Com a desigualdade estrutural que prevalece no Brasil, a democracia ainda é um objetivo a alcançar.

No final de 2022, o Brasil completou oito anos de estagnação econômica, dramas sociais e destruição ambiental, com o caos do golpe e um governo de extrema direita. Lamentar o déficit público quando a fonte financeira da receita pública, que é a base produtiva do país, está travada, não faz sentido. Enfraquecer o consumo da população, travar o acesso às políticas sociais,

---

[157] *"A desigualdade é estrutural quando as políticas impedem alguns grupos de pessoas de obter recursos para melhorar suas vidas"* (Tradução nossa) - Kimberly Amadeo – in David Rosen *America: The Land of Inequality – Counterpunch*, 8 de setembro de 2022

[158] *"O negócio dos negócios é o negócio".* Que profundidade!

reduzir os investimentos em infraestrutura, liberar a destruição ambiental e aumentar o desemprego resultaram em um travamento geral. Apenas a exportação de commodities primárias e o rentismo financeiro vinham funcionando durante as políticas de extrema direita com Temer e Bolsonaro. As reorientações que aqui sugerimos visam impulsionar a economia de baixo para cima, gerando um ciclo virtuoso de desenvolvimento: redistribuição de renda, políticas sociais, investimentos em infraestrutura e políticas públicas de emprego.

Garantir renda na base da sociedade

Como visto, não há razão econômica para a fome no Brasil, um dos maiores exportadores de alimentos do mundo. Mas também há escassez de moradia e outros bens e serviços básicos, enquanto as empresas operam com capacidade ociosa entre 25% e 30%, simplesmente devido à fraca demanda e às taxas de juros extorsivas. Essa compreensão é fundamental para a formulação de uma estratégia de desenvolvimento, visto que temos necessidades não atendidas e capacidades subutilizadas.

Mover dinheiro para a base da pirâmide social, por meio do aumento da renda básica, do salário mínimo crescente, da expansão da seguridade social, dos preços mínimos para os pequenos agricultores – sabemos bem como garantir um maior fluxo de renda para a base da sociedade – gera bem-estar para as famílias, estimula as empresas, expande o emprego e não gera inflação, como vimos durante a fase de inclusão produtiva de 2003 a 2013 no Brasil, nem em outras experiências distributivas como o New Deal americano ou o Estado de Bem-Estar Social em muitos países. E uma economia estimulada eleva os retornos para o Estado, equilibrando o orçamento: não é travando os investimentos públicos em nome da austeridade que se equilibra o orçamento, e sim investindo nas áreas que geram efeito multiplicador e retorno.

Algumas coisas não podem faltar a ninguém: é crime que crianças e adultos passem fome quando há comida, que uma mãe não consiga pagar os remédios dos filhos, que pessoas vivam nas ruas em condições sub-humanas. O Bolsa Família é um imenso avanço, gerou formas eficientes de organização e regulação, mas não podemos manter as famílias em permanente ansiedade, conforme fluxos e retrocessos políticos: o acesso universal a um mínimo é uma questão de bom senso econômico, mas também de um sentimento de segurança essencial para as famílias.

Temos os recursos financeiros, desenvolvemos todas as tecnologias de transferência necessárias e sabemos que é politicamente correto e eticamente justo garantir um fluxo de renda estável e previsível para a base da sociedade. Em particular, sabemos que, em um país com imensos recursos subutilizados, impulsionar a economia por meio da demanda agregada é fundamental, e os recursos financeiros retornam com superávit. Sugerir que, se as pessoas tiverem uma renda

básica, nao vão querer trabalhar é puro preconceito desmentido pelos fatos: trata-se de um piso a partir do qual as pessoas podem construir suas vidas.[159]

Garantir investimentos em políticas sociais

O bem-estar familiar não depende apenas do dinheiro no bolso. Em uma ordem de grandeza, 60% da segurança econômica das famílias depende da capacidade de pagar contas e compras, mas os outros 40% dependem do acesso a bens de consumo coletivo: precisamos de segurança, mas delegacias de polícia não se compram. Não se compram escolas, hospitais, parques, rios limpos, ruas arborizadas e tantos serviços essenciais para uma vida digna. A lei do *Teto de Gastos* (2016) e outras limitações à oferta de políticas sociais com acesso universal e gratuito constituem um absurdo econômico. Privatizações na área da saúde resultam na indústria da doença (vide os custos e a ineficiência dos grupos de planos de saúde privados); na educação, geram elitismo e uma autêntica indústria de diplomas; na segurança, geram milícias descontroladas, como vemos tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos.

Em vez de discursos ideológicos sobre austeridade, Estado mínimo e corte de gastos, precisamos resgatar a dimensão pública e o acesso universal a serviços que, afinal, são absolutamente essenciais, como saúde, educação, segurança e, claro, sustentabilidade ambiental. Com exceção dos Estados Unidos, os países desenvolvidos garantem acesso público, gratuito e universal simplesmente por ser incomparavelmente menos burocrático e mais eficiente. Os custos com saúde nos EUA são duas vezes maiores do que no Canadá, mas os americanos estão na última posição entre os países da OCDE em termos de qualidade de saúde da população, com o Canadá quase no topo.

Para o Brasil, esse resgate das políticas sociais pelo Estado é particularmente importante, na medida em que o acesso público, gratuito e universal constitui uma poderosa ferramenta para a redução das desigualdades, nosso principal desafio estrutural. E os impactos sistêmicos são imensos, pois uma população mais saudável, com níveis de educação e conhecimento científico cada vez maiores, com mais acesso à cultura e a políticas sustentáveis, não só terá melhor qualidade de vida, como também se tornará mais produtiva. Qualificar políticas sociais como "gastos", e estabelecer um teto, enquanto recursos transferidos a grupos financeiros são qualificados como "lucros e dividendos" e isentos de impostos, é simplesmente absurdo em termos econômicos, ainda que compreensível em termos dos interesses das corporações financeiras que drenam o país.

Políticas sociais são investimentos de suma importância para o nosso futuro. Renda básica para despesas diárias e acesso a bens e serviços públicos se complementam. E o dinheiro retorna: cada

[159] As obras de Eduardo Suplicy são muito esclarecedoras: mais do que política de esquerda, trata-se de decência humana, bem como de bom senso econômico. Enquanto falamos de política, que as crianças comam. O estudo *Renda Básica e a Esquerda*, de Philippe Van Parijs, (2020), sistematiza os argumentos.

real do Bolsa Família gerou 1,85 real de crescimento do PIB.[160] O acesso gratuito e universal às políticas sociais é essencial para o bem-estar das famílias, que é o objetivo do desenvolvimento, mas também para a produtividade de todo o sistema de produção: força de trabalho saudável e bem-educada, riqueza de atividades culturais, segurança e melhores equilíbrios sociais são essenciais para um ambiente dinâmico de construção do país.

Ampliar os investimentos em infraestrutura

Igualmente importantes são os investimentos em infraestrutura, que tanto melhoram o conforto das famílias – com ruas pavimentadas, espaços verdes, sistemas de transporte público, infraestrutura de internet, acesso à energia barata, sistemas de abastecimento de água e tratamento de esgoto, por exemplo – quanto aumentam a produtividade das empresas. Nesse sentido, o uso de recursos públicos pode ser amplamente expandido, pois melhora a produtividade social e garante o retorno do investimento. O essencial, claro, é investir de forma planejada para garantir o aumento da produtividade sistêmica. É investimento produtivo, não "despesa", como as teorias de austeridade o apresentam.

O papel do Estado é fundamental, como demonstram os investimentos em infraestrutura na Europa, China, Coreia do Sul e outros países: redes integradas e articuladas de transportes, comunicações, energia e infraestrutura de água e saneamento garantem economia para as atividades produtivas. No Brasil, as opções pautadas apenas por interesses privados levaram a que o transporte de pessoas nas cidades fosse majoritariamente individual, o transporte de cargas essencialmente rodoviário, e as viagens intermunicipais dependessem fortemente de aviões – em todos os casos as opções menos eficientes em comparação com o transporte público de massa, as redes ferroviárias e de cabotagem para carga e os trens de alta velocidade para a mobilidade intermunicipal regional. Em outras palavras, com planejamento, há imensos ganhos em termos de produtividade sistêmica a serem recuperados, com drásticas reduções de custos.

O Brasil possui recursos financeiros e capacidade técnica, mas o investimento tem sido assumido por empresas privadas, com pouco controle público, além do caos das emendas parlamentares. A reorganização da infraestrutura no país pode ser a fonte de um conjunto de iniciativas intensivas em mão de obra, políticas que geram, ao mesmo tempo, melhor produtividade sistêmica por meio da qualidade da infraestrutura, renda para as famílias por meio dos empregos gerados na construção de infraestruturas e dinamização da demanda agregada na base da sociedade.

Políticas públicas de emprego

A imensa massa de recursos humanos subutilizados, como vimos, constitui um desafio e uma oportunidade: como sugeriu Celso Furtado, quando a produção de uma pessoa é zero, qualquer

[160] Ipea – Comunicados do Ipea N. 75 – Fevereiro de 2011 – https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/110203_comunicadoipea75.pdf

atividade é lucro. O Brasil, com uma população de 215 milhões, enfrenta uma subutilização bruta de dezenas de milhões de adultos, para uma força de trabalho oficial total de 105 milhões.

Esperar que "os mercados" resolvam o problema não faz sentido, principalmente considerando a penetração de novas tecnologias nos processos produtivos. O Governo Biden tentou implementar o *Public Employment Program (Programa de Emprego Público),* a Índia tem programas municipais de projetos públicos com uso intensivo de mão de obra (*Lei Nacional de Garantia de Emprego Rural de 2005*) que garantem 100 dias de trabalho remunerado por ano. Obras de saneamento básico, por exemplo, que costumam exigir muita mão de obra, geram economias na área da saúde da ordem de 4 vezes o custo do saneamento: são investimentos que geram empregos e multiplicam recursos.

Exemplos nacionais e internacionais abundam: o drama do desemprego, da informalidade e da subutilização dos recursos humanos, com todo o sofrimento que geram, pode e deve ser transformado em produtividade: não são gastos, são investimentos. Precisamos de políticas públicas de emprego, com as correspondentes formas de organização, em particular iniciativas municipais, já que a força de trabalho é local. Os 5.570 municípios do país podem ser transformados em canteiros de obras, com infraestrutura, manutenção urbana, arborização e tantas outras iniciativas que aumentam a produtividade sistêmica do território. [161]

E são inúmeras as oportunidades de geração de empregos, garantindo microcrédito e apoio tecnológico aos pequenos produtores, compras governamentais locais, garantia de preços, melhoria da infraestrutura de transportes e comunicações, generalização do acesso à internet e outras iniciativas que garantam melhores condições para a iniciativa empresarial, como se viu em tantos empreendimentos na década de 2003-2014, por exemplo com o programa de microcrédito produtivo e orientado dos bancos públicos. Trata-se de liberar capacidades e potencialidades produtivas imobilizadas no marco das absurdas políticas de "austeridade", nas quais o país foi paralisado em nome da responsabilidade fiscal, gerando fortunas financeiras improdutivas. A proteção ambiental é muito mais inclusiva do que queimar a Amazônia para exportar madeira, soja e carne bovina.[162]

O desenvolvimento inclusivo segue a orientação geral de estimular a economia de baixo para cima, expandindo a demanda por bens e serviços para consumo individual; acesso a bens e serviços para consumo coletivo, como saúde, educação e segurança; investimentos em infraestrutura que melhoram a produtividade geral, explorando o imenso potencial subutilizado da mão de obra. Tudo isso representa investimentos por parte do Estado, mas ao potencializar o uso de recursos ociosos, gera retorno. A demanda na base da sociedade estimula a produção e o

---

[161] Veja em particular o relatório de pesquisa Política Nacional de Apoio ao Desenvolvimento Local, atualizada em 2023 -https://dowbor.org/2009/06/politica-nacional-de-apoio-ao-development-local-2009.html , com contribuições de Márcio Pochmann , Pedro Paulo Martone Branco, Juarez de Paula, Paulo Vannuchi, Sílvio Caccia Bava e Ladislau Dowbor. Veja também Pavlina Tcherneva*, The Case for a Job Guarantee* – Polity Press, 2020 -https://dowbor.org/2022/05/the-case-for-a-job-guarantee.html

[162] George Monbiot apresenta uma excelente síntese em *Regenesis: feeding the world without devouring the planet* – Penguin Books, 2022

investimento empresarial, o acesso a bens públicos para consumo coletivo reduz custos por meio de economias de escala e organização, melhores infraestruturas reduzem os custos de produção em todos os setores, enquanto um melhor uso da força de trabalho generaliza tanto o bem-estar das famílias quanto a produtividade sistêmica. É um processo em que todos ganham. Esperar que os mercados garantam esse movimento sinérgico não faz sentido.

23 - O Brasil pode financiar o desenvolvimento inclusivo e sustentável

Os promotores da austeridade afirmam que precisamos restringir os "gastos" do governo para termos um orçamento equilibrado. Gera aparências de responsabilidade, mas não funciona, e disfarça o desvio de dinheiro para as elites financeiras. O que precisamos é de um equilíbrio inteligente entre a origem do dinheiro e onde ele é investido. O Brasil tem os recursos, mas carece das políticas financeiras adequadas.

O Brasil não é pobre. Como visto e re-visto, os bens e serviços que produzimos anualmente, nosso PIB, é suficiente para garantir conforto econômico básico para todos, se reduzirmos moderadamente a desigualdade. Com impostos em torno de 34% do PIB, o Estado tem recursos suficientes para financiar as políticas necessárias. O problema central é a profunda distorção da incidência da carga tributária, a usura generalizada no sistema de crédito, o uso das exportações de recursos naturais para enriquecer fortunas financeiras em vez de financiar o desenvolvimento, e uma política fiscal que privilegia grupos e intermediários financeiros que drenam a economia em vez de impulsioná-la. As quatro principais mudanças necessárias referem-se à política tributária, à política de crédito, ao uso produtivo dos ganhos com as exportações de recursos naturais, e à política fiscal voltada para o desenvolvimento inclusivo. Todas dizem respeito à governança, à forma como usamos nossos recursos, não à falta deles.

A política tributária no Brasil é injusta, improdutiva e ineficiente. A questão fundamental é que países bem administrados usam impostos para redistribuir, resultando em uma sociedade mais equilibrada. No Brasil, a tributação é usada para concentrar ainda mais. Precisamos de tributação progressiva, não regressiva. Metade dos nossos impostos arrecadados vem de impostos indiretos, embutidos nos preços dos produtos que compramos. Como a maioria da população gasta quase tudo o que ganha em compras, os pobres do país pagam proporcionalmente muito mais. Somos um dos poucos países com esse absurdo. O imposto de renda cumpre um papel marginal, quando deveria ser utilizado como uma ferramenta para reduzir as desigualdades: uma alíquota máxima de 27,5% me faz, como professor, pagar o mesmo que os ricos e até bilionários (quando pagam). Desde 1995, lucros e dividendos distribuídos são isentos de tributação, aprofundando ainda mais as desigualdades. Todos nós precisamos de políticas públicas, serviços sociais, infraestrutura. Os ricos que dizem que "sonegação fiscal não é roubo" gostam de ter seus filhos estudando em

universidades públicas e de viver com ruas pavimentadas. As contribuições devem ser equilibradas. O princípio ético de redução das desigualdades é fundamental.[163]

Neste país onde a desigualdade estrutural é o principal entrave ao desenvolvimento, devemos pensar também nos impostos em termos da produtividade da própria tributação. O ITR, Imposto Territorial Rural, praticamente não é cobrado, o que significa que temos imensas áreas de terras ociosas, nas mãos de quem não as usa nem as deixa usar, aguardando apenas a valorização a longo prazo resultante da abertura de estradas, da pressão demográfica e de outros fatores. Cobrar um imposto sobre terras ociosas incentivará o proprietário a cultivá-la ou vendê-la para quem a cultive. O capital ocioso precisa de impostos para que seja estimulado a retornar à produção. Isso vale também para o imposto sobre lucros e dividendos (isento desde 1995), um absurdo que gera um universo de investimentos financeiros improdutivos. Vale também para a Lei Kandir, que isenta a produção de commodities destinada à exportação. As exportações primárias geram poucos empregos, criam desastres ambientais e descapitalizam o país, enquanto os recursos gerados poderiam financiar o desenvolvimento industrial, a ciência e tecnologia, a sustentabilidade. Impostos sobre fortunas estão na Constituição, e lá permaneceram.

Uma terceira deformação do sistema tributário é a extrema concentração de recursos em Brasília, com acesso muito limitado dos governos locais. Com 87% da população urbana, praticamente todos os 5.570 municípios do país contam hoje com centros urbanos que permitem uma efetiva descentralização do acesso aos recursos, para uso diferenciado conforme as realidades locais. As autoridades locais na Suécia administram cerca de 70% dos recursos públicos; no Brasil, os prefeitos viajam para Brasília para buscar favores do governo central, negociando emendas parlamentares, transformando a política em barganha permanente. É importante lembrar que o sistema informatizado integrado possibilita hoje o acompanhamento dos fluxos de recursos descentralizados.

O princípio geral que caracteriza os sistemas que funcionam é que o dinheiro é usado de forma mais eficiente quando a decisão sobre seu uso está mais próxima das comunidades envolvidas. A China, segundo Kroeber, é ainda mais descentralizada que a Suécia: tem um governo central politicamente forte, mas as iniciativas e a gestão são locais.[164] A atual política tributária centralizada no Brasil é simplesmente escandalosa e paralisa o país. O argumento que ouvimos é que a descentralização estimulará a corrupção, ou que obrigar os ricos a pagar impostos os fará levar o dinheiro para o exterior. Brasília preocupada com a corrupção local é certamente uma reação curiosa, e os capitais não precisam fugir: a sonegação hoje já é da ordem de 6% do PIB, e temos centenas de bilhões de dólares em paraísos fiscais. Precisamos resgatar a política tributária no país, de forma justa e honesta.[165]

---

[163] Uma boa leitura é Emmanuel Saez e Gabriel Zucman -*The Triumph of Injustice: how the rich dodge taxes and how to make them pay* – Norton, 2019

[164]Arthur Kroeber - *China's Economy* – Oxford University Press, 2016 - https://dowbor.org/2016/11/arthur-r-kroeber-economia-da-china-oxford-oxford-university-press-2016-isbn-978-0-19-023903-9-320-p.html ; Keyu Jin escreveu um estudo muito bem documentado, *The New China Playbook: beyond socialism and capitalism,* e qualifica a China como "mayor economy", economia de prefeitos. Viking, Nova York, 2023 -https://dowbor.org/2024/01/o-novo-manual-da-china-além-do-socialismo-e-capitalismo.html

[165]O melhor estudo e sistematização de propostas bem quantificadas, *A Reforma Tributária Necessária,* 2018, foi coordenado por Eduardo Fagnani, com a participação de cerca de 40 pesquisadores. Está disponível na íntegra em

A política tributária é importante, mas o crédito também. O dinheiro que está nos bancos é nosso, pertence à população e às empresas, não aos bancos. Estes podem ser privados, mas operam com autorização do Banco Central, o que lhes permite trabalhar com o dinheiro de terceiros. Até mesmo o dinheiro que financia a dívida pública é nosso dinheiro, dos nossos impostos. O essencial é que os intermediários financeiros que administram nossos recursos o façam de forma útil à sociedade. No Brasil, o sistema de intermediação financeira, em vez de prestar serviços financeiros e fomentar a economia por meio do investimento produtivo, virou uma rede de drenagem — bloqueia o consumo das famílias, os investimentos das empresas e inviabiliza políticas públicas por meio do serviço da dívida pública.[166]

A deformação essencial, em termos econômicos, é que intermediar o dinheiro alheio, ou emitir papéis e até mesmo dinheiro em forma de dívida, é mais lucrativo do que investir na produção. Quando as taxas de juros, e temos que incluir as inúmeras taxas e "reciprocidades" cobradas, são maiores do que a renda que garantem aos tomadores, o resultado é que pessoas e empresas se endividam indefinidamente, "rolam" a dívida sem conseguir sair do ciclo de endividamento. Para se ter uma ordem de grandeza, os juros do crédito rotativo no Canadá são de 19% ao ano, enquanto no Brasil atingiram 430% em meados de 2024, para uma inflação de 4%. A política adotada pela presidente Dilma em 2013, que era usar os bancos públicos para oferecer crédito à economia com taxas de juros adequadas, deve ser retomada, forçando assim a ruptura do cartel dos grandes bancos e da agiotagem que ele permite.[167]

As medidas, aqui também, são conhecidas, o Banco Central deve voltar a exercer um papel regulador no sistema de crédito, os bancos devem voltar a servir à sociedade cujo dinheiro administram, e não apenas se servir com o dinheiro dos outros. Adotar taxas de juros mais próximas da média da OCDE não só garantiria essa funcionalidade, como também impediria fluxos especulativos com o mercado financeiro externo. As limitações são políticas, não técnicas ou financeiras. Acionistas nacionais e internacionais se acostumaram a drenar a economia brasileira, gerando fortunas improdutivas em volumes espantosos. Qualquer tentativa de mudar o sistema de rentismo financeiro gera violenta oposição entre as elites, como se viu com a redução das taxas de juros e a tributação dos lucros especulativos adotadas pelo governo Dilma em 2013, e que originaram o golpe.

---

https://dowbor.org/2018/06/eduardo-fagnani-org-a-reforma-tributaria-necessaria-anfip-fenafisco-plataforma-politica-social-sao-paulo-2018.html Veja também a Fenafisco, https://fenafisco.org.br/28/07/2020/tributar-os-super-ricos-para-reconstruir-o-pais-fenafisco-e-entidades-parceiras-lancam-propostas-para-a-promocao-da-justica-tributaria/ No plano internacional, ver *Tax systems and policy: crucial for good health and good governance* – UNU, Tax Justice Network e UNRISD – March 2025

[166] L. Dowbor -*A Era do Capital Improdutivo* – Autonomia Literária, 2017 –https://dowbor.org/2017/11/2017-06-l-dowbor-a-era-do-capital-improdutivo-outras-palavras-autonomia-literaria-sao-paulo-2017-316-p-html.html ; para uma breve nota técnica sobre os números-chave, consulte *O dreno financeiro que paralisa o país: a farsa do déficit (2023)* https://dowbor.org/2023/02/o-dreno-financeiro-que-paralisa-o-pais-a-farsa-do-deficit.html .

[167] ANEFAC – Associação Nacional de Executivos em Finanças, Administração e Contábeis – apresenta as diferentes taxas de juros no Brasil, para famílias e empresas https://www.anefac.org/_files/ugd/21624f_2d3413c540e146ae8e61ad3196319f7f.pdf

Grande parte da impunidade com que os grupos financeiros drenam a economia decorre da falta de compreensão da população sobre os mecanismos financeiros, como se pode observar no absurdo de elevar a taxa Selic a pretexto de combater a inflação, justificativa sem sentido numa economia deprimida, e não superaquecida; ou com a apresentação de juros ao mês, quando o resto do mundo trabalha com taxas anuais. O sistema financeiro precisa se tornar transparente, e o Banco Central tem um papel importante que precisa ser resgatado. A mídia comercial culpa os tomadores de empréstimo, dizendo que eles precisam de educação financeira: nenhuma educação financeira limitará o cartel dos agiotas. Estes, aparentemente, tiveram educação financeira justamente para administrar a agiotagem. [168]

Exportações de commodities podem ser outra fonte de recursos para financiar o desenvolvimento. O Brasil tem imensa riqueza natural, em energia, água, minerais e solo agrícola. O que temos visto na fase mais recente é uma reprimarização radical da economia, com desindustrialização e perda de pequenas e médias empresas e da agricultura familiar vinculadas ao mercado interno. Com tecnologias muito avançadas, e sob o controle financeiro de comerciantes internacionais de commodities, a exportação de bens primários se tornou o setor que mais cresceu na economia brasileira, mas se tornou um dreno.

A produção de commodities cria desastres ambientais, gera poucos empregos e tem efeitos limitados de indução ao desenvolvimento, enriquecendo acionistas e intermediários comerciais. A riqueza natural é gradualmente esgotada, pela redução das reservas minerais e pelo enfraquecimento dos solos e destruição da cobertura florestal. As exportações primárias só se justificam se os recursos gerados forem usados para sair da dependência deles. Isso envolve o enriquecimento da cadeia de produção, tanto a montante, com mais insumos locais (base científico-tecnológica local, equipamentos produzidos no país, infraestrutura) quanto a juzante, por exemplo, óleo de soja e outros subprodutos industrializados em vez de exportar o produto bruto.

Por outro lado, como se trata essencialmente de recursos naturais, que pertencem à nação, como o petróleo, em vez de serem privatizados e usados para enriquecer traders internacionais e seus sócios internos, deveriam contribuir para financiar o desenvolvimento equilibrado do país, com mais ciência e tecnologia, educação, indústria e outros setores que permitam impulsionar o desenvolvimento geral. A privatização faz com que os lucros das atividades primárias de exportação enriqueçam os acionistas internacionais e nacionais – privatização aqui significa desnacionalização – enquanto a isenção de impostos (Lei Kandir) faz com que os recursos contribuam pouco para o financiamento de políticas públicas. O que é preciso é usar o setor primário para impulsionar setores mais avançados tecnologicamente, mais relacionados ao bem-estar do país. O que temos hoje é essencialmente um dreno. Em um país com fome, isso é um escândalo.[169]

---

[168] Promover a compreensão do básico em economia pode funcionar. Um vídeo de 15 minutos que postei sobre o essencial do ciclo econômico teve quase um milhão de visualizações: as pessoas querem entender a dinâmica à qual estão submetidas. https://dowbor.org/2024/11/entenda-a-economia-em-15-minutos.htm

[169]Oxfam, abril de 2022. *Olhar para a fome* - https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf ; reduzir a fome é uma prioridade fundamental no novo governo Lula, com políticas semelhantes às que tiraram o Brasil das estatísticas da

Embora a racionalização da política tributária, a regulamentação do crédito e a tributação adequada das exportações de commodities possam gerar os recursos necessários, também devemos garantir que sua alocação seja produtiva. A política fiscal visa racionalizar o uso do dinheiro público. De modo geral, o financiamento público deve buscar os efeitos multiplicadores dos recursos. Garantir uma renda básica gera um retorno maior do que o que o governo repassa à base da sociedade. O financiamento do saneamento básico gera economia ao reduzir os custos com doenças. O financiamento do apoio à agricultura familiar garante efeitos produtivos que também multiplicam os recursos. As políticas de seguridade social geram bem-estar e demanda na base da sociedade.

Em termos gerais, em vez de apontar o déficit e propor a redução de "gastos", em nome da "austeridade", o governo precisa direcionar recursos para impulsionar a base produtiva subutilizada, reduzindo o déficit por meio da expansão da base produtiva. Isso envolve priorizar a inclusão produtiva, com renda básica, expansão das políticas sociais e investimentos em infraestrutura e emprego.

O problema básico não é "de onde" vêm os recursos – que são dos impostos, mas também da nossa poupança, das reservas cambiais, da dívida pública ou mesmo da emissão monetária pública –, mas "para onde" eles vão: um bom investimento gera retorno e equilibra as contas. Não há como não ver o saque generalizado dos recursos públicos que gerou a paralisia econômica do país após o golpe de 2016. A convergência dos absurdos da tributação regressiva, da usura nas políticas de crédito, da privatização e de uma política fiscal que privilegia as corporações financeiras em vez de promover a economia, gera uma catástrofe com dimensões simultaneamente econômica, ambiental, política e social. O desenvolvimento inclusivo e sustentável exige mudanças estruturais. É impressionante a luta de Fernando Haddad para conseguir liberar dinheiro para as necessidades essenciais e para investimentos produtivos, frente a um Congresso onde grande parte dos parlamentares ganham fortunas com aplicações financeiras.

FAO sobre a fome em 2014. Em julho de 2025, o Brasl foi novamente tirado do mapa da fome: o bom senso funciona.

24 - Gestão Pública revisitada: a mudança de governança

Os dramas econômicos, sociais e ambientais são bem conhecidos. Eles não resultam da falta de recursos ou de informação, mas de formas ultrapassadas de organização social e política. Precisamos repensar o próprio processo decisório, e enfrentar a impotência institucional.

"A necessary precursor for innovation to occur is to have a highly networked economy, with continuous feedback loops established between different individuals and organizations to enable knowledge to be shared and its boundaries to be pushed back."
Mariana Mazzucato[170]

Retomando: temos os recursos financeiros e tecnológicos, sabemos o que deve ser feito – em nível global, trata-se de buscar uma sociedade economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente sustentável – e temos inclusive os detalhes expressos nos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, 169 metas e 230 indicadores. Sabemos dos nossos dramas, da fome, do desemprego, das insuficiências e desigualdades na educação, dos dramas da saúde, da destruição ambiental, do caos financeiro e de tantos problemas que enfrentamos. Sistematizar, quantificar e publicizar nossos problemas é fundamental, mas quando temos uma convergência de tantas tendências críticas, devemos considerar não apenas os dramas, mas os processos de gestão que os aprofundam, ou que impedem que sejam enfrentados. Com simplificações ideológicas absurdas como esperar "pelos mercados", reduzir o setor público, ampliar as privatizações, desviar dinheiro público para o serviço da dívida e, sobretudo, a priorização generalizada de ganhos financeiros, temos uma crise do próprio processo de resolução de

---

[170] *"Um precursor necessário para que a inovação ocorra é ter uma economia altamente interligada, com ciclos de feedback contínuos estabelecidos entre diferentes indivíduos e organizações para permitir que o conhecimento seja compartilhado e seus limites sejam ampliados."* Mariana Mazzucato – *The Entrepreneurial State* – 2015 – https://dowbor.org/2019/10/mariana-mazzucato-the-entrepreneurial-sate-debunkiong-public-vs-private-sector-myths-anthem-press-new-york-2015.html

problemas. A impotência institucional que assola o Brasil e tantos outros países precisa ser enfrentada e para isso precisamos construir uma governança que agilize o processo decisório da sociedade. A catástrofe em câmera lenta está ganhando velocidade.

A articulação do Estado, das empresas e da sociedade civil

A hegemonia corporativa sobre os governos é um problema fundamental. Como visto e repetido, o CEO da BlackRock, Larry Fink, administra US$ 12 trilhões, enquanto o orçamento de Trump é de US$ 6 trilhões. Os mercados por si só não resolvem nossos problemas de governança. Onde em outra época tínhamos inúmeras empresas que se enfrentavam no mercado para fornecer serviços adequados, hoje temos gigantes corporativos, plataformas que controlam finanças, comunicações, informações e até mesmo o comportamento privado. Eles têm peso decisivo no parlamento, no executivo e, em grande parte, no judiciário. A apropriação privada de políticas públicas é um desafio central, e significa que perdemos tanto o poder regulatório da livre concorrência empresarial – que subsiste apenas em áreas de pequenas e médias empresas – quanto os sistemas de planejamento de médio e longo prazo que desempenharam e ainda desempenham um papel importante tanto na União Europeia quanto, é claro, na China e em outros países. O mundo globalizado e financeirizado perdeu seus dois principais mecanismos regulatórios: a concorrência de mercado e o planejamento econômico e social.[171]

Nossas sociedades complexas demais para serem geridas por simplificações ideológicas como o neoliberalismo. Em nosso estudo recentemente atualizado, *O Pão Nosso de Cada Dia,*[172] propusemos um conjunto de soluções baseadas não em maniqueísmos ideológicos, mas na observação do que funciona, em que condições e com que formas de organização nos diferentes setores: a produção de carros, camisetas e chocolates pode ser regulada no âmbito da propriedade privada e dos mecanismos de mercado, mas grandes infraestruturas como transporte, energia, comunicações e água e saneamento precisam de uma visão sistêmica, planejamento de longo prazo e participação decisiva do Estado. Outro setor vital da economia, hoje dominante, diz respeito aos serviços de intermediação, como finanças, comércio de commodities, intermediação jurídica e similares – os cobradores de pedágio de qualquer atividade econômica. Aqui são necessários sistemas regulatórios e, em particular, fortes setores estatais, para contrabalançar a cartelização. A revolução digital expandiu o poder da intermediação e gerou uma custosa economia de pedágio, além de profundas deformações políticas e culturais. E uma quarta área que se tornou gigante, a das políticas sociais, com saúde, educação, segurança e similares: onde funcionam com eficiência são asseguradas na forma de políticas públicas, gratuitas e de acesso universal.

---

[171]L. Dowbor – *O capitalismo se desloca – Novas arquiteturas sociais* - Editora Sesc São Paulo, 2020 https://dowbor.org/2020/05/debate-livro-novo-o-capitalismo-se-desloca-novas-arquiteturas-sociais-ladislau-dowbor-e-antonio-martins-edicoes-sesc-26-05-16h.html

[172]L. Dowbor -*O pão nosso de cada dia: opções econômicas para sair da crise* – Autonomia Literária, São Paulo, 2021 - https://dowbor.org/2015/06/l-dowbor-o-pao-nosso-de-cada-dia-os-processos-produtivos-no-brasil-ed-fundacao-perseu-abramo-sao-paulo-2015144p-isbn-978-85-7643-266-1.html

Em outras palavras, quando observamos como e onde diferentes áreas de atividade funcionam adequadamente – a educação na Finlândia, as políticas urbanas na Dinamarca, o planejamento de infraestrutura na China, a intermediação financeira na Alemanha e na Suécia, o sistema de saúde na maioria dos países europeus –, a conclusão é que não se trata de um Estado maior ou menor, mas sim do Estado gerenciando os setores nos quais a visão pública e sistêmica é essencial. Bens de consumo diário podem se auto-regular por mecanismos de mercado, dentro de um arcabouço legal que controle a formação de monopólios e os impactos ambientais. Grandes redes de infraestrutura precisam de uma visão de longo prazo, objetivos sistêmicos e planejamento público, com forte participação estatal.

A intermediação financeira e as plataformas de comunicação precisam de uma regulação séria, pois naturalmente tendem a formar monopólios de demanda. Já as políticas sociais exigem formas de gestão descentralizadas e participativas, pois são redes capilares de serviços que devem chegar a cada lar, criança e comunidade. Em outras palavras, em vez de simplificações ideológicas, precisamos optar pelas formas de organização e processos decisórios que melhor funcionem em cada setor. Podemos chamar isso de sistemas mistos e articulados de gestão. Não se trata de simplificações ideológicas, mas de entender o que funciona melhor em qual contexto institucional, uma questão de bom senso. As tentativas de ampliar a privatização da Petrobras e de sujeitar o país às flutuações dos mercados internacionais de petróleo, tendo a matéria-prima e toda a cadeia técnica nas mãos, só se entende pelos interesses envolvidos – mas é um desastre para o país. No fundo, má gestão. Precisamos de menos declarações ideológicas, como "austeridade", "mercados livres", e mais bom senso administrativo, análise pé-no-chão das soluções mais eficientes.

Gestão descentralizada em rede

Formas atualizadas de gestão têm se modificado tanto no setor público quanto no privado. Grandes corporações privadas com unidades em diversos países e setores trabalham com sistemas descentralizados, articulados em rede, para otimizar o processo decisório. No caso do Brasil, com sua dimensão territorial, diversidade regional e 5.570 municípios, o atual sistema centralizado, no qual a alocação de recursos acaba sendo essencialmente em Brasília, é irracional tanto para o nível da gestão local, que não dispõe dos recursos correspondentes às necessidades, quanto para o governo central, atolado em micronegociações. O estudo de Marcélio Uchôa, *O que os administradores municipais precisam saber*, mostra em particular a impotência dos municípios de pequeno e médio porte.[173]. A descentralização de recursos, acompanhada de uma gestão em rede, permitirá que os diferentes níveis de governo acompanhem com precisão os fluxos financeiros e os resultados obtidos, naturalmente com base na inclusão digital ampla, condição essencial para qualquer gestão racional de recursos, com os devidos controles.

Para os municípios, a descentralização de recursos é essencial, com a possibilidade de organizar finanças de proximidade, com bancos públicos municipais (como na Alemanha, China e em

[173] Marcélio Uchôa – *O que os administradores públicos municipais precisam saber* - CRV, 2019 -https://dowbor.org/2020/08/marcelio-uchoa-o-que-os-gestores-publicos-municipais-precisam-saber-ed-crv-2020-preface-dowbor.html

inúmeros outros casos), bancos comunitários de desenvolvimento, cooperativas de crédito e, evidentemente, um aumento nas transferências previsíveis, permitindo um planejamento local adequado. A Constituição brasileira de 1988 é desequilibrada, com mais encargos sendo transferidos aos municípios, mas não os recursos correspondentes, exigindo um pacto federativo reformulado. É importante lembrar que um sistema em rede informatizado permite o acompanhamento das informações e dos fluxos financeiros nos diversos níveis de governo, garantindo o controle necessário e a flexibilidade de gestão, de acordo com a diversidade de municípios e regiões. Estamos em um mundo digital, mas ainda com uma gestão pública analógica, as pirâmides intermináveis de autoridade.

Inclusão digital

Com a migração de uma ampla gama de atividades econômicas para a economia imaterial, a qualidade da inclusão digital, a conectividade generalizada de todos os agentes econômicos e sociais, e até mesmo dos indivíduos, tornou-se fundamental. Em termos de custo-benefício, a inclusão digital é a iniciativa com maior efeito multiplicador, pois amplia radicalmente as opções disponíveis para indivíduos, empresas e os diversos níveis da administração pública. No Brasil, é um recurso amplamente subutilizado, como se pode constatar nos relatórios do Comitê Gestor da Internet (CGI), com um quarto da população excluída e uma parcela limitada da população com acesso integral e de qualidade. A exclusão, ou a inclusão digital apenas parcial, aprofunda a desigualdade: como as crianças podem estudar sem acesso à internet, quando o seu futuro profissional será em grande parte digital?

Embora associada a atividades econômicas de ponta, hoje a inclusão digital e o acesso às tecnologias em geral são vitais para qualquer pequeno produtor. O pequeno agricultor precisa de inseminação artificial, análise de solo, informações meteorológicas, informações de preços, consulta a potenciais clientes: a conectividade rompe o isolamento, possibilita inclusive a quebra de pedágios dos atravessadores, facilitando a venda da produção ao consumidor final. É importante lembrar que a infraestrutura tradicional de transportes permite articular os agentes econômicos no território, mas envolve custos altíssimos. A conectividade em rede tem custos baixíssimos, pois as ondas eletromagnéticas vêm da natureza, veículo natural de articulação de todas as atividades. Os preços que pagamos pelo acesso não decorrem de custos, mas sim dos altos lucros de oligopólios que cobram pedágios em canais de transmissão que pertencem à natureza. Assim como nas redes de abastecimento de água e energia, o acesso à internet pode ser um serviço público, de baixo custo e universal.

Iniciativas digitais como a Piraí Digital, que garantiu cobertura de sinal de internet em todo o território municipal, a custos baixíssimos, mostram como uma economia pode ser estimulada pela liberação do acesso à comunicação e à rede em todas as áreas de atividade. As experiências do Quênia e de inúmeros outros países mostram como o contato direto entre agentes econômicos permite escapar dos custos impostos por bancos e outros intermediários financeiros ou comerciais. Na era da economia e da sociedade do conhecimento, o atraso que o Brasil apresenta na base técnica e no processo de inclusão digital é catastrófico. A recusa de Paulo Guedes, em

2021, em autorizar o financiamento de 3,5 bilhões de reais para garantir acesso à internet em escolas públicas, em nome da austeridade, demonstra uma incompreensão radical das prioridades e das dimensões científico-tecnológicas do desenvolvimento. De fato, com o conhecimento se tornando o principal fator de produção nas economias modernas, garantir sistemas públicos funcionais de acesso para todos tornou-se essencial.

No Brasil, dramas como a fome, a desindustrialização, a reprimarização, o atraso científico e educacional e outras deformações são amplamente estudados e conhecidos, mas precisamos voltar nossa atenção para o processo decisório que permitiu e continua permitindo o divórcio entre os interesses privados de curto prazo, inclusive internacionais, e os interesses da nação. Precisamos de um choque de gestão moderno tanto na administração pública quanto em suas relações com os diversos agentes econômicos e sociais.

Mas a questão é também mais ampla. No plano internacional, temos uma economia global, mas governos nacionais: o resultado é caos e violência. Reinventar o governo não seria um exagero. O vazio institucional global permite os absurdos do uso de tarifas pelo governo Trump, como porretes políticos, sem consideração de critérios econômicos e das necessidades de um sistema colaborativo internacional. Estamos nos aproximando de uma reformulação das regras do jogo da política internacional, no quadro de um processo cada vez mais caótico.

25 - Além dos mercados: a erosão geral da governança

Os mercados deveriam se autorregular, por meio da "mão invisível". Mas com a revolução digital, a globalização e o poder corporativo resultante, estamos diante de uma mudança paradigmática. A erosão simultânea da livre concorrência, do planejamento público e até da regulação estatal está gerando caos econômico, político, social e ambiental. Sabemos o que deve ser feito, temos os meios, mas não temos a capacidade decisória correspondente. A governança tornou-se a questão-chave.

A imagem dos músicos tocando disciplinadamente enquanto o Titanic afundava é forte. Uma visão mais ampla foi popularizada através do filme "*Não olhe para cima"*, com pessoas se recusando a aceitar a realidade. Por quanto tempo continuaremos acreditando em algum tipo de milagre tecnológico, ou esperando que os bons e velhos tempos voltem, ou repetindo *Deus, Pátria, Família,* em vez de procurar soluções? Individualmente, o *homo* pode ser *sapiens,* mas como aglomerações sociais, apenas repetimos simplificações. *The March of Folly* (A marcha da loucura)*,* de Barbara Tuchman, tornou esse processo tão evidente. Se quisermos parar de tocar música e ajudar com os botes salva-vidas, ou *olhar para cima* e enfrentar os verdadeiros desafios, podemos começar pelo óbvio.

Em primeiro lugar, esqueça que os "mercados" nos salvarão, com a mão mágica invisível. O que chamamos de "mercados" tornou-se uma rede de corporações gigantescas estagnadas no universo que criaram, com a maximização do lucro a curto prazo para os acionistas. O argumento fundamental subjacente que precisamos revisar é de que a soma dos interesses privados resultará em um progresso global positivo. Os interesses privados e sociais tornaram-se basicamente divorciados. Há poucas maneiras pelas quais os governos podem regular em escala nacional os interesses que pertencem à esfera global. A crença básica de que ganhar dinheiro equivale a contribuir com a sociedade é simplesmente desmentida pelos fatos.

Vejam o petróleo. Nas últimas cinco décadas, o volume de extração de petróleo no mundo, cerca de 95 milhões de barris por dia, mudou muito pouco, mas os preços flutuaram intensamente. Não se trata de "mecanismos de mercado", mas sim de decisões corporativas, incluindo a participação política dos governos. Voltemos aos dados vistos no capítulo 2. Com a guerra na Ucrânia, as empresas petrolíferas aumentaram seus lucros à medida que aumentavam seus preços. "O lucro da Exxon no último trimestre, de US$ 17,9 bilhões, foi o maior já registrado na história por qualquer grande empresa petrolífera internacional. No trimestre seguinte, bateu o próprio recorde, alcançando US$19,7 bilhões, quase o triplo do mesmo período do ano anterior. Outras gigantes do petróleo também registraram lucros recordes neste trimestre. A Chevron registrou seu maior lucro histórico, de US$ 11,2 bilhões, quase dobrando o lucro do mesmo período do ano passado. A Total Energies também dobrou seus lucros, com US$ 9,9 bilhões, um recorde

para a empresa."[174] A especulação de preços não é um mecanismo de mercado, é uma decisão de oligopólio corporativo.

O volume ou os custos de produção não variaram significativamente, tampouco a demanda. Não se trata de "livre mercado", como a revista The Economist insiste em chamá-los; trata-se de manipulações financeiras corporativas. A catástrofe climática que enfrentamos não interessa aos que tomam as decisões corporativas, exceto como questões de relações públicas e construção de imagem. "Cientistas da Exxon previram com precisão o ritmo e a escala das mudanças climáticas há mais de 40 anos, mas a empresa optou por esconder e minimizar os riscos do uso de combustíveis fósseis."[175] O petróleo é apenas um setor, mas seu impacto pode ser sentido em todas as áreas, por efeito em cascata dos preços da energia. Preços mais altos com custos estáveis significam simplesmente que o dinheiro vai para o topo. Um raciocínio semelhante pode ser aplicado, por exemplo, às commodities agrícolas.

O sistema financeiro global ultrapassou a capacidade de governança política dos países. Os derivativos em circulação, o sistema global de especulação financeira, administram 630 trilhões, seis vezes o PIB mundial. No Brasil, como visto, o capital financeiro improdutivo drena cerca de 30% do PIB, por meio da dívida pública (pagando 15% em 2025), do crédito às famílias (juros acima de 50%) e das empresas privadas (acima de 20%), isso com inflação baixa. A elisão e a sonegação fiscais contribuem com outros 6% de drenagem do PIB.[176] Cinco bancos brasileiros controlam mais de 80% do crédito, um oligopólio que lhes permite generalizar a usura, com tecnologia de ponta, incluindo informações individuais detalhadas dos devedores.[177] A financeirização no Brasil certamente atingiu dimensões absurdas, mas é um problema global. As finanças, como dinheiro virtual e "produtos financeiros", circulam pelo mundo, fora do alcance dos Estados e Bancos Centrais, dspersos em 193 países-membros da ONU. O BIS, que teoricamente articula os bancos centrais, dá apenas bons conselhos.

A expansão radical dos paraísos fiscais torna as políticas monetárias e financeiras públicas uma ficção. Como visto, segundo a The Economist, "A parcela dos lucros estrangeiros das multinacionais americanas registrada em paraísos fiscais aumentou de 30%, há duas décadas, para cerca de 60% hoje."[178] O resultado é que enormes recursos financeiros estão fora de qualquer controle, tanto quanto à sua proveniência quanto ao seu uso posterior, além do fato de não pagarem impostos. As investigações do ICIJ e da Tax Justice Network mostram

---

[174]Sharon Zhang - *This is what price-gouging looks like* - Truthout, 28 de outubro de 2022 -https://truthout.org/articles/isto-e-o-que-aumento-de-precos-parece-que-os-lucros-da-exxon-batem-recordes-de-todos-os-tempos/?eType=EmailBlastContent&eId=0c9d419c-ca2c-44a4-a9f1-780ebe87c591

[175]New Scientist, 12 de janeiro de 2023

[176]L. Dowbor – *A era do capital improdutivo* –Autonomia Litária, 2017 - https://dowbor.org/2017/11/2017-06-l-dowbor-a-era-do-capital-improdutivo-outras-palavras-autonomia-literaria-sao-paulo-2017-316-p-html.html

[177]Para detalhes sobre o custo final efetivo do crédito no Brasil, consulte ANEFAC -https://www.anefac.org/_files/ugd/bed087_2bd6395d588546c593d386d5b7ff278a.pdf

[178]*What could a new system for taxing multinationals look like*, The Economist, 15 de maio de 2021 -https://www.economist.com/finance-and-economics/2021/05/13/what-could-a-new-system-for-taxing-multinationals-look-like?itm_source=parsely-api

regularmente exemplos de como esses fluxos financeiros interrompem as atividades produtivas normais. No entanto, a maioria é legal, embora não legítima. Enriquecer sem a correspondente contribuição produtiva significa simplesmente que a riqueza produzida por outros está sendo drenada, paralisando a economia.[179]

Podemos acrescentar a Big Pharma, as plataformas gigantes como Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft (GAFAM), ou as chinesas Baidu, Alibaba e Tencent (BAT), o controle corporativo sobre os recursos naturais em geral, os algoritmos de informação pessoal tão bem descritos por Shoshana Zuboff, bem como a mercantilização da saúde e da educação por corporações financeiras, além do poder do marketing comportamental que invade permanentemente nossa consciência. George Monbiot traça o panorama global:"Todos esses casos expõem a mesma vulnerabilidade política: a facilidade com que a democracia é esmagada pelo poder do dinheiro. Não podemos proteger o mundo vivo, os direitos reprodutivos das mulheres ou qualquer outra coisa que valorizamos até que tiremos o dinheiro da política e desmantelemos os impérios midiáticos que zombam do consentimento político informado. [180]

Estamos acostumados às análises competentes, porém tímidas, da ONU, que nos fornecem dados básicos sobre nossos desafios. Mas publicações mais recentes vêm à tona para proclamar a urgência e apontar para o próprio sistema: de acordo com o relatório do UNRISD, "Nosso mundo vive uma fratura, confrontado por crises severas, desigualdades crescentes e contratos sociais desfeitos. É hora de agir para garantir o futuro e construir um novo contrato ecossocial. As desigualdades extremas, a destruição ambiental e a vulnerabilidade não são falhas do sistema, são suas características. Somente uma mudança sistêmica em larga escala pode resolver esta situação terrível.[181]

O relatório da UNCTAD também aponta para o sistema corporativo: "Neste ambiente de altos lucros e baixos investimentos, a engenharia financeira tornou-se um instrumento do rentismo, particularmente entre as grandes corporações internacionais. Graças ao seu poder de mercado, elas frequentemente geram renda a partir da fabricação da escassez, em vez da produção de bens ou da prestação de serviços. A disseminação desse comportamento por meio de monopólios do conhecimento, fusões e aquisições, contratos de compras governamentais etc. tem sido acompanhada por evasão fiscal sistemática, incluindo a canalização de lucros para paraísos fiscais offshore, o crescimento concomitante de fluxos financeiros ilícitos e o uso generalizado de aquisições alavancadas e recompras de ações. O Relatório chama isso de 'desacoplamento entre finanças e economia real'".[182] Eles não estão "investindo", eles estão drenando as atividades produtivas.

---

[179]O livro de Michael Sandel, *A Tirania do Mérito* (2021) é uma excelente ilustração da deformação sistémica -https://dowbor.org/2022/07/a-tirania-do-merito-o-que-aconteceu-com-o-bem-comum.html

[180] George Monbiot – Guardian, 6 de julho de 2022 - https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/jul/06/power-wealthy-earth-politics-democracy-plutocracy

[181]UNRISD – Instituto de Pesquisa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Social -*Crises da Desigualdade 2022* –pág. 1 https://www.unrisd.org/en/library/publications/crises-of-inequality

[182]UNCTAD –*Trade and Development Report 2022*– pág. 10 - https://unctad.org/system/files/official-document/tdr2022_en.pdf

A Global Financial Integrity relata que “estruturas massivas de sigilo no sistema financeiro possibilitam a evasão fiscal, a lavagem de dinheiro e a corrupção. Essas realidades fomentam a desigualdade tanto em países ricos quanto pobres, minando a coesão política. O capitalismo operando em sigilo e a democracia buscando operar de forma transparente são incompatíveis. Reformas urgentes são necessárias para a sobrevivência do sistema democrático-capitalista.”[183]

Quão profunda será a crise global até que geremos força política para tomar medidas de mudança sistêmica? O caótico processo decisório global que generosamente chamamos de "mercados", além da catástrofe ambiental geral, está tornando o sistema social e politicamente explosivo. A desigualdade tornou-se simplesmente insuportável. Como poderíamos acreditar numa fábula infantil de que, se os pobres ganharem mais dinheiro, simplesmente o gastarão, enquanto os ricos irão “investir” e gerar crescimento? Através da teoria do trickle-down ("gotejamento"), sustentou-se que a melhor maneira de ajudar os pobres é tornar os ricos mais ricos. O resultado é o drama das múltiplas crises que enfrentamos.

O Relatório da Oxfam de 2023 nos traz de volta à realidade: “Concentrações extremas de riqueza minam o crescimento econômico, corrompem a política e a mídia, corroem a democracia e impulsionam a polarização política... A própria existência de bilionários em ascensão e lucros recordes, enquanto a maioria das pessoas enfrenta austeridade, aumento da pobreza e uma crise do custo de vida, é evidência de um sistema econômico que não atende às expectativas da humanidade. Por muito tempo, governos, instituições financeiras internacionais e elites enganaram o mundo com uma história fictícia sobre a economia de gotejamento, na qual impostos baixos e altos lucros para poucos acabariam beneficiando a todos nós. É uma história sem qualquer base na verdade. É uma história, e um sistema econômico, que nos deixou sem as ferramentas ou mesmo a imaginação para enfrentar esta nova era de crise. É um sistema amplamente desacreditado, mas que continua a monopolizar as mentes de nossos líderes. É um sistema que continua a funcionar muito bem para um pequeno grupo de pessoas no topo – predominantemente homens brancos e ricos baseados no norte global.”[184]

Somos sociedades civilizadas, não aceitamos mais a escravidão. Mas será que é aceitável ter todas essas fortunas enquanto milhões de crianças morrem de fome em todo o mundo? O Relatório de Desenvolvimento Humano 2021/22 considera que "a incerteza não é nova, mas suas dimensões atuais estão assumindo novas formas ameaçadoras. Um novo "complexo de incerteza" está emergindo, nunca visto antes na história da humanidade".[185] Quão inconscientes podemos ficar? Bem, nossos filhos estão herdando esse drama, ou "catástrofe em câmera lenta". Esqueça os "mercados". Estamos diante de um novo e destrutivo sistema global.

---

[183] Global Financial Integrity– 29 de setembro de 2022

[184] Oxfam - *Survival of the Richest*, 2023 - https://oi-files-d8-prod.s3.eu-west-2.amazonaws.com/s3fs-public/2023-01/Survival%20of%20the%20richest-summary.pdf

[185] PNUD –*Relatório de Desenvolvimento Humano 2020/2021*- Pág. 25 https://www.undp.org/sites/g/files/zskgke326/files/2023-05/hdr2021-22ptpdf.pdf

26 - O dreno financeiro global e o caso brasileiro

Enquanto o governo Lula reergue a economia brasileira, um grande teste de força se apresenta diante dos interesses financeiros nacionais e internacionais, que drenam o orçamento público, o poder de compra das famílias e a capacidade de investimento das empresas. Não se trata de falta de recursos, mas de controle sobre seu uso. Os gestores de recursos devem servir à economia, não apenas a si mesmos.

"O sistema financeiro nacional deverá ser estruturado de modo a promover o desenvolvimento equilibrado do país e a servir os interesses da coletividade."
Artigo 192 da Constituição Brasileira de 1988

Todos nós somos encurralados por crenças: de que lado você está? Se criticamos o capitalismo, a favor de quê? Bem, o caos que construímos não nos permite continuar fazendo declarações ideológicas profundas. A abordagem sensata é identificar os principais desafios estruturais e buscar soluções práticas. Os desafios são cristalinos: a questão ambiental, a questão da desigualdade e o caos financeiro. A convergência dos interesses individuais e sociais deve ser incorporada ao sistema. Isso vai muito além do "livre mercado" somado a alguma regulação estatal. Significa uma reorientação sistêmica do que fazemos, seja em uma corporação, na administração pública ou em organizações da sociedade civil. Em cada nível, devemos buscar equilibrar o interesse privado com o bem comum. Não basta afirmar que o que fazemos "não é ilegal", deve ser legítimo.

As contribuições recentes mais importantes para a análise econômica concentram-se precisamente na questão do divórcio entre o interesse privado, em partcular das corporações, e o bem comum. A invasão da nossa intimidade atingiu escala industrial e gera enormes lucros, mas nenhum bem comum, como Shoshana Zuboff tão bem demonstrou. A indústria da atenção tornou-se um sistema de manipulação, também gerador de lucros, mas com profundas deformações políticas, como vemos nos escritos da vencedora do Prêmio Nobel da Paz, Maria Ressa, sobre a Indonésia, ou no consumismo absurdo, como demonstrado por Juliet Schor em *The Overspent American* (O americano gastador). A indústria de armas, assim como tantas áreas econômicas como o oligopólio da Big Pharma, as plataformas de comunicação, o cartel da Big Oil e tantas outras atividades controladas por gigantes corporativos contribuem pouco para a redução dos dramas ecológicos e da desigualdade, mesmo manipulando imensos fluxos financeirios. Pelo contrário, e estes são apenas alguns exemplos.

Este divórcio entre o interesse privado e o bem comum atingiu uma dimensão catastrófica nas finanças. A razão para o impacto mais amplo é que as finanças não são um "setor", uma indústria que fornece bens ou um serviço prático, mas uma área de "meios", que permite que quem as controla defina quais atividades serão financiadas, em qualquer setor. E como uma instituição financeira não precisa mais esperar que o governo imprima dinheiro – o dinheiro impresso pelo governo, os papéis que conhecemos, representam cerca de 5% da "liquidez" – o setor financeiro

cresceu desproporcionalmente em relação às atividades produtivas, as áreas "fins" que respondem às nossas necessidades. Com o dinheiro virtual circulando pelo planeta (*high-frequency trading),* enquanto governos e bancos centrais operam em escala nacional, o sistema saiu do controle: e quando alguma regulação é decidida, eles ainda têm os paraísos fiscais e o sigilo financeiro.

Esse dreno financeiro global tornou-se uma questão crucial: se a especulação financeira for mais lucrativa do que os serviços de saúde, por exemplo, o dinheiro irá para onde rende mais, esqueça os dramas ambientais e relacionados à pobreza. A enorme popularidade dos escritos de Piketty está ligada a essa "reinicialização" da teoria econômica, mostrando que os "meios" assumiram o controle dos "fins": os lucros financeiros superam em muito o crescimento produtivo no mundo. Principalmente desde a crise de 2008, que tornou patente a irresponsabilidade financeira, uma onda impressionante de realismo está mudando a forma como lemos a realidade.

Os escritos de Thomas Piketty, Joseph Stiglitz, Mariana Mazzucato, Kate Raworth, Ann Pettifor, Brett Christophers, Michael Hudson, Marjorie Kelly, Jayati Ghosh, Gerald Epstein, Gabriel Zucman e muitos outros estão trazendo a análise econômica e social para a terra, com o sistema atual sendo alternadamente qualificado como *Capitalismo rentista, Capitalismo de vigilância, Capitalismo extrativista, Capitalismo corporativo, Capitalismo parasitário, Capitalismo de plataformas,* ou mesmo como *Neofeudalismo.* O relatório da Oxfam para a reunião de Davos 2023, *Sobrevivência dos Mais Ricos,* mostra a dimensão do drama da desigualdade e da perda do controle público, enquanto David Wallace-Wells descreve *The Uninhabitable Earth (*A Terra Inabitável*)* que estamos criando. É um choque de realismo, mesmo que continuemos a ensinar "livre mercado" e o Consenso de Washington em nossas universidades. "O que aconteceu com o bem comum?", pergunta Michael Sandel, em *A Tirania do Mérito.*

A floresta amazônica é um bom exemplo: "Jair Bolsonaro, eleito presidente do Brasil em 2019, aparentemente vê esse vasto recurso como o bilhete dourado de seu país para a riqueza. Assim, ele demitiu autoridades ambientais, enfraqueceu a fiscalização e rejeitou a condenação mundial de grandes incêndios provocados para desmatar terras, dando rédea solta a gigantes do agronegócio, mineradoras e incorporadoras, grandes e pequenas. A Global Witness, que examina a exploração madeireira ilegal há décadas, alega que o financiamento para projetos agrícolas brasileiros na Amazônia vem do Deutsche Bank, Santander, Blackrock, American Capital Group e outros." (Baker, p. 46). É para lá que o dinheiro vai, por meio de gigantes financeiros modernos, porque dá mais lucro. Podemos reverter essa tendência, criada e expandida pelas finanças globais? Bem, nós discutimos o ESG e nos reunimos em sucessivas COPs, inclusive em Belém…

A dimensão brasileira é particularmente marcante. Em uma ordem de grandeza, mais de um quarto do PIB é drenado das atividades produtivas para ganhos financeiros, por meio de diversos mecanismos. O modelo inclusivo adotado entre 2003 e 2013, com os governos Lula e Dilma, gerou um crescimento médio do PIB de 3,8%. Na década seguinte, até 2022, com o modelo de austeridade, a economia ficou estagnada, com apenas dois setores gerando lucro: a exportação de

bens primários e o dreno financeiro.[186] Nenhum deles é socialmente útil. A tendência é global, mas no Brasil atingiu um nível grotesco. Apresento aqui, resumidamente, os principais drenos: dívida pública, dívida privada, sonegação fiscal, isenções fiscais e as três principais deformações legais do sistema tributário: lucros e dividendos, imposto primário de exportação e imposto territorial. Os números impressionam. É esse o neocolonialismo high-tech que o atual governo Lula tenta reverter. São dados que vimos parcialmente em diversos capítulos, mas que neste capítulo, centrado no resgate do bom senso econômico frente ao peso das corporações, adquire importância central. Esta visão eu qualifico de análise do sistema financeiro integral.

A taxa de juros da dívida pública é de 15%, para uma inflação de 6%. A dívida pública cresceu de 35% para mais de 70% do PIB durante a recente década de austeridade e atualmente transfere entre 800 e 900 bilhões de reais por ano, cerca de 8% do PIB. Esse dinheiro vai essencialmente para o 1% mais rico, por meio de aplicações financeiras, não de investimentos produtivos. Carlos Luque e outros calcularam que 82% do crescimento da dívida pública não resulta de investimentos governamentais em educação ou infraestrutura, mas simplesmente de juros reinvestidos em mais dívida pública, por meio de empresas financeiras.[187] Drenar 15% sobre a dívida pública, fragilizndo a capacidade de investimento do Estado, e favorecendo banqueiros e "investidores" ricos, pode ser comparado ao custo anual do Bolsa Família, cerca de dez vezes menos, em torno de 1,7% do PIB, para cerca de 21 milhões de famílias. A narrativa adotada pelos interesses financeiros é que a alta taxa básica de juros (15%) é justificada pela pressão inflacionária. O argumento é obviamente falso em uma economia estagnada, sem raízes nas pressões de demanda, e com uma inflação da ordem de 6%. Isso é basicamente dinheiro para o 1% mais rico, mas também para investidores financeiros da classe média. Apropriação privada dos nossos impostos.

A drenagem por meio de juros usurários da dívida privada, tanto para famílias quanto para empresas, é ainda maior, atingindo cerca de 10% do PIB. Para pessoas físicas, os juros do crédito rotativo, no oligopólio bancário, atingiram 440% em meados de 2025. Comprar a crédito custa em média 89,69%, o que significa que a parcela mais pobre da população paga quase o dobro do que aqueles que podem pagar à vista. O crédito simples para famílias atingiu uma média de 54%. Para empresas, o capital de giro custa 24%. O resultado é que temos 79% das famílias no Brasil pagando juros usurários, 30% delas em situação de indimplência.[188] E as empresas não tomarão crédito a esse custo, o que resultará em uma queda drástica da atividade industrial. O poder de compra das famílias foi perdido, resultando em mais pobreza, desigualdade e fome, enquanto as empresas não têm interesse em investir, tanto pela retração da demanda quanto pelo custo do crédito.

---

[186] Para uma análise comparativa dos modelos inclusivos e de austeridade, ver Dowbor, L. e Cezar, BB (2022).*O Brasil enfrenta mais do que a pandemia: distribuição e exclusão na política econômica*. Latin-American Perspectives, 49(5), 14–33
-https://dowbor.org/2022/10/brasil-enfrenta-mais-do-que-a-pandemia-distribuicao-e-exclusao-na-politica-economica.html

[187]Carlos Luque e outros, *Uso e abuso da taxa de juros,* Valor, 11 de maio de 2022

[188] Confederação Nacional do Comércio – CNC – 2022 - https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/10/10/com-endividamento-em-setembro-inadimplencia-atinge-maior-valor-em-12-anos.htm

Não há controle sobre as taxas de juros no Brasil. O Artigo 192 da Constituição, que criminalizava a usura, foi retirado por pressão de interesses financeiros, e o Banco Central tornou-se legalmente "independente" em 2022, o que significa que está nas mãos das instituições que deveria regular.[189] Mesmo se considerarmos que 10 a 15% dos juros pagos retornam de alguma forma para a economia real, ainda temos uma drenagem financeira gigantesca, que se soma à drenagem de 8% a 9% pela dívida pública. O resultado geral é que as famílias não têm dinheiro para comprar, as empresas não têm dinheiro para investir e o governo tem pouco dinheiro para administrar. Repetindo, apenas os lucros impressionantes com as exportações de bens primários e os lucros do setor financeiro estão ganhando terreno de forma sólida. Nenhum deles está melhorando a capacidade produtiva e a riqueza do país. Neste momento, estamos falando de cerca de 30% do PIB sendo drenado.

Ao dreno extorsivo de juros, soma-se a sonegação fiscal. O SINPROFAZ, órgão dos fiscais da Receita Federal no Brasil, estima que "de 1º de janeiro a novembro de 2020, o Brasil perdeu R$ 562 bilhões com práticas ilícitas de sonegação de impostos. São recursos que, se tivessem sido repassados ao governo, poderiam ser revertidos em políticas públicas".[190] Isso equivale a 7,6% do PIB da época. O cidadão comum não recorre à sonegação, seja porque recebe salário com impostos já pagos na fonte, seja porque é consumidor: a maioria das pessoas vive de mês para mês e paga os impostos inclusos nos preços de suas compras. Sonegação fiscal não é dinheiro retirado por meio de juros sobre dívidas públicas e privadas, mas sim não pago ao governo por meio de desvios ilegais. A sonegação é administrada por bancos e instituições paralelas. Os bancos não têm departamentos de sonegação, eles os chamam de "departamentos de otimização fiscal". Só esse desvio representa cinco vezes o valor do Bolsa Família, que as corporações financeiras denunciam como a fonte do déficit orçamentário público.

Outra forma de sorver o dinheiro é a chamada "renúncia fiscal", obtida por meio de conexões entre empresas e políticos. Segundo um relatório do Congresso, "as concessões de renúncias fiscais da União a segmentos da sociedade devem chegar a R$ 456 bilhões em 2023, ou 4,29% do PIB. Esse total é superior ao que os governos gastam com pessoal em um ano".[191] Aqui também não se trata propriamente de um dreno, é dinheiro que não é pago. Formalmente, temos uma alíquota de imposto razoavelmente alta, 34% do PIB, mas somando os drenos e o que não é pago, o sistema fica estruturalmente deformado.

Outra falha estrutural é o fato de que, no Brasil, desde 1995, lucros e dividendos distribuídos não são tributados. Eu, como professor, pago 27,5% de impostos sobre meus ganhos, mas os bilhões

---

[189]Para atualização mensal das taxas de juros e do porte das dívidas das famílias e empresas, consulte o Banco Central do Brasil, *Estatísticas monetárias e de crédito,* *https://www.bcb.gov.br/estatisticas/estatisticasmonetariascredito* O custo efetivo total para pessoas físicas e jurídicas está detalhado no siste da ANEFAC. Para uma análise mais ampla, veja L. Dowbor –*A Era do Capital Improdutivo* – pág. 151 https://dowbor.org/2017/11/2017-06-l-dowbor-a-era-do-capital-improdutivo-outras-palavras-autonomia-literaria-sao-paulo-2017-316-p-html.html

[190] Felippe Clemente (et al.) *Provas brasileiras sobre sonegação e execução fiscal* –Revista de Justiça Criminal, 2021 – Sage Publications https://www.sinprofaz.org.br/pdfs/sonegacao-fiscal-o-povo-fortaleza-ce.pdf

[191] Câmara dos Deputados – 29 de setembro de 2022 - https://www.camara.leg.br/noticias/910855-renuncias-fiscais-chegarao-a-r$-456-bilhoes-no-ano-que-vem

que os mais ricos ganham são simplesmente isentos. A narrativa é que, como suas empresas pagam impostos, a tributação de seus ganhos pessoais seria equivalente a uma dupla tributação. A isso, devemos adicionar a isenção de impostos da Lei Kandir sobre a produção voltada para a exportação de bens primários ou semi primários, o que significa que não apenas descapitalizamos o país por meio da exportação de matérias-primas e geramos desastres ambientais, mas nem sequer arrecadamos impostos para financiar a indústria, a tecnologia e afins. Devemos também mencionar que temos um imposto sobre a propriedade da terra, o ITR (Imposto Territorial Rural), que simplesmente não é arrecadado, resultando em áreas gigantescas de solo agrícola subutilizado, estimadas em 160 milhões de hectares, cerca de cinco vezes a Itália, permitindo que proprietários de milhares de hectares de terras em pousio ganhem apenas aluguel com base na valorização gradual por meio de infraestrutura e pressão demográfica. Esta é uma terra que eles não usam nem permitem que outros usem. A reforma agrária está paralisada.

Quanto valem essas isenções? Quer estimemos as perdas em 5% ou 10% do PIB, dependendo do que efetivamente pudesse ser pago, o fato é que, se somarmos os 8% da dívida pública, mais de 10% de juros sobre as famílias, 4% de juros sobre pessoas jurídicas, 6% de perdas com sonegação fiscal, os 4% com renúncias fiscais, a própria deformação do sistema tributário, e levando em consideração quaisquer ajustes e correções nos números, o elefante na sala é que a paralisia econômica brasileira é facilmente explicada pelos drenos financeiros. Nenhuma economia pode funcionar neste sistema de rentismo financeiro, curiosamente usando o cartão de visita do "capitalismo de livre mercado". Este é um sistema profundamente corrupto, para poucos privilegiados. Curiosamente, estes afortunados acham o Bolsa Família ou as propostas de Renda Básica Universal imoral, pois seriam ganhos que não resultam de esforço produtivo.

Esses números são sérios? Se somarmos os valores, mesmo com as estimativas mais baixas, eles chegam perto de 30% do PIB. Em economia, números imprecisos devem ser ignorados? Nenhuma precisão é possível nesse nível de generalidade, mas, por mais que se distorçam esses números, o fato é que o conluio entre interesses financeiros globais e nacionais trava a economia brasileira. O principal desafio é trazer o dinheiro de volta às atividades produtivas, e isso é um enorme teste de força política. O Brasil é um bom estudo de caso para o caos financeiro a nível global. A partir de 2023, o terceiro governo Lula está gerenciando um crescimento razoável, espremendo recursos financeiros para beneficiar famílias e empresas, enquanto tenta reduzir o dreno financeiro. O Congresso está cheio de políticos com dinheiro "investido" em "produtos" financeiros, que olham para os resultados financeiros privados, não para o crescimento real da economia.[192] É política gerida pelo viés dos interesses financeiros.

[192] Uma versão mais detalhada desses números pode ser encontrada em L. Dowbor, *O dreno financeiro que paralisa o país: a farsa do déficit*, uma nota técnica de 9 páginas que apresentei na Comissão de Finanças e Impostos do Congresso em 2023 - https://dowbor.org/2023/02/o-dreno-financeiro-que-paralisa-o-pais-a-farsa-do-deficit.html

27 - Riqueza improdutiva: estamos diante de um novo sistema

A apropriação da riqueza e o controle sobre a força de trabalho no mundo mudaram profundamente. Isso ainda é capitalismo? Rentistas em todo o mundo adoram se autodenominar "capitalistas", pois isso os equipara aos investidores produtivos da era industrial. Como a maior parte da extração de riqueza hoje em dia advém da financeirização improdutiva e da drenagem de recursos naturais, trata-se de uma legitimidade emprestada. É hora de repensar o sistema que estamos construindo: ele não se encaixa mais na narrativa do "empreendedor" e do livre mercado.

O dicionário Cambridge define mais-valia como “a diferença entre o valor pago a um trabalhador e o valor que ele acrescenta aos bens ou serviços produzidos”. Não é preciso ser marxista para entender que altos lucros obtidos com baixos salários levam à exploração e ao crescimento desequilibrado. Esta continua sendo uma questão crucial, já que o ciclo econômico exige não apenas produção, mas também poder de compra, para que bens e serviços possam ser vendidos. Na economia industrial do século XX, um equilíbrio razoável foi alcançado por meio do New Deal nos EUA e do Estado de Bem-Estar Social em alguns países, basicamente no Norte Global, com políticas públicas que equilibravam interesses por meio da tributação progressiva e da provisão de bens e serviços públicos. Esse equilíbrio ruiu com o aumento da extração de riqueza via rentismo, ou seja, geração de riqueza improdutiva, que hoje se sobrepõe e vai muito além dos volumes tradicionais de mais-valia. Chamamos isso de neoliberalismo, mas não há nada de liberal nisso.

Um desafio importante é refletir até que ponto os novos mecanismos de apropriação de riqueza representam uma mudança sistêmica. A escravidão, enquanto sistema, baseava-se na extração de riqueza por meio do controle brutal e da propriedade de seres humanos, forçados a trabalhar para seus donos. Lembremos que isso não está tão distante: no Brasil, foi formalmente abolida no fim do século XIX e persistiu ilegalmente durante boa parte do século XX, tal como nos Estados Unidos, atravessando a era capitalista moderna. O capitalismo não se incomoda em recorrer a formas pré-capitalistas de controle da força de trabalho. O feudalismo também representou um sistema, essencialmente na era da riqueza baseada na agricultura, com controle da terra por meio de feudos e controle dos trabalhadores por meio da servidão. O apartheid na África do Sul era igualmente um sistema, com africanos confinados em territórios delimitados, autorizados a ganhar um salário se tivessem um "passe", levando a uma curiosa mistura de mineração moderna, indústria, serviços e exclusão territorial. O mundo capitalista nunca se opôs ao apartheid, e ele ainda funciona na Palestina. De forma destrutiva, como o genocídio demonstra.

O atual capitalismo financeirizado representa um novo sistema, um "modo de produção" no sentido sistêmico? Marx estudou o mecanismo financeiro e o chamou de "capital fictício", na medida em que seus ganhos dependiam de um segundo nível de extração, com a apropriação de parte dos lucros por meio das taxas de juros. Mas era um mero complemento da lógica industrial dominante. Na era atual, a que se convencionou chamar de neoliberalismo, François Chesnais atualizou a discussão ao mostrar o quão dominante o sistema de intermediação financeira havia

se tornado, a ponto de mudar a lógica geral do capitalismo, o que ele chamou de "totalidade sistêmica", baseada no rentismo e na globalização financeira. O que vemos nos últimos anos é uma explosão de estudos sobre o funcionamento desse novo sistema, e, na verdade, ele tem pouco a ver com a tradicional acumulação de capital e apropriação de mais-valia que ainda ensinamos em nossas universidades. O que estamos enfrentando representa, de fato, uma mudança sistêmica, outro "modo de produção", envolvendo a base tecnológica, as relações sociais de produção, a forma como a riqueza é apropriada e o arcabouço institucional.

Robert Reich nos traz de volta à realidade, em relação à origem dos grandes lucros: “Nas décadas de 1950 e 1960, quando o setor bancário era entediante, o setor financeiro representava apenas 10 a 15% dos lucros corporativos dos EUA. Mas a desregulamentação tornou as finanças empolgantes e extremamente lucrativas. Em meados da década de 1980, o setor financeiro representava 30% dos lucros corporativos e, em 2001 — época em que Wall Street se tornara uma gigantesca casa de apostas, na qual a casa de apostas levava uma grande parte das apostas — representava impressionantes 40%. Isso era mais de quatro vezes os lucros obtidos em toda a indústria manufatureira dos EUA.”[193] Não se trata de lucros baseados na produção, mas na intermediação financeira e na especulação.

Enquanto Davos afirma que estamos na era da Indústria 4.0, na verdade estamos na era do rentismo financeiro improdutivo, com outras formas de apropriação improdutiva da riqueza social, incluindo os bens comuns: Brett Christophers vai direto ao ponto essencial: "Os lucros têm cada vez mais assumido a forma de rentas econômicas - incluindo, mas não se limitando a rentas financeiras - em vez de rendas do comércio ou da produção de commodities". Renta e lucro são radicalmente diferentes: "A definição de renta que uso aqui, então, é efetivamente um híbrido do heterodoxo e do ortodoxo: renta derivada da propriedade, posse ou controle de ativos escassos em condições de concorrência limitada ou inexistente*”*.[194] Se a forma dominante de apropriação de riqueza não é mais o "comércio e a produção de mercadorias", isso é capitalismo? Com a Revolução Industrial, o setor agrícola continuou a ser importante para a economia, mas a reestruturação da sociedade como um todo acompanhou o interesse do desenvolvimento industrial e gerou um novo modo de produção. Como se dá a transformação atual?

A revolução digital é tão profunda em termos de transformação da nossa sociedade quanto a revolução industrial o foi há dois séculos e meio. Ela está transformando a principal forma de apropriação de riqueza por meio da apropriação de ativos improdutivos, em vez do lucro de atividades produtivas. E as relações de trabalho estão migrando de sistemas regulares de salários seguros e benefícios sociais para os inúmeros contratos flexíveis, precariado e empregos informais. Quanto à estrutura institucional, estamos migrando da regulamentação nacional para a tomada de poder global por corporações. O controle social, por sua vez, passa do trabalho organizado, sindicatos e negociações sobre salários e condições de trabalho, para um processo global de vigilância e manipulação por meio de algoritmos e por meio de informação e marketing orientados ao comportamento, por meio da indústria da atenção.

---

[193] Robert Reich –*The real story behind the Silicon Valley Bank debacle* – Newsletter, 13 de março de 2023

[194] Brett Christophers – *Rentier capitalism: who owns the economy and who pays for it?* – Londres, Verso, 2020, páginas 5 e xxiv.

O poder emergente no topo não está mais nas mãos de empresas como Ford ou Toyota, mas sim de plataformas de comunicação e intermediação como Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft (GAFAM), ou plataformas de gestão de ativos financeiros como BlackRock, State Street, Vanguard, Fidelity, Morgan Stanley ou UBS, para citar algumas. O papel do Estado não é mais garantir o equilíbrio geral, mas sim criar um lugar melhor para o país no jogo de interesses globais que ele não controla. Chamamos isso de se tornar *market-friendly,* amigável ao mercado, embora tenha pouco a ver com a tradicional competição de livre mercado. E temos plataformas globais, incluindo o mundo financeiro, mas nenhuma governança global.

Vimos esta questão no capítulo 7 chamado *Não é mais um tigre: as angústias do capitalismo.* Em vez de apontar para as listras mutáveis do tigre, deveríamos dar um passo para trás e considerar se ele ainda é um tigre. Como na lógica tradicional, um certo número de mudanças quantitativas eventualmente leva a uma transformação qualitativa. Podemos usar o paralelo da Revolução Francesa: em 1789, a indústria, o comércio e o setor bancário já lutavam por espaço político, enquanto os aristocratas dançavam em Versalhes. Em termos atuais, a economia está na era digital, enquanto os 193 governos nacionais fragmentados ainda estão na era analógica. Não temos mais Versalhes, mas temos Davos. A nova economia não se encaixa no quadro institucional, e o resultado é um caos global *hightech.*[195] Não à toa Varoufakis a qualifica de tecnofeudalismo.

Não resisto a repetir a dimensão humana do desafio. Muitas instituições e pesquisadores preocupados têm levantado a voz diante dos dramas resultantes. Um exemplo é a situação trágica de adolescentes e mulheres em idade reprodutiva: "Mais de um bilhão de adolescentes e mulheres sofrem de subnutrição (incluindo baixo peso e baixa estatura), deficiências de micronutrientes essenciais e anemia, com consequências devastadoras para suas vidas e bem-estar."[196] Isso tem consequências catastróficas tanto para as mães quanto para as crianças. Como toleramos isso? Só a produção mundial de cereais, 2,774 bilhões de toneladas em 2022, significa que produzimos um quilo por habitante por dia. Uma ração completa de arroz para um adulto consumir diariamente é de 180 gramas.

Este é apenas um exemplo. Temos todos os números sobre as mudanças climáticas e até podemos assistir às catástrofes pela televisão. Os dramas da biodiversidade são apresentados em inúmeras reportagens. O plástico está em todo lugar, apenas a face mais visível da poluição global: as corporações o produzem, embolsam os lucros, mas se isentam de qualquer responsabilidade sobre o que acontece depois. Contaminação do solo e dos lençóis freáticos, a destruição de florestas originais no Brasil, Indonésia e Congo, a lista é infinita. Observamos os dramas que se aprofundam e, sim, é hora de levar as crianças para a cama e contar-lhes uma história mágica. Dramas globais e desamparo individual, o curto prazo supera os desafios estruturais.

---

[195]UNRISD – *Crises of inequality: shifting power for a new eco-social contract* - relatório-completo-crises-de-desigualdade-2022.pdf (unrisd.org)
[196]UNICEF – *Undernourished and underfed* – Relatório de 2023 - https://data.unicef.org/resources/undernourished-and-overlooked/

A questão, obviamente, é que, além dos dramas, precisamos olhar para a governança, ou a ausência de governança, que os gera e nos impede de revertê-los. Seja ela chamada de novo contrato ecossocial, como nos relatórios da ONU, ou de Green New Deal ("Novo Acordo Verde") em tantas organizações sociais, ou de "novas regras para o século XXI" nos escritos de Stiglitz, o fato é que o principal desafio está na criação das instituições que nos permitirão enfrentar as tendências mais desastrosas.

A ideia é que precisamos parar de nos apegar às discussões ideológicas estagnadas sobre capitalismo/socialismo ou Estado/mercado, e reduzir nossa construção de consenso aos meios práticos de enfrentar as questões-chave. Muitas delas são globais, e não temos um processo global de tomada de decisão. Dani Rodrik, discutindo a fratura tecnológica global, uma dimensão importante dos nossos desafios, sugere que devemos usar os mecanismos de governança que temos, que são os governos nacionais e locais, para gerar os pactos regionais e globais necessários. "A cooperação regulatória transnacional e as políticas antitruste poderiam produzir novos padrões e mecanismos de aplicação. Mesmo quando uma abordagem verdadeiramente global não é possível – porque países autoritários e democráticos têm profundas divergências sobre privacidade, por exemplo – ainda é possível que as democracias cooperam entre si e desenvolvam regras conjuntas".[197] No Brasil, temos trabalhado com abordagens locais e políticas de reconstrução descentralizadas, de baixo para cima, o que é promissor. Mas nada disso alcança a escala dos desafios sistêmicos que enfrentamos.

Temos problemas globais, mas governos em nível nacional, finanças especulativas em vez de investimentos produtivos, busca de renta em vez de lucros com produtos socialmente úteis, comunicação baseada em comportamento em vez de informação honesta, narrativas em vez de transparência. Mas, acima de tudo, temos sistemas de governança presos ao passado analógico, perdidos na turbulência da nova revolução digital e no novo conjunto de desafios. Conflitos estão surgindo em todos os lugares, mas as soluções não estão apenas no nível nacional. Este é um novo sistema, gerado pela revolução digital, e devemos nos concentrar nas questões de governança correspondentes. *Missão Economia*, como Mazzucato apresenta a orientação necessária, parece uma abordagem razoável.[198] Para o Brasil, chamei-o de *Resgatar a Função Social da Economia: uma questão de dignidade humana* [199]Até que ponto precisamos nos afundar no caos global antes que surja energia política suficiente para a mudança?

---

[197]Dani Rodrik –*The coming global technology fracture* – IPS, 21 de setembro de 2020 – Global: The coming global technology fracture | IPS Journal (ips-journal.eu)
[198]Mariana Mazzucato – *Mission Economy* – Portfolio-Penguin, 2021
[199]L. Dowbor –*Resgatar a Função Social da Economia: uma questão de dignidade humana* – Editora Elefante, 2022 https://dowbor.org/2022/04/resgatar-a-funcao-social-da-economia-uma-questao-de-dignidade-humana.html

28 - Mudança de poder global: quem está no comando?

Herdamos as instituições de governança global do pós-Segunda Guerra Mundial. Já se passaram mais de três quartos de século, — tempo suficiente para mudanças estruturais profundas: surgiram novos países, novas tecnologias, uma conectividade planetária, moedas virtuais, plataformas financeiras e de comunicação gigantescas, corporações de escala mundial, guerras cibernéticas, drones assassinos, migrações massivas. O que herdamos de Bretton Woods, ONU, FMI, Banco Mundial, OMC e outras instituições internacionais basicamente produzem reuniões e relatórios. A lacuna na governança global é perigosa. E os EUA, tentando ocupar esse vazio com agressões, estão aprofundando o desastre.

Tentar salvar o passado não é uma opção. Tivemos os trinta anos dourados do pós-guerra e uma estrutura institucional que tornou esse enorme progresso possível, embora em apenas um grupo de países. Isso não deve ser descartado: sistemas tributários progressivos para reduzir a desigualdade, equilíbrio razoável entre governo, empresas e sociedade civil, a Declaração Universal dos Direitos Humanos para nos dar uma âncora ética. O colonialismo aberto foi gradualmente definhando, e o Ocidente se apresentava como o "lado do bem". O capitalismo industrial, com democracia e impressionante progresso tecnológico, poderia ser visto como o futuro. Os países pobres, a imensa maioria, tinham um modelo a seguir: estavam apenas em outra fase, atrasados, e o caminho parecia claro. Mas o mundo mudou.

O equilíbrio entre os interesses públicos e corporativos foi rapidamente corroído na década de 1980, com o que chamamos de "década perdida" devido ao crescimento lento, mas atualmente compreendida como uma reestruturação das principais economias, do capitalismo industrial para o controle financeiro e informacional global. Na política, a mudança tornou-se evidente com Ronald Reagan e Margareth Thatcher, que culparam a regulação pública e abriram espaço para o poder político corporativo. A Declaração dos Direitos Humanos foi substituída por "*the business of business is business*" e "*greed is good*". Quando John Ruggie conseguiu um acordo formal sobre os Princípios Orientadores da ONU sobre Empresas e Direitos Humanos (2005), o sistema econômico global já estava em outro patamar. Hoje, chamamos isso de financeirização. As corporações financeiras geraram a crise de 2008, mas já tinham influência suficiente para fazer os governos pagarem por ela, tanto nos EUA quanto na Europa.

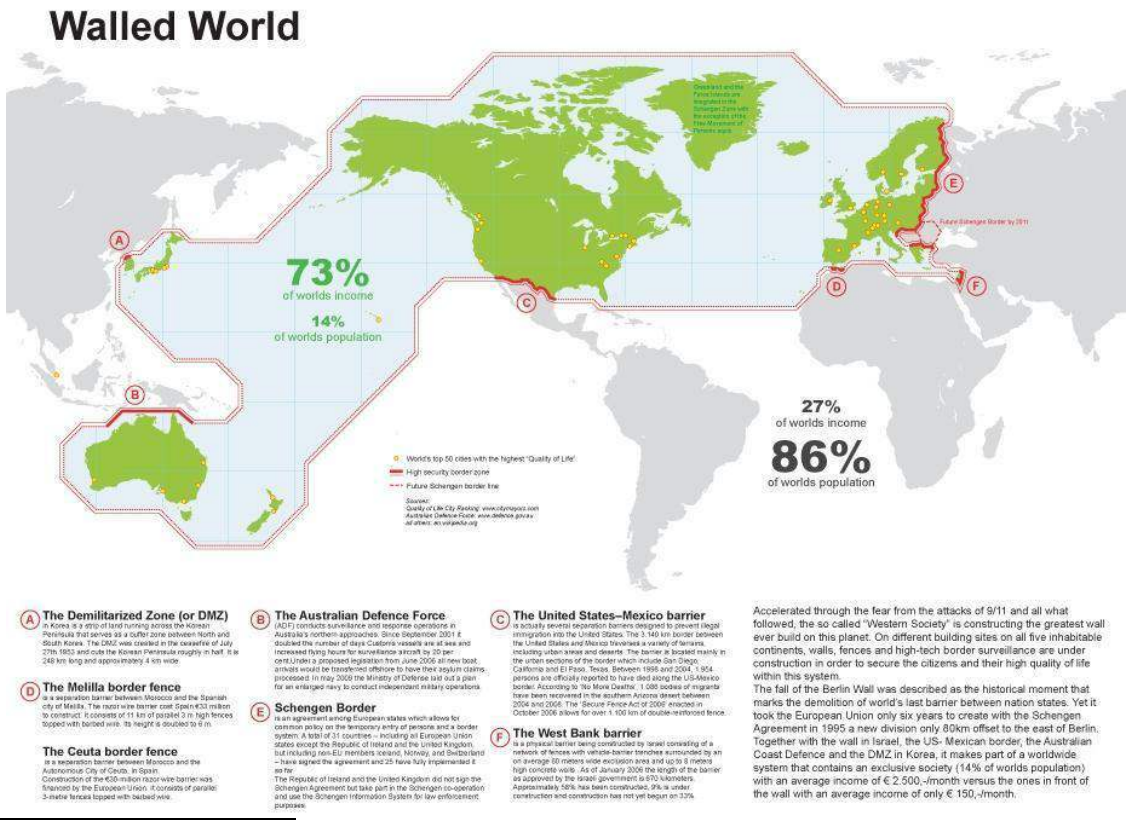
O dinheiro impresso pelos governos migrou para o dinheiro virtual emitido pelos bancos, enquanto o dólar, livre da garantia cambial do ouro, conquistou o mundo, meio de pagamento no comércio internacional, garantindo reservas em bancos centrais e financiando bases militares e guerras americanas. Como emissor da moeda-reserva, os EUA podem se endividar à vontade. Com a financeirização, enormes fortunas são extraídas da economia real por meio de juros, dividendos e evasão fiscal, fazendo com que empresas produtivas e governos paguem os custos financeiros. O fenômeno BlackRock que usamos aqui como exemplo administra mais de US$ 12 trilhões, não como banco, mas com *asset management,* gestão de ativos. Larry Fink não precisou se eleger, simplesmente maximiza seus lucros por meio de algoritmos. Joe Biden precisava ser

eleito e deve justificar todas as decisões sobre seu orçamento federal de US$ 6 trilhões. Donald Trump se coloca a serviço do próprio sistema financeiro.

O capitalismo atual é basicamente um sistema extrativo que beneficia intermediários improdutivos. É um sistema financeiro global sem regulamentação, sem impostos, sem informações sobre suas atividades – exceto marketing e construção de marca – e amplamente dependente de paraísos fiscais, escapando de praticamente qualquer legislação. Gestores financeiros globais com livre flutuação. O estudo de Ruggie sobre o novo sistema, *Just Business: Multinational Corporations and Human Rights*[200] (2013), é uma análise realista dos nossos dramas.

Ganhos globais por meio de taxas de juros, dividendos, evasão fiscal, derivativos, fixação de preços de commodities, apropriação de recursos naturais, privatizações, controle de como nos comunicamos, preços monopolistas e outras formas de rentismo explodiram no mundo, gerando a maior parte das fortunas e levando a uma concentração de riqueza que ninguém imaginaria algumas décadas atrás. A desigualdade tornou-se, juntamente com a catástrofe ambiental, um desafio mundial fundamental, levando não apenas à fome e ao sofrimento, mas também a uma estrutura global fragmentada. Por mais impreciso que seja, o mapa abaixo é impressionante. Estamos diante de um mundo murado, um condomínio global:

Figura 10



[200] Disponível em português: "*Quando Negócios Não São Apenas Negócios: As Corporações Multinacionais e os Direitos Humanos*", Editora Planeta Sustentável, 2014.

Fonte: https://bigthink.com/strange-maps/walled-world/

Estes são números de 2018, mas estamos interessados aqui no aspecto estrutural, e isso não mudou. Basicamente, 14% da população, o Ocidente global, recebe 73% da renda, enquanto o resto do mundo, 86% da população, recebe 27%. Se excluirmos a China, os números são muito piores. Este é o mundo dos países subdesenvolvidos, promovidos a "países em desenvolvimento" pela ONU, mas com pouca mudança. A comparação com os condomínios fechados onde os ricos se protegem em nossas cidades é interessante: um mundo murado, de fato. Com portões fortemente protegidos.

Podemos estender essa linha de pensamento a muitos países da América Latina, África e Ásia. A dependência de commodities e a drenagem financeira simplesmente não funcionam para estes países. Não é o caso da China, hoje a primeira economia do mundo em Paridade de Poder de Compra (PPC), que mede a produção efetiva sem distorções cambiais pela conversão do dólar. Em 2022, o PIB da China chegou a US$ 30,2 trilhões, enquanto o dos EUA ficou em US$ 25,2 trilhões. Em 2025, as previsões do FMI batem perfeitamente: China com um PIB de 37 trilhões, Estados Unidos com 29.

World Economic Outlook database: April 2022

Country	Subject Descriptor	Units	Scale	Country/Series-specific Notes	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
China	Gross domestic product, current prices	Purchasing power parity; international dollars	Billions	See notes for: Gross domestic product, current prices (National currency).	24,168.026	27,206.271	30,177.926	32,661.126	35,167.666	37,671.714	40,303.626	43,069.901
Hong Kong SAR	Gross domestic product, current prices	Purchasing power parity; international dollars	Billions	See notes for: Gross domestic product, current prices (National currency).	441.229	489.064	522.160	564.194	594.623	623.688	653.494	685.452
Macao SAR	Gross domestic product, current prices	Purchasing power parity; international dollars	Billions	See notes for: Gross domestic product, current prices (National currency).	39.539	48.591	59.660	75.769	92.043	103.133	110.526	116.655
United States	Gross domestic product, current prices	Purchasing power parity; international dollars	Billions	See notes for: Gross domestic product, current prices (National currency).	20,893.750	22,997.500	25,346.805	26,695.150	27,745.531	28,790.404	29,855.871	30,966.064
International Monetary Fund, World Economic Outlook Database, April 2022												

Os números impressionam, considerando o pouco tempo desde que a China saiu do sistema de controle político e corporativo do Norte Global. Mas o que nos interessa aqui é que, com a China, os países do Terceiro Mundo estão vendo uma chance de gerar uma mudança de poder global. Não se trata apenas de uma questão de que lado um país está nas tensões entre EUA e China. O próprio fato de haver uma alternativa muda o poder de negociação de todos os países que simplesmente tiveram que aceitar o que o Ocidente lhes ofereceu. E isso precisa ser visto de

uma perspectiva mais ampla: o capitalismo, em sua versão rentista, com desigualdade crescente e desafios ambientais explosivos, perdeu seu apelo, a menos que você esteja no clube dos ricos.

Em visita à China em abril de 2023, Lula declarou que queria fortalecer a amizade com a China, assim como com os EUA: o Brasil é uma nação, não precisa "pertencer". Com os BRICS e vários países demonstrando interesse em participar, a tendência já representa mais da metade da população mundial. O Novo Banco de Desenvolvimento, sob a presidência da ex-presidente do Brasil Dilma Rousseff, abre um conjunto de relações, diferente das imposições do FMI, dominado pelos EUA. Mais importante ainda: mais países terão transações comerciais sem depender do dólar, reduzindo gradualmente o poder de emissão de dinheiro que os EUA têm exercido para financiar seus interesses no exterior. Não se trata de qual lado vence, mas de uma distribuição de poder mais equilibrada, abrindo oportunidades para além do clube dos felizes *(happy few*). Para países que não pertencem ao Norte Global, a dependência distribuída, o fato de haver alternativas, pode significar muito: reforça radicalmente o seu espaço de negociação.

29 - Uma mudança de paradigma na análise econômica

O mundo mudou, mas ainda ensinamos e discutimos teorias que são essencialmente justificativas para a manutenção da situação atual, ignorando os novos e dramáticos desafios que enfrentamos. Uma nova geração de economistas está construindo o que podemos chamar de economia do mundo real.

"Economists are becoming conscious of the unsustainability of the present social and fiscal model."[201]
Thomas Piketty, *Le Monde,* 7 de maio de 2023

"Rising debt service (interest and amortization) diverts spending away from goods and services, shrinking the economy and thus reducing investment and new hiring."[202]
Michael Hudson, *J is for Junk Economics*, 2017, pág.258

Temos nos apegado aos experimentos mais curiosos e, muitas vezes, ridículos em análise econômica, alguns até consagrados com o Prêmio Nobel do Banco da Suécia (não um prêmio Nobel formal), como Milton Friedmann, com as pessoas boquiabertas com a profundidade de sua simplicidade: *Business of business is business,* como se isso significasse algo além do comportamento corporativo descontrolado. Os modelos matemáticos deram uma aparência de ciência séria ao que se tornou, nas palavras de Michael Hudson, "*economia lixo" (Junk Economics).* Parece que a economia como ciência está voltando à realidade. E, olhando para trás, é impressionante quanto tempo nos mantivemos (e ainda nos mantemos) em simplificações absurdas. Basicamente, se cada um de nós se concentrar em agarrar o máximo que puder, o resultado seria uma maior prosperidade geral. "*Greed is good"* é uma idiotice, e devemos nos concentrar no bem comum.[203]

A humanidade está disposta a acreditar em praticamente qualquer coisa e transformar crenças em dogmas, desde que se sinta acompanhada. A bestialidade coletiva surge com força impressionante e, com frequência, encontra cientistas dispostos a apoiá-la com argumentos. Esses argumentos são racionais, mas construídos sobre suposições absurdas, como a invenção de *homo economicus,* o indivíduo racional que maximiza o lucro. Dar rédea solta às tensões internas e ser capaz de disfarçá-las com argumentos gera uma impressionante sensação de libertação. Jonathan Haidt chamou isso de "mente moralista", que justifica qualquer coisa com argumentos morais. Se hoje reagimos aos absurdos da Ku-Klux-Klan, ou à "Deutschland über Alles" nazista (com "Gott mit uns", claro), muitos aceitaram a "teoria do dominó" que justifica a invasão do Vietnã, ou a narrativa das "armas de destruição em massa" para justificar a invasão do Iraque, ou

---

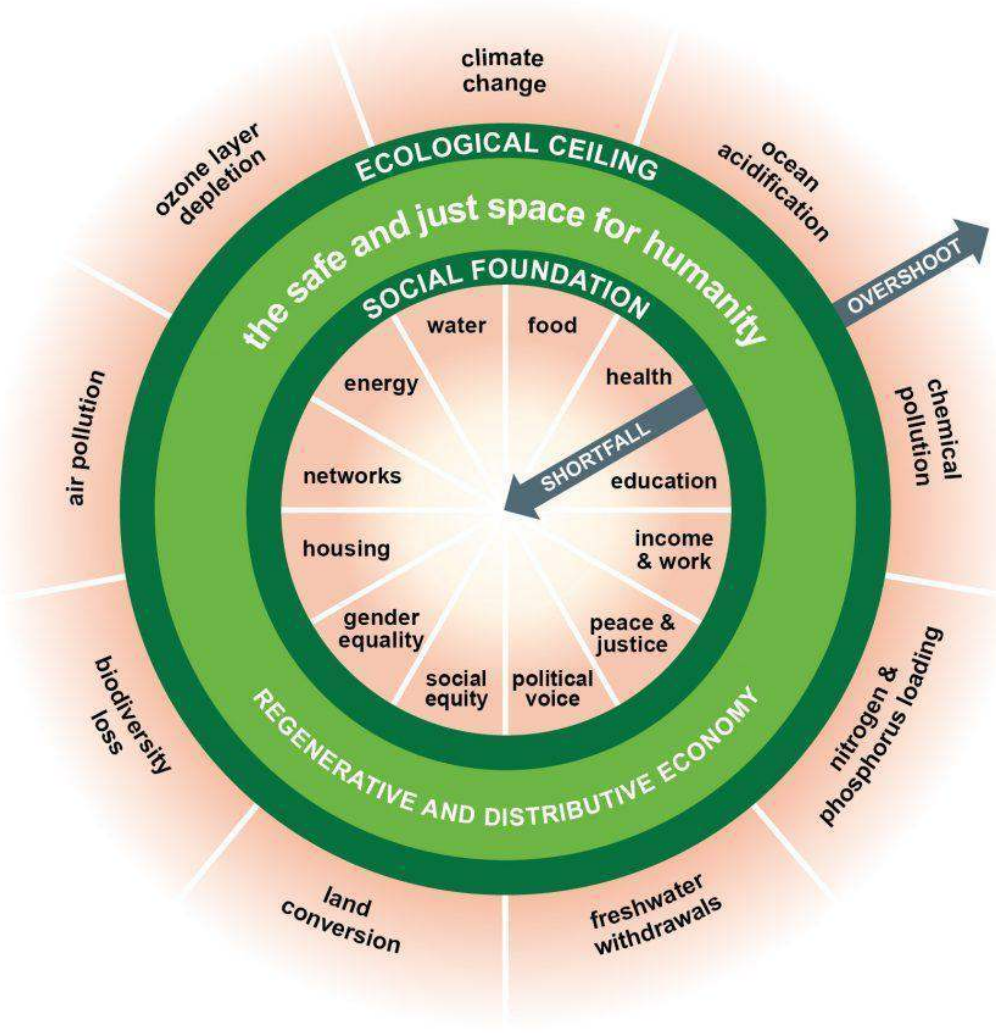
201 *"Os economistas estão se tornando conscientes da insustentabilidade do atual modelo social e fiscal"* (Tradução nossa)
202 *"O aumento do serviço da dívida (juros e amortização) desvia para além dos gastos em bens e serviços, contraindo a economia e, assim, reduzindo o investimento e as novas contratações."* (Tradução nossa)
203 Herman Daly e John Cobb Jr.– *For the common good: redirecting the economy toward community, the environment and a sustainable future* – Beacon Press, Boston, 1994

as ditaduras militares na América Latina que supostamente nos salvariam do comunismo. É difícil abrir a mente de alguém se seu conforto emocional depende de mantê-la fechada. E interesses econômicos podem ser facilmente envoltos em argumentos científicos, se possível complexos o suficiente para evitar que as pessoas olhem mais de perto. De fato, a teoria econômica tornou-se principalmente uma justificativa de interesses privados, disfarçados de ciência. J.K. Galbraith gentilmente a chamou de "a economia da fraude inocente". Mas fraude.

“Por pressões pecuniárias e políticas e por modismos da época, a economia e os sistemas econômicos e políticos mais amplos cultivam sua própria versão da verdade. Isso não tem necessariamente relação com a realidade.” (Galbraith, p.x) A “não necessariamente relação com a realidade” faz parte da abordagem levemente irônica de Galbraith. Mas ele pode ser mais direto: “Executivos da espetacularmente falida Enron foram um exemplo proeminente, assim como os da respeitável General Electric. Recompensas generosas à administração se estendem a toda a empresa corporativa moderna. O autoenriquecimento legal na casa dos milhões de dólares é uma característica comum da governança corporativa moderna. Isso não é surpreendente: os administradores definem sua própria remuneração.” (27)

Bem, é o mercado! “A crença em uma economia de mercado na qual o consumidor é soberano é uma das nossas formas mais disseminadas de fraude. Que ninguém tente vender sem o controle da gestão do consumidor.”(14) Nosso progresso econômico deveria ser resumido no PIB: “Mas da importância e da composição do PIB decorre uma das formas de fraude mais generalizadas… A fraude mais profunda está em medir progresso social quase exclusivamente pelo volume da produção influenciada pelo produtor. Não educação, nem literatura, nem artes, mas a produção de automóveis, inclusive SUVs: esse é o moderno padrão de conquista econômica e social.” (15)

Figura 11



O Donut. Gráfico de Kate Raworth e Christian Guthier//*The Lancet Planetary Health*

Numa abordagem crítica semelhante, segundo Kate Raworth, as economias devem "fazer-nos prosperar, quer cresçam ou não". Nesta imagem simples, temos o donut, o lugar seguro onde devemos estar, as deficiências no centro e os excessos que devemos reduzir fora do círculo. Colocar resultados em vez de velocidade na forma como medimos o progresso representa uma mudança profunda na utilidade que damos à economia. Raworth aprofunda essa visão em *Doughnut Economics: seven ways to think like a 21st century economist*[204], mostrando que a economia deve servir às nossas necessidades — e não o contrário.

[204] Livro traduzido ao português com o título *Economia Donut: Sete formas de pensar como um economista do século XXI*, Editora Zahar, 2019

Robert Skidelsky, com *What's Wrong with Economics* (*O que há de errado com a ciência econômica*), é outro Acadêmico apontando para novas tendências. Ele sugere uma "reformulação radical da metodologia", onde "os tópicos centrais seriam o papel do Estado, a distribuição de poder e o efeito de ambos na distribuição de riqueza e renda... Além disso, meu livro didático deixaria claro que o único propósito defensável da economia é tirar a humanidade da pobreza". (193) E se a economia quiser ser útil hoje, "precisará revisar sua fé no mercado auto-regulador".

Fortunas financeiras estão em alta, mas "historiadores do futuro, olhando para trás, podem muito bem identificar a globalização liderada pelas finanças como a causa raiz das tribulações do século XXI". Não se trata apenas de crescimento, mas do que produzimos, para quem, com quais impactos ambientais. Skidelsky traz a economia de volta ao seu lugar, como uma das partes das ciências sociais, a ser analisada numa abordagem sistémica: "É porque a economia não é uma ciência que precisa de outros campos de estudo, nomeadamente, a psicologia, a sociologia, a política, a ética, ou a história para suprir as lacunas no seu método de compreensão da realidade… A tarefa é nada mais nada menos do que recuperar a economia para as humanidades." (78)

Thomas Piketty teve um papel importante nessa redefinição do pensamento econômico. Analisando o *Capital no século XXI* ele mostrou uma mudança fundamental nas economias atuais: a produção de bens e serviços cresce cerca de 2,5% ao ano, enquanto os investimentos financeiros pagam entre 7% e 9%, o que significa simplesmente que o sistema financeiro está drenando as atividades produtivas.[205] A financeirização não só se tornou evidente, como economistas em todo o mundo voltaram sua atenção para um conjunto de transformações que dela resultaram. Em seus estudos mais recentes, Piketty mostrou como isso mudou a relação entre poder econômico (e particularmente financeiro) e poder político. Com as contribuições do WID (World Inequality Database) e de economistas como Gabriel Zucman, podemos atualmente ter uma compreensão muito mais clara não apenas do aumento drástico da desigualdade, mas também de como o dinheiro virtual (95% da liquidez hoje em dia são apenas sinais magnéticos, e não dinheiro impresso pelo governo) permite uma drenagem gigantesca de riqueza.

Não se trata de mercados, mesmo que os chamemos assim. Trata-se de poder radicalmente concentrado. A compreensão do dreno financeiro improdutivo na economia está levando a um amplo conjunto de estudos sobre sistemas de distribuição, tributação e financiamento de serviços públicos como saúde, educação e políticas ambientais. Em particular, tornou-se evidente a fratura entre os fluxos financeiros, um processo em escala global, e a regulação financeira, fragmentada entre tantos países. A evasão fiscal é gritante, e em espaços tão visíveis como o Estado americano de Delaware. O que se tornou evidente é que atualmente não temos mercados (os gigantes corporativos de escala mundial gostam do nome "mercados", como se estivessem obedecendo a ele) nem regulamentação governamental (qualquer esforço para regulamentar em nível nacional leva a corporação a mudar seu local de residência fiscal). Repetindo, *the tail is wagging the dog,* o rabo está abanando o cachorro, resumo simpático do pessoal de Wall Street. As finanças já estiveram a serviço da produção, hoje o sistema se inverteu.

[205] Apresentação pela Forbes dos *2781 Bilionários no Mundo em 2024* mostra que eles aumentaram sua riqueza em 17% em um ano. Em 2025 são 3028 pessoas, com uma fortuna de 16 trilhões de dólares, 8vezes o PIB do Brasil.

O resultado geral é que estamos diante da convergência de uma catástrofe ambiental, desigualdade explosiva (tanto em nível nacional quanto internacional) e uma gestão caótica e oportunista dos recursos financeiros, que deveriam justamente nos ajudar a financiar os desafios ecológicos e sociais. Precisamos de uma sociedade que não seja apenas economicamente viável, mas também socialmente justa e ambientalmente sustentável. Esse tripé da sustentabilidade está se tornando óbvio em círculos amplos e foi detalhado nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Mas podemos organizar a economia de acordo com objetivos?

O desafio fundamental é como poderemos migrar da maximização do lucro em escala corporativa mundial, o vale-tudo, para uma economia social e ambientalmente útil, ou menos destrutiva. Praticamente todas as corporações afirmam sua adesão aos ESGs, o que significa que estão conscientes dos desafios, mas mantêm isso nos departamentos de relações públicas. Não se trata de falta de compreensão, mas de uma falha sistêmica no processo de tomada de decisões corporativas. Novamente, a governança é a questão central.

Mariana Mazzucato tem tido especial sucesso na difusão da nova economia do mundo real, tanto com a publicação do *The Entrepreneurial State* (*O estado empreendedor*) como com o *Mission Economy* (*Missão Economia*). Em vez da maximização irresponsável do lucro corporativo, aliada à tímida regulação pública, deveríamos nos concentrar nas questões-chave que a humanidade enfrenta, particularmente os dramas sociais e ambientais. Esses são os desafios, e políticas públicas, iniciativas empresariais e organizações da sociedade civil podem se unir para enfrentá-los em conjunto. O exemplo que ela usa é a missão "corrida à Lua", que organizou contribuições de diferentes setores, gerando sinergia em vez de competição. Mazzucato, assim, demonstra não apenas o papel fundamental do setor público no fornecimento de bens e serviços (o Estado como empreendedor), mas também seu papel em promover a convergência de esforços em torno de prioridades nacionais e internacionais.

J is for Junk Economics, de Michael Hudson, é uma leitura fluida e bem-humorada, desmentindo o que ele chamou de "os 22 mitos econômicos mais difundidos do nosso tempo", como o de que os ciclos econômicos são curados pelos estabilizadores automáticos da economia, que a privatização é mais eficiente do que a propriedade e a gestão públicas, que não existe renda não merecida, que a desregulamentação do setor financeiro o livrará da burocracia e permitirá que ele repasse a redução de custos aos seus clientes, além de outros mitos predominantes. "O antídoto para essa economia-lixo deve explicar por que as economias tendem a se tornar mais instáveis e polarizadas como resultado de suas próprias dinâmicas internas (“endógenas”) – especialmente a dinâmica do crédito e da dívida, somadas à não tributação da renta econômica não produtiva.” (267) Para cada mito, Hudson apresenta uma “Realidade”.

Uma análise particularmente bem estruturada da mudança global na análise econômica é apresentada por Brett Christophers, em *Rentier Capitalism* (*Capitalismo Rentista*, 2020) bem como em *Our Lives in their portfolios: why asset managers own the world* (*Nossas vidas em seus portfólios: por que os gestores de ativos são donos do mundo*, 2023). A mudança fundamental reside no fato de que ganhar dinheiro (dinheiro de verdade) resulta essencialmente de drenos financeiros, não da produção. Crédito e gestão de ativos financeiros, apropriação de reservas naturais, propriedade intelectual, plataformas digitais, contratos de serviço, taxas de

licenciamento de infraestrutura, aluguel de terrenos, têm a característica comum de ganhar dinheiro com produtos e capital existentes, não com a sua produção. Não estão aumentando nossa capacidade de produção, estão drenando-a.

Seja sobre a fraude descarada na análise econômica, como apresenta Galbraith; a mudança na forma como mensuramos resultados, expondo o absurdo da contabilidade centrada no PIB; a análise de Skidelsky sobre o divórcio entre a economia e as necessidades humanas; a poderosa análise de Piketty sobre o significado do próprio capital; a abordagem de Mazzucato sobre o resgate da capacidade do Estado em definir missões e organizar a convergência racional de esforços; a demonstração de Hudson de como a economia (a chamada economia ortodoxa) perdeu o contato com a realidade; ou sobre a síntese de Christopher de como o capitalismo produtivo migrou para o capitalismo financeiro de extração de renta – a imagem geral que construo em minha mente é a de uma mudança global na forma como os economistas estão abordando nossas novas realidades. E elas são novas.

Gosto da abordagem direta de Robert Reich, em *The System: who rigged it, how we fix it* (*O Sistema*: *quem o travou, como o consertamos) "*Não pode haver responsabilidade sem leis que obriguem as corporações a sacrificar alguns ganhos dos acionistas em benefício dos trabalhadores, das comunidades e da sociedade. E elas entenderão que as próprias leis não têm sentido se as grandes corporações puderem continuar a violá-las sempre que as multas resultantes forem inferiores aos benefícios derivados de sua ilegalidade. Elas verão que o atual sistema americano não é uma meritocracia onde a capacidade e o trabalho árduo são recompensados, mas uma farsa cruel dominada pela riqueza e pelo privilégio." (189)

Muitos outros autores poderiam ser mencionados aqui, desde Joseph Stiglitz com suas "*Novas regras para o século 21,* a Michael Sandel com *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum*? Mas a tendência central é clara: as fábulas sobre mercados, gotejamento de riqueza (*trickling-down*) e o mito de que a busca individual resulta naturalmente no bem coletivo estão ficando para trás, enquanto uma nova economia do mundo real está nos dando novas ferramentas para enfrentar nossos desafios reais: a catástrofe ambiental, a desigualdade explosiva e o caos financeiro.

30 - Homo Sapiens: gigantes científicos, idiotas políticos, selvagens morais

As complexas deformações sociais que enfrentamos se tornaram um sistema fortemente interligado: no nível individual, a agressividade ou mesmo o ódio são facilmente estimulados; as plataformas globais de mídia social maximizam esses sentimentos por meio de IA e algoritmos; as corporações financeiras contribuem com algoritmos de maximização de dividendos; no nível político, as tendências são uma converegência de poder absoluto e ganhos de curto prazo.

Ao descrever nossos diferentes desafios, parece útil olhar para nós mesmos, atores desse drama. Certa vez, um aluno me perguntou como eu via o ser humano: somos seres humanos naturalmente bons, deformados pelas instituições, numa visão um tanto rousseauniana de "*o bom selvagem*", ou um primata pervertido? O fato básico é que conseguimos tornar a vida miserável uns para os outros, e para todos nós, enquanto criamos belos discursos sobre "amem-se uns aos outros", "façam aos outros..." etc. A questão básica é se ajudar uns aos outros a construir uma vida decente na terra é viável. E isso não diz respeito apenas a indivíduos: corporações reivindicam ESGs e continuam a destruir nosso futuro, políticos reivindicam sua dedicação ao bem comum, e lá vamos nós para a COP30 – sim, 30 anos discutindo o que deveríamos fazer, e pouco fazendo a respeito – enquanto a confusão global se aprofunda.

Não se trata apenas de privilégios absurdos no topo e instabilidade econômica para muitos. Uma das principais causas do sofrimento é o sentimento generalizado de insegurança, que permeia todas as nossas vidas, a insegurança quanto ao nosso futuro e ao dos nossos filhos. Precisamos disso? Se alguns de nós – os poucos felizardos – nos sentimos os capitães gloriosos, a maioria é mais realista. Certa vez, conheci um ex-ministro africano poderoso, estava trabalhando a terra no arrozal: assim é, comentou ele, um dia você é ministro, no dia seguinte está na "bolanha", o arrozal lamacento. Certamente pode ser estimulante, os altos e baixos da vida, mas a facilidade com que se pode perder a casa, ver os filhos passarem fome, a família se afogar em dívidas – sem falar em assassinatos, torturas, guerras absurdas com violência que vai do estupro de crianças a bombardeios de alta tecnologia – nos empurra para uma batalha permanente uns contra os outros, mesmo sabendo que a única coisa que funciona é a colaboração. Parece que a busca da vantagem individual no curto prazo, com uns empurrando os outros, é que predomina.

E quanto mais inseguras as pessoas se sentem, mais elas brigam, mais acirrada é a competição. Chamam isso de liberdade, "você está preparando sua própria cama, é assim que você vai dormir". É um ditado polonês. Mas quantos de nós temos escolha, e quais são as escolhas? Estamos diante de um drama comum, e é deprimente ver bilionários lutando para chegar ao topo da escada, sem ver que todo o chão está afundando. Sim, é apenas uma imagem, mas é a realidade. Eles não apenas lutam, mas constroem ativamente um sistema corporativo e político para maximizar suas vantagens, ao custo de uma desigualdade explosiva e do desastre ambiental. Alguns constroem bunkers, outros afirmam que poderíamos ir para outro planeta, depois de termos arruinado este. Uma mistura perigosa de poder e infantilidade. Musk? Trump?

Não perceber nossas dimensões irracionais é simplesmente perigoso. E obviamente pouco inteligente. Nada como a história para sugerir que poderíamos substituir o conceito de *homo sapiens* por *homo demens*. Você já pensou que em nenhum momento da história registrada da humanidade deixamos de nos matar uns aos outros? Em cada guerra ou massacre que estudamos, somos levados a definir quem eram os mocinhos e quem eram os maus. E se a própria incapacidade de viver em paz e em colaboração, que seria sem dúvida mais proveitosa para todos, fosse o objeto da nossa análise? Gosto muito do texto de Frans de Waal, *Our Inner Ape* (O primata dentro de nós), no qual fica evidente o quanto nos comportamos, em termos de defesa de nossos territórios ou tribos políticas, de forma muito parecida com nossos parentes mais próximos, os chimpanzés. Guerras tribais, guerras nacionais, guerras mundiais, alguma delas faz algum sentido? Esse fato básico, de que temos uma natureza agressiva semelhante à dos chimpanzés escrita em nosso DNA, deve ser levado em consideração em nossa análise geral do comportamento social.

Em outro belo texto, *The Righteous Mind* (A Mente Moralista), Jonathan Haidt analisa nossas motivações, e em particular como conseguimos justificá-las. A Ku-Klux Klan massacrou tantos, mas era para proteger virgens brancas, e queimou casas para civilizar os negros, os nazistas estavam limpando a raça, as guerras de religiões mataram e torturaram em todos os lugares de acordo com as ordens expressas de seus respectivos deuses, a inquisição torturou mulheres, de preferência nuas, para extirpar o demônio que havia tomado posse de suas almas. No Vietnã, eles mataram dois milhões, na Argélia um milhão, na Segunda Guerra Mundial 60 milhões, o Oriente Médio, a Ucrânia, a Palestina, o Sudão e outros estão aumentando a conta a cada dia. Tudo em nome dos ideais mais elevados.

O que Haidt deixa claro é o quão prazeroso, profundamente satisfatório, é dar rédea solta ao que há de mais podre dentro de nós, em nome dos ideais mais elevados. É o orgasmo máximo. O ódio justificado gera gozo irreprimível. É ignorância? Sem dúvida, não faltam diplomas universitários: metade dos médicos alemães aderiram ao partido nazista. Conhecimento técnico não significa que você seja uma pessoa melhor. Ser inteligente e saber para que serve são duas áreas diferentes.[206]

Barbara Tuchman claramente não tem muita confiança na lógica do poder ou na inteligência dos grupos que o exercem. "A ausência de pensamento inteligente no exercício do poder é outro fato universal, que levanta a questão de até que ponto, nos estados modernos, há algo na vida política e burocrática que reduz o funcionamento do intelecto em favor do 'manuseio das alavancas' sem levar em conta as expectativas racionais. Essa parece ser uma perspectiva que se mantém." (398)

A filosofia que permeia os escritos de Barbara Tuchman é sem dúvida o resultado de seus próprios estudos de história, mas seu ceticismo sobre o exercício do poder tem raízes mais antigas. A autora relembra Platão: "Ele também teve que aceitar que seus semelhantes estavam ancorados na vida dos sentimentos, agitados como marionetes pelos fios dos desejos e medos

[206]Jonathan Haidt –*A Mente moralista: por que as pessoas boas são segregadas pela política e religião*– Alta Cult, 2020 – http://dowbor.org/2013/06/jonathan-haidt-a-mente-justa-por-que-as-pessoas-boas-estão-divididas-pela-politica-e-religiao-a-mente-moralista-por-que-boas-pessoas-sao-divididas-pela-politica-e-pela-religiao.html/

que os faziam dançar. Quando o desejo não está de acordo com o julgamento da razão, disse ele, há uma doença na alma. E quando a alma se opõe ao conhecimento, ou à opinião, ou à razão, que são suas leis naturais, isso eu chamo de loucura (*folly*)."[207](404)

Provavelmente o maior interesse do livro de Haidt, da área da psicologia social, é que ele nos permite compreender um pouco melhor esse poço escuro dentro de nós, uma mistura de empatia, ódios e identificações políticas, ao detalhar, a partir de pesquisas, a diversidade de motivações. Ele trabalha com uma "matriz moral" de seis motivações: o cuidado, que nos faz evitar causar mal aos outros, querendo reduzir o sofrimento; a liberdade, com seu correspondente repúdio à opressão; a justiça, que nos faz buscar tratamento igualitário, evitar trapaças; a lealdade, que nos faz buscar adotar os valores do nosso grupo, considerando como traidores aqueles que não os adotam; a autoridade, que nos faz considerar ético o que os líderes decidem, e chamar de subversivos aqueles que se rebelam; a santidade ligada a valores sagrados como tradições ou razões religiosas, que pelo lado negativo nos faz condenar ao fogo do inferno aqueles que acreditam em outras visões de mundo. (297)

Enquanto os três primeiros grupos de motivações — cuidado, liberdade e justiça — nos levam a um mundo colaborativo, os três últimos — lealdade, autoridade e santidade — facilmente nos transformam em monstros. Na verdade, não apenas monstros, como Hannah Arendt nos mostrou, mas monstros burocráticos. Pessoas normais em um processo monstruoso. Christopher Hitchens nos mostra como Henry Kissinger, com habilidade e paciência, abriu caminho e justificou mais massacres no Vietnã, no Chile com Pinochet, na Argentina com Videla, na Grécia e Chipre com Papadopoulos, na Indonésia com Suharto, para citar alguns.[208] O fato de ele ser essencialmente realista nos faz perceber o quão vergonhoso é o que construímos. Os mais de seis milhões de mortos na República do Congo mal chegam aos nossos livros de história.[209]

Max Fisher, em seu estudo recente sobre conflitos gerados por algoritmos de mídia social, *A Máquina do Caos,* torna a questão muito mais clara.[210] Fisher dedica capítulos a Mianmar, onde o ódio entre comunidades de diferentes religiões levou a massacres de minorias, mas também ao Sri Lanka, apresentando também os casos dos Estados Unidos, Brasil, Índia, Alemanha e outras regiões europeias com a ascensão do fascismo ou de movimentos neonazistas. De repente, fanáticos ideológicos encontram não apenas maneiras de falar com o mundo, mas os algoritmos das plataformas aprimoram desproporcionalmente seus discursos. Em 2025, Facebook chega a quase 4 bilhões de pessoas, buscando maximizar a atenção, pouco importa o tipo de mensagens.

---

[207] Bárbara W. Tuchman –*The March of Folly: from Troy to Vietnam – Random House, New York, 2014 – 470 p* – https://dowbor.org/2018/10/barbara-w-tuchman-a-marcha-da-loucura-de-troy-para-o-vietnam-random-house-nova-york-2014-a-marcha-da-insensatez-470-p.html

[208] Christopher Hitchens - *The Trial of Henry Kissinger* – Twelve, New York, 2002

[209] Adam Hochschild – *King Leopold's Ghost: a story of greed, terror and heroism in colonial Africa* – Houghton Mifflin, Nova Iorque, 1999 –https://dowbor.org/2008/02/o-fantasma-do-rei-leopoldo-2.html

[210] Max Fisher – *A Máquina do Caos: a história interna de como as redes sociais reprogramaram nossas mentes e nosso mundo* – Editora Todavia, 2023 - https://dowbor.org/2023/06/a-maquina-do-caos-como-as-redes-sociais-reprogramaram-nossa-mente-e-nosso-mundo.html

Estimular divisões sociais, ódio e fanatismo não era originalmente uma opção dos criadores do universo da comunicação social. Mas, para a Meta, 98% da receita vem da publicidade, e o preço da publicidade é definido de acordo com o número de pessoas que alcança, os chamados m-DAUs. (*monetizable Daily Average Users*) a unidade de conta usada nas negociações de compra do Twitter por Elon Musk, por 44 bilhões de dólares. Assim, todo o sistema busca mensagens que maximizem a atenção: para vender mais espaço publicitário, o objetivo é maximizar o compartilhamento, e os algoritmos são instruídos a canalizar, estimular ou abafar as mensagens de bilhões de usuários de acordo com esse critério, com a IA ajudando a encontrar as reorientações necessárias. Como as polarizações emocionais, em particular os sentimentos de identidade de grupo e ódio tribal ou religioso, são motivadores poderosos, elas acabam dominando as mídias sociais. Em outras palavras, a deformação é incorporada e construída de forma inteligente pelo próprio critério de maximização, guiado por sua vez pelo interesse geral de maximizar o retorno financeiro. "Em termos gerais, é inconsciente, quase animalesco e, portanto, facilmente manipulado por líderes oportunistas ou algoritmos em busca de lucro." Provavelmente ambos. (243)

Mesmo que Trump, Bolsonaro e outros líderes usem a Cambridge Analytica e outras empresas de disseminação direcionadas algoritmicamente, a realidade é que, dentro da estrutura da política de maximização da atenção das próprias plataformas, as pessoas foram levadas à polarização e a reações fanáticas, pois viram seus preconceitos reproduzidos e compartilhados de forma muito ampla. As plataformas, de fato, geraram um sistema de seleção negativa. Uma pesquisa com 300 milhões de comentários descobriu "como tratar pessoas e fatos em termos moral-emocionais intensificados traz à tona os instintos de aversão e violência no público - que é, afinal, exatamente o que as plataformas sociais fazem, em uma escala de bilhões, a cada minuto de cada dia... Sociedades inteiras estimuladas ao conflito, à polarização e à fuga da realidade - a algo como o trumpismo." (211)

Projetar IA certamente mostra o quão inteligentes podemos ser, mas os resultados, ao revelar o que nos estimula mais poderosamente, também mostram os idiotas políticos e selvagens morais que podemos ser. Os algoritmos navegam em nossas motivações mais poderosas. E plataformas programadas para maximizar a atenção e os lucros simplesmente impulsionam o processo. Aqueles que investiram nas plataformas, atualmente as gigantes (Amazon, Apple, Alphabet, Microsoft, Meta, Nvidia) apenas olham para os dividendos resultantes. A indústria de gestão de ativos (BlackRock, State Street, Vanguard, Fidelity, Morgan Stanley e similares) é baseada em algoritmos que direcionam os fluxos de dinheiro para a maximização de dividendos, e são precisamente acionistas da Amazon, Microsoft etc. Também os políticos tendem a navegar nas ondas mais poderosas. Se coloquem na posição de um professor como eu: preocupado com minha aposentadoria, onde colocarei meu dinheiro? Bem, o lucro líquido da Microsoft no último ano fiscal foi de 34,1%, pago por todos nós. Sim, é um sistema, passamos todos a contribuir.

Assim, Frans de Waal, que passou a vida investigando chimpanzés e como seu comportamento poderia ser "humano", mais recentemente inverteu a perspectiva e se surpreendeu com o quão simiescos os humanos podem ser. Não se tratava de mocinhos ou bandidos; trata-se de pessoas. As inúmeras investigações sobre o papel dos algoritmos nas mídias sociais levaram Max Fisher a

concluir que investir no animal que existe em nós é de fato um bom negócio, porque essas são as motivações mais poderosas, e essa compreensão define as prioridades de grande parte do mundo corporativo. Barbara Tuchman, analisando as decisões políticas de quatro presidentes americanos, todos eles pessoalmente convencidos de que a Guerra do Vietnã não poderia ser vencida, nos mostra o quão sistêmica toda a deformação política se tornou. Jonathan Haidt faz seu trabalho como psicólogo social, exibindo o conjunto de motivações, tanto negativas quanto positivas, mas não é otimista. E muitos políticos modernos, em tantos países, entenderam que usar as mídias sociais, notícias falsas e, acima de tudo, o discurso de ódio – os imigrantes podem ser muito úteis – é uma estrada real para o poder. Se somarmos nossas motivações individuais, o poder corporativo e o oportunismo político, a mistura é mais do que preocupante. As partes estão interligadas.

Será que é o pessimista em mim que fala? Bem, olhando para Trump, Milei, Bolsonaro, Orban, Netanyahu, Meloni e tantos outros em ascensão, até mesmo na Holanda e na Suécia, temos motivos para ser pessimistas. Mas a chave para levar a sociedade a um caminho mais democrático começa precisamente com a compreensão de como os nós estão atados. Acabamos de encerrar a COP29, 29 anos sugerindo que temos um problema. Não é um problema; é uma catástrofe. Mas olhamos para a COP30 com esperança.

31 - A era dos heróis corporativos e da má gestão sistêmica

Com o imenso poder das plataformas, do dinheiro virtual, dos gigantes financeiros globais e dos paraísos fiscais – e na ausência de qualquer sistema correspondente de tributação ou regulação – estamos indo por água abaixo. Uma forma poderosa de compreender como corporações ricas, lideradas por executivos bem treinados, continuam a construir essa catástrofe em câmera lenta e em escala global, é analisar os inúmeros estudos sobre os líderes e seus processos decisórios. Não é estupidez, é uma engrenagem bem azeitada - e desastrosa.

Estamos todos olhando para as nuvens escuras à nossa frente e, com razão, preocupados com nossos filhos, e até mesmo conosco. Tudo depende de quão longe estamos olhando, mas a escuridão só aumenta à medida que alcançamos um horizonte mais distante. Tudo parece muito estranho porque estamos, ao mesmo tempo, inundados com notícias fantásticas sobre o progresso tecnológico e científico, que nos mostram como as oportunidades para construir um mundo melhor estão crescendo, e tomando nota das mudanças climáticas, da destruição da biodiversidade, da contaminação da água em todo o planeta e da desigualdade crescente. A revolução digital está nas mãos de poucos, gerando um poder privado impressionante no topo, enquanto as decisões democráticas estão fragmentadas em diversos países, com discussões complexas da era analógica. Particularmente importante, as decisões políticas no nível das nações estão migrando para as mãos do mundo corporativo, enquanto a regulação global está simplesmente ausente. Bretton Woods foi em 1944, sem atualizações significativas. Bem, tivemos a Rodada do Uruguai, o GATT virou OMC. Alguém lembra?

Levantar estatísticas sobre as ameaças crescentes é essencial, mas também é importante a capacidade de olhar para trás algumas décadas, pois a força do fluxo histórico se torna evidente. Há alguns anos, peguei o livro *Jack: Straight from the Gut* (*Jack, definitivo* na edição em português) de Jack Welch – típico exemplar de literatura de aeroporto bem financiada e distribuída – e fiquei impressionado com a imagem idealizada que um homem pode construir de si mesmo, sabendo-se o desastre que ele causou na General Electric. A ética é mencionada a cada poucas páginas, mas não os acordos que a corporação teve que pagar por tantas fraudes. Até onde podemos ir na construção de imagem, na justificativa de praticamente qualquer coisa? Bem, faz parte do dinheiro.

Lava-se o dinheiro corporativo nos paraísos fiscais, e os nomes das marcas e dos executivos por meio do controle das comunicações. As grandes corporações atuam simultaneamente no processo econômico de geração de lucros, no controle da política, do judiciário, da imprensa (que é financiada pelo marketing delas), e das iniciativas militares. Com que rapidez Trump conseguiu reduzir os impostos corporativos de 35% para 21% na primeira gestão, e ainda mais na segunda. Como foi fácil legalizar o financiamento corporativo da política em 2010! Ironicamente, a iniciativa chamava-se Citizens United. As narrativas são fundamentais, e nós as engolimos com facilidade espantosa.

Em contraste com o livro auto glorificante de Welch, David Gelles escreveu uma história contundente em *"The Man Who Broke Capitalism: How Jack Welch Gutted the Heartland"* (O

homem que quebrou o capitalismo), ainda sem tradução no Brasil.[211] Um calmo analista de negócios do New York Times apenas trouxe os fatos à realidade, e o resultado é uma compreensão impressionante de como essas coisas realmente funcionam. Não se trata apenas de bandidos, mas de um sistema de seleção natural baseado na maximização unilateral dos lucros para os acionistas. Revelar essa abordagem é fundamental para nossa análise econômica, porque os desafios são estruturais, dizem respeito ao cerne de como as decisões econômicas são tomadas, e tais estudos nos mostram o quão ultrapassadas as instituições podem ser. As instituições são fundamentais, é o nosso arcabouço jurídico, mas as que temos pertencem a outra era.

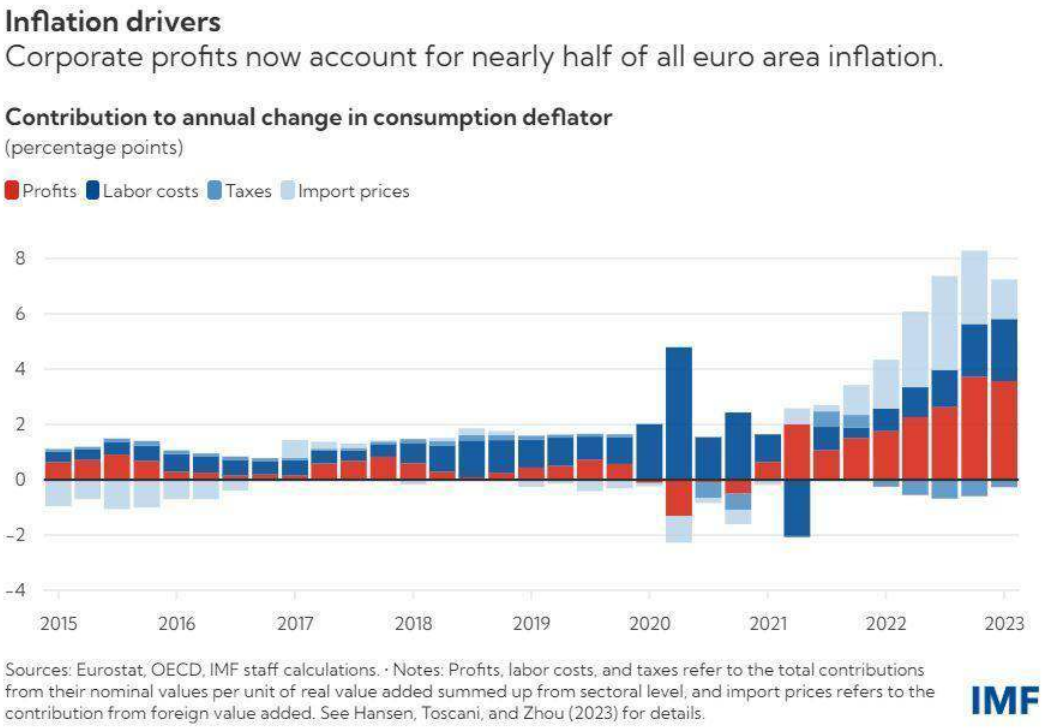
Adoramos rotular comunismo, socialismo, capitalismo, neoliberalismo, bem como os nomes compostos que inventamos para trazê-los à realidade, como capitalismo extrativo, capitalismo parasitário ou mesmo capitalismo de Estado para a China. Agora, buscamos esperança em nomes como capitalismo progressista (Stiglitz), socialismo democrático (Piketty) e tantas outras definições que apenas mostram a profundidade da mudança sistêmica que enfrentamos. Em suma, a fábula da "mão invisível" agora parece francamente ridícula, uma narrativa justificadora para a ganância corporativa. A OCDE e a ONU buscam um sistema tributário global correspondente à dimensão global do mundo corporativo (BEPS2). Definir um novo Green New Deal (Acordo Verde Global), um novo Bretton Woods, uma nova arquitetura financeira global (Paris, junho de 2023) está mobilizando inúmeras instituições, organizações sociais, universidades e até mesmo empresas pioneiras. Algum progresso?

Mas voltemos a David Gelles. Sob a liderança de Welch, (1981 a 2001) a General Electric passou da produção de eletrodomésticos úteis para a gestão financeira. À medida que o restante das empresas americanas seguiu a liderança de Welch, as finanças se tornaram a parte de crescimento mais rápido da economia americana. Um exemplo simples é que, desde 1982, "em vez de investir em novos produtos e serviços, ou em seus funcionários, as empresas agora podiam usar seus lucros para simplesmente recomprar suas próprias ações, elevando seus preços... o que deixou muito pouco para investimentos em capacidades produtivas ou em maiores rendimentos para os funcionários". (66) A questão resultante é que "a lucratividade corporativa não está se traduzindo em prosperidade econômica generalizada". (65)

---

[211]David Gelles – *The Man Who Broke Capitalism: How Jack Welch Gutted the heartland* –Simon&Schuster, 2022 - https://dowbor.org/2023/06/o-homem-que-quebrou-o-capitalismo.html; Uma bela leitura sobre como a GE administra as relações internacionais por meio do Judiciário americano pode ser encontrada em Frédéric Pierucci e Matthieu Aron, *The American Trap,* Hodder Stoughton, 2020 - https://dowbor.org/2022/02/arapuca-estadunidense-uma-lavajato-mundial-traduzido-do-frances-le-piege-americain.html

Figura 12



A inflação é outro mecanismo poderoso, pois é principalmente "inflação de lucros" (*profit-inflation*), como visto na maior parte das colunas acima, em vez de "inflação de custos".[212] Com acordos de monopólio e intercorporativos, é possível aumentar os preços. No gráfico, vemos o impressionante avanço da inflação simplesmente gerada pela capacidade dos oligopólios de elevar os preços, sem medo de concorrência. Torna-se um imposto privado, representando cerca de 50% da elevação de preços. O sistema do rentismo financeiro se espalhou para um número crescente de atividades econômicas, que ainda funcionam, mas foram reorientadas para a maximização dos lucros dos acionistas, independentemente das externalidades, sejam elas ambientais, sociais ou políticas. Alguém tem que pagar pelo dinheiro que o rentismo financeiro gera. Isso envolve a estagnação da renda dos 50% dos americanos na base da pirâmide social. Também envolve os países do Terceiro Mundo, que têm seus recursos naturais drenados para pagar dívidas, e os 750 milhões de pessoas que passam fome no mundo.

A riqueza da abordagem de Gelle reside no fato de que, enquanto a análise simplesmente acompanha os passos da transformação da GE em um gigante financeiro, drenando riquezas em vez de produzi-las, acompanhamos os impactos concretos das iniciativas de desregulamentação e privatização de Reagan e Thatcher, que permitiram uma globalização financeira descontrolada, o

[212] IMF - *Europe's Inflation Outlook*, 26 de junho de 2023 –https://www.imf.org/en/Blogs/Articles/2023/06/26/as-perspectivas-da-inflação-europeia-dependem-de-como-os-lucros-corporativos-absorvem-os-ganhos-salariais?utm_source=substack&utm_medium=email

sepultamento da regulamentação Glass-Steagall por Clinton em 1999 e o consequente controle financeiro tanto sobre as atividades produtivas quanto sobre a política. Dinâmicas semelhantes podem ser observadas na Boeing, BlackRock, PayPal e outras. Uma nova cultura econômica de fato emergiu, e tenho minhas dúvidas sobre chamá-la de capitalismo. Ela certamente faz parte da revolução digital e da consequente sociedade da informação.

Outra contribuição igualmente rica é o estudo de Christopher Leonard sobre as indústrias Koch, e como Charles Koch gradualmente assumiu setores inteiros com compras gigantescas financiadas por fortunas extraídas de recursos naturais, como petróleo e gás. Enquanto o estudo de Gelles sobre a GE mostra a contaminação das diversas áreas da economia americana e mundial, Leonard constrói uma análise histórica detalhada de como as decisões foram tomadas, como o dinheiro foi feito, como os sindicatos foram quebrados. Particularmente importante é como a Kochland conseguiu sabotar a legislação sobre mudanças climáticas, manipular eleições políticas em todos os Estados, obter reformas políticas favoráveis sob o governo Bush, fragilizar as políticas ambientais de Obama e reduzir os impostos corporativos na gestão de Donald Trump.[213]

A criação e o financiamento de think tanks como importantes instrumentos de manipulação política, como o American for Prosperity, o Tea Party, Atlas Network e tantos outros, mudaram a democracia política para sempre.[214] A manipulação dos preços e fluxos financeiros mundiais por meio de derivativos, um lugar obscuro para a maioria das pessoas (mais de US$ 600 trilhões, enquanto o PIB mundial gira em torno de US$ 115 trilhões), e outros mecanismos tornam-se claros porque são apresentados à medida que são criados e utilizados por algumas das maiores corporações do mundo. O controle das universidades por meio de grandes doações também é melhor compreendido. E a pregação permanente de Charles Koch sobre sua doutrina de "gestão orientada pelo mercado", justificando veementemente a maquinaria de extração de dinheiro como uma ética superior, é impressionante. Todos criam suas próprias narrativas.

Embora o dinheiro virtual permita manipulação em escala global, isenção de impostos e regulação e o acúmulo de fortunas gigantescas no topo, parte da mudança sistêmica que enfrentamos está na área da comunicação. Assim como o dinheiro, a informação se tornou virtual; o que lemos, bilhões de nós, está basicamente nas telas, e a informação, liberada do suporte material, banha o ambiente eletromagnético mundial com marketing, notícias falsas, jornalismo falso ou real, livros, esculturas gregas, pornografia, sambas ou tangos e tantas mensagens de ódio e emocionais. Isso é uma revolução. É a "economia da atenção", a luta por nossos sentimentos e compreensão. Está nas mãos de todos, mas, na verdade, o seu controle é radicalmente centralizado.

A base tecnológica da comunicação foi transformada, mas também a sua base econômica. Faço o meu melhor para vender meus livros e decidi colocá-los gratuitamente no meu site. Mas o dinheiro e os trilhões de dólares em comunicação vêm do marketing. O jornalismo é uma

---

[213]Christopher Leonard – *Kochland: the secret history of Koch industries and corporate power in America* – Simon&Schuster, Nova York, 2019

[214] Como vimos, o think tank Atlas Network interfere nas decisões políticas no Brasil, ver a entrevista no Youtube, 2025 - https://www.youtube.com/watch?v=n6F2kjLnN3g

indústria cada vez menos lucrativa. A maior parte da receita vem de anúncios digitais veiculados em sites de notícias — portanto, em vez de vender notícias aos consumidores, é o tempo e a atenção dos consumidores que estão sendo vendidos aos anunciantes. Além disso, parte do conteúdo de melhor qualidade fica bloqueado por paywalls baseados em assinaturas.[215] Cada vez que compramos algo, estamos pagando pelos custos de marketing correspondentes, incluídos nos preços. Vimos que, ao comprar um produto da Johnson & Johnson, por exemplo, 27% dos custos são despesas de marketing, incluídas no preço que pagamos. É uma fórmula maravilhosa: pagamos para que interrompam um filme que, segundo eles, nos é oferecido gratuitamente. Não aguento ver jogo na TV interrompido (meia-tela) sobre como é bom o Bradesco, ou como é proveitos apostar nas Bets, sobretudo quando sei como fazem dinheiro. Narrativas são fantásticas e, com a revolução da comunicação, tornaram-se uma indústria gigantesca.

Voltemos a Max Fisher e seu livro *The Chaos Machine* (*A Máquina do Caos*), uma análise extensa sobre como esse novo mundo funciona.[216] Escrito em 2022, ele nos traz as muitas pesquisas recentes de universidades e outras instituições. Analisando-as em conjunto podemos ter uma nova compreensão desse universo. Pode-se transformar qualquer pessoa em fonte de renda, vendendo anúncios: "Em um memorando de 2014, o CEO da Microsoft afirma que 'cada vez mais, a mercadoria realmente escassa é a atenção do ser humano'."(161) O YouTube afirma ter conseguido criar "uma identidade coletiva": "O fato de terem conseguido analisar e organizar bilhões de horas de vídeo em tempo real, e então atingir bilhões de usuários na rede, com esse nível de precisão e consistência, foi incrível para a tecnologia e demonstrou a sofisticação e o poder dos algoritmos." (272).

Os anúncios são precificados de acordo com o alcance. Assim, os algoritmos são direcionados para identificar e disseminar as mensagens com maior probabilidade de serem reproduzidas, comentadas e disseminadas, alcançando mais pessoas. Os algoritmos identificaram que o que funciona é a emoção, especialmente o ódio, sentimentos de pertencimento a um grupo, eventualmente contra outros, fortalecendo um sentimento de identidade. As polarizações políticas e raciais resultantes levaram a massacres em diferentes partes do mundo, mostrando que o universo das mídias sociais está provocando uma transformação cultural global. O estudo mais recente de Jonathan Haidt, sobre *A geração ansiosa,* permite entender a dimensão das tensões sociais e psicológicas que resultam.[217]

A dimensão dos nossos desafios sociais – em termos de meio ambiente, desigualdade, caos financeiro, erosão da democracia, polarizações ideológicas e violência, ou até de sentímento de ansiedade – pode ser melhor compreendida por meio da análise das atividades concretas das

---

[215]Visual Capital – 29 de julho de 2022 -https://www.visualcapitalist.com/visualized-the-top-25-u-s-newspapers-by-daily-circulation/

[216]Max Fisher –*A Máquina do Caos: como as redes sociais recoprogramaram nossas mentes e nosso mundo*- Little, Brown e Cy., Nova York 2022 – (usei a tradução brasileira) https://dowbor.org/2023/06/a-maquina-do-caos-como-as-redes-sociais-reprogramaram-nossa-mente-e-nosso-mundo.html

[217] Jonathan Haidt – *A Geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epedemia de transtornos mentais* – Cia. das Letras, 2024 - https://dowbor.org/2024/12/a-geracao-ansiosa-como-a-infancia-hiperconectada-esta-causando-uma-epidemia-de-transtornos-mentais.html

grandes corporações que assumiram o controle de tantas áreas-chave: dinheiro, energia, infraestrutura, comunicação e em particular a política. Na minha opinião, isso é muito mais do que capitalismo com um qualificador: estamos rapidamente migrando para outro modo de produção, com muito mais concentração de poder econômico, cultural e político, e uma mudança sistêmica na forma como a humanidade está construindo seu futuro. Isso não é economia de mercado, nem livre concorrência para nos servir melhor. É uma guerra entre gigantes, a serviço dos grandes acionistas. Em termos da organização social geral, tirando a China e alguns outros países, não temos nem regulação por mecanismos de mercado nem planejamento público. Livre mercado? Liberdade sem responsabilidade é uma farsa. Liberdade entre desiguais vira opressão.

Em vez de ficarmos boquiabertos de admiração pelos Welches, Kochs, Musks, Bezos, Zuckerbergs e afins, concordando com a narrativa de que se os mais ricos se multiplicam nós, mortais, seremos gratificados com o *trickling down,* seria melhor seguirmos o conselho de Lula: os pobres no orçamento e os ricos no imposto de renda. Precisamos de regulação pública, não de heróis corporativos. Por quanto tempo toleraremos tanto sofrimento na base da pirâmide? E se trata de muito mais do que lutar por melhores salários.

32 - Compartilhando conhecimento: a universidade como um bem comum

Com a centralidade do conhecimento em todas as iniciativas econômicas e sociais, a educação ascendeu ao topo das prioridades. Mas as universidades ainda se concentram em promover indivíduos na escala social, por meio de diplomas, em vez de universalizar o acesso ao conhecimento. As novas tecnologias já permitem isso. Há uma inundação de mensagens deformadas nas mídias sociais, e uma radical subutilização dos potenciais pelas universidades.

Esta é uma mudança sistêmica. Se eu pegar meu celular, talvez 5% do seu valor represente mão de obra e matérias-primas: 95% resulta do conhecimento incorporado. Podemos estender esse raciocínio a tantas áreas, já que até mesmo o pequeno agricultor depende fortemente de análises de solo, sementes selecionadas e tantos insumos que exigem conhecimento. No geral, o conhecimento se tornou o principal fator de produção. Estamos no meio de uma revolução digital, que vai pelo menos tão fundo quanto a revolução industrial há dois séculos e meio, e está mudando o mundo. Por quanto tempo as universidades permanecerão apegadas às "tradições"?

A centralidade do conhecimento é uma dimensão. Outra é o fato de que ele se tornou imaterial, permitindo banhar o planeta com ciência útil, praticamente sem custo, com livros virtuais, artigos, documentários e até mesmo conteúdo de museu. A acessibilidade gratuita é uma realidade, sem custo adicional, diferente dos livros impressos. E isso significa acesso para bilhões. Embora também se use para tantas fake news e mensagens de ódio, ou simplesmente bobagens, certamente pode ser usado para o acesso universal à ciência. Não estamos substituindo os livros impressos, mas expandindo seu alcance.

E temos o terremoto social representado pela conectividade global, o potencial de inclusão digital de todas as pessoas no mundo, em uma mesa ou mesmo no bolso. A exclusão digital ainda é um drama em todo o mundo; no Brasil, pelo menos um terço da população não tem acesso à internet de boa qualidade, sem falar na alfabetização digital. Mas a inclusão está progredindo rapidamente, e as novas oportunidades de acesso ao conhecimento científico são imensas.

A esse cenário se soma a profunda transformação do universo do software. Não precisamos nos afogar em um mar de lixo, já que instrumentos de busca inteligentes nos permitem canalizar nossa atenção para alvos precisamente definidos em qualquer parte do mundo. Seja qual for a insegurança gerada por algoritmos, IA, Chat GPT, DeepSeek e similares, o fato é que a facilidade de acesso gerou um novo mundo, admirável ou não.

Por mais simplificada que seja a apresentação aqui, o fato é que, com a centralidade do conhecimento, sua libertação do suporte material, a conectividade global e o software transformador, instituições como as universidades, cuja matéria-prima é o conhecimento, estão enfrentando um terremoto. Em vez de nos limitarmos ao ensino a distância, frequentemente convertido em máquina de fazer dinheiro para o consumo em massa, é necessária uma visão mais sistêmica dos potenciais. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, elaboramos uma

lista de possíveis mudanças, um mapa preliminar em um universo que, devemos admitir, é repleto de potenciais e incertezas. [218]

Não estamos sozinhos nessa busca e procuramos exemplos de como diferentes universidades, no Brasil e no mundo, estão se adaptando aos novos desafios: rótulos como "sistema híbrido", que apenas sugerem combinações possíveis de ensino online e presencial, são claramente insuficientes. Precisamos identificar experiências que vão além da educação a distância e gerar uma tipologia das mudanças adotadas, permitindo uma avaliação preliminar de resultados que atendam às questões sociais relevantes, e não apenas visando à expansão autorreferente de um modelo mercantil.

O universo das publicações indexadas, em particular a indústria de periódicos científicos, hoje um oligopólio que gera fortunas em lucros para grupos como a Elsevier, drena a ciência em vez de promovê-la, com particular dificuldade de acesso para países em desenvolvimento. Devemos pesquisar e sistematizar o que está sendo feito pelas inúmeras instituições que promovem o Open Access, Creative Commons, PlosOne, ArXiv, OCW, ORE etc. As iniciativas existentes geram oportunidades que podemos explorar.

Também devemos repensar o universo de quem chamamos hoje de estudante. A facilidade de acesso online hoje nos permite ter alunos de qualquer lugar do Brasil e do mundo, mas também, com o ritmo atual de transformações tecnológicas, econômicas e sociais, podemos enxergar o estudante como um colaborador permanente, com retornos sucessivos em diferentes momentos profissionais: essa orientação vai além de “ex-aluno” e visa identificar espaços na educação ao longo da vida, tanto em termos de demanda potencial quanto de formas internas de organização. Devemos pesquisar novas formas de selecionar e integrar projetos que já estão sendo desenvolvidos por grupos ou indivíduos que estão construindo vínculos de trabalho/estudo diversificados, mais livres e autônomos.

A forma como nos organizamos como professores também está em discussão. Inúmeras universidades ensinam a ergonomia do trabalho intelectual, formas de organizar o conhecimento acumulado, gerando e disponibilizando um acervo de conhecimento que permite superar o uso pré-histórico de cópias xerox de capítulos. Os desafios do professor universitário estão mudando, mas a cultura herdada é rígida. Como podemos organizar o suporte para as transformações necessárias? Adaptações individuais não são suficientes. Como professores, precisamos conhecer nossa área de ensino, mas também nos familiarizar com novas formas de comunicar conhecimento e repensar quais habilidades serão realmente centrais nos próximos anos.

Devemos também reconsiderar o papel desempenhado pelo núcleo de suporte tecnológico na universidade. Gerenciar a mudança faz parte do desafio, não se trata apenas de modificações pontuais. Que dimensões o núcleo está adquirindo em diferentes instituições de excelência, que soluções de software aberto, numa visão que precisa ir além do suporte individual e que permita facilitar processos colaborativos generalizados e sem complexidades. Uma nova cultura digital

[218] Fernando Almeida, Alípio Casali, Ladislau Dowbor, Antonio Carlos C. Ronca, Lucia Santaella, Maura Veras – *Os Desafios atuais da universidade*- (2022) https://dowbor.org/2023/08/os-desafios-atuais-da-universidade-o-mundo-contemporaneo-as-redes-de-conhecimento-e-o-compromisso-da-universidade.html

precisa ser apropriada pela universidade, simplificando e facilitando em vez de burocratizar. Como as universidades no Brasil e no mundo estão enfrentando essa transição? Quais são as oportunidades de networking interuniversitário na gestão da mudança? São novidades não só para os alunos, e sim para toda a estrutura universitária.

E o que será — ou já está sendo — da biblioteca universitária? Bibliotecas ao redor do mundo estão digitalizando enormes acervos, abrindo radicalmente os horizontes da pesquisa. Como as bibliotecas universitárias, ou as redes interuniversitárias correspondentes, se encaixam nessa transformação planetária, que lhes permitiria acompanhar as inovações e pesquisas emergentes no mundo?

Como universidades, temos a tríade ensino, pesquisa e extensão. Fazemos muito ensino, pouca pesquisa, e quase nenhuma extensão, o que significa disseminar a ciência pela sociedade. Enormes oportunidades estão disponíveis por meio do Open Access, mas também por meio do networking com organizações da sociedade civil. A disponibilidade de conhecimento online pode ser generalizada, envolvendo treinamento, mas também apoio científico em torno de questões locais. Periferias urbanas pobres dificilmente chegam à universidade, mas com sistemas online é possível conceber maneiras de a universidade alcançar as comunidades de uma forma muito mais ampla e com uma visão interativa.[219] Mesmo sem poder passar no vestibular ou pagar uma faculdade, quelquer pessoa poderia acessar o conhecimento de forma organizada e gratuita.

Os currículos devem ser repensados, reunindo diferentes áreas e disciplinas científicas para gerar pesquisas integradas sobre nossos principais desafios, que exigem compreensão sistêmica. Organização urbana, desafios sociais e ambientais, desigualdade, o futuro do trabalho e muitas outras questões podem constituir linhas de pesquisa interdisciplinares, capazes de gerar conhecimento mais rico e também maior sinergia entre as diferentes áreas. A facilidade de acesso online e os encontros interuniversitários virtuais podem gerar uma capacidade de síntese científica muito mais rica. Isso exige colaboração, muito mais do que competição.

A gestão universitária e a burocracia em geral podem ser reconsideradas de forma sistêmica? Sugerimos a articulação entre professores, alunos e a área de gestão universitária, na medida em que o monitoramento das atividades online pode ocorrer de forma mais inteligente e menos burocrática, ou pode aprisionar os diversos agentes do universo universitário em uma rigidez administrativa esterilizante. O próprio conceito de monitoramento de produtividade e resultados precisa ser repensado no contexto das novas tecnologias e novas formas de trabalho. Correr atrás de resultados quantitativos pode ser estéril, ou até mesmo humilhante.

Não há necessidade de uma separação tão profunda entre o ensino superior e o sistema educacional geral. Organizar o conhecimento como um bem comum, disponível gratuitamente online, abre enormes potenciais subutilizados. O conhecimento compartilhado abre oportunidades de colaboração e apoio ao universo de escolas e faculdades. Parcerias e redes

[219] As transformações no papel da biblioteca universitária, como facilitadora da pesquisa de fontes, podem ser encontradas em *Understanding Knowledge as a Commons,* por Elinor Ostrom e Charlotte Hess. https://dowbor.org/2015/05/elinor-ostrom-e-charlotte-hess-understanding-knowledge-as-a-commons-understanding-o-knowledge-as-a-common-good-cambridge-mit- press-cambridge-2007.html

podem garantir o enriquecimento científico do território como um todo, gerando um ambiente colaborativo para todos os profissionais de ensino, pesquisa e extensão. [220]

No Brasil, poderíamos definir eixos prioritários de cooperação interuniversitária, por exemplo, com países vizinhos, que frequentemente enfrentam desafios semelhantes, ou com os países de língua portuguesa (PALOP), em particular Angola e Moçambique, buscando enriquecimento mútuo, garantindo a capilaridade dos acordos interinstitucionais para que possam resultar em projetos conjuntos de professores e docentes. A América Latina constitui um universo privilegiado de redes colaborativas. Com a conectividade online, a dimensão internacional do ensino e da pesquisa pode ser amplamente expandida, e a criação de currículos transnacionais promovidos entre universidades latino-americanas pode ser uma inspiração. Os tradutores online de fala e escrita hoje permitem ultrapassar muitas barreiras linguísticas.

Precisamos avaliar como a política salarial e as formas de contratação estão evoluindo nas instituições universitárias no Brasil e no mundo. Hoje, o uso de aulas gravadas e disseminadas online em muitas unidades escolares, no contexto da privatização acelerada do sistema educacional, centrada em resultados financeiros, está alterando as relações de trabalho, ameaçando a área da educação como um todo, com a consequente pasteurização da função relacional do professor com suas turmas.

Precisamos de pesquisas sobre os impactos da internacionalização do sistema educacional, em particular do sistema universitário, com grandes empresas listadas em bolsas e programas padronizados: Em plena era do conhecimento, controlar o sistema de produção e difusão do saber tornou-se um grande negócio — da dívida estudantil à indústria editorial acadêmica, da prestação de serviços administrativos compartilhados à padronização voltada para economia de escala. Precisamos de um universo de universidades capaz de resgatar valores sociais e iluminar nossos desafios comuns — e não apenas trampolins individuais para o sucesso profissional. É uma questão de reconstruir o elo com nossa identidade original e, ao mesmo tempo, evolutiva, num ambiente tecnológico radicalmente novo e com um universo de oportunidades muito mais amplo. Esta visão está no próprio sentido original de “universidade”, universo.

A tecnologia está avançando muito mais rápido do que nossa capacidade de mudar as instituições, sem falar no arcabouço legal e na cultura em geral. Como professores, muitos de nós estamos ultrapassados. Certamente seria útil garantir apoio individual ou em grupo, como uma atividade regular em nossas instituições, como forma de gerenciar a transição e lidar com os novos desafios. Muitos de nossos principais professores podem se sentir ultrapassados, com tanta tecnologia e tantas atitudes tradicionais. Um apoio organizado poderia ajudar. O rio corre muito mais rápido, e não estamos apenas observando a água, estamos nela.

Tenho 84 anos e leciono desde 1963. Tantas coisas mudaram, mas ainda tenho giz nos dedos. Por outro lado, meu filho criou um site científico para mim, atualmente tenho cerca de 1.500 títulos lá, de acesso aberto, usado pelos meus alunos, por redes de favelas, por estudantes de diferentes

[220] Pasi Sahlberg, em seu estudo study *Finnish Lessons*, apresenta uma visão sistêmica do enriquecimento científico das comunidades na Finlândia.
https://dowbor.org/2016/05/pasi-sahlberg-lições-finlandesas-o-que-o-mundo-pode-aprender-com-as-mudanças-educacionais-na-finlândia-universidade-columbia-nova-york-e-londres-2015.html

continentes. Os chineses traduziram várias das minhas obras, e Timor-Leste e outros países de língua portuguesa tornaram-se espaços colaborativos. Uma iniciativa simples que não me custou quase nada, vou colocando conteúdos no site como coloco um livro na prateleira. Como multiplicamos essas oportunidades e evitamos as amarras das iniciativas com fins lucrativos ou o caos generalizado das mídias sociais?

A visão de uma educação pública, gratuita e universal representa um ideal que precisa ser não apenas defendido, mas estudado em profundidade, garantindo o estudo comparativo das formas de organização em diferentes países e ambientes. Na sociedade do conhecimento, a educação, em sentido amplo, constitui um investimento fundamental, e não um "custo", como gostam de dizer os promotores da austeridade, que precisaria ser organizado para a maximização de acesso, não um privilégio que reproduz elites e desigualdades. Precisamos de iniciativas de pesquisa muito mais robustas nessa área. O eixo, ou visão, é a ampliação de sistemas de colaboração gratuita em rede, não de competição e exclusividades.

33 - A indústria da atenção

A indústria da atenção (attention industry) tornou-se uma força estruturante central na economia, mas é, em maior escala, um elemento essencial de como usamos nosso tempo, construímos nossos valores, organizamos nossas vidas. Livros e papel precisavam ser comprados; atualmente, a informação é virtual, penetrando em cada momento de nossas vidas, através de todas as telas, e é gerenciada em escala mundial por pouquíssimas mãos. Até onde isso pode ir?

"The really scarce commodity is the attention of the human being"[221]
CEO da Microsoft, 2016

"Control spread via attention economies, mass media and influence industries based on psychological methods of behavior modification."
Hazel Henderson, 2019[222]

"In the attention economy, attention is limited, and the business model based on advertisement demands always more."
Jonathan Haidt, 2024[223]

Como as coisas mudam rápido. Sempre tivemos fofocas de família, trabalho e vizinhança, e a missa dominical para nos manter na linha. Depois surgiram as falas dos governantes no rádio, uma forma de comunicação em massa. Mais tarde, a TV, a internet, e depois o caos global: "Se perguntarmos ao ChatGPT sobre as principais tecnologias que impulsionam essa revolução, ele mencionará Inteligência Artificial (IA) e aprendizado de máquina; robótica e automação; Internet das Coisas; impressão 3D; blockchain; realidade virtual e aumentada; redes 5G; computação quântica; big data e cibersegurança."[224]

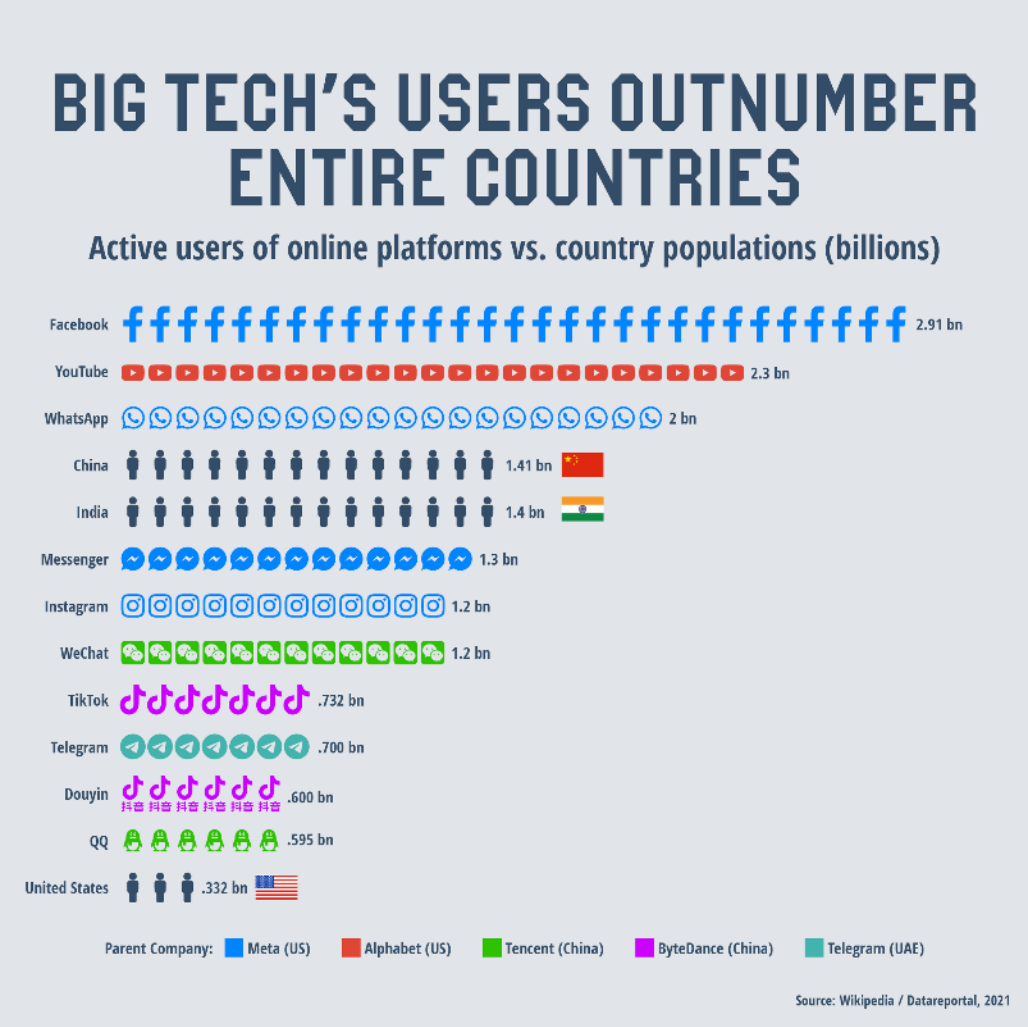
Dizer que tudo isso é de tirar o fôlego é um comentário realista. Nossa atenção é invadida por todos os sentidos, estamos grudados em todos os tipos de telas. Posso tentar ler um artigo sensato sobre um assunto que me interessa, mas vou ter pequenas telas aparecendo, estorvando meus esforços para me concentrar. Não são interesses econômicos tentando chamar minha atenção para coisas úteis: é a batalha econômica pelo meu tempo. E não é apenas a Revolução Industrial 4.0, é outro sistema. A conectividade em massa e global está gerando uma nova civilização. Não

---

[221] *"A mercadoria realmente escassa é a atenção do ser humano"*.
[222] *"O controle se espalhou por meio de economias de atenção, mídia de massa e indústrias de influência baseadas em métodos psicológicos de modificação de comportamento."* Hazel Hendersonc– *Steering our powers of persuasion toward our human future,* 2019 - https://www.ethicalmarkets.com/steering-our-powers-of-persuasion-toward-our-human-future/
[223] *"Na economia da atenção, a atenção é limitada e o modelo de negócio com base na propaganda exige sempre mais."* Jonathan Haidt –*A geração ansiosa –c*Penguin Press, 2024 – Página 264 da edição brasileira.
[224] TicoTimes – 18 de março de 2023 – *Artificial Intelligence* - https://ticotimes.net/2023/03/18/artificial-intelligence-accelerates-the-fourth-industrial-revolution

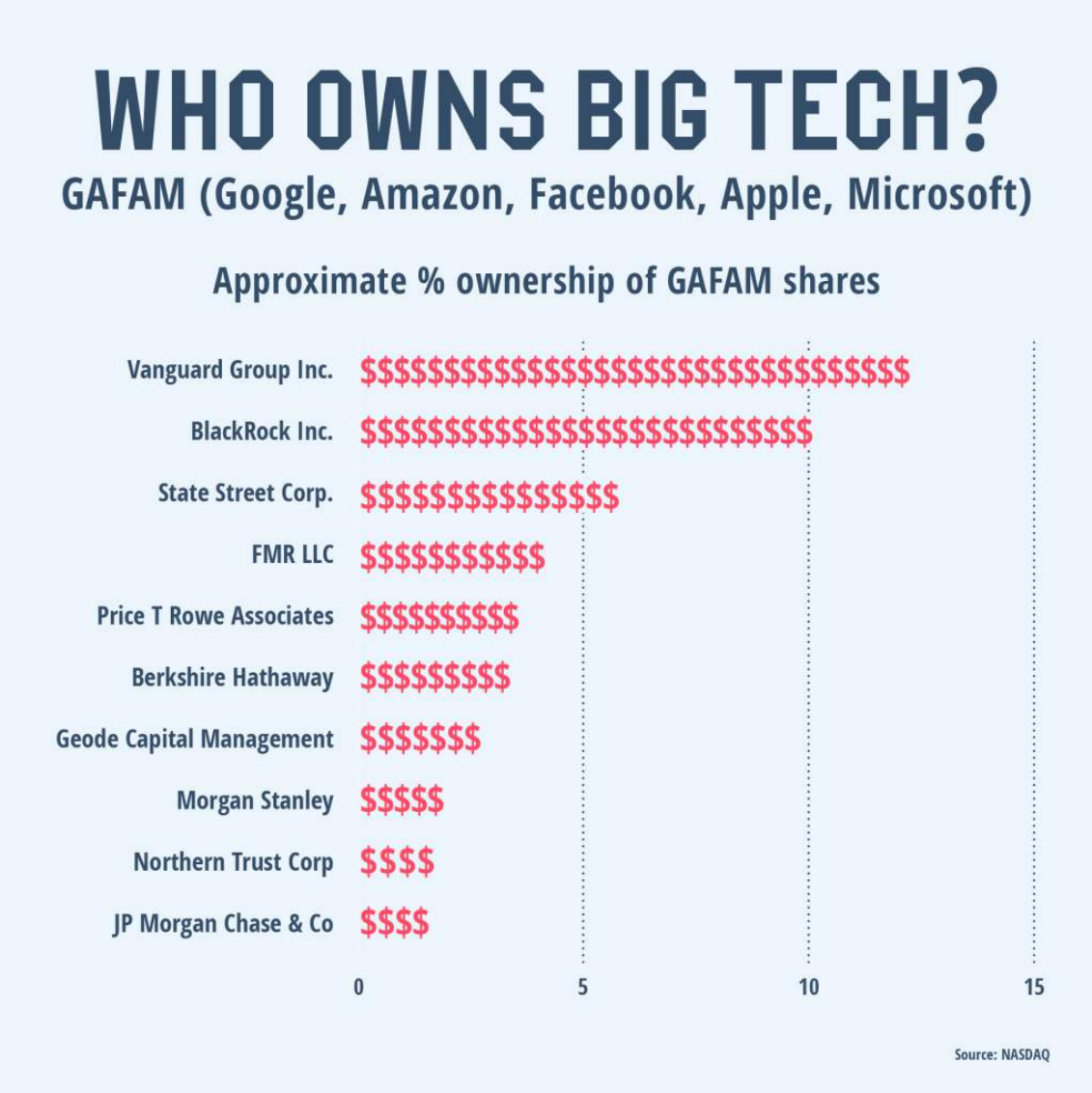
são General Motors ou Toyota que estão no centro das corporações mais valiosas do mundo: Apple, Microsoft, Alphabet, Amazon e algumas outras gerenciam o que ouvimos e vemos. Estão criando, com informações privadas invasivas, uma nova economia de atenção.

Figura 13



Essas corporações, por sua vez, são controladas pelos gigantes de gestão de ativos: a BlackRock, como vimos, gerencia 12 trilhões de dólares, enquanto o orçamento federal dos Estados Unidos está na ordem de US$ 6 trilhões. BlackRock, Vanguard e State Street gerenciam ativos próximos ao valor do PIB dos EUA. Alta tecnologia, informação e dinheiro se uniram.

Figura 14



Fonte: https://www.tni.org/en/big-tech-a-ascensão-do-gafaamt

Nós somos a parte receptora do negócio. Éramos cidadãos, de certa forma. Nos tornamos mDAUs (usuários médios diários monetizáveis), a unidade de conta usada nas negociações de compra do Twitter por Elon Musk. O Relatório de Economia Digital da Unctad de 2021 nos dá a imagem geral: "As maiores plataformas desse tipo – Apple, Microsoft, Amazon, Alphabet (Google), Facebook, Tencent e Alibaba – estão investindo cada vez mais em todas as partes da cadeia global de valor de dados: coleta de dados por meio de serviços de plataforma voltados para o usuário; transmissões de dados por cabos submarinos e satélites; armazenamento de dados (data centers); e análise, processamento e uso de dados, por exemplo, por meio de IA. Essas empresas têm uma vantagem competitiva em dados resultante de seu componente de plataforma, mas não são mais apenas plataformas digitais. Elas se tornaram corporações digitais globais com

alcance planetário; enorme poder financeiro, de mercado e tecnológico; e controle sobre grandes quantidades de dados sobre seus usuários." (10)

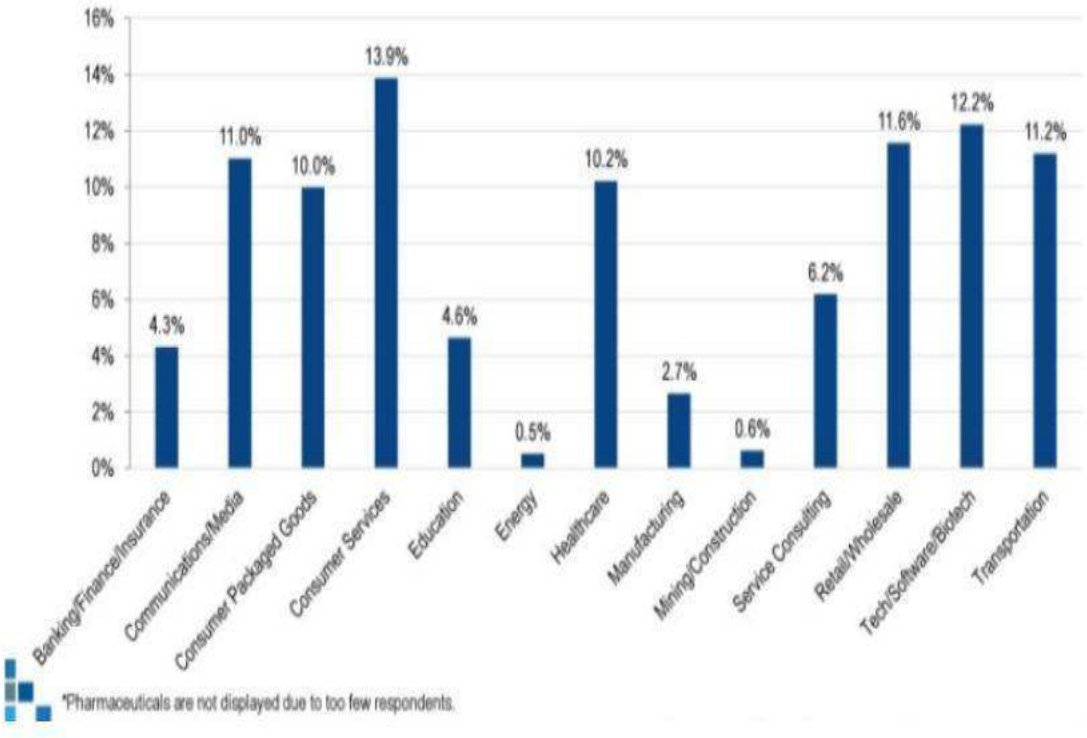
O relatório destaca que estamos indefesos diante desse novo poder de dominação, reconhecendo que "as instituições globais atuais foram construídas para um mundo diferente, o novo mundo digital é dominado por intangíveis, e são necessárias novas estruturas de governança" para enfrentar os "interesses concorrentes associados à captura das rentas oriundas do uso de tecnologias digitais e dados… Com os dados e fluxos transfronteiriços de dados crescendo em proeminência na economia mundial, a necessidade de governança global está se tornando mais urgente.".[225] Discutem-se medidas: empresas que fazem chamadas indesejadas pagariam multas de até 20 milhões de dólares e os usuários da internet poderiam limitar a aparição de caixas de consentimento de cookies pop-up. Sim, tudo isso está sendo discutido.

Quem paga por essas fortunas enormes geradas no topo, plataformas financeiras e de comunicação, nas corporações de alta tecnologia e redes sociais? Nós, é claro, e o mecanismo-chave é o marketing, uma palavra claramente insuficiente para a manipulação da atenção da humanidade em escala global. Os custos do marketing fazem parte do preço que pagamos por cada produto ou serviço. Pagamos para que nos convençam. Eles se infiltram em tudo o que estamos fazendo, interrompendo-nos frequentemente para dizer que estão nos oferecendo este filme ou programa de graça, quando os custos estão incluídos nos preços. O marketing se tornou uma indústria enorme na maioria dos setores, mas sobretudo no nosso cotidiano.

Figura 15

Porcentagem das receitas da empresa gastos com marketing

[225] Unctad – *Unctad Digital Economy report 2021* – p. 10 - https://unctad.org/system/files/official-document/der2021_overview_en_0.pdf



Fonte: https://merehead.com/blog/orçamento-médio-de-marketing-diferentes-áreas-de-negócios/

Ele tem sido tão pervasivo que passamos a considerá-lo natural. Não é. Isso nos custa muito dinheiro nos preços que pagamos. Mas a distração permanente que criam, a fragmentação do nosso tempo de atenção, é outro custo. A lógica é absurda, pois, como vimos, quanto mais uma empresa gasta em marketing, mais as outras empresas na área têm que gastar, e a cacofonia resultante é o que temos que assistir e pagar. Na verdade, para as coisas de que preciso, vou obter informações – não marketing. E para as coisas de que não preciso, ficaria feliz em ser deixado em paz. Somos idiotas por ter que ouvir ou ver as mesmas mensagens centenas de vezes, e com uma música boba? Nada disso é gratuito. Esses são custos, e particularmente custos do nosso tempo, um bem cada vez mais escasso. E trabalhos criativos desta área de atividade podiam estar enriquecendo a sociedade com cultura.

Com as novas tecnologias, cada dólar investido em marketing alcança bilhões de pessoas a um custo per capita muito baixo (os mDAUs), mas o custo total, e em particular a manipulação resultante, é enorme. Trabalhando no meu computador ou celular, não posso me movimentar sem ter que aceitar cookies ou autorizar qualquer coisa que me peçam – ninguém tem tempo ou paciência para ler as longas páginas de caracteres pequenos que descrevem o que estamos autorizando – e isso levou à enorme indústria de informações privadas que sustenta o marketing comportamental. Por engano, comprei um produto kosher no supermercado, apenas para ser inundado com mensagens de turismo para Israel. E todos nós sabemos que a última coisa de que o mundo precisa é de mais consumismo. Sim, isso foi antes da nova guerra na Palestina.

A ProPublica mostra o marketing da indústria de armas: “É crucial destacar que os fabricantes de armas também usam as ferramentas do Google para rastrear a atividade dos visitantes em seus sites e segmentar usuários com anúncios enquanto navegam em outros sites e aplicativos. Os sites de fabricantes de armas, como Glock, Daniel Defense e Sig Sauer, usam produtos do Google chamados Floodlight e Spotlight para facilitar esse processo, que é chamado de retargeting. Os anunciantes geralmente pagam um prêmio pelo retargeting, já que esses anúncios têm mais chances de levar a uma compra ou outra ação. O Google permite o retargeting de anúncios de armas quando são colocados por meio de um de seus parceiros de troca de anúncios e acabam em um site que aceita anúncios de armas, de acordo com Aciman do Google.”[226]

A última coisa de que precisamos é de mais armas. Mas o negócio da indústria global de atenção é chamar o máximo de atenção possível, para ganhar mais dinheiro com anúncios, independentemente do que os anúncios estejam promovendo. A pandemia de alimentos ultraprocessados é impressionante. “Produzida por um punhado de empresas multinacionais, a comida ultraprocessada é criada para ser barata de produzir e transportar, com substâncias derivadas industrialmente substituindo ingredientes mais caros e garantindo longos prazos de validade. Também é projetada para nos fazer comprar mais – algo essencial em um sistema onde as empresas precisam continuar crescendo para satisfazer seus acionistas a cada trimestre. O consumo global está aumentando rapidamente, especialmente em países de renda média.”[227]

Esta é a nossa escolha? O The Guardian sugere que culpemos as empresas, não os consumidores. Precisamos de informações sérias, especialmente considerando os dramas que enfrentamos. Isso interessa ao jornalismo? “Além disso, o negócio do jornalismo é uma indústria cada vez menos lucrativa. A maior parte da receita vem de anúncios digitais veiculados em sites de notícias. Então, em vez de vender notícias aos consumidores, é o tempo e a atenção dos consumidores que estão sendo vendidos aos anunciantes. Além disso, alguns dos melhores conteúdos estão trancados atrás de paywalls baseados em assinatura.”[228] Isso faz sentido? Precisamos de informações sobre os nossos desafios vitais, não perfumaria de consumidor feliz. Nos EUA, três corporações, Amazon, Google e Facebook, são responsáveis por 50% do mercado publicitário, dois terços digital. E sai do nosso bolso.

A convergência da conectividade global com interesses comerciais e políticos gera manipulação em escala industrial. Robert Reich lembra: “O principal acionista da Warner Brothers Discovery é John Malone, um magnata multibilionário da TV a cabo. (Malone foi um dos principais arquitetos da fusão da Discovery e da CNN.) Malone se descreve como ‘libertário’, embora circule nos círculos republicanos de direita. Em 2005, ele detinha 32% das ações da News Corporation de Rupert Murdoch. Faz parte do conselho de diretores do Instituto Cato. Em 2017, doou US$250 mil para a posse de Trump. Malone disse que quer que a CNN seja mais parecida

---

[226]Craig Silverman and Ruth Talbot – *Google says it bans gun ads: it actually makes money from them* – 14 de junho de 2022 - https://www.propublica.org/article/google-guns-ads-firearms-alphabet-advertising?utm_source=sailthru&utm_medium=email&utm_campaign=majorinvestigations&utm_content=riveri

[227]The Guardian, Editorial, 13 de agosto de 2023 –*Blame Business, not consumers* - https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/aug/13/the-guardian-view-on-ultra-processed-food-blame-business-not-consumers Nicholas Freudenberg escreveu um excelente livro sobre esta questão alimentar, *A que Custo?,* 2022, veja resenha em https://dowbor.org/2022/05/35938.html

[228]Visual Capitalist, 29 de julho de 2022 https://www.visualcapitalist.com/visualized-the-top-25-u-s-newspapers-by-daily-circulation/

com a Fox News porque, em sua visão, a Fox News tem 'jornalismo real'".[229] Com suave ironia, Thomas Piketty comenta que 'o controle da quase-totalidade das mídias por alguns oligarcas dificilmente pode ser considerado a forma mais elaborada de imprensa livre'.[230]

A espiritualidade forte, tão generalizada no mundo, dificilmente poderia escapar de seu uso comercial e político. Nos EUA, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias detém um fundo de doações de US$134 bilhões. A ProPublica mostra que "a aprovação de candidatos políticos por líderes do púlpito tornou-se cada vez mais ousada, agressiva e sofisticada nos últimos anos."[231]No Brasil, o movimento episcopal com TVs e acesso online resultou em fortunas, mas, acima de tudo, levou a um impressionante showbusiness religioso, promovendo agendas políticas, comerciais e de extrema direita.

Não devemos subestimar a absorção do tempo de nossas vidas – é nosso ativo não renovável mais importante – pelos videogames. Bilhões de usuários, entretenimento móvel, atingindo diferentes gerações (a idade média é de 38 anos) predominantemente masculino (59%), o setor realmente nos pega pelos olhos. Aqui novamente encontramos Amazon, Apple, Google, mas também Tencent e outros na Ásia. O uso se tornou obsessivo para tantos, nos afastando da cultura, da arte, da criatividade e do tempo livre para deixar nossa atenção vaguear.[232]

Esta breve visão geral visa chamar nossa atenção precisamente para a questão-chave: estamos perdendo o controle sobre nossa atenção, e isso significa o tempo e o sentido de nossas vidas. Vimos que Max Fisher, em seu livro *The Chaos Machine,* trouxe uma descrição detalhada do grau de controle que o sistema permite.[233] Atualmente, a IA está tornando-os ainda mais penetrantes.

O progresso tecnológico é positivo em si mesmo. A revolução digital abre enormes oportunidades para a humanidade, mas não nas mãos das gigantes corporativas. A atenção é o elemento-chave do que somos, do que escolhemos ser. Gosto de deixar minha mente vagar um pouco, e um sistema global que direciona nossas mentes de acordo com os interesses globais se tornou um enorme desafio a enfrentar. "*Free to Chose"* (livre para escolher), foi o que Milton Friedman pensou que estava sendo criado. Saiam das minhas costas. Ou melhor, da minha cabeça.

---

[229]Robert Reich – Comentários online, 11 de maio de 2023

[230]Thomas Piketty –*Brève histoire de l'égalité* - 2021 – pág. 24
http://piketty.pse.ens.fr/files/Piketty2021Extraits.pdf

[231]ProPublica –*Religion as a Business* – 14 de novembro de 2022
-https://www.propublica.org/article/johnson-amendment-violation-examples?utm_source=sailthru&utm_medium=email&utm_campaign=majorinvestigations&utm_content=river

[232] Explorando como as plataformas competem para maximizar o nosso tempo de atenção, Jonathan Haidt comenta que *"se uma delas não conseguir explorar uma fragilidade psicológica disponível, estará em desvantagem em comparação com outros concorrentes menos escrupulosos".* (263) Haidt compara isto com a luta entre os produtores de tabaco pelo mercado adolescente, mesmo que eles soubessem dos efeitos catastróficos. "*A Geração ansiosa",* 2024. O que precisamos é de colaboração para o bem comum, bem como de uma sólida regulação.

[233] Max Fisher –*The Chaos Machine: how the social media rewired our minds and our world* - Little, Brown e Cy., Nova York 2022 –
https://dowbor.org/2023/06/a-maquina-do-caos-como-as-redes-sociais-reprogramaram-nossa-mente-e-nosso-mundo.html

34 - Os desafios da gestão global da saúde

A saúde tornou-se um setor econômico fundamental. Nos EUA, representa quase 20% do PIB, a indústria apenas 8%. A disputa política pelo controle das enormes fortunas que podem ser acumuladas torna essa área da economia um bom exemplo de como as questões de governança estão mudando. Trazer a análise econômica global para o plano das decisões concretas e da análise de impactos nos ajuda a compreender as transformações atuais.

"Far from providing Universal Health Care, the legacy of development finance institutions' investments in for-profit private healthcare is more likely to result in a growing concentration of wealth and power in the hands of a small number of incredibly wealthy men."[234]
People's Dispatch, 2023

"As in everything that private equity touched, health care found itself subject to intensifying demands for profit. The new owners of hospitals and clinics slashed costs, which typically involved diminishing care."[235]
Peter S. Goodman, 2022

Observar como um setor concreto de atividades é impactado pelo sistema global de drenagem financeira é útil. Simplificações ideológicas em economia são uma maldição e se baseiam não apenas na ignorância, mas basicamente no interesse financeiro. Como mencionado acima, o Paxlovid, um tratamento recente da Pfizer para Covid em 5 dias, com 30 comprimidos, está sendo vendido por US$ 1.390, enquanto pesquisadores de Harvard descobriram que o custo de produção do tratamento completo é da ordem de US$ 13. Até onde esse absurdo pode ir? A questão central aqui é que as decisões não são tomadas com base no quanto se pode melhorar a saúde das pessoas, mas sim em quanto dinheiro se pode extrair, mesmo que isso signifique reduzir drasticamente o acesso. Para os algoritmos de otimização de vendas, é óbvio que nas comunidades ricas os clientes não verão grande diferença entre 100 e 1.000 dólares, se sentirem que sua saúde está ameaçada – eles são muito sensíveis, pagarão qualquer preço. Os algoritmos refletem a lógica que lhes foi incorporada: maximizar lucros. A ideologia fornece o respaldo moral: maximizar dinheiro é justo, é a moral desse esporte, expressão inglesa divertida: *The moral of this sport,* ou seja a lógica que domina.

A justificativa poderia ser o alto custo com pesquisa. Isso é parcialmente verdade, é claro, e é válido para diversas iniciativas das grandes corporações farmacêuticas. Mas a verdade é que o

---

[234] *"Longe de proporcionar Cuidados de Saúde Universais, o legado dos investimentos das instituições financeiras de desenvolvimento em cuidados de saúde privados com fins lucrativos tem mais probabilidades de resultar numa crescente concentração de riqueza e poder nas mãos de um pequeno número de homens incrivelmente ricos."*
People's Dispatch – 30 de junho de 2023
https://peoplesdispatch.org/2023/06/30/private-health-companies-prosper-while-healthcare-access-stagnate

[235] *"Como em tudo que os fundos de private equity tocam, o setor da saúde tornou-se refém de exigências crescentes de rentabilidade. Os novos proprietários de hospitais e clínicas cortaram custos, o que normalmente implicava em redução da assistência prestada."* Peter S. Goodman – *Davos Man: how the billionaires devoured the world* – Custom House, Nova York, 2022, p. 186

enorme progresso que fizemos na pesquisa em saúde está distribuído pelo mundo e é, em grande parte, herdado dos avanços científicos gerais que nos deram a compreensão do DNA, a microscopia eletrônica, a bioinformática, a IA, a nanotecnologia e tantas transformações estruturais nos fundamentos tecnológicos da pesquisa. A pesquisa fundamamental é dominantemente financiada por instituições públicas. Se uma corporação tem um produto final, pelo qual a população terá que pagar, enquanto a maior parte dos insumos da capacidade de pesquisa foi herdada e paga por nossos impostos, isso representa, como Gar Alperovitz e Lew Daly o chamaram, uma "apropriaçao indébita".

O esquema OxyContin nos traz outra dimensão, onde causar mortes em larga escala é irrelevante, desde que seja rentável. A crise dos opioides “evoluiu de comprimidos prescritos para o fentanil e outras drogas produzidas ilegalmente, que juntas já ceifaram 800.000 vidas nos EUA ao longo dos últimos 25 anos, com previsão de mais um milhão de mortes até o fim da década.” A família Sackler, a Purdue e a Johnson&Johnson foram levadas à justiça, mas isso resultou em apenas algumas multas: “Reguladores federais e promotores falharam em aproveitar a oportunidade. Mais uma vez, a Big Pharma escapou. Os promotores negociaram um acordo no qual a Purdue pagou uma multa substancial, mas foi autorizada a continuar vendendo OxyContin praticamente sem restrições, e foi feito um arranjo para que seus executivos se declarassem culpados de contravenções e evitassem prisão…Os EUA continuam falhando em aprender com essa catástrofe tipicamente americana e romper com a influência do dinheiro corporativo sobre a medicina, a regulação de medicamentos e a responsabilização política.”[236]

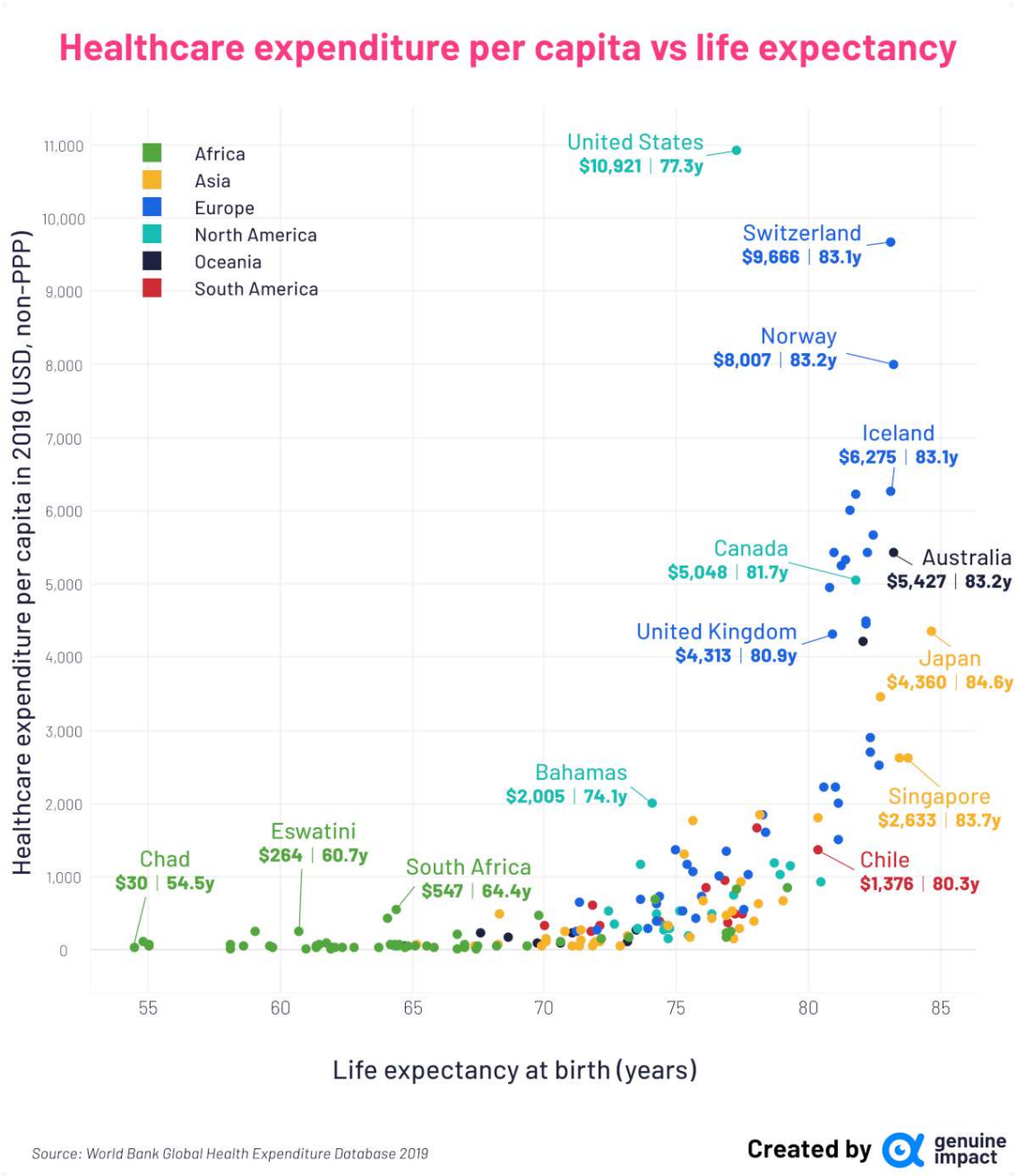
Podemos encontrar milhares de exemplos de fraudes, mentiras de marketing e outras ilegalidades. Basta pesquisar na internet, colocando o nome de qualquer grande empresa farmacêutica seguido da palavra *settlement* (acordo judicial). A lógica é simples: trata-se de uma área diferenciada de responsabilidade legal, onde os culpados pagam somas enormes, mas ainda assim insignificantes em comparação com seus lucros, e estão livres não apenas da prisão, mas também da admissão de culpa. A Wikipédia também fornece uma "lista dos maiores acordos judiciais da indústria farmacêutica”, cada um na casa dos bilhões de dólares, por violações da Lei de Falsas Declarações e similares. Vender óleo de cobra (*snake oil*) era brincadeira de criança perto disso. É feito com exércitos de advogados, especialistas de primeira linha em negócios, finanças e até mesmo em medicamentos.[237] Não é uma questão de ignorância.E ainda interrompem seu programa de TV com uma atriz sorridente dizendo o quanto aquele remédio é maravilhoso para você. Você paga por esse comercial, e o custo está incluído no preço do produto.

---

[236]Chris McGreal -*I don’t see how it ends’: expert sounds alarm on new wave of US opioids crisis* –The Guardian, 28 de janeiro de 2024 -https://www.theguardian.com/us-news/2024/jan/28/us-opioids-crisis-fentanyl-appalachia

[237] George Monbiot e Peter Hutchison descrevem como os Acordos de Resolução de Disputas entre Investidores e Estados (ISDS) e os tribunais offshore funcionam para grandes empresas: *Invisible Doctrine: The Secret History of Neoliberalism,* Crown, Nova York, 2024, p. 31

Figura 20



Fonte: https://www.visualcapitalist.com/cp/healthcare-spending-versus-life-expectancy-by-country/#google_vignette

Os números são bem explícitos na figura acima. O gasto com saúde nos EUA, em 2019, foi de US$ 10.921 per capita, e a expectativa de vida de 77,3 anos. É o sistema basicamente privatizado e desregulamentado que vimos. No Canadá, onde a saúde é basicamente pública, gratuita e com

acesso universal, o custo per capita foi de US$ 5.048, menos da metade, e a expectativa de vida de 81,7 anos. A lógica não é complicada: onde você organiza a saúde para maximizar a saúde da população, você se concentrará, entre outros, em saúde preventiva, em água limpa, em controle de emissões, em vacinas, em cidades mais saudáveis, e não na venda do maior número possível de remédios e procedimentos. Trata-se de saúde, não de negócios.

Este estudo do Banco Mundial é revelador. No Reino Unido, os valores correspondentes são de US$ 4.313 e a expectativa de vida é de 80,9 anos, apesar de tantos ataques ao NHS. A Dinamarca é outro caso interessante de serviço de saúde basicamente público, com US$ 6.003 e 82 anos. Na França, US$ 4.492 e 82 anos. Em outro nível, Cuba é um exemplo interessante, com gastos de US$ 1.032 e 79 anos, superior à expectativa de vida de 77 anos dos EUA. Para o Brasil, os valores são de US$ 853 e uma expectativa de vida de 76 anos, graças em grande parte ao sistema público do SUS. Os planos de saúde brasileiros, em parte controlados por corporações norte-americanas como a United Health e por gestoras de ativos como a BlackRock, são um exemplo impressionante de ineficiência sistêmica. Drenam recursos financeiros de cerca de 50 milhões de pessoas. Ao se aposentar, você não conseguirá mais pagar pelo plano — justamente quando mais precisa.

A questão que levantamos aqui é se a privatização é compatível com a construção de vidas saudáveis, ou apenas serve para lucrar com os serviços de saúde? O problema básico é que um sistema de saúde privatizado, com apoio de regulação pública, que é o modelo americano, é uma falha sistêmica. É incompetente e ineficiente. No Brasil, como nos Estados Unidos e outros países, as poderosas corporações da saúde passaram a controlar as instituições de regulação. Proclamam que a auto-regulação é suficiente. Mas é um desastre.

Os serviços privados de saúde se tornaram uma gigantesca arena financeira. No geral, os serviços de saúde representam quase 20% do PIB dos EUA, sendo seu maior setor econômico, com resultados extremamente ruins, a menos que você faça parte do clube dos ricos com acesso a ilhas privadas de serviços médicos de luxo. “Enquanto isso, um terço dos americanos sem seguro não têm dinheiro para comprar seus medicamentos e quase metade dos não cobertos pedem alternativas mais baratas aos seus médicos. A presidente da Câmara, Nancy Pelosi, apresentou recentemente o projeto ‘Lower Drug Costs Now Act’, para que o governo possa intervir na definição dos preços de medicamentos."[238] Eles ainda estão lutando, mas com a segunda administração Trump o sistema está regredindo mais ainda, e rapidamente.

Marcia Angell, ex-editora do New England Journal of Medicine, escreveu um excelente livro, *A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos: como eles nos enganam e o que fazer a respeito*[239]*:* “Ao contrário do que dizem as relações públicas da indústria, as grandes empresas farmacêuticas investem relativamente pouco em P&D — bem menos do que gastam em marketing e administração, e menos até do que lhes sobra de lucro. Vamos a alguns números de 2002:

[238]Yue Stella Yu, Truthout, 26 de setembro de 2019 - *A Big Pharma investe milhões* - https://truthout.org/articles/big-pharma-invests-millions-as-congress-prepares-drug-pricing-bills/?eType=EmailBlastContent&eId=65e59e9d-8236-4da4-a09e-556eb60cfe54

[239] Título original em inglês: “*The Truth About the Drug Companies – How they deceive us and what to do about it”* - 2007

naquele ano, as 10 maiores farmacêuticas dos EUA faturaram US$217 bilhões. Segundo dados delas próprias, investiram 14% disso em P&D. Mas gastaram mais que o dobro — impressionantes 31% das vendas (ou cerca de US$67 bilhões) — em marketing e administração. E ainda lhes sobrou 17% de lucro. Essa é uma margem de lucro impressionante. Por algum motivo, quase todas as empresas agrupam marketing e administração em seus relatórios anuais, mas uma empresa, a Novartis, os separa e relatou que 85% da combinação foi para marketing."[240] Ou seja, como ordem de grandeza, pagamos 25% para financiar o marketing das empresas farmacêuticas, quando o medicamento deveria ser recomendado pelo médico em função da necessidade efetiva.

O impressionante é que os EUA oferecem o modelo mais ineficiente e mais caro, mas este é o modelo que está sendo gradualmente expandido em muitos países, porque compensa, mesmo que deixe a maior parte da população em situações dramáticas. A razão é que faz parte de um sistema financeiro global integrado. Pago uma diarista por semana para fazer a limpeza da minha casa em São Paulo. Ela tem problemas de saúde, então entrou em um plano de saúde chamado NotreDame. Verifiquei os dados dessa corporação e encontrei, entre seus investidores, a BlackRock. Assim, parte do que pago a uma pessoa modesta no Brasil é transferida para acionistas internacionais, em frações de segundo, como dinheiro virtual. Essa capilaridade de drenagem financeira com dinheiro virtual funciona em escala mundial, aproveitando até pequenas quantias, mas com capilaridade mundial. Precisamos de saúde e, em situações desesperadoras, pagamos qualquer coisa e nos endividamos, ou adiamos a busca por atendimento até que as coisas piorem e fiquem mais caras. É um sistema de gestão profundamente falho.

Existe, evidentemente, uma dimensão ética. Dificultar o acesso à saúde para ganhar mais dinheiro é simplesmente imoral. E você ganha mais dinheiro servindo aos ricos. Tantos dramas em um país rico como os EUA, especialmente a crescente dívida da saúde, são simplesmente absurdos. O que as gigantes da gestão de ativos sabem sobre serviços de saúde, exceto quanto dinheiro podem extrair? Mas a dimensão econômica é igualmente absurda: é radicalmente ineficiente. E se trata de economia básica: com muitos produtores e uma riqueza de opções, a concorrência poderia estimular melhores produtos e preços. Não no caso do sistema de saúde, na mão de gigantes financeiros.

Uma pessoa que enfrenta um problema de saúde não está escolhendo, está aflita e seguindo instruções. A desigualdade de informação é radical. Um médico amigo me explicou diretamente: ele trabalha em um hospital privado em São Paulo e precisa cumprir cotas de procedimentos, que o hospital cobrará do plano de saúde, que por sua vez dificulta a aprovação dos procedimentos, exigindo análise caso a caso. O plano de saúde cobrará o máximo possível do público pela cobertura: o grupo de planos de saúde geralmente está vinculado a uma gigante da gestão de ativos, e o valor dos dividendos é o que mais importa. No triângulo entre o médico, o hospital e os interesses do plano de saúde, o interesse do paciente vem em último lugar. O sistema é caro e

[240] Márcia Angell - *A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos: como eles nos enganam e o que fazer a respeito.*(2004) https://dowbor.org/2007/08/a-verdade-sobre-os-laboratorios-farmaceuticos.htmlTexto completo em inglês:https://www.jstor.org/stable/29762909?read-now=1&seq=2#page_scan_tab_contents

ineficiente e aumenta o PIB, mas o que precisamos é de mais saúde, serviços melhores e mais baratos. Quando você aumenta custos e preços, você aumenta o PIB, mas na direção errada.[241]

A ideia básica que estou tentando transmitir aqui é que algumas atividades funcionam claramente melhor em um ambiente de livre mercado, como produzir bicicletas, tomates ou abrir um bar. Mas colocar nossa saúde nas mãos de corporações financeiras em um ambiente de maximização de lucro é francamente um tributo à incompetência. E as mortes e o sofrimento resultantes são dramáticos, sem falar da sensação permanente de insegurança, para nós mesmos ou para nossas famílias. É apenas uma questão de seguir os exemplos comprovados do que funciona melhor: acesso público universal e gratuito. Até quando os americanos seguirão cruzando a fronteira para o Canadá, em busca de um serviço melhor, ou simplesmente para comprar medicamentos?

[241] Com Eduardo Rodrigues Magalhães, fizemos um estudo sobre as "sete irmãs", sete grupos que basicamente controlam o sistema de saúde privada no Brasil. A United Health está presente, um andar acima, no controle do controle, por assim dizer. Eduardo Rodrigues Magalhães e Ladislau Dowbor – *Saúde privada: poder, captura e rede solta* - 2024 - https://dowbor.org/2024/07/saude-privada-poder-captura-e-redea-solta.html

35 - O poder corporativo na revolução digital

Com a revolução digital, o dinheiro virtual, a comunicação global online, as gigantescas corporações de gestão de ativos e a priorização dos acionistas, o sistema saiu dos trilhos: tornou-se uma máquina de caos ambiental, social e financeiro.

"Give big banks and multinationals what they ask for, look the other way when they behave badly, then watch the wealth spring up and trickle down."
Nicholas Shaxson, A Maldição das Finanças, 2019[242]

Poderíamos ter uma breve visão geral das diferentes dimensões do poder corporativo que temos visto? Somos invadidos por um fluxo tão grande de notícias, fake news, jornalismo comercial, marketing comportamental, mensagens de ódio e pura estupidez, que temos dificuldade em discernir o que está efetivamente acontecendo, quais são os eventos significativos, quais são os desafios estruturais. Cada "hoje" explode nos nossos rostos, abafando os "ontens" e, assim, dificultando a nossa compreensão do que está por vir. Esse encurtamento geral dos nossos horizontes temporais, seja olhando para trás ou para frente, gera um sentimento permanente de insegurança, uma necessidade cansativa de estar em constante prontidão, uma ansiedade generalizada que se torna palpável ao nosso redor. Precisamos mesmo disso? [243]

Quanto à política, essa indústria de construção de opinião é um desastre em escala mundial. Você acompanhou toda a propaganda sobre a "farsa climática" financiada pela ExxonMobil? Bem, eles gastaram fortunas promovendo o negacionismo, exatamente como a indústria do tabaco fez em relação ao câncer. Com as atuais tecnologias da indústria da atenção, a manipulação é explosiva. A indústria do tabaco está pagando multas altíssimas, depois de tantos anos e tantas mortes, e migrou para outros produtos desastrosos, enquanto a ExxonMobil está atualmente sob julgamento, quando foi comprovado que sabia da realidade das mudanças climáticas o tempo todo. Ela está sendo julgada por mentir, o que é uma novidade surpreendente.

E os plásticos? Um relatório de fevereiro de 2024 do grupo Center for Climate Integrity (CCI) revelou que os produtores de plástico sabiam havia décadas que a reciclagem de plástico é muito trabalhosa e cara para se tornar uma solução viável de gestão de resíduos, mas mesmo assim a promovem. "Assim como a Exxon sabia e mentia sobre como seus produtos de combustíveis fósseis causam mudanças climáticas, o poluidor também sabe e mentiu há décadas sobre a realidade de que seus produtos plásticos jamais poderiam ser reciclados em larga escala. Do clima aos plásticos, todo o modelo de negócios da Exxon se baseia em mentir para o público sobre os danos que seus produtos causam."[244]

---

[242] *"Dê aos grandes bancos e multinacionais o que eles pedem, faça vista grossa quando eles se comportam mal e então observe a riqueza surgir e escorrer para baixo".*

[243] Jonathan Haidt, em *The Anxious Generation* 2024, nos traz um panorama impressionante dessas transformações.

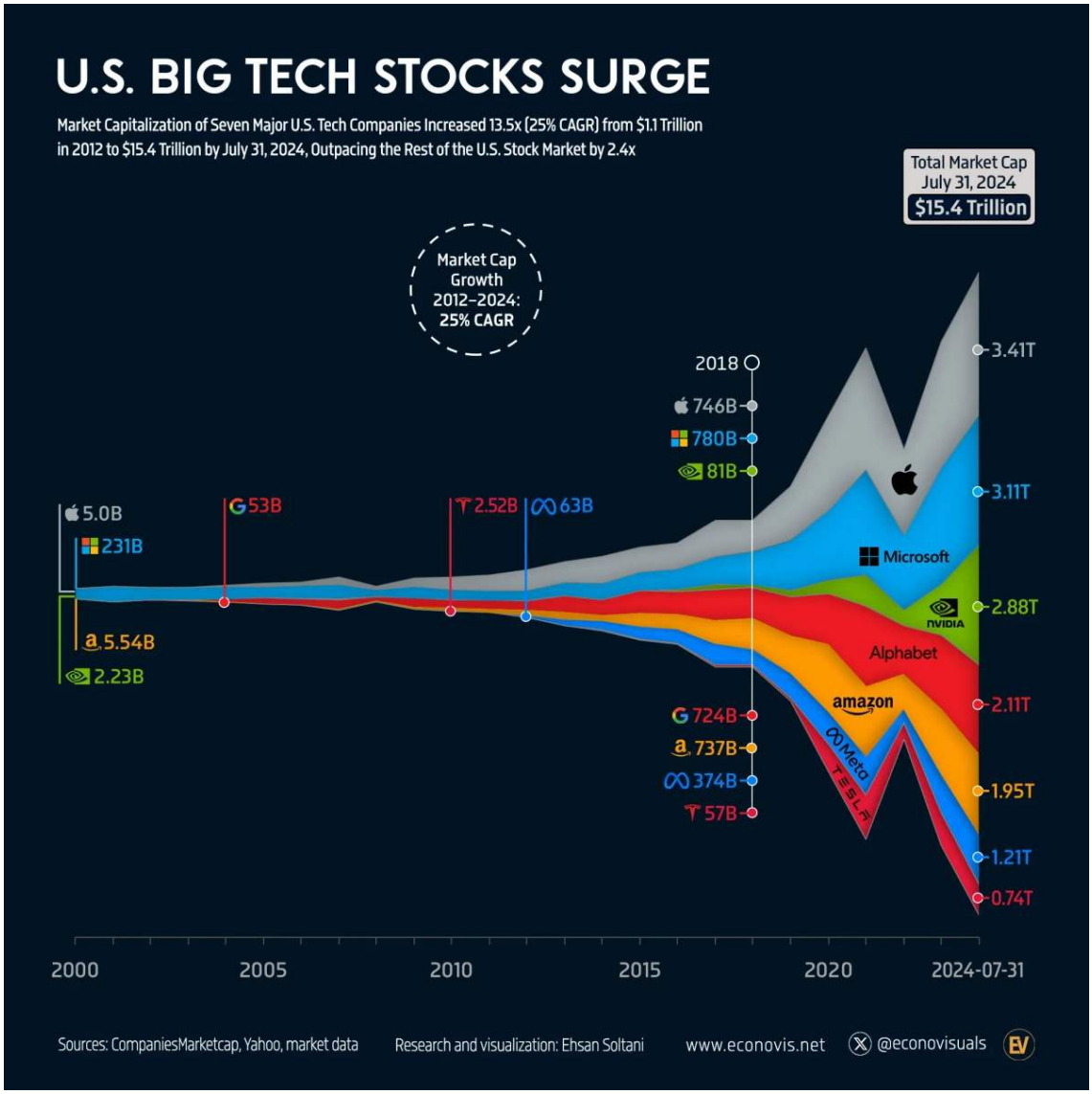
[244] The Guardian – *California sues ExxonMobil over alleged role in plastics pollution crisis* – 23 de setembro de 2024 - https://www.theguardian.com/us-news/2024/sep/23/california-exxon-plastics-lawsuit

Em 2024, a administração da União Europeia em Bruxelas enfrentou a chamada Declaração de Dublin, um enorme esforço de propaganda para nos convencer de que “os alimentos derivados do gado são a fonte mais facilmente disponível de proteínas de alta qualidade” e que “os sistemas pecuários bem administrados podem gerar muitos outros benefícios, incluindo sequestro de carbono, melhoria da saúde do solo, biodiversidade e proteção de bacias hidrográficas”.[245] O quadro real pode ser visto na destruição da Amazônia brasileira: as árvores, o solo, os aquíferos, o clima, a biodiversidade, os assassinatos. Isso não é mais marketing, nem "livre mercado": é um sistema de manipulação em escala industrial, baseado em tecnologias radicalmente mais eficientes e intensificadas, permitindo que alcancem bilhões de pessoas. Basta pressionar "enter".

A indústria da atenção tornou-se um enorme sistema de manipulação. Isso é livre mercado? Não consigo navegar na internet sem aceitar cookies o tempo todo, como se estivesse aceitando voluntariamente algum tipo de contrato minúsculo. Não temos escolha, já que na comunicação temos que usar o que os outros usam, o que se tornou um monopólio de demanda para o universo GAFAM (Google, Amazon, Facebook, Apple, Microsoft). Estamos nas mãos deles. As ondas eletromagnéticas em que navegam supostamente pertencem à natureza. Não podemos torná-las úteis? A figura abaixo mostra não apenas as corporações dominantes, mas também seu crescimento explosivo e o poder dos EUA no sistema geral de comunicação e informação: uma capitalização de US$ 15,4 trilhões. Para dar uma ordem de grandeza, o PIB do Brasil, 8º poder econômico do mundo é de US$ 2 trilhões.

[245] The Guardian - *Revealed: the industry figures behind ‘declaration of scientists’ backing meat eating* – 27 de outubro de 2023- https://www.theguardian.com/environment/2023/oct/27/revealed-industry-figures-declaration-scientists-backing-meat-eating

Figura 16



Fonte: https://www.visualcapitalist.com/cp/charted-the-crescente-valor-de-magnificent-seven-2000-2024/

O universo do dinheiro é ainda pior. De provedor de serviços financeiros, tornou-se um sistema de drenagem de dinheiro, fazendo a desigualdade explodir. O Global Wealth Report 2022 do Crédit Suisse comemorou a evolução nos EUA: "As contas financeiras de distribuição (DFA) nos Estados Unidos sugerem que a parcela de riqueza dos 50% mais pobres das famílias nos Estados Unidos aumentou de 1,84% para 2,64%, principalmente devido ao aumento no valor dos imóveis." (p.5) Sim, 2,64% para a metade mais pobre, que generoso. Não se trata de GAFAM aqui, trata-se do universo das 29 SIFIs, Instituições Financeiras Sistemicamente Importantes,

livres para especular, afogar pessoas, empresas ou países em dívidas e formar mais UHNWs (*Ultra High Net Worth individuals*), os super-ricos, acima de US$50 milhões.

A pobreza é inevitável? Depende apenas da iniciativa individual? Voltamos a esses números: "Estimamos que a riqueza global totalizou US$ 463,6 trilhões no final de 2021, um aumento de US$ 41,4 trilhões (9,8%). A riqueza por adulto cresceu US$ 6.800 (8,4%) ao longo do ano, atingindo US$ 87.489, quase três vezes o nível registrado na virada do século." (p. 7) Com essa quantidade de riqueza, não poderíamos garantir algum conforto na base? De onde vem esse aumento? "Os ativos financeiros foram responsáveis pela maior parte do aumento da riqueza das famílias desde a crise financeira global."[246](p. 5) Para onde vai? Cerca de 90% do rentismo financeiro vai para os 10% mais ricos. Este é o cerne da atual explosão de desigualdade. A riqueza média de 87 mil dólares mostra que temos o suficiente para todos, mas a média da Suíça e dos EUA está acima de 500 mil, enquanto a média da Índia, do Brasil e de outros países do Terceiro Mundo é da ordem de 15 mil, cerca de 30 vezes menos.

Estamos, portanto, diante tanto da desigualdade dentro dos nossos países, como de dramas à escala mundial: "No início de 2023, 52 países em desenvolvimento de renda baixa e média, representando mais de 40% da população mais pobre do mundo, estavam em situação de sobreendividamento ou em alto risco de sobreendividamento; 25 desses países têm pagamentos de serviço da dívida externa superiores a 20% de suas receitas totais. Assim, os custos de empréstimos são maiores para os países em desenvolvimento nos mercados financeiros, especialmente considerando o risco de inadimplência e a volatilidade do mercado, e muitos governos endividados não conseguem investir o suficiente em saúde básica, educação e direitos de proteção social. Quanto mais pobre, mais se paga. O Norte Global e o Sul Global estão se distanciando: os 15% dos países mais ricos detêm três quartos dessa riqueza. Os 85% estão fartos. E dentro desses países, a desigualdade reina, reforçando os dramas.[247]

Isso se chama financeirização: você enriquece por meio da indústria de gestão de patrimônio, desde que seja rico. No atual setor bancário e de gestão de patrimônio, você tem a liberdade de enriquecer sem ter que se submeter a esforços produtivos extenuantes. Você se tornou um "investidor". O mercado de derivativos movimenta mais de US$ 600 trilhões, seis vezes o PIB mundial. A economia financeira dominou o sistema da economia real. E está nas mãos de alguns gigantes da gestão de ativos. Eles não precisam pedir dinheiro impresso aos governos, eles produzem dinheiro virtual. Basta pressionar "enter".

As dez maiores empresas globais de investimento de capital - Mudanças nos ativos sob Gestão (AUM) de 2017 a 2022

---

[246] Crédit Suisse/UBS – *Global Wealth Report 2022* - https://www.credit-suisse.com/about-us-news/en/articles/news-and-expertise/credit-suisse-global-wealth-report-2022-fast-wealth-growth-in-times-of-uncertainty-202209.html

[247] IDDRI -*Where are the political champions to coordinate transformative change in the international financial system?* – 19 de outubro de 2023 https://www.iddri.org/en/publications-and-events/blog-post/onde-os-campeões-políticos-coordenam-as-mudanças-transformadoras

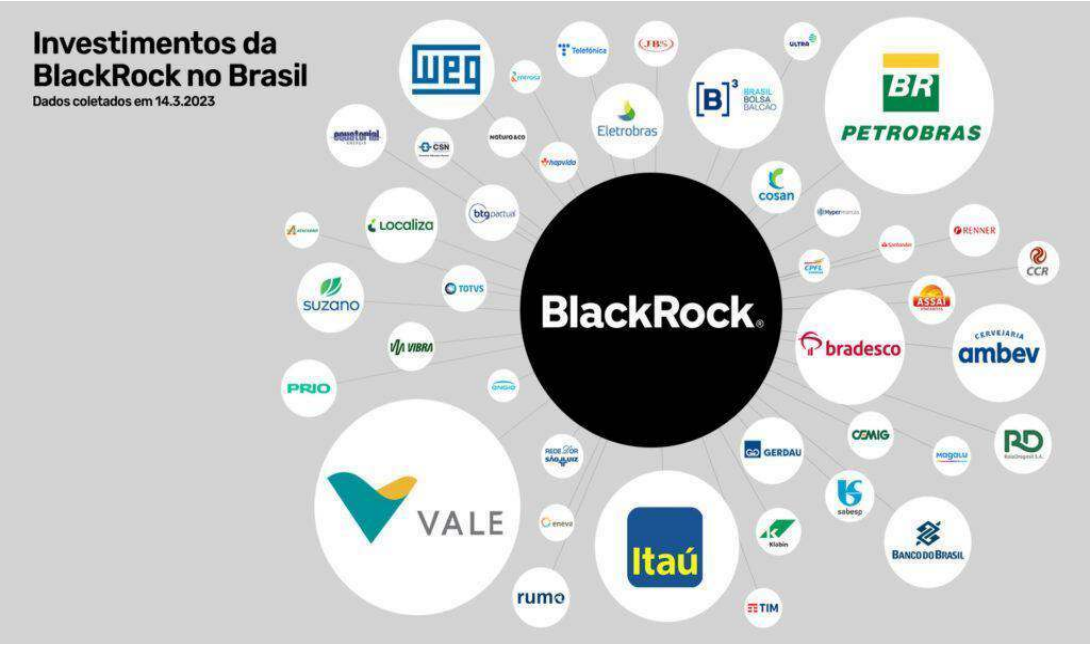
Empresa	**AUM em trilhões (2017)**	**AUM em trilhões (2022)**	**% Aumentar**
BlackRock (EUA)	5.4	9,57	77,2
Vanguard Group (EUA)	2.2	8.1	268
UBS (Suíça)	2.8	4,38	56,4
Fidelity Investments (EUA)	2.1	4.5	114,2
State Street (EUA)	2.4	4.02	67,5
Morgan Stanley (EUA)	1.3	3.32	155,3
JPMorgan Chase (EUA)	3.8	2,96	-22,1
Allianz/PIMCO (Alemanha)	1.4	5.1	264
Capital Group (EUA)	1.4	2.7	45,4
Totais	26.1	49,45	89,4

Fonte: Peter Phillips – *Titans of Capital: How Concentrated Wealth Threatens Humanity.* – The Censored Press, Fair Oaks, Canadá, 2024, p. 50

Peter Phillips apresenta as 10 maiores empresas de gestão de ativos: em 2017, elas administravam US$ 26,1 trilhões; em 2022, esse valor cresceu para US$ 49,45 trilhões, quase dobrando. Em 2022, o PIB mundial era de US$ 100 trilhões: esse grupo de 10 empresas administrava o equivalente a metade do PIB mundial. O livro de Phillips apresenta em detalhes como esse enorme poder é organizado, administrado e interligado a outras áreas corporativas e penetra até a base da pirâmide social, num sistema de extração de dinheiro virtual.

Essas corporações se estabelecem no Brasil, assim como em tantos outros países. É uma forma muito eficaz de controle global: poder econômico e político. Como vemos na figura sobre a participação da BlackRock em importantes corporações brasileiras, elas não apenas as controlam, mas também detêm controle indireto sobre muitos outros grupos em todo o país. Assim, por meio da presença em setores-chave como bancos, energia, grandes mineradoras e outros, com peso suficiente para pressionar pela maximização da extração de dividendos, elas exercem influência sistêmica sobre toda a economia. [248]

Figura 17



A pirâmide desce até a base nos países do Sul Global. A privatização de importantes empresas de energia, por exemplo, particularmente a Petrobrás e a Eletrobrás, leva ao aumento de custo para empresas e famílias brasileiras, transformando-se em maiores níveis de extração de dividendos. A participação em bancos como Itaú, Bradesco e outros grandes bancos os leva a serem solidários com o sistema de usura que vimos em outras partes deste estudo, que drena a renda da maioria da população: apenas para lembrar, a taxa de juros que os bancos cobram no crédito familiar atingiu 55%, para uma inflação de 5% em 2025. A participação dessas corporações em empresas de tabaco como a Suzano, gera dividendos sobre um grande processo de deterioração da saúde, enquanto sua participação simultânea em empresas privadas de seguro saúde, como a NotreDame, gera dividendos sobre a cura. A participação na cervejaria Ambev os vincula à 3G Capital, uma gigante financeira considerada uma corporação brasileira, mas sediada em

[248] Peres, João - *No Brasil, maior gestora de fundos do planeta tem investimento três vezes mais poluidor que na Europa e nos EUA*. – O Joio e o Trigo, 18 de maio de 2024 - https://ojoioeotrigo.com.br/2023/05/no-brasil-maior-gestora-de-fundos-do-planeta-tem-investimento-três-vezes-mais-poluidor-que-na-europa-e-nos-eua/

Luxemburgo, um paraíso fiscal. A 3G Capital participou da privatização da Eletrobrás. É uma teia global pegajosa.

O controle do dinheiro, da comunicação e da informação permitiu mudanças estruturais na produção, onde bens e serviços deveriam funcionar em uma lógica de livre concorrência para melhor atender às nossas necessidades. A lenda é que lucro privado e benefício social andariam de mãos dadas. Um exemplo simples nos traz de volta à realidade: "A Pfizer anunciou recentemente que aumentaria o preço nos EUA de seu tratamento patenteado contra a Covid, o nirmatrelvir-ritonavir (Paxlovid), para 1.390 dólares por um ciclo de cinco dias. Pesquisadores de Harvard estimam que o custo de produção é de 13 dólares." Ou seja, mais de 100 vezes o custo de produção.[249]

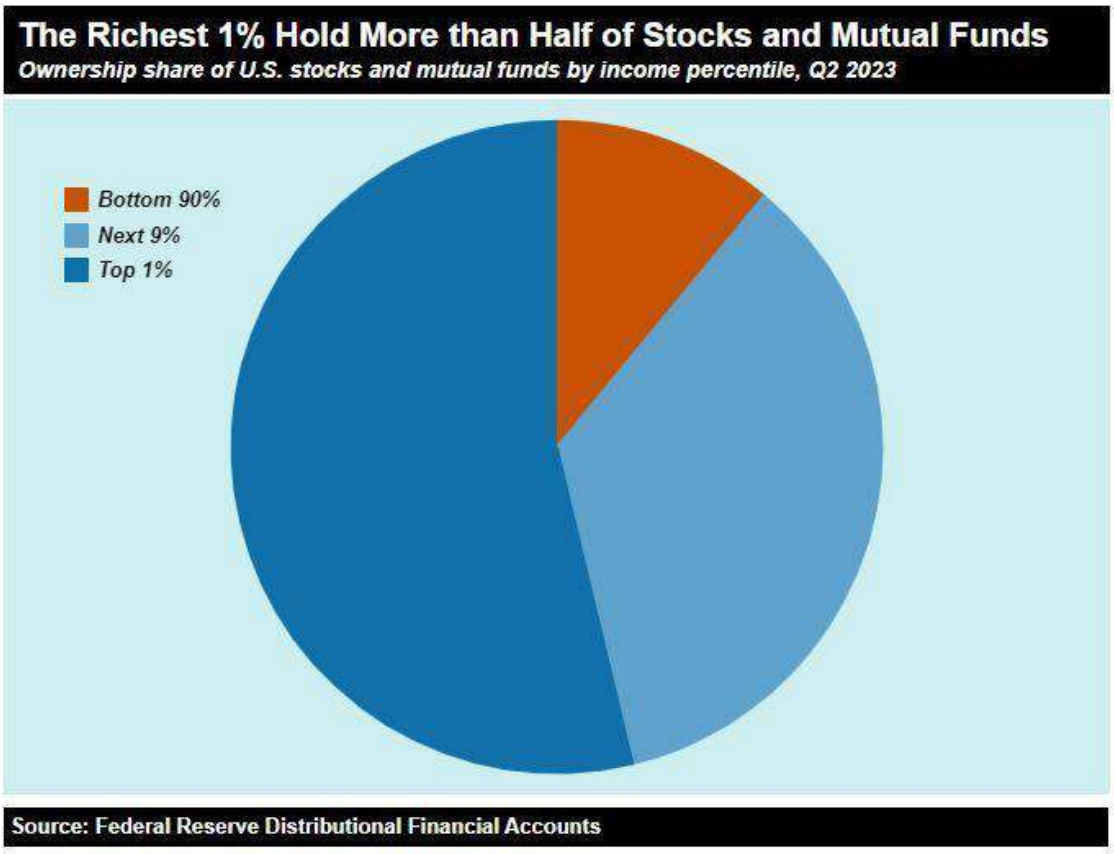
Direitos de patente por 20 anos, com o ritmo atual de inovação, é um absurdo, especialmente considerando que a pesquisa básica depende fortemente de recursos públicos. Quando, durante a crise da Covid, a ONU organizou um movimento para autorizar vários países a produzir vacinas, os executivos da Pfizer se interessaram, mas uma reunião com acionistas bloqueou a iniciativa. Prioridade aos dividendos, independentemente do custo humano, ambiental ou social.

O processo de tomada de decisão nas corporações não visa promover valor para a sociedade, o chamado bem comum, mas sim maximizar o retorno para os acionistas, por meio de dividendos, mesmo às custas do reinvestimento produtivo na empresa. A crise dos opioides nos mostra até onde isso pode ir, e não se trata de uma maçã podre, é o sistema. Na rotina de decisões, os executivos agem de forma solidária com os interesses dos acionistas ausentes: há algumas décadas, a relação entre a remuneração dos executivos e a remuneração média dos funcionários era de cerca de 1:20; atualmente, é superior a 1:300. Na cooperativa de enorme sucesso Mondragon, na Espanha, com 800 mil membros, essa relação é de 1:6. Não se trata apenas de justiça social, mas também de ser competente e produtivo.

O mundo produtivo das grandes corporações é administrado para o 1%, com alguma gordura por destinada aos 10% como forma de garantir apoio político. E uma pequena fatia vai para pequenos "investidores" esperançosos. Em outro momento, eles teriam criado algum pequeno negócio, gerando produtos e serviços, empregos, lucros e impostos. Agora são "investidores", já que a dupla linguagem econômica não distingue entre investimento especulativo e produtivo. Em francês, ficaria claro: *placement financier* é diferente de *investissement.* A figura abaixo mostra para onde vai o dinheiro; a parte mais escura pertence ao 1%.

[249]The Wall Street Journal – 18 de outubro de 2023 - Public Citizen, 19 de outubro de 2023 -https://www.citizen.org/news/pfizer-aumenta-os-preços-do-paxlovid-para-100-vezes-o-custo-de-produção/

Figura 18 - Ações e Fundos por Renda% - Out. 2023 –www.Desigualdade.org



Fonte: https://public.tableau.com/app/profile/ips.inequality/viz/StocksFundsbyIncome-Out2023/Dashboard1

O mundo corporativo financeirizado saiu dos trilhos, empurrando-nos para essa convergência absurda de desigualdade explosiva, destruição da base natural da nossa sobrevivência e a luta idiota e bilionária por quem está mais alto na Forbes ou na Fortune. No entanto, eles têm acesso suficiente à comunicação para nos convencer de que têm uma contribuição positiva para o mundo. Este sistema está doente e está nos destruindo. Sim, o sistema de comunicação pelo qual pagamos transmite sua mensagem de conformidade ESG. A imagem é tranquilizadora, a realidade não.

Este poder corporativo na era digital – finanças virtuais, comunicação, informação, vigilância, interferência política – está fora de controle: é virtual e global. As regulações foram criadas para um mundo material, com instituições em escala nacional, e as corporações globais operam livremente.

36 - Os Big Brothers estão observando você

A mudança sistêmica pela qual estamos passando é extremamente lucrativa para as gigantes da gestão de ativos, mas também para a indústria da comunicação, que captura e vende nossos dados privados e nos engana. Seu acesso a todas as nossas telas e comportamento online nos aproxima do universo descrito em 1984, por George Orwell.

We are in the midst of a reorganization of our economy in which platform owners are seemingly developing power that may be even more formidable than was that of the factory owners in the early industrial revolution."
Juliet Schor, 2020[250]

"Imagine a world in which every single person on the planet has free access to the sum of all human knowledge."
Jimmy Wales, Wikipedia, *March 7, 2024*[251]

O conhecimento é imaterial e, como tal, obedece a regras diferentes, em comparação com bens e serviços materiais. A presença dominante do conhecimento na economia moderna altera as regras. André Gorz resume: "Se não for apenas uma metáfora, a expressão 'economia do conhecimento' significa importantes rupturas no sistema econômico. Indica que o conhecimento se tornou a principal força produtiva e que, consequentemente, os produtos da atividade social não são mais principalmente produtos de trabalho cristalizado, mas sim de conhecimento cristalizado. Indica também que o valor de troca das mercadorias, sejam elas materiais ou não, não é mais determinado, em última análise, pela quantidade de trabalho social geral que elas contêm, mas, principalmente, por seu conteúdo de conhecimento geral, informação e inteligência. É este último, e não mais o trabalho social abstrato mensurável segundo um padrão único, que se torna a principal substância social comum a todas as mercadorias. É esta que se torna a principal fonte de valor e lucro e, portanto, segundo vários autores, a principal forma de trabalho e de capital."[252]

O que o mundo do dinheiro e o mundo do conhecimento têm em comum hoje é que ambos são, precisamente, imateriais, ou "intangíveis", como encontramos em outros autores. Em outras palavras, ambos circulam na internet na velocidade da luz, na forma de sinais magnéticos, e no espaço planetário, alterando a antiga "territorialidade": local de produção, fábrica ou fazenda,

---

[250] *"Estamos no meio de uma reorganização de nossa economia na qual os proprietários das plataformas parecem estar desenvolvendo um poder que pode ser ainda mais formidável do que o dos donos de fábricas na primeira revolução industrial."* Juliet Schor – *After the Gig: how the sharing economy got highjacked, and how to win it back* – University of California Press, 2020, p. 151, citando Martin Kenney e John Zysman

[251] *"Imagine um mundo no qual cada pessoa no planeta tem acesso gratuito à soma de todo o conhecimento humano."*

[252] André Gorz – *O Imaterial* – 2003, https://dowbor.org/2005/11/o-imaterial.html

residência dos trabalhadores, espaços de socialização. O fenômeno se manifesta amplamente nas áreas que hoje se entrelaçam com a comunicação e a informação, como vemos nos gráficos abaixo:[253]

Figura 21

O gigantismo está ligado à característica técnica básica de que os sinais magnéticos circulam pelo planeta quase instantaneamente, e o domínio do mais forte rapidamente se torna planetário. O grau de oligopolização das atividades é evidente, e aqui também se trata do imaterial, dos sinais magnéticos, da comunicação e da informação, nos quais os volumes, na era dos computadores modernos, não são mais um problema. A indústria da comunicação e da

[253]TNI Transnational Institute – *Big Tech: the rise of GAFAAMT* - 2023 -https://www.tni.org/en/big-tech-a-ascensão-do-gafaamt

informação torna-se dominante, gerando a tão estudada batalha pela atenção das pessoas, com o crescente caos da informação real, das fake news, do marketing comportamental e dos sistemas de vigilância baseados na invasão das comunicações pessoais, como vimos no capítulo sobre a indústria da atenção.

Ainda mais impressionante é a osmose gradual dos subsistemas da economia imaterial, dos sinais magnéticos, sejam eles dinheiro, conhecimento, informação ou comunicação. Todos eles têm em comum, nesse eixo principal para o qual se orientam a economia e a apropriação de valor, o fato de inundarem o planeta, atingirem qualquer pessoa e serem controlados por um número limitado de megacorporações. É interessante, nesse sentido, que a Amazon atue com acesso à informação para terceiros, além da intermediação comercial, ao passo que a própria Amazon, mas também Google, Facebook, Apple e Microsoft, estão em parte sob controle dos três maiores gigantes financeiros: BlackRock, Vanguard e State Street. Isso cria um universo de controle multissetorial com impacto planetário.

E não é secundário que também sejam predominantemente norte-americanos e conectados à NSA e outros sistemas de informação política e segurança militar, gerando a guerra contra a Huawei, TikTok e outras corporações chinesas: os "mercados" se tornaram mais políticos, a política se tornou mais uma ferramenta para as corporações. Em outras palavras, ao rentismo que drena recursos para os acionistas no topo da pirâmide financeira global, devemos somar o controle algorítmico das pessoas, e a submissão do universo produtivo à lógica do acionista com mentalidade de maximização de dividendos, cada vez mais distante da lógica do “stakeholder”. O rentismo se torna um modo de produção. Ele não substitui empresas tradicionais, sejam elas industriais, agrícolas ou de diversos tipos de serviços, nem mesmo empresas privadas de saúde ou universidades, mas as submete à sua lógica. Não se trata apenas de um dreno de recursos e da formação de uma poderosa elite rentista global: muda profundamente a forma como nos organizamos como sociedade.

O Facebook, como vimos, ganha 98,1% de sua receita com publicidade. Parece gratuito para nós, mas as empresas pagam ao Zuckerberg, e esse dinheiro é incorporado aos custos de tudo o que elas produzem. E nós pagamos tudo isso quando compramos os produtos e serviços. Em 2022, a Alphabet teve lucro líquido de 21,1%, a Meta 19,9%, a Apple 25,3% e a Microsoft 34,1%.[254] Esses lucros estão nos preços que pagamos. “Um novo relatório que examina as causas da inflação demonstra que a ganância corporativa e o aumento da remuneração dos CEOs levaram a custos acima do necessário para os consumidores americanos. O relatório, da organização progressista Groundwork Collaborative, constatou que, apenas nos últimos dois trimestres econômicos, 53 centavos de cada dólar de aumentos inflacionários de preços foram devidos aos lucros corporativos.”[255] Na comunicação e em atividades similares que envolvam intercâmbio, você deve usar o veículo que os outros usam, ou ficará isolado. Isso se torna um "monopólio de

[254]Pallavi Rao – *Visualizing how big tech companies make their billions* - Visual Capitalist, 18 de dezembro de 2023 https://www.visualcapitalist.com/big-tech-companies-billions/
[255]Chris Walker – *Greedflation* -Truthout, 22 de janeiro de 2024 https://truthout.org/articles/greedflation-accounts-for-53-cents-of-every-dollar-of-inflation-in-past-6-months/#:~:text=The%20report%2C%20from%20the%20progressive,were%20due%20to%20corporate%20profits.

demanda", e eles cobram o que querem. A propriedade privada, na ausência tanto de regulação pública como de concorrência privada, gera um sistema que nos deixa sem alternativas.

Há uma enorme contradição entre o fato de que o conhecimento em sua forma digital pode ser transformado em um universo de acesso aberto mundial, enriquecendo a todos, e a guerra das principais corporações GAFAM para chamar sua atenção e manipular nossos comportamentos. Isso resulta na deformação de nossas prioridades, de acordo com interesses corporativos. Um exemplo é a explosão do câncer: "Mais de 35 milhões de novos casos de câncer são previstos para 2050, um aumento de 77% em relação aos 20 milhões de casos estimados para 2022. O rápido crescimento da carga global de câncer reflete tanto o envelhecimento e o crescimento populacional, quanto mudanças na exposição das pessoas a fatores de risco, vários dos quais estão associados ao desenvolvimento socioeconômico. Tabaco, álcool e obesidade são fatores-chave por trás do aumento da incidência de câncer, com a poluição do ar ainda sendo um fator-chave para os fatores de risco ambientais."[256] Bem, o tabaco, o álcool e a obesidade estão prosperando, com marketing poderoso, mensagens individualizadas e muito sofrimento.

O controle da comunicação também está nas mãos dos grandes fundos de gestão de ativos. “O setor é dominado por apenas três gigantes americanos – BlackRock, Vanguard e State Street, os ‘Três Grandes’ – com a BlackRock sendo a líder global incontestável. Em 2017, os Três Grandes juntos já haviam se tornado os maiores acionistas em quase 90% das empresas do S&P 500, incluindo Apple, Microsoft, ExxonMobil, General Electric e Coca-Cola. A BlackRock também possui grandes participações em quase todos os mega-bancos e em grandes veículos de mídia.”[257] Os gigantes financeiros também são os principais acionistas das corporações GAFAM.[258]

Estamos, portanto, diante do acesso permanente à nossa atenção consciente (a indústria da atenção), em um oligopólio em escala mundial, com marketing comportamental adaptado às nossas características individuais, alcançando bilhões de pessoas, centrado na maximização de retornos financeiros (qualquer que seja o impacto em nossa qualidade de vida ou nos desastres ambientais), e canalizando enormes retornos para o 1% mais rico, com um amortecedor político de classe média alta nos 10% mais ricos. Comunicação, informação privada, marketing e finanças se fundiram em um controle social, cultural e político geral. E isso ocorre em escala global, enquanto as tentativas de regular o sistema estão fragmentadas entre inúmeros países. Não temos regulação significativa em escala global, ainda que a União Europeia e também o Brasil tenham conseguido criar algumas regras.

Dados detalhados do World Inequality Database[259] (WID), a análise da concentração de riqueza dos relatórios do UBS, os estudos de impacto geral da Oxfam, bem como estudos para países

---

[256] WHO - *Global Cancer Burden Growing* - Press Release, 1 de fevereiro de 2024 - https://www.who.int/news/item/01-02-2024-global-cancer-burden-growing--amidst-mounting-need-for-services

[257] Ellen Brown – *Meet BlackRock* –21 de junho de 2020 -https://www.unz.com/article/meet-blackrock-the-new-great-vampire-squid/

[258] Peter Phillips, em *Titans of Capital (2024),* apresenta os números básicos sobre os 10 maiores investidores das empresas de gestão de ativos em inteligência e militar, petróleo e gás, carvão, tabaco, álcool, plásticos, armas de fogo, jogos de azar e prisões privatizadas.

[259] Banco de Dados da Desigualdade Mundial, uma iniciativa de Thomas Piketty, Gabriel Zucman e outros. Uma fonte poderosa de dados para o estudo da desigualdade.

específicos, em particular sobre o endividamento no Sul Global, mostram o quão longe estamos do que chamamos de acumulação de capital produtivo. Isso não é capitalismo, é rentismo improdutivo. Não é Indústria 4.0, como tantas vezes mencionado, mas o resultado da revolução digital. Chamá-la de "indústria" permite que ela tome emprestada alguma legitimidade de uma época em que a produção de bens e serviços úteis era a espinha dorsal do capitalismo. Mas é um dreno improdutivo, nos empurrando para uma catástrofe social e ambiental. E só nos resta balançar a cabeça diante das tantas mensagens personalizadas que recebemos, quer as peçamos ou não.

Tudo isso é absurdo, considerando, como comenta Jimmy Wales, criador da Wikipédia, que essas tecnologias poderiam nos permitir ter acesso inteligente ao que efetivamente queremos. Quanto aos gigantes financeiros, bem, o dinheiro é nosso, mas está fora de nossas mãos, e muitas comunidades estão lutando para retomar o controle. De modo geral, as plataformas globais, seja por meio do controle da comunicação, da informação ou das finanças, têm o controle sobre nós, com altos retornos monopolistas sobre patentes, direitos autorais, royalties, taxas de juros, dividendos, todos gerando rentas sobre o controle imaterial. As novas tecnologias permitem informações personalizadas e a extração de renta, em nível global. Os Big Brothers, Orwell multiplicado.

37 - Poder corporativo: os lucros políticos

O que importa é o crescimento sustentável e equilibrado a longo prazo para todos nós. As corporações correm atrás de resultados imediatos para o 1%, gerando desastres sistêmicos para a sociedade e para o mundo natural. E apoiam calamidades políticas desde que estas sirvam aos seus interesses. Não se trata de "apenas negócios". Estamos diante de uma falha estrutural.

Fiduciary wealth management must include assets for human betterment, not just the maximization of return on capital"
Peter Philllips, *Titans of Capital*, 2024 (226)[260]

If economics has a law worthy of the name, it is that firms prefer to merge than to compete.
The Economist**,** April 6, 2019, p. 61[261]

Costumava-se falar em "catástrofe em câmera lenta". Certamente não é mais em câmera lenta. Na tradição orwelliana de 1984, das reuniões de ódio contra Goldstein, nossas emoções têm sido canalizadas contra personalidades altamente visíveis no topo, os Hitlers de diferentes épocas, atualmente até mesmo os hitlerzinhos como Bolsonaro no Brasil ou Trump nos EUA. Mas Hitler chegou ao topo após as reuniões e o apoio dos gigantes corporativos do Ruhr, Krupp e outros. A IBM não teve dúvidas em apoiar o sistema de gestão dos campos de concentração alemães. *"Just business"*. Sempre haverá demagogos prontos para se tornarem ditadores, mas a ditadura só existe em cima de um sistema de poder estruturado.

Ler a história de Charles Koch construindo poder político em cima da superpotência econômica das Indústrias Koch é preocupante: dinheiro para influência política organizada como investimento de longo prazo está mudando o que costumávamos chamar de democracia. Isso é muito mais do que uma questão Trump/Biden, é sobre uma mudança estrutural em como nossas sociedades funcionam. Para além dos fascistas idiotas que elegemos, precisamos olhar para quem os apoiou e levou ao poder.

A desigualdade é um drama não apenas porque gera tanto sofrimento entre os pobres. Nenhuma democracia sobrevive quando se atinge uma desigualdade profunda. Tom Malleson afirma isso de forma muito simples: "Os super-ricos minam a democracia... Lembre-se da tremenda influência que os irmãos Koch tiveram na política americana – gastando centenas de milhões de dólares por meio de uma vasta rede de fundações privadas obscuras e think tanks conservadores, e atuando como atores-chave na mobilização do movimento anti-impostos Tea Party."[262]A

---

[260] "*A gestão de patrimônio fiduciário deve incluir ativos para o aprimoramento humano, não apenas a maximização do retorno do capital"* (Tradução nossa)
[261] *"Se a economia tem uma lei digna desse nome, é que as empresas preferem se fundir do que competir."* (Tradução nossa)
[262] Tom Malleson, *Against Inequality,* Oxford University Press, 2023, pág. 123, https://dowbor.org/2024/06/contra-a-desigualdade-o-caso-pratico-e-etico-para-abolir-os-super-ricos.html; Chrispher

metade mais pobre da população, desesperada, acaba sendo capturada pelo populismo de extrema-direita, como vemos em tantos países. O oportunismo político navega livremente na frustração e no desespero.

Wolfgang Streeck está certo quando escreve que este pode não ser o fim do capitalismo, mas é o fim do capitalismo democrático. Muitas corporações, nos EUA, por exemplo, estão interessadas em investimentos militares. "Esses projetos podem fazer pouco sentido do ponto de vista do interesse nacional dos EUA, mas fazem muito sentido do ponto de vista do crescimento empresarial dessas organizações e instituições no competitivo mercado de segurança e guerra do setor de defesa militar dos EUA."[263]A permanente insegurança internacional gerada pelas 750 bases militares que os EUA administram no mundo, sem falar na venda de armas e na submissão política de tantos países, está diretamente ligada ao gigantesco e altamente privatizado setor militar: “Os gastos com o exército americano em 2024 chegarão a US$ 1,5 trilhão, aproximadamente US$ 12 mil por domicílio.” (Jeffrey Sachs, em Streeck) Estamos presos em uma máquina de poder que gera custos enormes, sofrimento enorme, mas também lucros enormes. Todo esse dinheiro poderia estar sendo usado de outra forma. Mas a voz das corporações fala mais alto.

Contaminação química permanente, o PFAS? Mike Ludwig analisou a DuPont e a 3M: “Essas empresas sabiam, há décadas, que estavam envenenando o mundo; sabiam que esses produtos químicos eram incrivelmente persistentes, que estavam entrando no sangue das pessoas, que seus trabalhadores estavam adoecendo, que estavam contaminando comunidades próximas — e mentiram por anos… Não apenas os americanos, cada criatura está pagando o preço disso. Está em nosso sangue e na vida selvagem, está no Ártico, está em toda parte — e isso se deve puramente à ganância corporativa.[264] Essas empresas vêm enfrentando ações judiciais nas últimas duas décadas e pagando exércitos de advogados. Esses custos legais são incorporados aos preços que pagamos por seus produtos, e seus advogados estão pressionando para que seus pagamentos sejam dedutíveis do imposto de renda. Isso é política corporativa.

Poluição por lixo plástico? “Metade dos resíduos plásticos com marcas identificáveis são responsabilidade de apenas 56 multinacionais de bens de consumo de alta rotatividade, e um quarto disso veio de apenas cinco empresas. A Altria e a Philip Morris International representaram 2% do lixo plástico de marca encontrado, a Danone e a Nestlé produziram 3%, a PepsiCo foi responsável por 5% das embalagens descartadas e 11% dos resíduos plásticos rastreados são da Coca-Cola… No entanto, embora muitas dessas empresas tenham tomado medidas voluntárias para reduzir seu impacto na poluição plástica, os especialistas responsáveis pelo estudo argumentam que elas não estão funcionando. A produção de plástico dobrou desde o ano 2000, e estudos mostram que apenas 9% do plástico está sendo reciclado.”[265] O lixo plástico

---

Leonard escreveu um excelente livro sobre *Kochland,* Simon & Schuster, 2019, https://dowbor.org/2023/07/kochland-a-historia-secreta-das-indústrias-koch-e-do-poder-corporativo-na-america.html

[263]Wolfgang Streeck –*O que nos separa de um novo conflito global* – Outras Palavras, 6/6/2024 - https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/o-que-nos-separa-de-um-novo-conflito-global/

[264]Mike Ludwig – Truthout – 6 de junho de 2024

[265] Sophia Quaglia, *Survey finds that 60 firms are responsible for half of the world's plastic pollution* - The Guardian, 24 de abril de 2024

está em toda parte. E nós, consumidores, conseguimos evitar? As empresas dizem que somos nós que devemos agir com responsabilidade.

David Boyd, relator da ONU, não esconde seu desespero diante de "um sistema absolutamente baseado na exploração das pessoas e da natureza. E a menos que mudemos esse sistema fundamental, estaremos apenas reorganizando as cadeiras no convés do Titanic…Tem sido enlouquecedor nos últimos seis anos ver como os governos ignoram a história. Sabemos que a indústria do tabaco mentiu descaradamente por décadas. A indústria do chumbo fez o mesmo. A indústria do amianto fez o mesmo. A indústria do plástico fez o mesmo. A indústria de pesticidas fez o mesmo. E não consigo fazer com que as pessoas esbocem qualquer reação diante disso**.** É como se houvesse algo errado com nossos cérebros que nos impede de compreender a gravidade desta situação... Acredito que o direito a um meio ambiente saudável é, na verdade, a base de que precisamos para desfrutar de todos os outros direitos humanos. Se não tivermos um planeta Terra vivo e saudável, todos os outros direitos serão apenas palavras no papel."[266] Responsabilidade corporativa? ESG? Devemos ler as letrinhas nos produtos que compramos? Bem, os CEOs nos EUA recebem 300 vezes o salário de um trabalhador médio. Seu vínculo é com os acionistas, que confirmam seus rendimentos, desde que maximizem os dividendos. Uma mão lava a outra. Falamos de democracia, mas o poder está nas corporações, e quem manda é o 1%.

O ESG (*Environment, Social, Governance*)está presente em toda propaganda e comunicado. Mas "o próprio relatório da Capgemini fornece um dado que demonstra o estado real da sustentabilidade nos negócios: 'Os investimentos em iniciativas de sustentabilidade permaneceram estáveis entre 2022 e 2023 e representaram menos de 1% da receita total em 2023, enquanto os orçamentos de marketing foram equivalentes a 9,1% da receita anual, em média'. Em outras palavras, as empresas investem quase 10 vezes mais em marketing do que em sustentabilidade."[267] Somos impelidos a consumir mais, e esses 9,1% para marketing estão nos preços que pagamos pelos produtos. É mais uma bola de neve aos olhos de todos, mas não aos dos algoritmos corporativos, que continuam operando, e pouco presente nas políticas públicas.

Estamos diante de corporações gigantescas, com impacto planetário, mas com objetivos limitados. Quem ainda acredita no "espírito Papai Noel" dos negócios pode pensar que se trata de "algumas maçãs podres" ou uma falha liberal. Mas a The Economist vai direto ao ponto, referindo-se ao "mau cheiro que paira sobre várias empresas poderosas: a Boeing enfrenta acusações de que vendeu aviões 737 MAX com software perigoso. A empresa afirma estar "tomando medidas para garantir totalmente a segurança do 737 MAX". Acusações criminais foram movidas contra Goldman Sachs na Malásia por seu papel na organização da dívida de US$ 6,5 bilhões para um fundo estatal que se envolveu em fraude. A Goldman Sachs afirma estar cooperando com os investigadores. Um júri na Califórnia acaba de concluir que a Monsanto não alertou um cliente de que seu herbicida poderia, supostamente, causar câncer. A Bayer, empresa

---

https://www.theguardian.com/environment/2024/apr/24/survey-finds-that-60-firms-are-responsible-for-half-of-worlds-plastic-pollution

[266] Nina Lakhani- *UN expert attacks 'exploitative' world economy* - The Guardian, 7 de maio de 2024 - https://www.theguardian.com/world/article/2024/may/07/un-expert-human-rights-climate-crisis-economy

[267] Raz Godelnik –*The business case for sustainability is not working* – Medium.com, 31 de maio de 2024 https://razgo.medium.com/o-caso-de-negócios-para-a-sustentabilidade-não-está-funcionando-e0eab4ff78e3

alemã que comprou a Monsanto em junho, afirma que apelará do veredito. Wells Fargo, um dos maiores bancos dos Estados Unidos, admitiu ter criado 3,5 milhões de contas bancárias não autorizadas. A empresa afirma estar trabalhando para "reconstruir a confiança com nossos stakeholders". O Facebook está envolvido em escândalos; suas práticas de dados estão sob escrutínio em vários países. A empresa afirma que 'os governos precisam assumir um papel mais ativo na regulação'." [268] Isso foi em 2019, antes de outros aviões da Boeing perderem uma porta ou rodas durante os voos.

O OxyContin que vimos acima, vendido como analgésico opioide, já matou centenas de milhares de pessoas nos EUA. A família Sackler, proprietária da Purdue, está sendo processada, mas o dinheiro que ela arrecadou gerou fortunas para Johnson & Johnson, AmerisourceBergen e Walmart. As empresas estão desembolsando mais de US$ 50 bilhões em acordos judiciais. De acordo com a The Economist, com 50.000 mortes por overdose por ano e aumentando, a crise dos opioides nos Estados Unidos nunca foi tão grave. Eles continuam vendendo, os grandes distribuidores continuam lucrando, com isso, pagam as multas – uma ninharia comparada aos lucros – e continuam matando pessoas sem ter que admitir culpa. Faz parte do admirável mundo novo dos "acordos amigáveis".[269]

Trouxe apenas alguns exemplos, mas eles não são exceções. São o sistema. Alguns podem se lembrar do golpe da Euribor, do qual todos os grandes bancos europeus participaram. A Bayer e outras empresas continuam a produzir produtos químicos proibidos na Europa, pois estão autorizadas a vendê-los no exterior, entre outros para o Brasil, onde o agronegócio apoiou a eleição de Bolsonaro. Então, tudo bem se você estiver envenenando outras nações. A invasão das GAFAM em nossas mentes avança, enquanto governos correm atrás de possíveis regulamentações, tentando frear o que Max Fisher acertadamente chamou de *A Máquina do Caos.* E todos eles geram dividendos extraídos pela BlackRock e outras estruturas de gestão de ativos vistas acima. Todos eles também usam extensivamente paraísos fiscais para escapar não apenas de impostos, mas da própria transparência dos fluxos financeiros. Temos um sistema global de governança financeira corporativa e reuniões de Bilderberg, mas nenhum governo ou regulamentação global. É um caos global, nos arrastando para o abismo.

Marjorie Kelly vai direto ao ponto: "O verdadeiro problema é o excesso de riqueza — como os oito bilionários que detêm metade da riqueza do mundo. Mas a cultura da nossa economia em geral apoia, na verdade exige, a extração máxima de riqueza... O que está acontecendo é uma sucção constante para cima *(vacuuming upward*). Os ativos financeiros se tornaram um imenso aspirador que esvazia os bolsos dos consumidores, gera desemprego, empurra os preços dos imóveis para patamares inalcançáveis, cria monopólios que sufocam negócios familiares, bloqueia nossa capacidade de enfrentar as mudanças climáticas, desestabiliza a economia com bolhas e colapsos no mercado de ações. E permite que bilionários capturem a democracia… As

[268] The Economist – *The new age of corporate scandals,* 6 de abril de 2019, p. 51
[269]The Economist – 13 de maio de 2021 - https://www.economist.com/books-and-arts/2021/05/13/patrick-radden-keefe-traces-the-roots-of-americas-opioid-epidemic

empresas precisam lucrar para sobreviver, mas a maximização desencadeia danos à sociedade e a destruição do planeta.[270]

Não se trata de Trump, ou Bolsonaro, ou Milei, ou Orbán, ou de tantos demagogos dispostos a bajular as corporações. Trata-se das corporações que criam o terreno para eles e depois vêm em busca de reciprocidade. A política mudou de lugar.[271]

[270] Marjorie Kelly – *The only solution to wealth-supremacy is a democratic economy* –Truthout, 22 de janeiro de 2024
https://truthout.org/articles/a-única-solução-para-a-supremacia-da-riqueza-é-uma-economia-democrática/?utm_source=truthout&utm_campaign=5dd2a5d0b2-email_campaign_2023_11_16_07_58_copy_01&utm_medium=email&utm_term=0_-e6daf26d84-%5blist_email_id%5d

[271] Lembro com saudades dessa frase*, a política mudou de lugar*, que Octávio Ianni usou como título de um capítulo do livro que organizamos junto com Paulo Rezende, *Os Desafios da Globalização,* em 1998. O objetivo já era articular a análise social, econômica, jurídica, política, cultural: a realidade não se fatia.
https://dowbor.org/1998/06/ladislau-dowbor-octavio-ianni-e-paulo-rezende-orgs-desafios-da-globalizacao-1998.html

38 - Norte-Sul: encurtando a distância

Até que ponto precisamos afundar para finalmente despertar? Tanta gente já tem consciência das catástrofes ambientais e sociais que estamos construindo, mas o entendimento individual tem pouquíssima influência sobre os processos de decisão global. Temos, sim, corporações poderosas e reuniões em Davos onde se parabenizam mutuamente. Mas esforços cosméticos não impedirão o desastre. Uma abordagem global pode ajudar. A ganância é catastrófica.

What capitalism lacks is an inherent mechanism that justly distributes the gains.[272]
Peter S. goodman – O Homem de Davos (404)

Mudanças sistêmicas são necessárias e inevitáveis, mas seguimos com o hábito de empurrar os problemas com a barriga para ver no que dá — e de tomar medidas de grande escala apenas depois que as catástrofes acontecem. O New Deal só foi possível porque o desastre de 1929 atingiu interesses tão amplos que não só Roosevelt foi eleito, como teve força política para implementar mudanças estruturais. Taxar grandes fortunas financeiras e promover investimentos em infraestrutura e bem-estar social só foi viável quando a dor atingiu também os mais ricos.

As instituições de governança global que ainda temos surgiram apenas diante do trauma da Segunda Guerra Mundial, com mais de 60 milhões de mortos, outro número semelhante de feridos, cidades bombardeadas em todo o mundo, o choque da bomba atômica e uma sensação generalizada de que instituições globais eram urgentes. Tínhamos Yalta, mas também Bretton Woods e muitas instituições que tornaram possível alguma regulamentação internacional. Mas isso foi há 80 anos. Desde então, apesar da descolonização, da revolução digital, da conectividade global, do dinheiro virtual, do surgimento de gigantes corporativos mundiais e da financeirização global concentrada na indústria de gestão de ativos, a governança mundial pouco avançou. Não custa repetir: nossas instituições globais datam da década de 1940.

Hoje, contamos com 193 países-membros da ONU, mas o Conselho de Segurança — verdadeiro núcleo de poder — ainda reflete outra era. Como esperar que o acordo monetário baseado no dólar ainda faça sentido em 2025? Os desafios ambientais globais mal eram vislumbrados em 1944, e a desigualdade que hoje explode — até mesmo nos EUA e em países ricos — sequer entrava no debate. O sentimento principal era de horror, e o maior desafio era a reconstrução do que havia sido destruído em tantos países. O Plano Marshall foi apenas uma das medidas, mas forneceu respostas práticas às necessidades mais urgentes. Representou uma enorme ajuda para os países que precisavam, foi em parte motivado pelo grande urso do Leste, mas o mais importante é que simultaneamente ajudou as nações necessitadas e estimulou a economia dos EUA nesse processo. Certamente foi uma solução ganha-ganha (win-win), estimulando a reconstrução e o crescimento de ambos os lados. Mas não para o Sul Global, é claro.

Atualmente, podemos imaginar uma reorientação estrutural em escala mundial? Devemos esperar por outra crise financeira global ou pela Terceira Guerra Mundial? Vivemos afogados em

[272] "*O que falta ao capitalismo é um mecanismo inerente que distribua os ganhos de forma justa."*

estatísticas sobre a fome (750 milhões de pessoas) e a insegurança alimentar (mais de 2 bilhões). Vemos incêndios e enchentes por toda parte enquanto os céticos ainda se perguntam se as mudanças climáticas são reais. Comemos microplásticos em cada refeição e pisamos neles quando vamos às praias. Corporações privatizadas de gestão hídrica despejam esgoto nos rios e mares — até no Reino Unido! Navios de pesca de alta tecnologia devastam a vida nos oceanos. As florestas do Brasil, Congo e Indonésia estão sendo cortadas (o que aumenta o PIB), os produtos químicos PFAS estão por todo o lado, assim como antibióticos em cada pedaço de carne, e nem os países nem as empresas fazem nada em relação a isso, além de apontarem o dedo uns aos outros.

A desigualdade chegou a níveis absurdos. Assistimos governos destinando 50 bilhões de dólares, uma soma enorme, à guerra na Ucrânia, enquanto Elon Musk recebe do seu conselho de administração um cheque de 46 bilhões de dólares para uso pessoal. E não se trata apenas da pobreza e do sofrimento que ela causa, mas também da desigualdade em si, do sentimento desesperador de estar preso no fundo do poço, que alimenta o ódio, a frustração e o populismo de extrema-direita. Até o Papa prega por uma nova economia. Estamos em um ponto de convergência de desastres, uma verdadeira crise civilizatória. Será suficiente para viabilizar mudanças estruturais? Os EUA estão basicamente clamando por mais guerra em todos os lugares, afogando o mundo em equipamentos militares, impulsionados pela enorme máquina de guerra militar e econômica. O domínio geral da Pax Americana é um delírio doentio. As guerras permanentes que Washington trava não trarão um sistema mundial coerente. Precisamos de um pacto global.

Basicamente, o chamado Norte Global possui 16% da população, mas 56% da riqueza acumulada. Contudo, como aponta o relatório, "a parcela da população adulta é mais que o dobro da parcela da riqueza na América Latina, cinco vezes a parcela da riqueza na Índia e dez vezes a parcela da riqueza na África".[273] A riqueza está lá em cima; a população está aqui embaixo. A China está fora de cena, mas é um ator poderoso para a mudança estrutural global. Em paridade de poder de compra, o PIB de 2025 é de 37 trilhões de dólares na China e de 29 trilhões nos EUA.[274] Não há Pax Americana à vista, e uma nova estrutura de poder global está emergindo. Ou mais guerras, e muito possivelmente a guerra final. Aliás, financiar guerras, armamentos, destruição e reconstrução em diversas partes do mundo, mas se mantendo à distância e incolumes, tem sido um grande negócio para os EUA há mais de um século.[275]

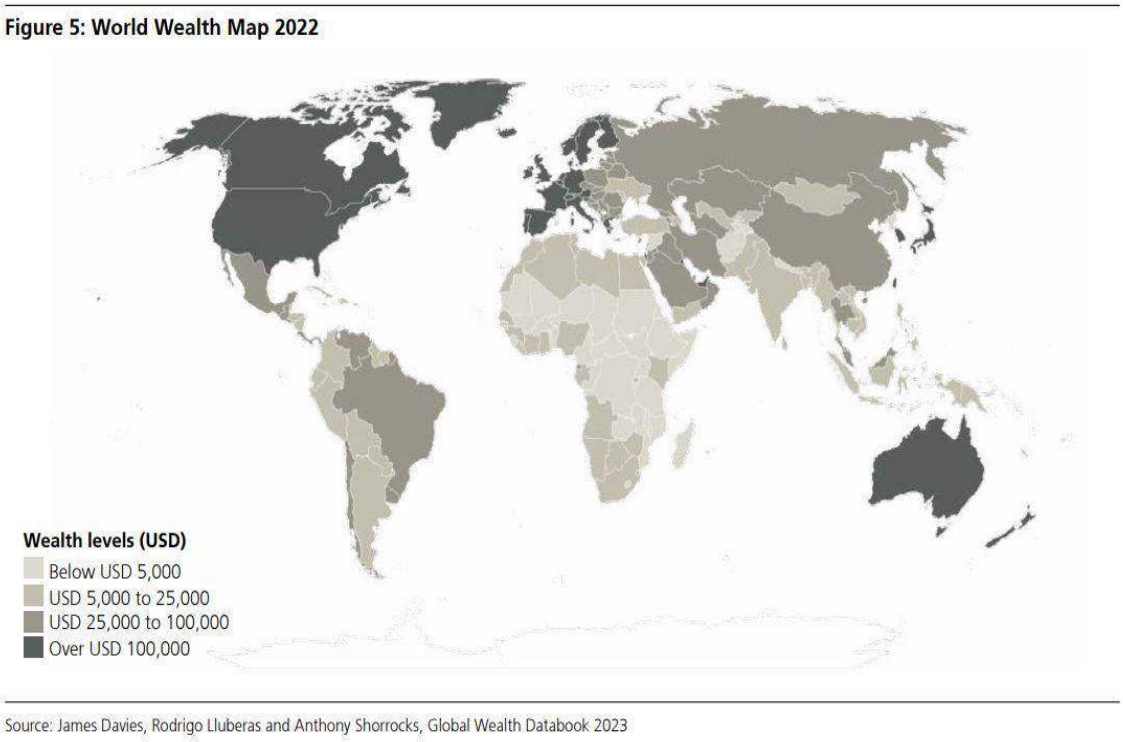
Figura 22

[273] UBS – *Global Wealth Report 2023* - Perspectivas de liderança para navegar no futuro (2024, p.15) https://www.credit-suisse.com/sobre-nos/en/relatorios-pesquisa/relatorio-de-riqueza-global.html

[274] FMI - *World Economic Outlook 2022* - *2022*-https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2022/April/weo-report?c=924,532,546,111,&s=PPPGDP,&sy=2020&ey=2027&ssm=0&scsm=1&scc=0&ssd=1&ssc=0&sic=0&sort=country&ds=.&br=1

[275] David Vine, em *United States of War*, apresenta um estudo detalhado dos sucessivos conflitos que envolveram, e envolvem, os Estados Unidos – University of California Press, 2020 -

UBS – Mapa Mundial da Riqueza - 2022



Fonte: UBS – *Global Wealth Report 2023* - Perspectivas de liderança para navegar no futuro (2024, p.15) https://www.credit-suisse.com/sobre-nos/en/relatorios-pesquisa/relatorio-de-riqueza-global.html

Essa questão não é nenhuma novidade. Releio o relatório de 1980, produzido sob a coordenação de Willy Brandt, ex-chanceler alemão e Prêmio Nobel da Paz, "*North-South: a program for survival" (Norte-Sul: um programa para a sobrevivência*)[276]. A capa do livro apresenta um mapa global muito semelhante ao acima; a divisão global estava lá e só se aprofundou. O relatório foi apresentado, com grande impacto internacional, no mesmo ano em que Ronald Reagan e Margareth Thatcher chegavam ao poder, com um programa geral de mais desigualdade, aprofundando a divisão global, na visão de que os ricos são a solução e o Estado é o problema. Nestes 45 anos desde a publicação do Relatório, vimos a desigualdade e os dramas ambientais se aprofundarem, incontáveis conferências internacionais e resoluções tentando enfrentá-los, enquanto o poder corporativo explodia e as democracias, assim como as instituições globais de regulação, se esvaziavam. A tecnologia avança, a democracia recua, as fortunas no topo se agigantam.

Hoje, temos a Agenda 2030, 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, bem elaborados, aprovados por todas as nações (com os EUA no seu costumeiro entra-e-sai) e claramente inatingíveis nas tendências atuais. Aliás, os Estados Unidos têm uma tradição de só cumprirem os acordos enquanto são vantajosos para eles. A apresentação do Presidente Lula na abertura da

[276]Brandt Report - *North-South: a program for survival* – MIT Press, Cambridge, 1980

Assembleia da ONU em setembro de 2024 considerou que atingiríamos apenas 17% dos ODS. Mas olhar para trás, para o que ficou conhecido como o Relatório Brandt, é preocupante.

No sumário das recomendações, o Relatório começa pelos países mais pobres: "Um programa de ação deve ser lançado, incluindo medidas emergenciais e de longo prazo, para ajudar os cinturões de pobreza da África e da Ásia, e particularmente nos países menos desenvolvidos". O segundo item diz respeito à fome e à alimentação: "É preciso acabar com a fome e a desnutrição em massa", com base em fluxos financeiros para o desenvolvimento agrícola e um conjunto de medidas correlatas. O relatório prossegue com recomendações sobre proteção ambiental, sobre "o perigo terrível à estabilidade mundial causado pela corrida armamentista", sobre a necessidade de reformas sociais e econômicas no Sul, complementadas pelo papel a ser exercido pelo ambiente internacional."

O Relatório inclui recomendações relativas ao comércio de commodities, com maior processamento local e industrialização e regulamentação do comércio mundial. Particularmente interessante é a questão das corporações transnacionais: "Legislação, coordenada nos países de origem e de destino, para regular as atividades das corporações transnacionais em questões como comportamento ético, divulgação de informações, práticas comerciais restritivas e padrões trabalhistas". A ordem monetária mundial precisava de uma reforma urgente, com uma moeda internacional: "Tal moeda substituiria o uso de moedas nacionais como reservas internacionais", uma clara referência ao absurdo domínio do dólar, evidente já naquela época. Seria necessária a participação do Sul "na contratação de pessoal, gestão e tomada de decisões do FMI".

No geral, o Relatório enfatiza a necessidade de "uma nova abordagem para o financiamento do desenvolvimento", com "maior participação dos países mutuários nas decisões e na gestão" e criando um "Fundo Mundial de Desenvolvimento" com adesão universal e tomada de decisões mais equilibradas entre credores e devedores, financiado por tributos sobre "comércio internacional, produção e exportação de armamentos, viagens internacionais e bens comuns globais, como os minerais do fundo do mar." Tudo isso exigia o fortalecimento da ONU e de diversas organizações multilaterais.

Isso tudo soa familiar? Bem, participei da cúpula mundial Rio-92, depois da Rio+20 e, atualmente, da árdua batalha pela Agenda 2030 no Brasil. O fato é que nós, como outros países, estamos nos afogando na desigualdade e nos desastres ambientais, enquanto temos de ouvir as graves considerações do mundo corporativo, atualmente fortemente ligado à política, à grande mídia, aos think tanks e até mesmo a boa parte da academia. Desde o Relatório Brandt de 1980, com uma apresentação clara dos desafios e das medidas necessárias, 45 anos se passaram e ainda estamos conversando. Em qual COP estamos preparando, a COP30? Em Dubai discutimos a questão do petróleo e mudanças climáticas. Em Dubai.

Este mundo organizado para os 15% não está funcionando. A China, atualmente a maior potência econômica, não será derrubada com bravatas armamentistas sobre Taiwan promovidas pelos EUA ou tarifas utilizadas como armas políticas. A Rússia não vai desaparecer do mapa, a Índia não teve problemas para abandonar o dólar no comércio de petróleo. Os BRICS estão se expandindo rapidamente. Dilma Rousseff preside o Novo Banco de Desenvolvimento, o

chamado banco dos BRICS. Lula trabalha para costurar os interesses do Sul Global. E as populações dos países em desenvolvimento estão plenamente conscientes do absurdo de sua pobreza. Como vimos e repetimos, não se trata de falta de recursos financeiros.

Uma questão fundamental é o que acontece nos Estados Unidos, economicamente fragilizados, mas um gigante militar. E atingiu um nível de desigualdade que claramente abre caminho para o populismo de extrema direita, impulsionado pela trágica mudança na Constituição em 2010, que permite que o dinheiro eleja políticos. O horizonte é um sistema político, econômico e cultural diferente, desigual, autoritário e liderado pelo poder corporativo global que conecta o complexo industrial e militar de armas, o domínio da comunicação em escala mundial das GAFAM, e a capacidade global de vigilância (GAFAM, NSA, CIA, Five Eyes, etc.), tudo coroado pelos gigantes financeiros. É uma mistura perigosa. É assustador ver tantos políticos de alto escalão mentindo descaradamente sobre resultados eleitorais e outras questões, em uma potência militar dessa magnitude.[277]

Por que volto ao Relatório Brandt, um documento de 1980? Porque, além de mostrar as medidas óbvias necessárias para um desenvolvimento sustentável global em escala mundial, ele mostra a saída óbvia: o Plano Marshall para a Europa estimulou o desenvolvimento em ambas as pontas. Uma iniciativa global de desenvolvimento para o Sul Global teria o mesmo impacto, representando para os países mais ricos uma nova fronteira econômica, um estímulo para mais produção, mais empregos e desenvolvimento em ambos os lados. Um pacto global eficaz não é caridade para os pobres, mas o reconhecimento prático de que direcionar nossas capacidades financeiras, econômicas e tecnológicas para onde são mais necessárias é o caminho mais eficiente — não apenas para evitar a catástrofe, mas para gerar prosperidade global.

Gerar desenvolvimento e empregos em países mais pobres é muito mais sensato do que fornecer drones e bombas, ou construir muros. Pequenos países da América Central tiveram suas terras tomadas por corporações americanas, transformando-as em "repúblicas de bananas". Com pouca indústria e terras tomadas, buscam empregos nos EUA. Não seria mais inteligente investir em seu desenvolvimento? Investir em desenvolvimento real é positivo para ambos os lados, estimulando a demanda e a produção. Os dramas no Sul Global estão gerando um pesadelo político também no Norte Global. O Sul Global pode ser a nova fronteira dinâmica. Mas tente convencer Elon Musk... Sim, eu chamo esse tipo de gente de idiotas hightech. Em inglês é mais expressivo. Precisamos de uma mudança estrutural. Não é uma questão teórica, e sim de sobrevivência.

[277] Para as ligações estruturais GAFAM/NSA e outras ligações militares, ver Henry Farrell e Abraham Newman, *Underground Empire: how America weaponized the world economy* – Henry Holt, Nova York, 2023

39 - Gestão inovadora na China: além das simplificações

A China constitui claramente a experiência mais impressionante de desenvolvimento econômico e social do mundo. Mais importante do que julgá-la, é entender como funciona. E há muito o que aprender.

"Em suma, a 'prosperidade comum' visa essencialmente equilibrar eficiência e justiça, crescimento e partilha, para que os benefícios do desenvolvimento econômico possam ser distribuídos de maneira mais uniforme em toda a sociedade."
China's new road to prosperity[278]

Todos nós temos opiniões sobre a China, mas muito poucos têm alguma compreensão de como as coisas funcionam neste país. Em parte, isso se deve ao jornalismo extremamente pobre e à desinformação geral. Um fator importante é o fato de que o chamado Ocidente, e em particular os EUA, estão tão interessados na informação. A maioria dos comentários é altamente ideológica. Mas entender a China é crucial, e nenhuma simplificação pode funcionar para um país tão gigante e complexo.

Não sou especialista em China, mas já estive lá várias vezes e acompanho as principais publicações do China Daily, CGTN e outras fontes chinesas, além de livros básicos recentes. Temos muito a aprender sobre como a China organiza seu processo de decisão. As pessoas adoram adesivos, isso lhes permite classificar a China sem estudá-la, então se torna "capitalismo de Estado", "socialismo de mercado" e simplificações semelhantes. Um fato óbvio e importante é que as coisas funcionam.

Em Paridade do Poder de Compra (PPC), ou seja, em volume real de produção, o PIB chinês em 2025 atingiu 37 trilhões de dólares, contra 29 trilhões dos EUA, conforme mostram os números do FMI abaixo.[279] Em valor real da produção, a China ultrapassou os EUA em 2017 e continua em movimento.[280] Esse fato tem enorme importância, uma vez que vem orientando a política internacional dos EUA, como vimos com as reações de Trump e Biden. Um novo equilíbrio mundial está surgindo, um realinhamento que busca isolar a China e seus produtos por parte dos EUA, enquanto a China está se abrindo por meio de sua influência econômica e tecnológica e trazendo novas oportunidades para os países emergentes. Também está liderando um rearranjo global com os Brics, originalmente cinco países, atualmente 11 e tantos parceiros; Os Brics em 2025 representam 55% da população mundial e 42% do PIB global.

---

[278] Jiannan Guo, Lei Zhang, Jincai He – *China's new road to prosperity* (o novo caminho da China para a prosperidade) - 13.01.2022
https://www.ips-journal.eu/topics/economy-and-ecology/chinas-new-road-to-prosperity-5643/?utm_campaign=en_966_20220113&utm_medium=email&utm_source=newsletter

[279] IMF – *World Economic Outlook Database* – 2022 -
https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2022/April/weo-report?c=924,532,546,111,&s=PPPGDP,&sy=2020&ey=2027&ssm=0&scsm=1&scc=0&ssd=1&ssc=0&sic=0&sort=country&ds=.&br=1

[280] "Se quisermos saber qual a quantidade de bens e serviços que um país produz anualmente, precisamos utilizar o mesmo sistema de preços. Por essa medida, não há dúvidas que a economia da China tanto é consideravelmente maior do que a economia americana, como está crescendo muito mais rapidamente."
https://rwer.wordpress.com/2023/04/21/china-is-bigger-get-over-it/

World Economic Outlook database: April 2022

Country	Subject Descriptor	Units	Scale	Country/Series-specific Notes	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
China	Gross domestic product, current prices	Purchasing power parity; international dollars	Billions	See notes for: Gross domestic product, current prices (National currency).	24,168.026	27,206.271	30,177.926	32,661.126	35,167.666	37,671.714	40,303.626	43,069.901
Hong Kong SAR	Gross domestic product, current prices	Purchasing power parity; international dollars	Billions	See notes for: Gross domestic product, current prices (National currency).	441.229	489.064	522.160	564.194	594.623	623.688	653.494	685.452
Macao SAR	Gross domestic product, current prices	Purchasing power parity; international dollars	Billions	See notes for: Gross domestic product, current prices (National currency).	39.539	48.591	59.660	75.769	92.043	103.133	110.526	116.655
United States	Gross domestic product, current prices	Purchasing power parity; international dollars	Billions	See notes for: Gross domestic product, current prices (National currency).	20,893.750	22,997.500	25,346.805	26,695.150	27,745.531	28,790.404	29,855.871	30,966.064
International Monetary Fund, World Economic Outlook Database, April 2022												

Trago novamente este quadro, porque é essencial para se dar conta do rearranjo planetário que implica. Mas o que mais nos interessa aqui é como este país, emergindo do feudalismo, do colonialismo e dos dramas humanitários em 1949, conseguiu uma transformação tão impressionante em um período tão curto. Um ponto essencial é que a orientação geral do desenvolvimento econômico que a China seguiu, e está seguindo, é praticamente o oposto da tendência adotada pelo Ocidente: em vez de tornar os ricos mais ricos, afirmando que isso permitirá que o progresso "goteje" para os pobres, todo o esforço chinês, desde o início, foi orientado para resolver os problemas básicos da parte mais pobre da população: a grande maioria. Os esforços foram direcionados para os mais necessitados. Esta era a opção estratégica e dizia respeito particularmente à população rural.

Esta opção continua. "Durante a última fase deste processo, de 2013 a 2020, a China embarcou em um programa de alívio da pobreza direcionado iniciado pelo presidente Xi Jinping, para tirar os últimos 100 milhões de chineses da pobreza extrema. Isso se soma aos mais de 700 milhões de pessoas que saíram da pobreza no país desde o início do período de reforma e abertura; desde 1978, a China foi responsável por mais de 70% da redução global da pobreza".[281] Esses números foram amplamente confirmados e nos trazem uma transformação fundamental na forma como pensamos sobre economia. Pode ser orientada para o que a população precisa, proridades da população, não apenas das elites.

[281] *Socialism is a Historical Process* – Wenhua Zongheng, Vol.1 N.2, 2023 - https://thetricontinental.org/wenhua-zongheng-2023-2-editorial-socialism-historical-process

No Brasil, durante a ditadura de 1964-1985 apoiada pelos EUA, o lema era "deixe o bolo crescer primeiro, depois nós o distribuiremos". Em claro, justificou políticas baseadas no aprofundamento da desigualdade. Atualmente, o Brasil continua como um dos 10 países mais desiguais do mundo, enquanto os EUA estão afundando em uma divisão social e política profunda. O que os números chineses mostram é que, em vez das narrativas de que construir fortunas para os ricos acabará sendo bom para os pobres também, não há contradição entre inclusão econômica e crescimento econômico. Na verdade, equivale a um desenvolvimento inclusivo. Esta não é uma originalidade chinesa, é o que funciona, e precisamos disso para o mundo. Os números sobre a estagnação econômica da metade inferior da população americana são explícitos. Os números mundiais sobre desigualdade são ainda mais dramáticos. Não se trata aqui de ideologia, mas de bom senso, de investir no que funciona, e isso significa priorizar as necessidades básicas das populações, reduzindo o sofrimento massivo na base.

Um instrumento fundamental para a China promover simultaneamente uma política econômica generosa e orientada para as pessoas e investir em infraestrutura e indústria básica é o controle das finanças. Nas últimas décadas, o Ocidente promoveu fortunas financeiras às custas do crescimento produtivo. "O aumento das taxas geralmente tem impactos positivos para as empresas financeiras, pois leva a spreads de taxas de juros mais amplos para os bancos e melhores retornos de investimento nas carteiras de seguradoras e gestores de fundos. No entanto, eles também desaceleram a economia geral e reduzem o dinheiro disponível para famílias e empresas, ao mesmo tempo em que reduzem a demanda por crédito agora mais caro."[282] O mesmo relatório enfatiza que "a China provavelmente expandirá seu uso piloto de sua moeda digital do banco central (CBDC), apelidada de e-yuan, e poderá implementá-la em todo o país".

A questão chave é que a China optou por orientar os recursos financeiros para o investimento produtivo e o consumo de massa, com baixas taxas de juros, mais uma vez o inverso do que a financeirização no Ocidente está realizando. Canalizar dinheiro para investimentos produtivos aumenta o nível de produção, e baixas taxas de juros permitem a correspondente expansão da demanda, sem pressão inflacionária. De acordo com o The Economist, "a China já administra a oferta monetária e as taxas de juros com diferentes setores em mente. Desde 2015, por exemplo, criou centenas de bilhões de yuans para a construção de moradias populares. Mais recentemente, instruiu os bancos a reduzir as taxas de juros para pequenas empresas."[283] Normalmente, um chinês pagará 4,6% por um empréstimo, o que descontando 2% da inflação significa uma taxa de juros real de 2,6% ao ano. No Brasil enfrentamos 55% para famílias, 25% para empresas, para uma inflação de 5%, um escandaloso dreno improdutivo financeiro, usura descarada com narrativas fantasiosas. Sim, sei que estou repetindo, mas me escandaliza!

---

[282] Economic Intelligence Unit - EIU – Finance Outlook 2023 - https://pages.eiu.com/rs/753-RIQ-438/images/finance-in-2023.pdf?mkt_tok=NzUzLVJJUS00MzgAAAGIEN6hv4wv-DMjwOUzfD_FVeSaABK00IFV3_gxCDdmcZQoMj7jt45tPmVBhksgBapVVEtpAzRUj1WX-VQhmr1wagnYtLHR8GkE5pEhzor6CT3aZg

[283] The Economist, May 6, 2021 - https://www.economist.com/finance-and-economics/2021/05/06/will-going-digital-transform-the-yuans-status-at-home-and-abroad

Como parte das finanças de bom senso da China, o comércio exterior tende a evitar os custos da intermediação do dólar: como relata a rede de mídia chinesa CGTN, eles "conduzirão suas transações comerciais e financeiras massivas diretamente, trocando yuan por reais e vice-versa, em vez de passar pelo dólar". A China é o maior parceiro comercial do Brasil e, em 2022, os dois países fizeram mais de US$ 150,5 bilhões em comércio.[284] Essa tendência atualmente envolve vários países. O dólar ainda é dominante, mas como é usado para gerar dependência da dívida em vez de investimento produtivo, mais países estão recorrendo ao câmbio bilateral em suas próprias moedas. Na China, o dinheiro está ligado à economia real, com função de fomento, como os bancos costumavam estar no Ocidente.

Outra característica fundamental do processo de decisão da China é a maneira como evitou o fundamentalismo de mercado e as simplificações centradas no Estado. Deng deu uma explicação simples do pragmatismo chinês: quando você atravessa um rio, deve sentir as pedras com os pés. É importante ressaltar que a China não enfrenta uma "situação", mas uma paisagem em rápida mudança, tecnológica, política, econômica, cultural. Para dar um exemplo, a China deve reduzir sua dependência do carvão e está fazendo sua lição de casa. Está mudando para a energia solar, mas em vez de construir uma grande empresa estatal para produzir painéis fotovoltaicos, construiu uma grande empresa estatal para produzir máquinas e equipamentos básicos para produzir os painéis. Assim, qualquer empresa privada em qualquer parte do país pode obter um empréstimo barato no banco, comprar o equipamento e produzir painéis de acordo com a demanda local. De certa forma, o Estado fornece um ponto de partida para o setor privado se envolver em tendências ambientalmente importantes. É uma mistura de Estado privado, inteligente e pragmática, com o Estado fazendo os investimentos estratégicos mais pesados.

Isso também implica uma atitude diferente em relação às relações com as empresas transnacionais. A China abriu sua economia, mas não em uma atitude subserviente. As empresas interessadas têm que negociar quantos chineses participarão dos conselhos de administração, quanta transferência tecnológica será garantida, definindo interesses equilibrados dentro das orientações gerais da economia chinesa. A política dominante, em diferentes países, de "atrair" investimentos reduzindo ou eliminando impostos e restrições ambientais é evitada. E funciona, porque faz a economia crescer, e isso atrai mais investimento. Não é uma questão de quão baixo você se curva, ou a narrativa "favorável aos negócios".

Outra característica essencial das “novas regras do jogo na China”, como Keyu Jin a chama, é a descentralização.[285] A China logo abandonou o modelo de gestão da União Soviética baseado na centralização e ministérios gigantescos, e escolheu um modelo radicalmente descentralizado. Isso significa que o governo central em Pequim é politicamente forte e traça as linhas estruturais, como a política ambiental, a opção pelo sistema de trens de alta velocidade, a priorização da

[284] Ben Norton – *Countries world-wide are dropping the US dollar* - 2023-04-06 https://geopoliticaleconomy.com/2023/04/06/dedollarization-china-russia-brazil-asean
[285] Keyu Jin – *The New China Playbook: beyond socialism and capitalism* – Viking, 2023 - https://dowbor.org/2024/01/the-new-china-playbook-beyond-socialism-and-capitalism.html

erradicação da pobreza, as enormes iniciativas de gestão do êxodo rural e, atualmente, as opções de ciência e tecnologia. Mas é um governo central pequeno, na medida em que a implementação das diretrizes definidas é rigorosamente descentralizada.

Keyu Jin chama isso de "economia de prefeitosa", enquanto Arthur Kroeber, autor de *China's Economy*, considera que a China é ainda mais descentralizada do que a Suécia, onde 70% do dinheiro público é transferido diretamente para as autoridades locais.[286] No Brasil, é inferior a 30%, e os prefeitos precisam viajar a Brasília para implorar pelos fundos necessários. Nem a gestão dos municípios funciona, por falta de recursos, nem o governo central, atolado em micronegociações que preparam a próxima eleição. É sistemicamente ineficiente. Os EUA já se beneficiaram da capacidade de decisão local ágil, incluindo bancos locais, antes que as corporações e plataformas gigantes assumissem o controle. A China é essencialmente gerida a nível local, onde as pessoas, as empresas e a administração estão familiarizadas com os diversos desafios e potenciais nos diferentes territórios, e asseguram as micronegociações e ajustes necessários. Permite estratégias integradas de desenvolvimento local.

O bem-estar econômico da família depende não apenas do acesso ao dinheiro – para pagar o aluguel, as compras diárias – mas também do acesso a bens e serviços de consumo público. Precisamos de segurança, mas não compramos polícia, como não compramos hospitais, escolas, parques em nosso bairro, rios limpos e tantos serviços que representam cerca de um terço da nossa renda, por meio desse salário indireto, com acesso universal aos serviços públicos gratuitos. Educação, saúde, espaços de lazer e afins são fornecidos pela administração pública, o que os torna muito mais baratos e eficientes do que as políticas sociais privatizadas centradas na maximização dos retornos financeiros de curto prazo. Isso aumenta radicalmente a eficiência geral da administração chinesa.[287]

Novamente, não é uma questão de ideologia, mas de bom senso de gerenciamento básico. Algumas coisas, como a produção de carros, pão ou tomate, podem funcionar perfeitamente como empresas privadas, mas educação, saúde, segurança ou grandes infraestruturas são mais eficientes em mãos públicas. Somos economias complexas demais para confiar em simplificações ideológicas. As questões ambientais dependem particularmente do controle público. A abordagem pragmática chinesa, baseada no que funciona melhor em qual forma de organização, não apenas tornou a China muito mais eficiente, mas nos traz muitas lições sobre como nos organizar.

A ciência e a tecnologia tornaram-se centrais no contexto da revolução digital no mundo, e a China não apenas definiu o progresso nessa área como prioridade nacional, mas gerou um ambiente colaborativo baseado em pesados financiamentos públicos, bem como parcerias com o

---

[286] Arthur Kroeber – *China's Economy* – Oxford University Press, 2016 - https://dowbor.org/2016/11/arthur-r-kroeber-chinas-economy-oxford-oxford-university-press-2016-isbn-978-0-19-023903-9-320-p.html

[287] China reached the same life expectancy as the US, 77 years, but spending under one thousand dollars per capita on health, against US 11 thousand. Preventive health initiatives are much more efficient than selling curative services.
https://www.visualcapitalist.com/cp/healthcare-spending-versus-life-expectancy-by-country/#google_vignette

setor privado. Iniciativas como o ORE (Open Resources for Education) garantem que as inovações em qualquer universidade ou centro de pesquisa circulem em toda a rede, para que ninguém esteja reinventando a roda, todas as instituições trabalhem no topo da onda de inovação, um ambiente sinérgico de colaboração e acesso gratuito. A China copiou - como todo mundo - mas atualmente está sendo copiada. A abordagem colaborativa de acesso aberto em ciência e tecnologia é certamente muito mais eficaz do que nossa selva de patentes e direitos autorais

Permitam-me acrescentar que estas orientações eficientes se baseiam num processo de tomada de decisão política baseado na formação e na acumulação de experiência a todos os níveis. Os chineses comentam com diversão como nos EUA Trump foi eleito sem qualquer ideia de como funciona a administração pública e, essencialmente, reduziu os níveis de pagamento de impostos do mundo corporativo que apoiou sua campanha e recorreu a declarações agressivas de política externa. Xi Jin Ping tinha ampla experiência em nível municipal, familiarizando-se com os desafios diários das famílias simples, e gradualmente ascendeu à sua posição atual à medida que adquiria uma compreensão mais profunda do funcionamento geral da administração pública. E a China forma os seus quadros, tradição que na realidade é milenar na história do país.

Tão importante quanto, ou até mais, os administradores chineses entendem claramente que não estão respondendo a uma situação, mas a um movimento acelerado de mudança. É uma abordagem pragmática, mas não simplificada. Quando Keyu Jin se refere a "além do socialismo e do capitalismo", ela se refere menos a um novo sistema do que à flexibilidade de adaptação aos desafios em evolução. No geral, a questão-chave pode ser que, em vez de confiar em simplificações ideológicas egoístas, como privatização e desregulamentação, a China está profundamente consciente de que está administrando uma realidade em rápida transformação, e não fica congelada em interesses cristalizados. Eles aprenderam a gerenciar um processo de transformação dinâmica. Eles não estão esperando pela mão invisível.

40 - Enfrentar a pobreza: um desafio moral e uma questão prática

Tínhamos o programa Fome Zero no Brasil, hoje chamado de Bolsa Família, basicamente dinheiro para a base da sociedade. É um enorme sucesso, reduzindo o sofrimento e melhorando tantos outros programas sociais, além de estimular a economia em geral. Poderíamos pensar nisso em escala mundial?

"As long as the economy is driven mainly by profit maximization, it will respond to the demand expressed by the richest groups of society, leading to extractive forms of production that worsen social exclusion in the name of creating more wealth, and it will fail to fulfil the rights of those in poverty."
Olivier de Schutter – *Erradicar a pobreza para além do crescimento* – ONU, 2024[288]

Lembro-me de participar das primeiras reuniões, em 2002, no Instituto Lula, preparando o que viria a ser o programa Fome Zero. Parecia extremamente ambicioso, pois levar dinheiro às camadas mais baixas da sociedade era algo que parecia inalcançável. Havia participado das primeiras tentativas na década de 1990, com Ruth Cardoso, nas antigas discussões do Comunidade Solidária. Com Lula eleito, sua primeira prioridade, garantir que todos pudessem desfrutar de três refeições por dia, em particular as crianças, decolou com força surpreendente. Conseguir dinheiro para as necessidades básicas das camadas mais baixas da sociedade é impressionantemente barato, custando na época cerca de 0,5% do PIB e reduzindo drasticamente o sofrimento dos pobres.

Com a condição de manterem seus filhos na escola e vacinados, gerou-se uma enorme melhoria na qualidade de vida de grande parte da sociedade e isso representou um investimento no futuro do país, não foram "custos", como afirmava a oposição. Em dez anos, um país tão profundamente desigual como o Brasil foi retirado das estatísticas de fome da FAO. Atualmente chamado de Bolsa Família, continua sendo um programa-chave do terceiro governo Lula. Os custos em 2025 giram em torno de 1,5% do PIB. A sonegação fiscal, principalmente dos ricos, é de 6% do PIB, e as renúncias fiscais, de 5%. Quão gananciosos podemos ser? Em termos éticos, sociais e econômicos, a ganância é burra. O que funciona é a inclusão produtiva.

O sucesso que vimos não deve nos fazer esquecer os ataques massivos da época. Um deles era que, se os pobres recebessem dinheiro de graça, não trabalhariam, a preguiça natural os dominaria. O que aconteceu foi o inverso: retirados de condições desesperadoras, eles saíram do que o Banco Mundial chama de "armadilha da pobreza". Particularmente forte na época era o argumento moral de que receber algo da sociedade de graça era uma vergonha, era preciso lutar

[288] *"Enquanto a economia for impulsionada principalmente pela maximização do lucro, ela responderá à demanda expressa pelos grupos mais ricos da sociedade, levando a formas extrativas de produção que agravam a exclusão social em nome da criação de mais riqueza, e deixará de assegurar os direitos daqueles que vivem na pobreza."* (Tradução nossa) Olivier de Schutter, Relator Especial da ONU – *Eradicating poverty beyond growth* – ONU, Conselho de Direitos Humanos – 18 de junho a 12 de julho de 2024 -A/73/396

por isso. O que os ricos ou os bem de vida parecem esquecer é que a economia é uma construção social, e o livre acesso a bens e serviços públicos, que representam mais de um terço do bem-estar econômico familiar, já é um fato.

As pessoas odeiam impostos, mas adoram ter uma rua bem cuidada e uma universidade gratuita para os filhos. A renda básica é apenas um complemento. E o que é particularmente importante é que ela não é um dreno para a economia: os pobres não colocam seu dinheiro em papéis financeiros nem o enviam para paraísos fiscais: eles gastam, estimulando a demanda e a economia como um todo. No Brasil, calculamos que um real investido no Bolsa Família gera um aumento de 1,85 real no PIB. Mas os ricos chamam isso de "gasto", enquanto o dinheiro que extraem da economia real e transformam em renta financeira chamam de "investimento". A ciência econômica se tornou uma narrativa de justificativas.[289]

O dinheiro na base da sociedade funciona. Podemos pensar em construir um Bolsa Família em escala mundial? Como visto, o programa Norte-Sul elaborado em 1980, também chamado de Relatório Brandt, apresentou as principais linhas do que poderia ser um desenvolvimento inclusivo em escala global.[290] Nós avançamos desde então, com a cúpula global do Rio-1992 e tantos relatórios, que levaram aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável de 2015, a Agenda 2030. Certamente temos os recursos financeiros para fazê-la funcionar, mas não a vontade política. A Agenda deveria garantir que transferissemos 100 bilhões de dólares para que os países mais pobres pudessem combater as mudanças climáticas. Nunca alcançamos essa quantia, enquanto os estimados 20 trilhões de dólares em paraísos fiscais representam 200 vezes mais. Apenas dinheiro dos ricos. Os ricos evitam impostos, mas os pobres os pagam incluídos no preço do que compram. Portanto, o problema não é a falta de dinheiro, mas o acesso a ele e seu uso adequado. Esses são números simples, mas nos dão uma ideia de quão absurdo o sistema se tornou.

Temos pontos de referência globais. Sabemos que estamos indo ladeira abaixo: para evitar a catástrofe global, precisamos construir uma sociedade que seja não apenas economicamente viável, mas também socialmente justa e ambientalmente sustentável. É uma necessidade, não uma opção. Um segundo ponto de referência é que, como mencionei várias vezes, por ser um elefante no meio da sala, temos todos os recursos financeiros necessários. O que produzimos é suficiente para que todos vivam com conforto, levando uma "vida próspera", como diz Tom Malleson. Nosso problema não é econômico, mas de organização social e política.

Um terceiro ponto é que, se considerarmos as fortunas do 1% mais rico, basicamente dinheiro especulativo financeiro, um total de cerca de 250 trilhões de dólares, com um imposto de 2%, poderíamos dobrar a riqueza da metade mais pobre da população, estimada em meros 5 trilhões. Sim, a desigualdade explodiu e está nos matando. Como as fortunas financeiras recebem cerca de

---

[289] Sobre o impacto da promoção do rendimento básico, ver *Social mobility and CCT programs: The Bolsa Família program in Brazil – "Depois de 14 anos, 64% deles deixaram os programas sociais, 45% ingressaram no mercado de trabalho formal."*
https://www.extraclasse.org.br/movimento/2024/08/bolsa-familia-promove-mobilidade-social-e-gera-dividendos-fiscais-a-uniao/

[290] Willy Brandt - *North-South: a Programme for Survival*, The MIT Press, 1980 – Embora conhecido como Relatório Brandt, o documento foi uma impressionante organização em escala mundial de diferentes visões.

7 a 9% ao ano, elas ainda estariam enriquecendo. O imposto de 2% sobre essas fortunas está sendo discutido em todas as reuniões globais, particularmente com o relatório Zucman, na tentativa de construir influência política suficiente.[291]

Nos anos em que trabalhei em países pobres — sete deles na África — organizando programas de desenvolvimento, enfrentei o óbvio absurdo da AOD (Ajuda Oficial ao Desenvolvimento) ser transferida para governos – não para pessoas – que a utilizavam em grande parte para pagar os juros crescentes de sua dívida externa: a "ajuda" dificilmente saía dos países de origem. E a ajuda também estava vinculada a compras nos países de origem: lembro-me da França ajudando um governo africano se este concordasse em usar o dinheiro para comprar barcos de pesca franceses, dos quais, na época, havia superávit. O dinheiro ficaria na França, e os barcos de pesca eram uma escolha francesa. A Suécia foi um dos poucos países que nos permitiu usar o dinheiro para o que precisávamos e de qualquer país. Carlos Lopes, da Universidade da Cidade do Cabo, traz a discussão à realidade: "O sistema financeiro vigente canaliza desproporcionalmente o financiamento para esforços de mitigação, ignorando necessidades cruciais de adaptação, relegando assim os países vulneráveis a fontes de financiamento limitadas e escassas, dependentes de empréstimos concessionais e da AOD."[292]

Dinheiro indo diretamente para a população é uma questão diferente. A vantagem que temos atualmente é que é possível transferir dinheiro virtual diretamente para os mais necessitados. Temos enormes quantidades de dinheiro improdutivo estagnado no topo e enormes necessidades na base. E temos conectividade global e sistemas de transferência financeira fáceis, mesmo para quantias muito pequenas. A revolução digital não é apenas para Musks e Zuckerbergs; ela pode ser usada para uma transformação social e econômica baseada em rede. Com os anos de experiência e a escala das operações no Brasil, temos o conhecimento necessário e muitas lições para compartilhar.

Por exemplo, como Yunus aprendeu com a experiência do Grameen Bank em Bangladesh e outros países, canalizar o dinheiro diretamente para as mulheres é muito mais produtivo, em termos de como elas o usam, do que deixá-lo para os homens. Essa também foi a opção brasileira. Organizar um cadastro sólido (Cadastro Único) de informações sociais no Brasil tornou-se útil também para outros programas sociais, em saúde, educação, segurança e outros serviços. Também nos levou a descobrir um grande número de indivíduos totalmente sem registro, sem sequer uma certidão de nascimento, os estratos sociais marginalizados. A distribuição gradual do dinheiro para onde ele é necessário racionalizou, assim, uma série de programas sociais mais amplos, melhorando a produtividade sistêmica geral. Este é o verdadeiro *trickling-down*, na realidade um *flow-down,* não a narrativa neoliberal. Reduziu a pobreza e estimulou o crescimento: o PIB cresceu 3,8% ao ano durante os primeiros governos Lula. O Banco Mundial chamou o período de 2003 a 2013 de "a década de ouro do Brasil".[293]

---

[291] Le Monde Diplomatique Brasil, 30 de junho de 2024

[292] Carlos Lopes e outros, *Climate and Development,* parte 7, Universidade da Cidade do Cabo, julho de 2024 -https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/dpr.12810 – O seu blog, *Running like a cheetah*, traz excelente material.

[293] Sobre políticas inclusivas no Brasil, ver L. Dowbor e Bruno Barbosa Cezar – *Distribuição e exclusão na política econômica* – Latin-American Perspectives, setembro de 2022,

Globalmente, temos os recursos, a tecnologia, sabemos o que precisa ser feito. E acontece o inverso: o dinheiro está indo para o topo mais do que nunca, a tecnologia é usada para poder e manipulação globais, bem como para especulação financeira global. A motivação política foi capturada no topo. Os dramas das mudanças climáticas estão batendo na nossa porta, e também nas nossas telas, mas a desigualdade social parece menos dramática, os pobres são invisíveis. Eu diria que a maneira como Lula começou, com a fome e a pobreza extrema como a razão mais urgente para a mudança, pode ser a saída em escala global. Os 17 ODS representam o programa completo, o que temos que fazer, mas uma luta global para reduzir a fome pode ser um ponto de partida geral para que as coisas andem. Uma motivação simples e poderosa com a qual as populações possam se identificar, gerando impulso político, que é o que mais precisamos.

E Lula levou essa luta à escala mundial. Nas reuniões do G20 e das COPs, bem como no discurso de abertura da Assembleia Geral da ONU, tanto os impostos sobre bilionários quanto a questão da fome estão em pauta. Essas são prioridades óbvias, e o resultado será tornar o dinheiro especulativo útil e reduzir o sofrimento dos pobres, além de estimular a economia de ambos os lados. Tributar a renda financeira sugere que os bilionários poderiam fazer algo útil com seu dinheiro, enquanto a melhoria do poder de compra dos pobres gera demanda e dinamização da produção. Norte-Sul novamente. Isso não é uma ilusão; é a saída.

A fome, claro, não é o único problema, mas é mobilizadora. As estatísticas atuais mostram que temos 750 milhões de pessoas passando fome e mais de 2 bilhões em situação de insegurança alimentar. O relatório da UNICEF, OMS e Banco Mundial, de 2025, mostra o drama das crianças de menos de 5 anos no mundo:[294] As últimas estimativas revelam que 150,2 milhões de crianças de menos de 5 anos prejudicadas no crescimento (*stunting*); 42,8 milhões com desnutrição (*wasting*), inclusive 12,2 milhões com desnutrição grave; e 35,5 milhões afetadas por sobrepeso.” Lembremos que a obesidade infantil resulta de má alimentação. Essa é a dimensão do drama. O progama de IA DeepSeek me fornece a estimativa de que a fome leva a que 5,6 milhões de crianças morram de fome anualmente. Não os matamos, deixamos que morram, sob olhar dos seus pais. O holocausto, uma tragédia, atingiu 6 milhões de pessoas, em 6 anos, aqui a cifra é anual. Essas são as proporções.

Além do drama óbvio e do sofrimento chocante que isso representa, mobilizar recursos para enfrentá-lo tende a ter um efeito de disseminação sobre muitos outros ODS, sejam eles econômicos, sociais ou ambientais. É uma questão mobilizadora. Estou farto dessas mensagens na TV, sobre como poderíamos ajudar uma criança faminta em algum campo de refugiados com alguns dólares. Ser reduzido a esse nível de indiferença é bestialidade, quando sabemos perfeitamente que as soluções devem ser sistêmicas, envolvendo governos, organizações internacionais e ONGs, colocando a questão da fome diante da abundância, e particularmente os milhões de crianças que sofrem, como uma prioridade em escala mundial.

---

https://dowbor.org/2022/10/brasil-enfrenta-mais-do-que-a-pandemia-distribuicao-e-exclusao-na-politica-economica.html

[294] Unicef, WHO, World Bank Group – *Joint Malnutrition Estimates 2025 Edition* - https://s0mjq.mjt.lu/nl3/QR0EPsGQmj_YOFuuQLtlqw?m=AWwAAHdE0ugAAc40q7wAA53c9NYAAYDOtb8Anb2nACX-xgBogkYxPotvyklqQjWrvtIjhG2bgQAayHg&b=8c9785c0&e=8ca1f02b&x=Qq6wIycAzasUssigd9M1wZ9AgeGO5y8TQABl-Qc3G7Q

Uma questão econômica, social, política e moral? Certamente. Como podemos tolerar crianças morrendo de fome? Não é apenas imoral, é estúpido. Tom Malleson afirma isso claramente: "A razão última e fundamental pela qual a desigualdade econômica é errada é que os seres humanos têm o mesmo valor moral e, portanto, devem ter o mesmo direito de acessar as condições materiais necessárias para viver uma vida boa e próspera."[295]

Você pode começar com valores baixos, para que os ricos não fiquem tão desesperados com o fato de que outras pessoas recebam dinheiro de graça em vez deles, e aumentar e ajustar isso progressivamente. Em escala mundial, o imposto de 2% sobre bilionários certamente ajudará. A renda básica não apenas aumentará a Felicidade Interna Bruta e estimulará a economia; ela nos colocará no caminho moral correto. Nossa atual prosperidade global é uma construção social, e a sociedade deve se beneficiar dela.

[295] Tom Malleson, *Against Inequality,* Oxford University Press, 2023

41- As profundezas da natureza humana

Certamente somos uma espécie inteligente, mas o uso que fazemos dessa inteligência atinge níveis impressionantes de estupidez e crueldade. A ideia-chave aqui é que devemos nos concentrar nas próprias raízes da bestialidade humana, em vez de sermos pressionados a decidir de que lado devemos estar em tantos conflitos e polarizações.

"We must call for the redistribution of concentrated capital to meet the minimum standards of living for all humans."[296]
Peter Phillips, Titãs do Capital, 2024, p.224

Não há como justificar o divórcio entre a análise social e econômica e o que somos como seres humanos. E, por gentileza, perdoem os economistas por essa simplificação ridícula de que somos apenas indivíduos monofásicos que maximizam lucros. Somos uma sociedade. Mas a humanidade progrediu? Certamente somos magos da tecnologia e demonstramos uma capacidade científica e cultural impressionante, mas seremos, em termos simples, melhores humanos? Não muito diferentes, certamente, de alguns milhares de anos atrás. Calcule 25 anos para uma geração; isso nos torna, de pai e avô até os tempos de Jesus Cristo, apenas 40 pessoas. O mesmo ser humano que se divertia assistindo a crucificações, mas agora com tecnologias imensamente mais poderosas. Alguma mudança?

A tortura certamente progrediu, com a prática de empalamento, queima de pessoas vivas, as técnicas descritas durante a Inquisição (Malleus Maleficarum), até os moderníssimos sistemas de tortura usados pelos franceses na Indochina e na Argélia, depois pelos Boinas Verdes no Vietnã, ou a tortura em massa de Abu Ghraib no Iraque, o Pau de Arara brasileiro, enterrando pessoas vivas, o sistema de cortar mãos na Arábia Saudita, Guantánamo tão confortavelmente ao lado, a alta tecnologia do Mossad na Palestina – não, nada mudou, exceto a tecnologia.[297] A capacidade de gerar dor progrediu, mas não os valores. Não precisamos dar alguns passos para trás e refletir sobre o que somos, como humanos?

Estudei história mundial durante anos, e a bestialidade humana é bastante constante, mesmo que tenhamos tido algumas janelas temporárias de organização social civilizada. Lendo livros sobre Alexandre, o Grande, os romanos, as Cruzadas, Genghis Khan e seus seguidores, o colonialismo, o tráfico de escravos, os massacres no Congo (milhões, com o sistema de cortar mãos como medida estatística, usado pelos belgas), todas essas guerras na Europa – quão glorioso Napoleão, quão romântico Guerra e Paz –, a bárbara Conferência de Berlim desmembrando colônias, as

[296] "*Devemos apelar à redistribuição do capital concentrado para responder aos padrões mínimos de vida para todos os seres humanos."* (Tradução nossa)

[297] O uso atual generalizado da tortura por parte do governo norte-americano está documentado entre outros por Tim Weiner, em *The Missions: the CIA in the 21st Century,* Mariner Books, New York, 2025. Oficialmente chamam a tortura de "*enhanced interrogation techniques*", técnicas avançadas de interrogatório. Hoje continuam a utilizar a tortura de forma generalizada, mas localizada preferencialmente "*black sites*", locais fora dos Estados Unidos negociados com diversos países. Vejam por exemplo na página 86 a descrição detalhada das "técnicas avançadas".

Guerras Mundiais. Mais da metade dos médicos na Alemanha se filiou ao Partido Nazista. Isso não é sobre anormalidade, é sobre quem somos.

Atualmente, temos enormes campanhas de comunicação de alta tecnologia para justificar qualquer coisa. Na América Central e do Sul, tivemos tantas mortes, tanta tortura, em nome da democracia. Na Ásia, o drama indonésio é apenas um exemplo – na minha juventude, lembro-me de um jornal na Reader's Digest comemorando uma vitória sobre o comunismo, omitindo os milhões de mortos. Ler *The trial of Henry Kissinger* (O julgamento de Henry Kissinger) de Christopher Hitchens é um exercício para aprender como a bestialidade, a comunicação e a hipocrisia se misturaram para nos manter em silêncio. "Façam isso rápido" foi o conselho que Kissinger deu aos diferentes ditadores, sobre tortura e assassinatos. Dr. Kissinger!

Não se trata de qual lado é culpado, mas sim de uma discussão sobre *o homo sapiens.* Bestialidade, mentiras descaradas, hipocrisia e pretensões hipócritas sempre estiveram presentes nas mais diversas civilizações, culturas, instituições e estruturas jurídicas. Não há como evitar trazer o problema para a natureza humana. Barbara Tuchman, em sua *A Marcha da Insensatez,* nos trouxe excelentes exemplos, mesmo que basicamente sobre tempos mais recentes, como a Guerra do Vietnã. Ela mostrou que nenhum dos quatro presidentes americanos que contribuíram para a guerra jamais acreditou que ela fosse vencível. Eles acreditavam na Teoria do Dominó tão propagada – se o Vietnã caísse nas mãos dos comunistas, toda a Ásia cairia – para justificar o massacre, o bombardeio? Bem, o Vietnã venceu, e não aconteceu nenhum efeito dominó. Algum tomador de decisão acreditou nas armas de destruição em massa no Iraque? No momento em que escrevo, temos Ucrânia, Gaza, Sudão, Iêmen, Mianmar, só para mencionar os mais óbvios. Os EUA têm 4% da população mundial, mas 25% da população carcerária global, majoritariamente jovens negros e latinos — mas apontam o dedo para a China. No Brasil, em 2024, a polícia matou uma média de 17 pessoas por dia. Direitos humanos?

Não tenho prazer em mencionar esses poucos exemplos da nossa bestialidade humana, mas tenho leitura e idade suficientes para sugerir que os humanos são uma espécie perigosa, e particularmente perigosa para si mesmos. Yuval Harari sugeriu repetidamente que as outras espécies humanas que existiram antes de nós desapareceram em um tempo e de uma maneira que indicam participação do atual homo sapiens... Nós exterminamos tantas populações indígenas, com armas, leis e bíblias combinadas. Não é que os humanos sejam apenas maus, mas que temos uma estrutura básica de DNA que nos impele à violência, em suas mais diversas formas.[298] A bestialidade é uma característica não de monstros humanos deformados, mas do homo sapiens comum. A análise de Hannah Arendt sobre a normalidade de Adolf Eichmann é característica, assim como o título: *Eichmann em Jerusalém: Um Relato sobre a Banalidade do Mal.*

Somos autores e espectadores deste drama global, nossa *catástrofe em câmera lenta,* como tem sido chamada. Estamos causando e sofrendo os absurdos. A dimensão econômica é central, porque define o que produzimos, para quem e com quais impactos ambientais. Um lembrete óbvio é que há o suficiente para todos. Sim, é simples assim. Nosso problema pertence à esfera da organização social e política, ao chamado processo de decisão, não à escassez. Não

[298] Luis Marques se refere à agressividade primal ínsita (inserida pela natureza) em nossa espécie, em seu excelente artigo: *Assim Israel cava a própria ruína* – Outras Palavras, 23 de junho 2025

precisamos de tanto sofrimento. A economia precisa ser adaptada para atender às nossas necessidades, porque hoje não atende: ela está agravando os dramas econômicos, sociais, políticos e de violência.

Será que os bilionários, os economistas, os analistas, a mídia e tantas instituições, inclusive instituições de pesquisa acadêmica, não sabem disso? Será que esses idiotas de alta tecnologia, como eu chamo os bilionários atuais, desconhecem o sofrimento no mundo? Será que eles não poderiam fazer algo a respeito, em vez de brigar para ver quem está no topo das listas da Forbes ou da Fortune? Sim, eles publicam suas contribuições para a caridade e seus princípios ESG, e pagam centavos por diferentes tipos de fraude, mas mantêm o sistema forte, financiam os think tanks mentirosos, alimentando o processo destrutivo. Eles entoam *A Ganância é Boa (Greed is Good),* enquanto milhões de crianças morrem de fome todos os anos. Você consegue ver isso e não voltar ao básico, ao que é esse homo sapiens? Certamente temos essa natureza sombria e lampejos generosos, mas como sistema social, estamos nos destruindo.

Uma sociedade global, de alta tecnologia, próspera e informada indo por água abaixo. E tudo bem, desde que encontremos um culpado, "o outro lado". E está tudo bem no topo da escala social, desde que a corrida seja emocionante. Stiglitz enfatiza, com razão, a erosão da responsabilidade pessoal: "A ação coletiva que é central para as corporações mina a responsabilidade individual. Foi repetidamente observado como nenhum dos responsáveis pelos grandes bancos que levaram a economia mundial à beira do colapso foi responsabilizado por seus malfeitos. Como é possível que ninguém seja responsável? Especialmente quando houve malfeitos da magnitude dos que ocorreram nos últimos anos?[299]

A teia em que nos metemos tem muitos fios pegajosos. Uma questão fundamental é a deformação do sistema jurídico. Desde 2010, nos EUA, as corporações têm permissão para financiar candidatos políticos, o que as levou a ter poder sobre a aprovação ou extinção de leis. A fixação absurda de preços dos produtos farmacêuticos comprados pela esfera pública é apenas um exemplo, em uma economia supostamente regida por mecanismos de livre mercado. No Brasil, isso levou, por exemplo, à isenção de impostos sobre lucros e dividendos distribuídos. Em vez da regulação pública dos interesses privados, o controle geral foi invertido.

O suposto livre fluxo de informações foi substituído pelas gigantes da mídia digital, levando à atual explosão da indústria da atenção e ao poder generalizado dos GAFAM sobre a opinião pública. Isso é muito mais do que marketing; é um sistema de manipulação global baseado na captura da atenção individual por meio de análises comportamentais individualizadas, operadas por algoritmos. Max Fisher, novamente, apresenta uma análise poderosa em em seu livro "*The Chaos Machine*" (A Máquina do Caos).

A educação, em vez de levar a nova geração a uma compreensão crítica dos desafios que enfrentamos como humanidade, centra-se na competição e no sucesso individual, em como subir na hierarquia para conseguir um bom emprego. Você deve se encaixar no sistema, não analizá-lo,

[299]Joseph Stiglitz – UM Forum on Business and Human Rights – 2013
-http://www.ohchr.org/Documents/Issues/Business/ForumSession2/Statements/JosephStiglitz.doc

e muito menos considerar o que essa ideia de sucesso significa. Estimular a capacidade técnica é bom, mas entender para que essa capacidade será usada, em benefício de quem, com qual impacto social e ambiental, é fundamental. A capacidade técnica e os valores correspondentes são igualmente necessários, mas a parte dos valores foi erodida, considerada "muito política". Pulando de um canal de TV para outro, somos invadidos basicamente pelos mesmos conteúdos que maximizam a atenção, com a indicação no topo da tela: “cenas de violência, sexo e drogas.” Hollywood busca o que dá mais bilheteria, mais TV. Estamos grudados às telas, em uma indústria cultural onde a arte, a criatividade e os valores derivam para ativos comerciais.

Voltando a uma ideia-chave neste livro, o fato é que essas deformações funcionam porque exploram nossas forças mais poderosas de engajamento social: a sexualidade, o ódio, o pertencimento a um clã em detrimento de outros, o sentimento de superioridade, a excitação em massa. Se essas são as forças mobilizadoras mais poderosas que sentimos como humanos, e se os diferentes sistemas de organização social aprenderam a navegá-las e a maximizá-las, voltamos à questão do homo sapiens. Ver na TV um Bolsonaro ou um Trump proclamar a sua legitimidade política apontando o indicador para o céu, e invocando Deus, francamente...

Não subestimem as forças sombrias dentro de nós. Um livro pouco conhecido de Charles Darwin, “*A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais*”, nos lembra de nossas raízes mais profundas. Comparando nossas expressões de acordo com as emoções que sentimos, particularmente ódio, fúria, medo, desprezo e outras, Darwin encontrou reações físicas e emocionais semelhantes e descontroladas nos primatas. Trata-se de mecanismos profundos enraizados em nosso DNA (MAOA, DAT1, DRD2) e no de diferentes primatas, e hereditários. Nada muito novo sobre isso, mas não há como evitar o fato de que os bonobos têm pouca agressão em seu DNA, os chimpanzés têm muita, e os humanos, pelo menos na versão atual do homo sapiens, têm uma quantidade enorme. Liberdade do mais forte não é liberdade, precisamos de regras.

Alguns cães são muito agressivos, outros não. Você pode criá-los para serem menos agressivos, mas um pit bull exigirá muitos cuidados. Somos uma espécie muito agressiva e atualmente estamos equipados com alta tecnologia. Não se trata de algumas “maçãs podres”. Sim, somos muito inteligentes. Mas o que fazemos com a inteligência pertence a um universo muito além da inteligência. Quão inteligente foi a ideia do cavalo de Troia, quão espertos eles eram, mas sobre o que mesmo foi toda essa guerra? Quão espertos esses bilionários, juntando todas essas fortunas, enquanto o planeta está indo por água abaixo. Temos que trabalhar nas raízes dos nossos desastres, e não é falta de inteligência, mas falta de orientação sobre para que a usamos. Seja para Esparta ou Kiev, não me pergunte de que lado estou. É bestialidade, mesmo que tenhamos drones tão inteligentes hoje em dia. Devemos mobilizar nossa inteligência para superar a violência, não para torná-la mais eficiente. Pessoas indefesas estão morrendo do mesmo jeito. Tornar-se civilizado não é sobre mais tecnologia. É sobre nós. E sim, Gaza me deixa doente!

42 - Uso político e comercial da espiritualidade: Deus Inc.

A espiritualidade é altamente respeitável, mas com tantas pessoas acreditando em uma variedade de deuses, as crenças se tornaram um poderoso ativo comercial e político. Com os sistemas de comunicação modernos e tantas pessoas desorientadas pela erosão de valores e pela desagregação das famílias, a manipulação religiosa tornou-se um dos principais instrumentos de poder econômico e político.

"Credulity may be a form of innocence, and even innocuous in itself, but it provides a standing invitation for the wicked and the clever to exploit their brothers and sisters, and is thus one of humanity's great vulnerabilities."
Christopher Hitchens[300]

"Expedito esse deos, et, ut expedito, esse putemus"
Ovídio, *Arte de amar*, (2 d.C.)[301]

A riqueza dos templos, das igrejas, das catedrais e dos vários mosteiros é impressionante. Lembro-me de visitar a Hagia Sophia em Istambul; é absolutamente deslumbrante. As várias civilizações da antiguidade semearam o mundo com obras comoventes, e a Grécia e a Itália impressionam nesse sentido. Mas o papel econômico e político de muitas igrejas é igualmente poderoso. O fato de tantas terras na Europa medieval pertencerem a várias ordens religiosas significou que, com a Reforma no século XVI, a reapropriação de terras desempenhou um papel importante. E a religião cumpriu um papel crucial na justificação da escravidão, do colonialismo e das invasões. No Vietnã, religiosos abençoaram as armas que os americanos usariam para massacrar as populações.

Hoje em dia, com o poder da comunicação online e da TV, a religião tornou-se uma grande indústria, e é simplesmente barato alcançar bilhões de pessoas com mensagens comoventes — bem como receber o retorno financeiro. A dimensão industrial nos EUA é impressionante e, sem dúvida, faz parte da construção do poder político, aproveitando uma agenda que cativa os menos informados— a da sexualidade, da moral cristã e similares — enquanto justifica a desigualdade e a opressão. No Brasil, Edir Macedo acumulou uma fortuna pessoal de 1,5 bilhão de reais. Como é difícil para nós, mortais, imaginarmos uma fortuna desse tamanho, considere que, investido em títulos públicos brasileiros, ele aumenta sua fortuna em mais de 600 mil reais por dia. Sim, faça a conta. A capacidade financeira de manipular as pessoas aumentou radicalmente. Muitas pessoas abaixam a cabeça e seguem em frente. Elas não escolhem o caminho, são seguidoras e aderem. É muito mais fácil... A espiritualidade é respeitável. Menos respeitável é a apropriação do sentimento religioso para interesses políticos e econômicos.

---

[300] *"A credulidade pode ser uma forma de inocência, e até mesmo inócua em si mesma, mas constitui um convite permanente para que os perversos e os espertos explorem os seus irmãos e irmãs, sendo, portanto, uma das grandes vulnerabilidades da humanidade."* Christopher Hitchens, *God is not Great,* 12, Nova York, 2007, p.161

[301] *"É útil que existam deuses, e já que é útil, pensemos que existem"* – Ovídio, *Arte de Amar* – Quetzal, Lisboa, 2023, p.85

O uso político das crenças sempre nos acompanhou. Desde os primeiros ritos na Mesopotâmia, cinco mil anos antes de Cristo, passando pelos deuses do Egito dos faraós, os tumultuosos deuses gregos em permanentes querelas e paixões – tão humanas – até a narrativa da Bíblia dos judeus, e mais recentemente o cristianismo, o islamismo ou o hinduísmo, sem falar da bancada evangélica no Brasil de hoje, sempre tivemos o uso da espiritualidade das pessoas como instrumento de poder político. Quando Constantino, no ano 324 da nossa era, fez do cristianismo a religião do império, ele simultaneamente fortaleceu seu poder político e garantiu poder político aos que já eram os "bispos", a Igreja de Roma. De perseguida, a Igreja se torna perseguidora, dona do poder. J.M. Roberts, em seu *History of the World,* descreve elegantemente a mudança: "A Igreja se vestiu de púrpura imperial."[302](228) Com a religião associada ao poder, a religiosidade torna-se uma imposição, e ai de quem não aderir. O uso da religiosidade como instrumento de poder remonta a milênios antes de Cristo.

Roberts, ao analisar as grandes civilizações do mundo, mostra como praticamente todos os regimes políticos usaram a religião para se legitimar, numa troca de vantagens entre a capacidade dos governos de consolidar o poder político e a capacidade do clero de estabelecer seu poder espiritual. Não é de se admirar que a luta mais recente pela democracia tenha sido, e continue sendo, uma luta pelo Estado laico, pela separação de poderes. A conivência do poder político, apoiado pelo poder militar, com o poder espiritual, apoiado pelas diversificadas estruturas do clero ao longo dos milênios de nossa história, levou, sem dúvida, populações a aceitarem as diversas narrativas de deuses, convertendo-se inclusive sob pena de morte em tantas "civilizações". Hoje, ainda estamos na pré-história, e não apenas no Afeganistão.

A capacidade de mobilizar pessoas para a violência, por meio da religião, também é parte importante do fanatismo em que as crenças podem se transformar. A tragédia dos muçulmanos na Índia, que afetou milhões, é característica, e hoje a polarização religiosa continua a servir de trampolim político para a direita, por exemplo, em Israel. A recente guerra no território da antiga Iugoslávia usou diferenças religiosas para estimular massacres terríveis, com Milosevic e outros personagens. No passado, com as diversas guerras religiosas, as cruzadas, tudo era justificado como vontade de Deus, inclusive os saques.

Os Templários da Prússia massacraram as populações da Europa Oriental em nome de lhes levar a mensagem de Cristo. O filme *Alexander Nevsky*, de Eisenstein, é um belo documento. Séculos depois, o exército alemão nazista usou o slogan "*Gott mit uns*", Deus está conosco. Na Guerra Civil Americana, os defensores da escravidão tinham um lema semelhante: "*Deo Vindice*". O sionismo navega pela religiosidade. O livro *A fé e o fuzil,* de Bruno Paes Manso (2023), é um estudo impressionante sobre como o sentimento religioso foi entrelaçado ao populismo de direita com milícias, polícia e partidos políticos no Brasil.[303] Não tomarás o nome de Deus em vão?

Particularmente forte, como elemento de adesão aos preceitos religiosos, é a regulação das atividades sexuais, e até mesmo dos pensamentos. Nas mais diversas crenças, Deus define os comportamentos amorosos, com a interpretação detalhada dos machos terrestres. Isso envolve padres, rabinos e tantos "intérpretes" da suposta vontade divina. A associação da sexualidade

[302] J. M. Roberts –*History of the World* – Imprensa da Universidade de Oxford, 1993
[303] Bruno Paes Manso – *A Fé e o Fuzil: crime e religião no Brasil no século XXI* – Todavia, São Paulo, 2023

com o pecado, as práticas de circuncisão ou excisão, a condenação até mesmo da masturbação, a abstenção sexual como prova de virtude, a denúncia e perseguição de qualquer "desvio" sexual, a necessidade de confessar "maus" pensamentos, tudo isso assegura, nas mais diversas religiões – mas felizmente não em todas – um poder de superego vigilante sempre presente nas atrações amorosas. As perseguições e a criminalização que isso envolve são uma desgraça, mas de certa forma atam nosso inconsciente às respectivas religiões e às estruturas de poder correspondentes. As religiões precisam se amarrar nas emoções das pessoas.

O celibato dos padres no cristianismo católico é particularmente nocivo, com os desvios que conhecemos hoje. O fato de as religiões, assim como seus preceitos, serem essencialmente masculinas e criminalizarem as mulheres com particular violência é muito significativo. Sempre houve candidatos para atirar a primeira pedra, é emocionante. E em muitos lugares, como em muitas cabeças, pouca coisa mudou. Culpar as mulheres é uma covardia profunda. A excisão e a infibulação, que ainda afetam milhões, constituem uma barbárie criminosa. O livro *Políticas anti-gênero no momento populista* (2021) detalha as articulações antifeministas modernas em muitos países, mostrando como elas misturam fundamentalismo político e religioso com populismo de extrema direita.[304]

Na minha infância, fui fortemente incutido com a ideia de que sem religião, sem o temor a Deus, as pessoas se tornam descontroladas, selvagens, perigosas. De fato, os seres humanos são perigosos e têm instintos que os transformam em ameaças. Mas não há base para considerar que homens religiosos apresentem comportamentos mais morais, mais cordiais e mais respeitosos do que a média geral. Jonathan Haidt, em seu *The Righteous Mind* (A Mente Moralista), traz uma excelente visão geral dessa complexidade de motivações contraditórias.[305] O que é inaceitável é que a imoralidade seja revestida de legitimidade por meio das religiões, com uma legitimidade emprestada do sagrado, como muitos fazem até mesmo com o conceito de patriotismo. O mau cheiro da hipocrisia envolve esses argumentos. Mas, para muitas pessoas, "temer a Deus" e às ameaças do inferno justificariam a religiosidade. Sinceramente, acredito mais na racionalidade e, em particular, em garantir que cada um de nós tenha o suficiente para uma vida digna. Poderíamos ter os Dez Mandamentos mais realistas. Por exemplo, você respeitará as mulheres, não apenas a mulher do próximo.[306]

O fanatismo é poderoso. Sentimentos religiosos podem dar vazão ao ódio mais visceral em nome dos princípios mais elevados. A caça às bruxas permitiu que tensões fossem canalizadas, e é impressionante encontrar na Bíblia a frase "não permitirás que as bruxas vivam".[307] Também foi amplamente utilizado contra o universo mais amplo de hereges, pessoas que pensavam sobre religiosidade de forma diferente, por exemplo, sendo contra ou a favor de imagens religiosas.

---

[304]Agnieszka Graff e Elzbieta Korolczuk, *Anti-Gender Politics in the Populist Moments* – Routledge, 2021 https://dowbor.org/2024/08/politica-anti-genero-no-momento-populista.html. O livro está disponível gratuitamente para download, em inglês (Creative Commons). Ainda não há edição brasileira.

[305]Jonathan Haidt –*The Righteous Mind: why good people are divided by politics and religion* – Pantheon Books, Nova York, 2012

[306]Para uma versão atualizada dos *Dez Mandamentos*, diante dos desafios atuais, posso sugerir minha visão pessoal: https://dowbor.org/2019/09/atualização-dos-dez-mandamentos-para-as-elites-2019-6p.html

[307]Silvia Federici apresenta uma descrição muito rica em *Caliban e a Bruxa,* Automedia, Nova York, 2015, online (Creative Commons)

Queimar pessoas era emocionante e mobilizador, e a Igreja Católica publicou um manual de tortura para que os acusados confessassem seus pactos com o diabo: o *Malleus Maleficarum* (1486), uma leitura absolutamente impressionante. Ser capaz de liberar o ódio em nome de Deus era muito atraente e, infelizmente, a prática ainda persiste. A KKK usou cruzes, fogo e assassinatos, e alcançou milhões de membros nos EUA. Deus como justificativa.

O interessante é que a forte presença das religiões, nas mais diversas culturas, e com as mais diferentes narrativas, não decorre do fato de haver alguma comprovação da existência do sobrenatural, mas da convergência de um conjunto de motivações: o medo da morte, o desejo de pertencer à sociedade, a construção de uma identidade, mas também da força política aliada ao clero organizado, o poder das narrativas, as mobilizações bélicas, a liberação do ódio, o controle da sexualidade. É um conjunto de fatores que contribui para o peso da religiosidade em diferentes sociedades, e em diferentes épocas. Não se trata simplesmente de ser a favor ou contra, mas de entender um fator dos comportamentos sociais que não podemos ignorar. Vejo isso como a convergência de um conjunto de motivações.

Com a explosão da desigualdade no mundo, à medida que as pessoas se tornam mais inseguras, frustradas e frequentemente angustiadas, recorrer a forças sobrenaturais, mesmo que imaginárias, pode ser útil. Mas justificar argumentos como os propagados sobre “ser o povo escolhido”, como (mas não apenas) os religiosos judeus, o que lhes permitiria dispor de outros povos; a praticidade de explicar o mal através do diabo, ou demônios; a criação de deuses particulares na forma de um santo para cada profissão ou cidade; o prazer de interferir na sexualidade alheia em nome da moralidade ou da fé – uma deformação que atribuo à religiosidade de buraco da fechadura, com o prazer de intervir na intimidade alheia – e, em geral, recorrer ao pensamento mágico diante de infortúnios, seria melhor confrontado com a ação racional para construir uma sociedade mais inclusiva, mas não é surpreendente.

No meu caso, conheci muitas religiões em diferentes países, e tantas narrativas diferentes, de pessoas convencidas de que são elas que conhecem a Verdade, que as vejo como construções humanas. Atribuir a responsabilidade pelo que fazemos aos Deuses, francamente, não é sério, especialmente se considerarmos as guerras, a violência, a exploração, a ganância descontrolada, a fome terrível de milhões de crianças quando temos o suficiente para todos. Devemos assumir nossa responsabilidade, como humanos, pela barbárie do que fazemos. Mas, no geral, tenho certeza de que para muitas pessoas o sentimento de espiritualidade é necessário e profundamente respeitável. O que não é respeitável é o uso político e comercial da espiritualidade, hoje generalizado.

A indústria das crenças é uma atividade vergonhosa, e se expandiu radicalmente com as novas tecnologias da comunicação, permitindo o uso de nossos sentimentos mais íntimos para interesses nada místicos. Não usar a palavra de Deus em vão seria um bom preceito a recomendar a esses vigaristas. E se há algo que os religiosos precisam aprender, ou aplicar de forma generalizada, é a tolerância ao diferente. Os seres humanos são facilmente manipulados e frequentemente justificam o ódio e a violência contra aqueles que qualificam de infiéis, pagãos, ateus, às vezes com diferenças absurdas como entre grupos cristãos ou entre sunitas e xiitas no islamismo. As diferenças são humanas, o ódio ao diferente é patológico. Essa atitude de

tolerância, de compreensão das diferenças, é uma questão de dignidade humana elementar, e exige uma atitude bem-humorada diante daqueles que se julgam donos da verdade, da Verdade.

Uma abordagem de mente aberta pode ser facilmente encontrada na Wikipédia: “Historicamente, o processo de secularização normalmente envolve conceder liberdade religiosa, desvincular as religiões do Estado, parar de usar verbas públicas para religião , liberar o sistema legal do controle religioso, liberar o sistema educacional, tolerar cidadãos que mudam de religião ou se abstêm de religião, e permitir que líderes políticos cheguem ao poder independentemente de suas crenças religiosas”. É apenas bom senso, mas exige uma luta árdua. E o uso político é particularmente perigoso.

43 - Novos e fortes ventos na pesquisa econômica

A economia dominante tornou-se um conjunto de narrativas de justificativa. As taxas de juros seriam aumentadas para nos proteger da inflação, o preço dos medicamentos é alto devido aos custos de pesquisa, a invasão do marketing visa estimular a economia, a confusão envolvendo patentes e direitos autorais visa recompensar a criatividade e assim por diante. Uma nova geração de economistas está trazendo a disciplina de volta à realidade: em vez de justificar o rentismo, a desigualdade e os dramas ambientais, eles estão explicando como as coisas realmente funcionam, e desenham alternativas.

Jeremy Rudd of the US Federal Reserve writes scornfully in his latest book, A Practical Guide to Macroeconomics, that economists' role today is to justify "what elite interests want to do anyway: deregulate, pay fewer taxes, keep wages as low as possible"[308]

Acredite se quiser, Adam Smith ainda está aqui. Não seus escritos sobre sentimentos morais, é claro, mas a história do padeiro: preocupando-se apenas com o próprio lucro, o padeiro fará muito pão, e com qualidade, ou não venderá, e a um preço razoável, ou outra padaria abrirá na vizinhança. Assim, todos trabalhando para maximizar seu próprio lucro, o resultado será o conforto socioeconômico. Bem, isso certamente não funciona para as indústrias Nestlé, BlackRock, Visa ou Koch. Com alcance global, conectividade, dinheiro virtual, paraísos fiscais e marketing comportamental, estamos em outra era.

Embora muitas pessoas conscientes estejam convencidas da catástrofe em câmera lenta que estamos construindo neste planeta, pouquíssimas estão cientes do ritmo acelerado da transformação. Quantos precisarão se afogar em enchentes ou fugir de incêndios até que uma ampla maioria se convença de que a mudança é necessária, e gere força política suficiente para promover transformações estruturais? As gigantescas corporações mundiais, plataformas de comunicação e empresas de gestão de ativos, livres de responsabilidade moral e social, e com o poder das novas tecnologias, estão nos levando para o fundo do poço. Proprietários ausentes (*absentee owners*), prioridades dos acionistas, dinheiro virtual e outros processos modernos, frente aos sistemas de regulação pré-históricos que datam de Bretton Woods, criaram um ambiente de vale-tudo, enquanto a nova geração de tecnologias deu às corporações poder em escala mundial. Isso não é apenas globalização, é uma bagunça global. A maximização dos dividendos para os acionistas impera, quaisquer que sejam as consequências. E economistas tradicionais e severos, obstinados, discutem se a taxa básica de juros deve ser mantida ou

---

[308] *Jeremy Rudd, da Reserva Federal dos EUA, escreve com desdém no seu último livro, Um Guia Prático de Macroeconomia, que o papel dos economistas hoje é justificar "o que os interesses da elite querem fazer de qualquer maneira: desregulamentar, pagar menos impostos, manter os salários tão baixos quanto possível".* (Traduçao nossa.) The Guardian – 28 de abril de 2024 - *https://www.theguardian.com/commentisfree/2024/apr/28/the-guardian-view-on-rethinking-economics-a-disciplina-em-desordem-tem-demasiada-influência-no-reino-unido*

aumentada em meio ponto percentual, apresentando as suas propostas como “técnicas”. Visto na TV, isso transmite uma impressão de seriedade e de expertise. Por favor. Michael Hudson tem toda razão ao chamar isso de “Economia Lixo” (Junk Economics)[309]

Uma questão importante é que interesses privados restritos são muito eficientes em atingir seus objetivos delimitados, enquanto interesses sociais e ambientais gerais são difusos e, portanto, difíceis de defender. As corporações estão plenamente cientes disso, e todas elas afirmam sua adesão aos objetivos sociais e ambientais (ESG), mas interesses pontuais são muito mais imediatos e poderosos, e elas se aproveitam disso. Enfrentamos isso, por exemplo, no Brasil, onde uma grande maioria da população quer preservar a Amazônia, mas a gigantesca indústria da soja, pecuária e madeira, com seus interesses convergentes, se infiltra: são interesses pontuais e penetrantes. É um sistema e funciona, apesar do impacto devastador. Qualquer tentativa de regulamentação leva a gritos de “liberdade em perigo”. Há uma fratura profunda entre como o sistema *deveria* funcionar e o que ele alcança. Basta observar a estagnação dos objetivos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Embora os economistas já discutam há muito tempo em um ambiente técnico fechado, isso está mudando, entre outros motivos porque, à medida que os dramas se aprofundam, mais pessoas não economistas querem compreender as razões da nossa incapacidade de promover a mudança necessária. O enorme sucesso de Thomas Piketty com *O Capital no Século XXI* se deve à sua poderosa demonstração de que o processo de acumulação de capital, o coração do sistema, mudou. Quando as atividades financeiras, por meio de dividendos para proprietários ausentes e altas taxas de juros, rendem muito mais do que o investimento na produção, o capitalismo extrativo assume o controle. Nasce a financeirização. Nesse capitalismo, não é preciso gerar produtos e empregos para enriquecer. As fortunas bilionárias estão explodindo.

Mariana Mazzucato chama este sistema de capitalismo extrativo, pois é basicamente um dreno. Em *O Estado Empreendedor*, ela mostra que as políticas públicas são centrais se quisermos que a economia resgate sua função social; e em *Missão economia*, propõe uma nova abordagem: construir uma convergência entre capacidade empreendedora, coordenação pública e centros de pesquisa tecnológica em torno de questões sociais cruciais — desigualdade, meio ambiente, situações humanas críticas e afins. Não se trata de livre mercado, mas de construir o que precisamos: trata-se de sinergia construída racionalmente. Esperar pela mão invisível é, na melhor das hipóteses, ignorância infantil ou apenas raciocínio interessado.

A contribuição de Joseph Stiglitz tem sido importante para esses “novos ventos” na economia, denunciando o sistema atual como tal:“A experimento neoliberal – redução de impostos para os ricos, desregulamentação dos mercados de trabalho e de produtos, financeirização e globalização – tem sido um fracasso espetacular. O crescimento é menor do que no quarto de século após a Segunda Guerra Mundial, e a maior parte dele se acumulou no topo da pirâmide. Após décadas

[309]Michael Hudson - *J is for Junk Economics: a guide to reality in an age of deception* – Islet-Verlag, 2017

de estagnação ou mesmo queda dos rendimentos para os que estao abaixo, o neoliberalismo deve ser declarado morto e enterrado."[310]

Comentando o desastre da Covid-19, ele traz uma ideia óbvia, mas essencial: a de que os líderes políticos do mundo desenvolvido devem reconhecer "que ninguém está seguro até que todos estejam seguros e que uma economia mundial saudável não é possível sem o resgate das partes mais pobres."[311] Também aqui, e em particular no seu estudo *Reescrevendo as Regras da Economia Americana* (2015), encontramos uma abordagem sistêmica, e a necessidade de os economistas oferecerem diagnósticos e propostas eficazes.

Uma abordagem semelhante pode ser encontrada na contribuição de Felicia Wong, do Instituto Roosevelt: "O ideal neoliberal — de que os mercados criariam liberdade econômica e política e que nossa economia e política deveriam, portanto, privilegiar a escolha privada individual e as empresas do setor privado com fins lucrativos acima de tudo — tem dominado nosso pensamento nos EUA e em todo o mundo há décadas. Os resultados empíricos, no entanto, são claros: o neoliberalismo falhou, dizimando o crescimento econômico e a estabilidade, fomentando desigualdades raciais e de gênero, e esvaziando a própria democracia."[312]

Andrew Osvald e Nicholas Stern trazem os desafios das mudanças climáticas para os economistas: Comentando *Por que os economistas estão falhando com o mundo diante das mudanças climáticas,* eles consideram que "os investimentos das próximas duas décadas são decisivos para o planeta e para o futuro dos nossos filhos e netos. Esses investimentos serão definidos pelas decisões tomadas nos próximos anos. Uma boa economia pode e deve desempenhar um papel fundamental na orientação do quadro político que influenciará essas decisões. É por isso que é tão importante que a nossa profissão acelere o seu trabalho agora."[313]

Jayati Ghosh trouxe contribuições importantes e escreve em C*omo e por que a economia precisa mudar* (2024): "A economia precisa de maior humildade, um melhor senso de história e mais diversidade. A necessidade de mudanças drásticas na disciplina econômica nunca foi tão urgente. A humanidade enfrenta crises existenciais, com a saúde planetária e os desafios ambientais assumindo grandes preocupações...As tensões sociopolíticas e os conflitos geopolíticos resultantes estão criando sociedades que podem em breve se tornar disfuncionais a ponto de se tornarem inabitáveis. Tudo isso requer estratégias econômicas transformadoras. No entanto, a corrente principal da disciplina persiste em fazer negócios como sempre (*business-as-usual*),

---

[310]José Stiglitz – *After Neoliberalism, progressive capitalism* – 2019
https://www.project-syndicate.org/commentary/after-neoliberalism-progressive-capitalism-by-joseph-e-stiglitz-2019-05

[311]José Stiglitz – *CGET Interim report* - Institute for New Economic Thinking – 2021
-https://www.ineteconomics.org/research/research-papers/a-pandemia-e-a-crise-econômica-uma-agenda-global-para-ação-urgente

[312]Felicia Wong –*The emerging worldview: how new progressivism is moving beyond neoliberalism* — Instituto Roosevelt - Janeiro de 2020 -
https://rooseveltinstitute.org/visão-de-mundo-emergente-novo-progressismo-indo-além-do-neoliberalismo/
https://rooseveltinstitute.org/wp-content/uploads/2020/01/RI_EmergingWorldview_report-202001-1.pdf

[313]Andrew Osvald e Nicholas Stern –*Why are economists letting down the world on climate change?*- 2019 -
https://voxeu.org/article/por-que-os-economistas-estão-decepcionando-com-as-mudanças-climáticas-mundiais

como se ajustes marginais com pequenas mudanças pudessem ter algum impacto significativo. É um problema de longa data. Muito do que é apresentado como sabedoria econômica e funcionamento das economias e as implicações das políticas é, na melhor das hipóteses, enganoso e, na pior, simplesmente errado."[314]

Emmanuel Saez e Gabriel Zucman em *Como tributar nosso caminho de volta à justiça*, consideram que "não há nada inerente à tecnologia moderna ou à globalização que destrua nossa capacidade de instituir um sistema tributário altamente progressivo. A escolha é nossa. Podemos tolerar uma indústria inteira dedicada a ajudar os ricos a driblar a tributação, ou podemos optar por regulá-la. Podemos deixar as multinacionais escolherem o país onde declaram seus lucros, ou podemos escolher por elas. Podemos tolerar a opacidade financeira e as inúmeras possibilidades de evasão fiscal que a acompanham, ou podemos optar por mensurar, registrar e tributar a riqueza."[315] O livro deles *The Triumph of Injustice* (Norton, 2019) é um chamado poderoso à ação.

Apresento aqui apenas alguns autores, que utilizei amplamente no presente livro, mas juntando o que eles trazem nos faz entender que há uma onda poderosa que está nos faz baixar para a realidade, apresentando os verdadeiros desafios e soluções possíveis. Trata-se de uma mudança global na ciência econômica, com muitas alternativas claras. Thomas Piketty apresenta um conjunto de medidas na linha do "socialismo participativo", Joseph Stiglitz sugere "capitalismo progressista", Wolfgang Streeck "capitalismo democrático", Mariana Mazzucato "economia de missao", como vimos. Gerald Epstein sugere *Acabar com o Clube dos Banqueiros*[316]*,*Enquanto Robert Reich denuncia o "capitalismo corporativo", Joel Kotkin o "neofeudalismo", Yanis Varoufakis "tecnofeudalismo", Zygmunt Bauman o "capitalismo parasitário", Shoshana Zuboff o "capitalismo de vigilância", Grzegorz Konat o "capitalismo real", Raymond Baker o "nosso sistema falido", Brett Christophers o "capitalismo rentista", Marjorie Kelly a "supremacia da riqueza", Nicholas Shaxson a "maldição das finanças". Bernie Sanders pergunta: "Para onde vamos a partir daqui?", Noam Chomsky pergunta: "Quem governa o mundo?" O relatório da Oxfam em Davos-2024, intitulado *Inequality-Inc (Desigualdade S/A)*, nos traz os números básicos e chocantes.

Eu pesquisei todos esses autores, e o sentimento de que as janelas estão se abrindo e as luzes acendendo traz um grande alívio. De fato, muitas mudanças estruturais ocorreram, muitas nuvens negras estão se formando, para que possamos continuar como sempre, esperando que as coisas se resolvam sozinhas. Uma nova abordagem sistêmica está ganhando força. Os economistas têm um papel importante a desempenhar, e é hora de nossas universidades atualizarem seus currículos. Ainda estamos ensinando o conto de fadas da mão invisível. E no Brasil, retomando a herança de Celso Furtado, também temos uma ampla geração de economistas de pé no chão, e em particular

---

[314]Jayati Ghosh – FMI – Finane and Development, março de 2024 – *How and why economics must change* - https://www.imf.org/en/Publications/fandd/issues/2024/03/Simpósio-Por-que-e-como-a-economia-deve-mudar-Jayati-Ghosh

[315]Emmanuel Saez e Gabriel Zucman – *How to Tax Our Way Back to Justice* – 2019 -https://www.nytimes.com/2019/10/11/opinion/sunday/wealth-income-tax-rate.html

[316] *Busting the Bankers Club - Finance for the Rest of Us,* Gerald Epstein, First Edition, 2025.

de mulheres economistas e de ciências sociais. Em particular, os autores mencionados romperam as trancas do "economês", e se deram conta que não se entende a economia sem se apoiar amplamente nas ciências sociais, políticas, jurídicas e culturais. O *homo economicus* e a *mão invisível* são uma ficção.

44 - Além do capitalismo: a revolução digital

Temos acrescentado adjetivos ao caos global que chamamos de capitalismo, para torná-lo mais realista, como capitalismo global, capitalismo extrativo, ou até tecnofeudalismo e similares. Mas será que isso ainda é realmente capitalismo? Investimento produtivo que gera bens, empregos, lucros e impostos? A financeirização mudou o sistema, fortaleceu o rentismo, mas a transformação vai muito além. A revolução digital dita novos rumos.

"In this new, networked age, the traditional paradigm of competition needs to give way to complementarity, connectivity, and cooperation"
Keyu Jin (282)[317]

We should begin to distinguish productive investment from speculative investment
Marjorie Kelly, *Supremacia da Riqueza,*(p.144)[318]

The financialization of the world's wealth – concentrated from decades of corporate profits and excess inherited wealth held by the richest people on Earth – now serves as the core of monetary capital around the globe. This wealth is held by the few to the detriment of the billions of people living in hunger and poverty.[319]
Pedro Phillips, *Titans of Capital,*(p.47)

Voltando ao panorama geral. Isso é capitalismo? Certamente temos capitalistas ricos, no sentido de que eles têm muito dinheiro, mas será que esses recursos, acumulados em sociedades gestoras de ativos, fundos fiduciários, private equity, fundos de hedge, paraísos fiscais e tantos serviços financeiros privados, ainda são capital? Chuck Collins chama esses capitalistas de "acumuladores de riqueza", em um estudo sobre "*Como bilionários pagam milhões para esconder trilhões*".[320] Ser rico faz de você um capitalista? Hoje em dia, o dinheiro é essencialmente apenas um sinal digital em computadores, mas lhe dá direitos sobre a riqueza social, seja gerando mais dinheiro com dinheiro, seja comprando ativos não financeiros, como

---

[317] *"Nesta nova era de articulação em rede, o paradigma tradicional da competição deve deixar o lugar para complementaridade, conectividade e cooperação*." Keyu Jin, *The New China Playbook: beyond socialism and capitalism* – 2023 - https://dowbor.org/2024/01/the-new-china-playbook-beyond-socialism-and-capitalism.html .

[318] *"Deveríamos começar a distinguir o investimento produtivo do investimento especulativo."* Marjorie Kelly –*Wealth Supremacy: how the extractive economy and the biased rules of capitalism drive today's crises* – BK, Oakland, CA, 2023
https://dowbor.org/2023/10/supremacia-da-riqueza-como-a-economia-extrativista-e-as-regras-tendenciosas-do-capitalismo-impulsionam-as-crises-atuais.html

[319] *"A financeirização da riqueza mundial – concentrada em décadas de lucros corporativos e no excesso de riqueza herdada, detida pelas pessoas mais ricas da Terra – agora serve como o núcleo do capital monetário em todo o mundo. Essa riqueza é mantida por poucos, em detrimento de bilhões de pessoas que vivem na fome e na pobreza." (Tradução nossa)*

[320] Chuck Collins –*The Wealth Hoarders: how billionaires pay millions to hide trillions* – Polity Press, Cambridge, 2021-
https://dowbor.org/2022/03/os-acumuladores-de-riqueza-como-os-bilionarios-pagam-milhoes-para-esconder-trilhoes.html

imóveis, iates, obras de arte ou ouro. O ponto-chave é: quando bilionários chineses compram casas em Vancouver, eles lucram com a valorização e a evasão fiscal, mas não adicionam nenhum produto à sociedade. As casas já estavam lá – como ocorre em tantas especulações imobiliárias em bairros nobres de Londres.

A questão fundamental é que capital improdutivo é riqueza (*wealth*), não capital. Isso era tudo o que havia na legitimidade do capitalismo: que a riqueza era o resultado de atividades produtivas que resultavam em maior produção de bens e serviços. Era injusto, visto que o resultado das atividades produtivas era mal distribuído, mas era produtivo, gerava empregos e pagava impostos, o que permitia aos governos financiar políticas sociais como saúde e educação, bem como infraestrutura para transporte, energia, comunicações e sistemas de água e esgoto. Os atuais acumuladores de riqueza se apegam a essa imagem, mas ela é uma legitimidade emprestada. Quando o sistema de geração e apropriação de riqueza muda, é uma mudança sistêmica.

As tecnologias que estão reorganizando nossas vidas evoluíram muito mais rápido do que nossa capacidade de as administrar. Vemos mudanças fragmentadas em todos os lugares, mas tendemos a perder a visão global do que está se estruturando. Desvincular a apropriação de riqueza da contribuição produtiva é o aspecto crítico. Isso significa que a convergência entre o interesse individual e o bem comum é rompida. A justificativa básica para a maximização do lucro, a ideia de que cuidar dos próprios interesses é do interesse de todos e, de alguma forma, "merecido", está fraturada. Martin Wolf resume, no Financial Times: o sistema perdeu sua legitimidade.[321] Atualmente, vemos a apropriação ilegítima de riqueza aproveitando as *hightechs,* mas a regulação e a governança, as instituições que herdamos de outro século, são ineficazes. Estamos enfrentando os tempos da revolução digital com instituições do capitalismo industrial. E acrescentar um degrau, com o nome de indústria 4.0, é insuficiente.

Uma mudança estrutural resulta da adoção do dinheiro virtual. O dinheiro impresso pelo governo representa menos de 5% da liquidez global, 95% são apenas informações em computadores, circulando pelo planeta na internet, enquanto a regulação é fragmentada entre os 193 países-membros da ONU. O fato de o dinheiro ser global enquanto a política é nacional representa uma enorme mudança sistêmica. Os EUA se apoiam na primazia do dólar, e tentam ocupar o espaço fragilizado das instituições internacionais com um poder político, econômico e militar global e ameaçador. A regulação do dinheiro está sendo tentada em todos os lugares, desde oportunidades do blockchain até CBDC (Moeda Digital de Banco Central) e transações financeiras fora do Swift norte-americano, e formas de escapar do pedágio cobrado por cartões como Visa, até o Pix brasileiro.[322] Bretton Woods, o último marco regulatório global, foi há oitenta anos, e hoje mal respira.

Outra mudança estrutural impulsionada pela revolução digital é o domínio das plataformas, que administram o mundo imaterial do dinheiro, mas também a comunicação e a informação global e privada. Uma plataforma de gestão de ativos (*asset management*) é um negócio em escala global,

---

[321] Ver Martin Wolf – *The crisis of democratic capitalism* – Penguin Press, 2020, New York, 2023

[322] Sobre a dimensão do dreno financeiro através dos cartões de crédito, ver a curta nota no meu site: https://dowbor.org/2025/07/o-dreno-financeiro-atraves-dos-cartoes-de-credito-e-debito.html

baseado na priorização de algoritmos, maximizando o valor para os acionistas em todo o planeta. As plataformas de comunicação, atualmente chamadas de GAFAM ou FAANG, estão dominando a indústria da atenção, nos mantendo colados às telas. O Facebook atualmente alcança quase quatro bilhões de clientes: 98% de sua receita vem de marketing dito *comportamental*, com base em informações privadas coletadas de nossos computadores ou celulares. Individualizar informações para bilhões não é problema para algoritmos. Max Fisher, Shoshana Zuboff, Jonathan Haidt, Manuel Castells e tantos outros desvendam o funcionamento desse novo universo, onde um simples clique pode alcançar bilhões, movimentar trilhões, e espalhar consumismo, fake news e discursos de ódio. Todos nós sofremos de sobrecarga sensorial, mas nossos bolsos sofrem ainda mais.

O desastre gerado por esse universo global desregulado está à vista de todos, e a maioria das corporações tem o cuidado de declarar adesão aos princípios ESG e semelhantes. Mas a maximização de lucros e dividendos é o verdadeiro negócio. Essa estrutura de propriedade ausente (*absentee owners*) gerou uma diluição de responsabilidade: posso "investir", ou seja, comprar ações e ter a ilusão de que estou financiando atividades produtivas, mas a plataforma de gestão de ativos está focada unicamente em maximizar dividendos, sejam eles provenientes da JBS e do desastre na floresta amazônica, da Pfizer e do golpe Paxlovid, da Volkswagen e da fraude de emissões, da BP e do Deepwater Horizon desastroso, do Deutsche Bank ou HSBC e das fraudes financeiras, da catástrofe dos opioides, e de tudo o que você imaginar. O fato é que não somos cidadãos econômicos, não existe democracia econômica e o sistema mundial de extração de riqueza não está interessado em nossas opiniões. Na verdade, eles as moldam. Tente exercer sua "liberdade de escolha" em Kochland.

Para enriquecer pagando mal aos seus funcionários, você precisa, no mínimo, gerar empregos, produzir algo que as pessoas comprem e até mesmo pagar impostos sobre os produtos que vende. Isso era capitalismo, com acumulação de capital. Neste novo universode usura, de fundos de hedge, gestão de ativos, private equity, capital de risco, portfólios, paraísos fiscais, derivativos e tantas outras atividades especulativas de alta tecnologia, estamos nas mãos de "especialistas". Isso pode ser chamado de capitalismo extrativo, mas o fato básico é que, quando a contribuição do sistema financeiro para as atividades produtivas – agricultura, manufatura etc. – é menor do que o que ele extrai, temos um problema de descapitalização.

O lucro de uma empresa produtiva pode ser direcionado para benefícios aos trabalhadores, para reinvestimento na empresa, para pagar mais ou menos impostos ou para aumentar os bônus dos executivos e os dividendos pagos aos acionistas. A lógica dominante atual é que você restrinja a participação dos seus funcionários, restrinja o reinvestimento na empresa, fuja dos impostos e priorize a solidariedade entre executivos e acionistas, retirando o que puder para o pagamento dos CEOs e dos dividendos dos acionistas. E você agradece a Trump por reduzir os impostos corporativos e abandonar a Agenda 2030 de Paris.

A relação atual entre o salário médio dos funcionários e a remuneração do CEO atingiu 1:300, enquanto era em torno de 1:20 algumas décadas atrás. A economia produtiva real e o mundo da extração financeira trocaram de lugar: as finanças estão no controle. “Vamos expor o fato”, escreve Marjorie Kelly em *Wealth Supremacy,*“de que um terço do PIB está sendo extraído pela

indústria financeira. É preciso tornar visível que os ativos financeiros são cinco ou mais vezes o tamanho do PIB e seguem voltados a um crescimento ilimitado e eterno" (p.192). Ela chama isso de "capitalismo de gestão de ativos": "A financeirização é o desvio de fluxos financeiros da produção e do consumo para os mercados de ativos. Isso significa que o sistema agora se concentra menos na fabricação de coisas e mais na fabricação de dívidas e dividendos. As finanças antes estavam a serviço de comunidades, empregos, moradias, empresas familiares – concedendo empréstimos a pequenas empresas, ajudando as pessoas a comprar casas e assim por diante. Agora estamos a serviço das finanças. Em vez de ter uma economia projetada para produzir mais valor no mundo real, para as pessoas comuns, a maquinaria da economia foi reorganizada para gerar valorização de ativos." (p. 83) "Em essência, o conceito de livre mercado é uma folha de parreira... A extração de riqueza é o verdadeiro jogo." (p. 118)

Sugiro que trabalhemos com um ponto de partida teórico básico: esta é uma revolução digital, tão profunda quanto o impacto da revolução industrial em sua época. A indústria nos EUA representa apenas 8% do PIB. Entre os gigantes corporativos dominantes, estão as finanças, as plataformas de comunicação e a energia, que também é basicamente uma atividade extrativa com enorme poder especulativo. Capitalismo? Estamos jogando um novo jogo, mas com regras antigas. E a política está basicamente impotente diante dos novos desafios. Sabemos do que precisamos: uma sociedade economicamente viável, mas também socialmente justa e sustentável para o meio ambiente. Como colocamos isso na agenda? Muitas mudanças estruturais ocorreram, demasiadas nuvens escuras estão se formando para que possamos continuar como sempre, esperando que as coisas se resolvam sozinhas. Uma nova abordagem sistêmica está ganhando força. E esperar que "os mercados" resolvam magicamente nossos problemas é pura irresponsabilidade.

Precisamos de medidas estruturais ativas e orientadas por resultados; isso de fato se tornou uma questão de sobrevivência. A abordagem da economia organizada por missões, de Mariana Mazzucato, está próxima do ponto, pois precisamos definir missões-chave e fazer convergir esforços para alcançá-las. A visão de Kate Raworth, definindo os principais dramas a evitar e o progresso fundamental a construir, em *Economia Donut*, é uma contribuição importante, considerando que defender o crescimento do PIB como medida de progresso tornou-se ridículo: o crescimento precisa ser medido de acordo com o equilíbrio econômico, social e ambiental simultâneo. A proposta prática de Stiglitz em *Reescrevendo as regras da economia americana* é outro exemplo, já que reescrever as regras é precisamente o que precisamos.[323] O Instituto Roosevelt enfatiza a necessidade de "criar estruturas de governança do século XXI para instituições públicas – estruturas que mantenham o controle da comunidade sobre investimentos e responsabilidade como princípios fundamentais".[324] Precisamos de regras — e regras novas, para o mundo digital. Por quanto tempo vamos organizar COPs, discutir BEPS e simular adesão ao ESG?

---

[323]José Stiglitz -*Rewriting the rules of the American Economy: an agenda for shared prosperity* – Roosevelt Institute, 2015 -https://rooseveltinstitute.org/wp-content/uploads/2015/05/RI-Rewriting-the-Rules-201505.pdf

[324]Roosevelt Institute – *What US Policy-makers can learn from international examples of democratic governance* - Outubro de 2023 - https://rooseveltinstitute.org/wp-content/uploads/2023/10/RI_O-que-os-formuladores-de-políticas-dos-EUA-podem-aprender-com-os-exemplos-internacionais-de-governança-democrática_Brief_202310.pdf

Voltando ao básico: não precisamos de fome e de tantas tragédias. Sabemos o que precisa ser feito, está detalhado nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. E temos todas as estatísticas sobre as prioridades, bem como as tecnologias correspondentes. Mas o sistema é simplesmente estúpido, dramaticamente incompetente, baseado em velhos slogans como "mercado livre" ou o patético "ganância é boa". Precisamos ver os dramas que estão diante de nossos olhos, mas, para as causas, precisamos olhar para cima. Sim, "não olhe para cima" *(Don´t look up)* virou moda.

Precisamos de "design inteligente", não vindo do céu, mas dos diferentes centros de poder em conflito que estão destruindo este mundo. Velhas polarizações ideológicas, como "mercados livres" versus "planejamento centralizado", pertencem a outro século. Precisamos de planejamento para infraestrutura e opções de longo prazo para o futuro, precisamos de mercados para bicicletas e tomates, e precisamos de políticas públicas descentralizadas e comunitárias para saúde, educação, segurança e afins. Mas, acima de tudo, precisamos que o sistema financeiro, bem como o oligopólio das gigantes da tecnologia, sejam trazidos de volta para servir aos interesses sociais, não para servir a si mesmos às custas do drama global. Porque quem controla os recursos financeiros e a comunicação controla as outras prioridades. E o processo de decisão está nas mãos erradas. Essas fortunas são em parte legais, simplesmente porque não temos sistemas de regulação adequados à era digital. Legais, mas não legítimos. Burlar a economia em busca de lucro corporativo e pessoal, considerando os desafios humanos e de sustentabilidade que enfrentamos, não é apenas imoral, é simplesmente estúpido. Estupidez estrutural e violência estrutural, como David Graeber as chama.[325]

Em vez de acrescentar adjetivos ao conceito de capitalismo, e são tantos adjetivos, como vimos, devemos realmente pensar que a própria quantidade e diversidade de mudanças parciais aponta para um outro sistema. É só juntar os pontos. Falar em modo de produção informacional pode ajudar mais a entender o novo sistema do que enumerar alterções no sistema antigo. A história se acelerou. Ser rico com a apropriação do trabalho escravo era diferente do feudalismo com o controle da terra e dos servos, diferente ainda de ser proprietário de fábricas e explorar trabalhadores, e diferente também de controlar o mundo a partir de computadores, de algoritmos, de inteligência artificial, de dinheiro imaterial, de conectividade global. Pensar o novo que emerge de forma sistêmica permite juntar as transformações, pois não basta elencar inovações, precisamos entender a nova forma como essas inovações se articulam.[326]

[325]David Graeber – *The Utopia of Rules: on technology, stupidity and the secret joys of bureaucracy* – Melville House, Londres, 2015

[326] Detalhamos essas transformações no livro *Desafios da revolução digital* – Ed. Elefante, São Paulo, 2024 - https://dowbor.org/2024/06/revolucao-digital-uma-sociedade-a-beira-de-rupturas.html

Conclusão

"No sabemos lo que pasa: y es exactamente eso lo que pasa"
Ortega y Gasset

Estamos aqui juntando as peças do quebra-cabeça. Gosto muito da expressão hispânica, *que pasa?* – ou seja, o que está acontecendo? De certa forma, o ritmo, profundidade e complexidade das transformações nos espanta, em particular porque nos sentimos impotentes, como espectadores tensos de um drama que nos escapa. E o drama mostra não uma situação, mas um processo de mudança cada vez mais acelerado. É justamente este processo de mudança que tentei apresentar aqui. E haja ritmo!

Um segundo eixo que me parece central, e que me orientou neste trabalho, é que eu sou economista, mas não é cientificamente correto analisar esse processo acelerado isolando as dinâmicas econômicas das outras dimensões. O método que adotei, de pegar os eixos centrais em termos de impactos estruturais – a desigualdade, os dramas ambientais, o caos financeiro e de governança – e de ligá-los às diversas dimensões políticas, sociais, culturais, institucionais, permite justamente a reconstrução das cadeias de causalidade, interações e *feedbacks*. Daí o número de capítulos curtos, com diversas dimensões focadas com diferente nível de detalhe em várias partes do trabalho. Busquei uma análise integrada e interdisciplinar, permitindo uma visão sistêmica. Permite visualizar a convergência das diferentes dinâmicas.

Estudei muita história, e isso me ajudou a entender a força das dinâmicas estruturais, ou estruturantes, da sociedade. O fato de ter estudado economia política e direito na Suíça, com bons banqueiros mas também metodologia científica com Jean Piaget, e depois economia social na Polônia socialista, com visionários como Michal Kalecki e Oskar Lange, e de ter trabalhado em diversos países, na África (sete anos), na Ásia, na América Latina, em países ricos e pobres, me pôs de certa maneira ao abrigo de simplificações ideológicas, e em particular das pilantragens da chamada ciência econômica e do que J.K. Galbraith chamou com ironia das suas "pequenas fraudes". Espero que o leitor tenha apreciado essa orientação metodológica, implícita em todo o trabalho.

Em termos de resultados, o que me pareceu mais significativo é que as diversas dimensões ou facetas de mudanças que apresentamos parecem convergir para uma mudança estrutural, a formação de um novo modo de produção. Isso é muito mais amplo do que um degrau a mais no capitalismo tradicional, tipo "capitalismo 4.0". Estamos falando de uma mudança estrutural da sociedade, não da edição de um software mais performante. É óbvio que o capitalismo que conhecemos continua existindo em grande parte, mais o eixo estruturante de mudanças se deslocou para a revolução digital. No final do século 18 na Europa, com o aparecimento de manufaturas, podíamos pensar que o feudalismo estava se modernizando. A aristocracia continuava no poder, a terra era o principal fator de riqueza: mas não era o velho se modernizando, e sim o novo se estruturando. Não há dúvidas hoje para mim, que a revolução digital que enfrentamos é tão profunda como foi um dia a revolução digital.

Isso significa que continuamos a ter empresas privadas, gente fazendo fortunas, contas nos bancos, comércio internacional, mas a lógica que preside às transformações sociais se deslocou: basta ver, como vimos, que dez grupos financeiros gerem 50 trilhões de dólares, equivalentes à metade do PIB mundial. Não produzem nada. A revolução digital deslocou o eixo estruturante da sociedade para atividades imateriais como o dinheiro virtual, comunicação na mão de gigantes planetários, inteligência artificial, sistemas de conectividade global, apropriação de informações privadas, e drenos financeiros por toda parte.

Estamos evoluindo rapidamente para uma outra lógica de gestão e apropriação de fatores de produção, deformação das relações de trabalho, e em particular formas muito mais complexas e diferenciadas de apropriação do excedente social. Haja bilionários, e haja fome, guerras e miséria. Haja destruição ambiental, caos climático, perda de biodiversidade, contaminação generalizada dos recursos naturais. Yanis Varoufakis chamou isso de tecnofeudalismo, e tem boa lógica: imensos avanças científicos e tecnológicos, e uma profunda reversão das relações econômicas, políticas e sociais.

Mas a transformação implica também o deslocamento dos enfrentamentos políticos. Enquanto no capitalismo industrial a luta era em grande parte por melhorar o equilíbrio de acesso aos resultados econômicos, melhores salários, organização sindical, democratização das relações de trabalho – a forma atual de enfrentamento deve buscar horizontes mais amplos em termos de quem controla os fluxos financeiros, o mundo da informação, a inteligência artificial, as políticas sociais que estão sendo privatizadas.

As tecnologias, o conhecimento e os recursos financeiros devem voltar a ser orientados pela utilidade social, mas estão sob o controle de um sistema muito mais centralizado e globalizado, nesta era das plataformas. O enfrentamento se amplia de maneira radical. E o enfrentamento é necessário, pois tanto a explosão de fortunas no topo da sociedade mundial, como a destruição do meio ambiente, na prática destruindo a base natural da nossa vida em proveito do 1% no topo, estão levando ao que tem sido caracterizado de catástrofe em câmara lenta. E o tempo urge.

A tarefa que temos, é de ampliar radicalmente a capacidade de compreensão dos novos desafios, para gerar forças políticas correspondentes. O enfrentamento é desigual, no sentido de relações de força, mas também temos a força da legitimidade: continuar a destruir o planeta para vantagens de uma minoria é absurdo. Fazer fortunas sem contrapartida produtiva, e pelo contrário, travando o desenvolvimento, não só não é legítimo, é criminoso. O capitalismo tradicional pelo menos gerava empregos, produtos e impostos, enquanto o sistema atual gera precariado, dividendos e isenções. É uma cangalha econômica. O grande desafio consiste em reconciliar os avanços científicos e tecnológicos com as necessidades da sociedade e os limites da natureza.

Os desafios que vimos neste trabalho apontam também para oportunidades. A revolução digital que coloca no centro dos processos de transformação dinâmicas imateriais, abre espaço para a universalização do bem-estar, a evolução da guerra de todos contra todos para processos colaborativos: na economia do conhecimento, a colaboração é muito mais produtiva do que a competição. Com a conectividade global, podemos assegurar a todas as regiões mais pobres do

planeta a inclusão diagital e o acesso aos conhecimentos necessários para assegurar o enriquecimento científico, maior produtividade, e a geração de processos colaborativos em rede. Não custa repetir, as ondas que carregam o conhecimento são da natureza, e permitem generalizar o acesso sem custos adicionais, bem como gerar articulações em rede entre pessoas, empresas, associações, diversos níveis de gestão.

O nosso problema não são as tecnologias, mas a sua apropriação por oligopólios desconectados do bem-estar das populações, inclusive de países. O próprio recurso financeiro, hoje apenas uma anotação nos computadores, pode ser reapropriado na base da sociedade, com finanças de proximidade, bancos comunitários de desenvolvimento, sistemas de renda básica. São informações, não é ouro e dinheiro sob forma de papéis impressos, é fluido e comunicável. Não há nenhuma razão ou legitimidade para que os imensos avanços científicos e tecnológicos, que nos levaram para a sociedade do conhecimento atual, estejam monopolizados no topo da sociedade, quando se trata de amplos avanços construídos pelo conjunto da sociedade. Os que tanto falam em liberdade, e se proclamam liberais, devem precisamente liberar o acesso, romper os oligopólios, permitir que o conjunto da sociedade se beneficie. As idéias pertencem à humanidade, e os pedágios financeiros carecem de legitimidade. Temos dramas pela frente, mas também imensas oportunidades.

Bibliografia

Almeida, Fernando; Alípio Casali, Ladislau Dowbor, Antonio Carlos C. Ronca, Lucia Santaella, Maura Veras – Os *Desafios atuais da universidade* - (2022) https://dowbor.org/2023/08/os-desafios-atuais-da-universidade-o-mundo-contemporaneo-as-redes-de-conhecimento-e-o-compromisso-da-universidade.html

Alperovitz, Gar and Lew Daly – *Unjust Deserts: how the rich are taking over our common inheritance* – The New Press, New York, 2008
- https://dowbor.org/2010/11/apropriacao-indebita-como-os-ricos-estao-tomando-a-nossa-heranca-comum.html

Amadeo, Kimberly – in David Rosen *America: The Land of Inequality – Counterpunch*, 8 September, 2022

Anefac - *Pesquisa mensal de juros* - https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/5b15da22-d953-4758-8779-844a926baccc/96f2d764-98d4-7a3c-45fc-8fe0868bf700?origin=2

Angell, Marcia - *The Truth About the Drug Companies: how they deceive us, and what to do about it.* (2004) https://www.jstor.org/stable/29762909?read-now=1&seq=2#page_scan_tab_contents

Baker, Raymond W., – *Invisible Trillions* – Berrett-Koehler Publishers, Oakland, 2023

Banco Central do Brasil – Estatísticas monetárias e de crédito

Banco Central do Brasil, Relatório de Cidadania Financeira, 2018, p. 41- https://www.bcb.gov.br/nor/relcidfin/index.htm and https://www.bcb.gov.br/nor/relcidfin/index.htm

Banque de France – *Taux d'usure 2022* – https://www.banque-france.fr/fr/a-votre-service/particuliers/connaitre-pratiques-bancaires-assurance/credit/taux-usure

Bentes, Ariel e Carolina Cerqueira – *Fome: desnutrição infantil para toda a vida* – Nexo, 2 de fevereiro de 2022 – https://www.nexojornal.com.br/explicado/2022/02/02/Desnutri%C3%A7%C3%A3o-infantil-um-problema-para-a-vida-toda?posicao-home-esquerda=2&utm_medium=Email&utm_campaign=NLDurmaComEssa&utm_source=nexoassinantes

Boddy-Evans, Alistair - *Apartheid Era Signs* – ThoughtCo – July 3, 2019 - https://www.thoughtco.com/apartheid-signs-image-gallery-4122664

Brandt, Willy - Brandt Report - *North-South: a program for survival* – MIT Press, Cambridge, 1980

Brown, Ellen – *A Universal Basic Income is Essential and will Work* - Global Research, April 20, 2020 https://www.globalresearch.ca/universal-basic-income-essential-will-work/5710152

Brown, Ellen – *How America went from mom-and-pop capitalism to techno-feudalism* - https://dowbor.org/2021/05/como-os-eua-foram-do-capitalismo-familiar-ao-feudalismo-tecnologico.html

Brown, Ellen – *Meet BlackRock* – June 21, 2020 - https://www.unz.com/article/meet-blackrock-the-new-great-vampire-squid/

Business Round Table -file:///C:/Users/Ladislau%20Dowbor/Downloads/BRT-Statement-on-the-Purpose-of-a-Corporation-with-Signatures-1.pdf

Campello, Tereza e Ana Paula Bertoletto (Orgs.) – *Da Fome à Fome* – Ed. Elefante, são Paulo 2022 - https://dowbor.org/2022/08/da-fome-a-fome-dialogos-com-josue-de-castro.html

Castells, Manuel – *Communication Power* – Oxford U.P., 2009, p. 82

CETIC, 2024 - https://nic.br/noticia/releases/perto-da-universalizacao-do-acesso-a-internet-brasil-ainda-tem-maioria-da-populacao-com-baixa-conectividade-significativa-revela-novo-estudo/

Chomsky, Noam – *Who Rules the World* – Metropolitan Books, New York, 2016

Christophers, Brett – *Rentier capitalism: who owns the economy and who pays for it?* – London, Verso, 2020, pages 5 and xxiv

Clemente, Felippe (et al.) *Brazilian Evidence on Tax Evasion and Enforcement* – Criminal Justice Review, 2021 – Sage Publications https://www.sinprofaz.org.br/pdfs/sonegacao-fiscal-o-povo-fortaleza-ce.pdf

Collins, Chuck – *The Wealth Hoarders: how billionaires pay millions to hide trillions* – Polity Press, Cambridge, 2021- https://dowbor.org/2022/03/the-wealth-hoarders-how-billionaires-pay-millions-to-hide-trillions.html

Confederação Nacional do Comércio – CNC – 2022 - https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/10/10/com-endividamento-em-setembro-inadimplencia-atinge-maior-valor-em-12-anos.htm

Crédit Suisse – Global Wealth Report 2021 - https://www.credit-suisse.com/about-us-news/en/articles/media-releases/global-wealth-report-2021-202106.html

Crédit Suisse/UBS – *Global Wealth Report 2022* - https://www.credit-suisse.com/about-us-news/en/articles/news-and-expertise/credit-suisse-global-wealth-report-2022-fast-wealth-growth-in-times-of-uncertainty-202209.html

Cyphers Bennett, and Adam Schwartz – *Ban Online Behavioral Advertising* – March 21, 2022 – EFF, Ban Online Behavioral Advertising | Electronic Frontier Foundation (eff.org)

Daly, Herman and John Cobb Jr.– *For the common good: redirecting the economy toward community, the environment and a sustainable future* – Beacon Press, Boston, 1994

Dani Rodrik –*The coming global technology fracture* – IPS, 21 September 2020 – Global: The coming global technology fracture | IPS Journal (ips-journal.eu)

Dans, Enrique Dans – *The only people who want to save hypersegmented advertising are those who make their living from it* – April 2021 - https://www-enriquedans-com.cdn.ampproject.org/c/s/www.enriquedans.com/2022/04/los-unicos-que-quieren-que-siga-existiendo-la-publicidad-hipersegmentada-son-los-que-viven-de-ella.html/amp

de Waal, Frans – *Our inner ape* – Riverhead Books, 2006 – http://dowbor.org/2018/03/frans-de-waal-our-inner-ape-a-leading-primatologist-explains-why-we-are-who-we-are-riverhead-books-new-york-2005.html/

Dembinski, Paul and Virgile Perret – Observatoire de la Finance, September 25, http://www.obsfin.ch/virustovitamin-n8/

Digital Market Act - https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/europe-fit-digital-age/digital-markets-act-ensuring-fair-and-open-digital-markets_en

Douglas Heaven - *How Google and Facebook Hooked us, and how to break the habit.* - New Scientist, Feb. 7, 2018

Dowbor, Ladislau – *A Derailed Economy* – 2020, https://dowbor.org/2020/08/l-dowbor-a-derailed-economy-august-2020-18p.html

Dowbor, Ladislau – *Beyond Capitalism: new social architectures* - Cambridge Scholars, 2021 - https://dowbor.org/2021/03/beyond-capitalism.html

Dowbor, Ladislau - *O pão nosso de cada dia: opções econômicas para sair da crise* – Autonomia Literária, São Paulo, 2021 - https://dowbor.org/2015/06/l-dowbor-o-pao-nosso-de-cada-dia-os-processos-produtivos-no-brasil-ed-fundacao-perseu-abramo-sao-paulo-2015144p-isbn-978-85-7643-266-1.html

Dowbor, Ladislau – *Rescuing the Social Function of the Economy* – Cambridge Scholars, UK, 2023 - https://dowbor.org/2022/09/rescuing-the-social-function-of-the-economy-a-question-of-human-dignity.html

Dowbor, Ladislau – *Rescuing the social function of the economy: a question of human dignity* – 2022 - https://dowbor.org/2022/09/rescuing-the-social-function-of-the-economy-a-question-of-human-dignity.html

Dowbor, Ladislau – *The Age of Unproductive Capital* – 2019 – https://dowbor.org/2017/11/2017-06-l-dowbor-a-era-do-capital-improdutivo-outras-palavras-autonomia-literaria-sao-paulo-2017-316-p-html.html

Dowbor, Ladislau – *The Financial Drain in Brazil* – 2023 - https://dowbor.org/2023/07/the-financial-drain-in-brazil.html

Dowbor, Ladislau - *The Financial Drain in Brazil,* (2024), https://dowbor.org/2023/07/the-financial-drain-in-brazil.html

Dowbor, Ladislau & Cezar, B. B. (2022). *Brazil Facing More Than the Pandemic: Distribution and Exclusion in Economic Policy*. Latin American Perspectives, 49(5), 14–33 - https://dowbor.org/2022/10/brazil-facing-more-than-the-pandemic-distribution-and-exclusion-in-economic-policy.html

Durant, Wil and Ariel – *The lessons of history* – Simon&Schuster, New York, 1968

Economist – August 24, 2019 - *Tidjane Thiam's overhaul of Credit Suisse is paying off* - https://www.economist.com/finance-and-economics/2019/08/22/tidjane-thiams-overhaul-of-credit-suisse-is-paying-off?cid1=cust/dailypicks1/n/bl/n/20190827n/owned/n/n/dailypicks1/n/n/EU/299052/n

Economist – March 6, 2021 - https://www.economist.com/leaders/2021/03/06/how-to-make-a-social-safety-net-for-the-post-covid-world?utm_campaign=the-economist-this-week&utm_medium=newsletter&utm_source=salesforce-marketing-cloud&utm_term=2021-03-04&utm_content=ed-picks-article-link-1&etear=nl_weekly_1

Economist – May 13, 2021 - https://www.economist.com/books-and-arts/2021/05/13/patrick-radden-keefe-traces-the-roots-of-americas-opioid-epidemic

Economist – *The new age of corporate scandals,* April 6, 2019, p. 51

Economist – *The new rent-seekers: Beware the backlash as financiers muscle into rental property. As rents soar, so do the prospects of a regulatory crackdown* – September 25th 2021 edition - https://www.economist.com/finance-and-economics/2021/09/25/beware-the-backlash-as-financiers-muscle-into-rental-property

Economist - *What could a new system for taxing multinationals look like*, The Economist, May 15, 2021 - https://www.economist.com/finance-and-economics/2021/05/13/what-could-a-new-system-for-taxing-multinationals-look-like?itm_source=parsely-api

Economist, June 2, 2021 - *Twilight of Tax Havens* - https://www.economist.com/finance-and-economics/2021/06/01/twilight-of-the-tax-haven

Economist, September 25, 2021 - *A takeover in Britain shows shareholders still rule the corporate roost: Talk of the importance of stakeholders is just that* - https://www.economist.com/business/2021/09/23/a-takeover-in-britain-shows-shareholders-still-rule-the-corporate-roost?utm_campaign=the-economist-today&utm_medium=newsletter&utm_source=salesforce-marketing-cloud&utm_term=2021-09-28&utm_content=article-link-6&etear=nl_today_6

Environmental Science and Technology – January 18, 2022 - Outside the Safe Operating Space of the Planetary Boundary for Novel Entities | Environmental Science & Technology (acs.org)

EU - *EU Digital Markets Act and Digital Services Act explained* – August 2023 –https://www.europarl.europa.eu/topics/en/article/20211209STO19124/eu-digital-markets-act-and-digital-services-act-explained

European Commission – *The Digital Markets Act: ensuring fair and open digital markets* - 2019 -https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/europe-fit-digital-age/digital-markets-act-ensuring-fair-and-open-digital-markets_en

Fagnani, Eduardo – *A Reforma Tributária Necessária,* 2018 - https://dowbor.org/2018/06/eduardo-fagnani-org-a-reforma-tributaria-necessaria-anfip-fenafisco-plataforma-politica-social-sao-paulo-2018.html

FAO – *Um Mundo sem Fome* - https://thetricontinental.org/pt-pt/newsletterissue/cartasemanal-40-um-mundo-sem-fome

FAO, State of Food Security and Nutrition in the world 2021 - The State of Food Security and Nutrition in the World 2021 (fao.org)

Farrell, Henry and Abraham Newman, *Underground Empire: how America weaponized the world economy* – Henry Holt, New York, 2023

Federici, Slvia – *Caliban and the Witch,* Automedia, New York, 2015

Fenafisco – *Tributar os super ricos* - https://fenafisco.org.br/28/07/2020/tributar-os-super-ricos-para-reconstruir-o-pais-fenafisco-e-entidades-parceiras-lancam-propostas-para- the-promotion-of-tax-justice/

Fisher, Max – *The Chaos Machine: the inside story of how social media rewired our minds and our world* – Back Bay Books, 2023 - https://dowbor.org/2023/06/a-maquina-do-caos-como-as-redes-sociais-reprogramaram-nossa-mente-e-nosso-mundo.html

Galbraith, J.K. – *The Economics of Innocent Fraud* – Houghton Mifflin, Boston, 2004 - https://dowbor.org/2004/11/a-economia-da-fraude-inocente.html

Gelles, David – *The Man Who Broke Capitalism: How Jack Welch Gutted the heartland* –Simon&Schuster, 2022 - https://dowbor.org/2023/06/the-man-who-broke-capitalism.html

Gerard Ruggie, John - *Just Business: multinational corporations and human rights* – W. W. Norton, New York, 2013

Ghosh, Jayati – *Why and how Economics must Change* - IMF – Finance and development, March 2024 – https://www.imf.org/en/Publications/fandd/issues/2024/03/Symposium-Why-and-how-economics-must-change-Jayati-Ghosh

Gibney, Alex – *Dirty Money* – 2020 - https://www.netflix.com/watch/81005045?trackId=14277283&tctx=-97%2C-97%2C%2C%2C%2C%2C

Giroux, Henri – *Right-Wing Authoritarianism and the Crisis of Education* – CounterPunch, December 16, 2021 - https://www.counter__punch.org/2021/12/10/right-wing-authoritarianism-and-the-crisis-of-education/

Global Financial Integrity – *Acres of Money Laundering* – August 2, 2021 - https://gfintegrity.org/report/acres-of-money-laundering-why-u-s-real-estate-is-a-kleptocrats-dream/?utm_medium=email&_hsmi=153147175&_hsenc=p2ANqtz-_dQDkw9bsAsfZWejIcFezC6_eVikqqfH6VqfmPlVWO7sNCCzRqzGBiK6QeYxEJOrVCZoBu_Bt9ku9K1AOcqSyAW7dy1g&utm_content=153147175&utm_source=hs_email

Godelnik, Raz – *The business case for sustainability is not working* – Medium.com, May 31, 2024 https://razgo.medium.com/the-business-case-for-sustainability-is-not-working-e0eab4ff78e3

Goodman, Peter S. – *Davos Man: how the billionaires devoured the world* – Custom House, New York, 2022, p. 186

Gorz, André – *O Imaterial* – 2003, https://dowbor.org/2005/11/o-imaterial.html

Graeber, David – *The Utopia of Rules: on technology, stupidity and the secret joys of bureaucracy* – Melville House, London, 2015

Graff, Agnieszka Graff and Elzbieta Korolczuk, *Anti-gender politics in the populist moment* – Routledge, 2021 https://dowbor.org/2024/08/anti-gender-politics-in-the-populist-moment.html

Guardian – April 28, 2024 - *https://www.theguardian.com/commentisfree/2024/apr/28/the-guardian-view-on-rethinking-economics-a-discipline-in-disarray-holds-too-much-sway-in-the-uk*

Guardian – *California sues ExxonMobil over alleged role in plastics pollution crisis* – 23 September 2024 - https://www.theguardian.com/us-news/2024/sep/23/california-exxon-plastics-lawsuit

Guardian – Editorial – March 21, 2021 – *The Guardian View on Financial Failures* -https://www.theguardian.com/commentisfree/2021/mar/21/the-guardian-view-on-finance-failures-manmade-errors-amplified-by-machines

Guardian - *Next Bank of England must serve the whole of society* - June 4, 2019 https://www.theguardian.com/business/2019/jun/04/next-bank-of-england-governor-must-serve-the-whole-of-society

Guardian - *Revealed: the industry figures behind 'declaration of scientists' backing meat eating* – October 27, 2023 - https://www.theguardian.com/environment/2023/oct/27/revealed-industry-figures-declaration-scientists-backing-meat-eating

Guardian, Editorial, August 13, 2023 – *Blame Business, not consumers* - https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/aug/13/the-guardian-view-on-ultra-processed-food-blame-business-not-consumers

Guardian, October 27, 2022 - https://www.theguardian.com/business/2022/oct/27/profits-at-worlds-seven-biggest-oil-firms-soar-to-almost-150bn-this-year-windfall-tax

Guardian, September 9, 2024 - https://www.theguardian.com/technology/article/2024/sep/09/google-antitrust-lawsuit-online-ads?utm_source=Roosevelt+Institute&utm_campaign=40825173eb-Rundown_2024_09_11&utm_medium=email&utm_term=0_a36a36c6ff-252c8af0c0-%5BLIST_EMAIL_ID%5D

Guardian: Editorial – March 21, 2021 - *The Guardian view on finance failures: manmade errors amplified by machines* - https://www.theguardian.com/commentisfree/2021/mar/21/the-guardian-view-on-finance-failures-manmade-errors-amplified-by-machines

Haidt, Jonathan – *The anxious generation* – Penguin Press, 2024 – Page 264 of the Brazilian edition.

Haidt, Jonathan – *The Righteous Mind: why good people are divided by politics and religion* – Vintage, 2013 – http://dowbor.org/2013/06/jonathan-haidt-the-righteous-mind-why-good-people-are-divided-by-politics-and-religion-a-mente-moralista-por-que-boas-pessoas-sao-divididas-pela-politica-e-pela-religiao.html/

Henderson, Hazel – *Steering our powers of persuasion toward our human future* – 2019 - https://www.ethicalmarkets.com/steering-our-powers-of-persuasion-toward-our-human-future/

Henderson, Hazel and Kate Raworth 60-minute discussion on how to rethink economics - https://www.socioeco.org/bdf_fiche-video-5770_en.html

Hitchens, Christopher – *God is not Great,* 12, New York, 2007

Hitchens, Christopher – *The Trial of Henry Kissinger* – Twelve, New York, 2002

Hochschild, Adam – *King Leopold's Ghost: a story of greed, terror and heroism in colonial Africa* –https://dowbor.org/2008/02/o-fantasma-do-rei-leopoldo-2.html

Hudson, Michael – *Destiny of Civilization: finance capitalism, industrial capitalism or socialism* – ISLET, Baskerville, 2022 – www.michael-hudson.com

Hudson, Michael – *J is for Junk Economics: a guide to reality in an age of deception* – Islet-Verlag, 2017

Hudson, Michael – *The rentier resurgence and takeover finance capitalism vs industrial capitalism* – March, 2021 - https://michael-hudson.com/2021/01/the-rentier-resurgence-and-takeover-finance-capitalism-vs-industrial-capitalism/

IBGE – Síntese de Indicadores Sociais - liv101760.pdf (ibge.gov.br)

IDDRI -*Where are the political champions to coordinate transformative change in the international financial system?* – October 19, 2023 - https://www.iddri.org/en/publications-and-events/blog-post/where-are-political-champions-coordinate-transformative-change

IMF - *Europe's Inflation Outlook*, June 26, 2023 – https://www.imf.org/en/Blogs/Articles/2023/06/26/europes-inflation-outlook-depends-on-how-corporate-profits-absorb-wage-gains?utm_source=substack&utm_medium=email

IMF - *World Economic Outlook 2022* - https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2022/April/weo-report?c=924,532,546,111,&s=PPPGDP,&sy=2020&ey=2027&ssm=0&scsm=1&scc=0&ssd=1&ssc=0&sic=0&sort=country&ds=.&br=1

Ipea – *Comunicados do Ipea N. 75* – Fevereiro de 2011 – https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/110203_comunicadoipea75.pdf

Jacobs, Frank – *The world is, in fact, the world's biggest gated community* - ThinkBig, October 12, 2019 - https://bigthink.com/strange-maps/walled-world/?utm_medium=Social&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR3WF9_e_YVIDAstRyyaTwHgBs_SqwwXV3y11DbT-nwDtwAgzlPq65cy9vM#Echobox=1648785756-1

Jin, Keyu - *The New China Playbook: beyond socialism and* capitalism – Viking, New York, 2023 - https://dowbor.org/2024/01/the-new-china-playbook-beyond-socialism-and-capitalism.html

Jorda, Oscar et al., *The rate of return on everything – 1870-2015* – Cambridge, May 2019 - w24112.pdf (nber.org)

Joseph Stiglitz – *UN Forum on Business and Human Rights* – 2013 - http://www.ohchr.org/Documents/Issues/Business/ForumSession2/Statements/JosephStiglitz.doc

Kelly Marjorie – *Wealth Supremacy: how the extractive economy and the biased rules of capitalism drive today's crises* – BK, Oakland, CA, 2023 - https://dowbor.org/2023/10/wealth-supremacy-how-the-extractive-economy-and-the-biased-rules-of-capitalism-drive-todays-crises.html

Kelly, Marjorie – *The only solution to wealth-supremacy is a democratic economy* – Truthout, January 22, 2024 - https://truthout.org/articles/the-only-solution-to-wealth-supremacy-is-a-democratic-economy/?utm_source=truthout&utm_campaign=5dd2a5d0b2-email_campaign_2023_11_16_07_58_copy_01&utm_medium=email&utm_term=0_-e6daf26d84-%5blist_email_id%5d

Kroeber, Arthur – *China's Economy* – Oxford University Press, 2016 - https://dowbor.org/2016/11/arthur-r-kroeber-chinas-economy-oxford-oxford-university-press-2016-isbn-978-0-19-023903-9-320-p.html

Lakhani, Nina – *UN expert attacks 'exploitative' world economy* - The Guardian, May 7, 2024 - https://www.theguardian.com/world/article/2024/may/07/un-expert-human-rights-climate-crisis-economy

Laville, Sandra - The Guardian, 13 January 2024 - https://www.theguardian.com/environment/2024/jan/10/conservative-failures-have-led-to-more-sewage-pollution-say-water-experts

Leonard, Christopher – *Kochland: the secret history of Koch industries and corporate power in America* – Simon&Schuster, New York, 2019

Lopes, Carlos et al., *Climate and Development,* part 7, University of Cape Town, July, 2024 - https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/dpr.12810

Lula – July 8, 2023 - https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/07/em-seis-meses-um-brasil-ativo-altivo-e-que-voltou-a-ser-protagonista

Luque, Carlos et al., *Uso e abuso da taxa de juros,* Valor, 11 de maio de 2022

Luyendijk, Joris – *Swimming with Sharks: my journey into the world of the bankers* – Guardian Books, London, 2015 - https://dowbor.org/2016/12/joris-luyendijk-swimming-with-sharks-my-journey-into-the-world-of-the-bankers-guardian-books-london-2015.html

Magalhães, Eduardo Rodrigues and Ladislau Dowbor - *Saúde privada: poder, captura e redea solta* - 2024 - https://dowbor.org/2024/07/saude-privada-poder-captura-e-redea-solta.html

Malleson, Tom – *Against Inequality,* Oxford University Press, 2023, p. 123, https://dowbor.org/2024/06/against-inequality-the-practical-and-ethical-case-for-abolishing-the-superrich.html

Maluf, Renato – *Fome no Brasil* – July, 2021 http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf

Manso, Bruno Paes – *A Fé e o Fuzil: crime e religião no Brasil no século XXI* – Todavia, São Paulo, 2023

Martin, Matthew and David Waddock, Debt Relief International (dfi@dri.org.uk). January 2024 - https://www.kirkensnodhjelp.no/contentassets/c1403acd5da84d39a120090004899173/ferdig-time-for-a-nordic-initative-lowres.pdf

Mattei, Clara - *The capital Order: how economists invented austerity and praved the way to fascism* – University of Chicago Press, 2022

Mazzucato, Mariana – *Mission Economy* – Portfolio-Penguin, 2021

Mazzucato, Mariana – *The Entrepreneurial State* – 2015 – https://dowbor.org/2019/10/mariana-mazzucato-the-entrepreneurial-sate-debunkiong-public-vs-private-sector-myths-anthem-press-new-york-2015.html

Mazzucato, Mariana – *The Value of Everything: making and taking in the global economy* – Public Affairs, New York, 2018

McGreal, Chris - *I don't see how it ends* – The Guardian, January 28, 2024 - https://www.theguardian.com/us-news/2024/jan/28/us-opioids-crisis-fentanyl-appalachia

Medeiros, Marcelo - *Os Ricos e os Pobres: o Brasil e a desigualdade* – Companhia das Letras, São Paulo, 2023

Monbiot, George – Guardian, July 6, 2022 - https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/jul/06/power-wealthy-earth-politics-democracy-plutocracy

Monbiot, George – *Out of the Wreckage* -Verso, London, New York, 2018 – p. 114

Monbiot, George – *Regenesis: feeding the world without devouring the planet* – Penguin Books, 2022

Mutevar, Daniel - *A debt pandemic is engulfing the global south* – IPS, April 15, 2021 - https://www.ips-journal.eu/topics/economy-and-ecology/a-debt-pandemic-is-engulfing-the-global-south-5114/?utm_campaign=en_885_20210416&utm_medium=email&utm_source=newsletter

Naughton, John - *As a new Year Dawns* - Guardian, 1 Jan. https://www.google.co.uk/amp/s/amp.theguardian.com/commentisfree/2022/jan/01/as-a-new-year-dawns-expect-a-fresh-assault-on-big-tech

Nordstrom, Carolyn – *Global outlaws: crime, money and power in the contemporary world* – University of California Press, Berkeley, 2007

Ocké-Reis, Carlos et al., *Does financialization provoke increasing prices? The case of Brazilian private health insurance* – Developing Economics, September 24, 2021 https://developingeconomics.org/2021/09/24/does-financialization-provoke-increasing-prices-the-case-of-brazilian-private-health-insurance/

Oliveira, Caroline – *Bovinocultura e soja foram as atividades mais financiadas pelo Pron*af - Brasil de Fato, 17 de dezembro de 2021 – https://www.brasildefato.com.br/2021/12/17/produtor-familiar-de-arroz-e-feijao-recebeu-apenas-2-5-de-recursos-do-pronaf-soja-recebeu-26

Ostrom, Elinor, and Charlote Hess (Orgs.) *Understanding Knowledge as a Commons* – https://dowbor.org/2015/05/elinor-ostrom-e-charlotte-hess-understanding-knowledge-as-a-commons-understanding-o-knowledge-as-a-common-good-cambridge-mit- press-cambridge-2007.html

Osvald, Andrew and Nicholas Stern – *Why are economists letting down the world on climate change*? - 2019 - https://voxeu.org/article/why-are-economists-letting-down-world-climate-change

Oxfam – *Inequality Inc*. – January 14, 2024 - https://www.oxfamamerica.org/explore/research-publications/inequality-inc/

Oxfam – *Inequality-Inc*. – 2024 - https://www.oxfamamerica.org/explore/research-publications/inequality-inc/

Oxfam – *Olhar para a fome* – https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf

Oxfam - *Survival of the Richest*, 2023 - https://oi-files-d8-prod.s3.eu-west-2.amazonaws.com/s3fs-public/2023-01/Survival%20of%20the%20richest-summary.pdf

Oxfam – *World's poorest countries to slash public spending by more than 220 b*illion – Oxfam, October 9, 2023 - https://www.oxfam.org/en/press-releases/worlds-poorest-countries-slash-public-spending-more-220-billion-face-crushing-debt

People's Dispatch – June 30, 2023 - https://peoplesdispatch.org/2023/06/30/private-health-companies-prosper-while-healthcare-access-stagnates

Peres, João - *No Brasil, maior gestora de fundos do planeta tem investimento três vezes mais poluidor que na Europa e nos EUA.* – O Joio e o Trigo, 18 de maio de 2024 - https://ojoioeotrigo.com.br/2023/05/no-brasil-maior-gestora-de-fundos-do-planeta-tem-investimento-tres-vezes-mais-poluidor-que-na-europa-e-nos-eua/

Perkins, John – *Confessions of an economic hit-man* - Berrett-Koehler, New York, 2004 - https://dowbor.org/2005/01/confessions-of-an-economic-hit-man-confissoes-de-um-agressor-economico-250-p.html

Peters, Michael and Magdalena Senn – *Shrink Finance, or Prosperity: why too much finance harms the European Economy and Society* - https://transformative-responses.org/wp-content/uploads/2021/12/2021214_Shrink-Finance_komplett.pdf

Pettifor, ann - *Inequality and morbid symptoms of a financialized system* - real-world economics review, issue no. 92, 29 June 2020 pp. 246-251, http://www.paecon.net/PAEReview/issue92/Pettifor92.pdf

Pettifor, Ann – *The case for the green new deal* – Verso, London, 2019,

Phillips, Peter – *Titans of Capital: how concentrated wealth threatens humanity* – The Censored Press, Canada, 2024

Pierucci, Frédéric and Matthieu Aron's – *The American Trap* – Hodder Stoughton, 2020 - https://dowbor.org/2022/02/arapuca-estadunidense-uma-lavajato-mundial-traduzido-do-frances-le-piege-americain.html

Piketty, Thomas – *Brève histoire de l'égalité* – 2021 - http://piketty.pse.ens.fr/files/Piketty2021Extraits.pdf

Piketty, Thomas – *Brève histoire de l'égalité* - 2021 – http://piketty.pse.ens.fr/files/Piketty2021Extraits.pdf

Piketty, Thomas May 9, 2021 - https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-receita-de-piketty-para-vencer-a-desigualdade/

ProPublica – *Religion as a Business* – Nov. 14, 2022 - https://www.propublica.org/article/johnson-amendment-violation-examples?utm_source=sailthru&utm_medium=email&utm_campaign=majorinvestigations&utm_content=river

Quaglia, Sophia – *Survey finds that 60 firms are responsible for half of the world's plastic pollution* - The Guardian, April 24, 2024 https://www.theguardian.com/environment/2024/apr/24/survey-finds-that-60-firms-are-responsible-for-half-of-worlds-plastic-pollution

Rao, Pallavi – *Visualizing how big tech companies make their billions* - Visual Capitalist, December 18, 2023 - https://www.visualcapitalist.com/big-tech-companies-billions/?utm_source=visual+capitalist+infographics+%28all%29&utm_campaign=f51b8fcca0-email_campaign_2023_12_24&utm_medium=email&utm_term=0_-80ff0af106-%5blist_email_id%5d

Raymond, Jonathan W. - Medical News Today, November 11, 2021 - https://www.medicalnewstoday.com/articles/costs-associated-with-obesity-may-account-for-3-6-of-gdp-by-2060#Current-and-future-impact-of-obesity

Reich, Robert – *The real story behind the Silicon Valley Bank debacle* – Newsletter, March 13, 2023

Reich, Robert - *The System: who rigged it, how we fix it* – Alfred A. Knopf, New York, 2020

Roberts, J. M. – *History of the World* – Oxford University Press, 1993

Roosevelt Institute – *What US Policy-makers can learn from international examples of democratic governance* - October, 2023 - https://rooseveltinstitute.org/wp-content/uploads/2023/10/RI_What-US-Policymakers-Can-Learn-from-International-Examples-of-Democratic-Governance_Brief_202310.pdf

Ruggie, John - *Just Business: multinational corporations and human rights* – W.W. Norton, New York, 2013

Saez, Emanuel Saez and Gabriel Zucman - *The Triumph of Injustice: how the rich dodge taxes and how to make them pay* – Norton, 2019

Saez, Emmanuel and Gabriel Zucman – *How to tax our way back to justice* – 2019 - https://www.nytimes.com/2019/10/11/opinion/sunday/wealth-income-tax-rate.html

Sahlberg, Pasi - *Finnish Lessons* – 2016 - https://dowbor.org/2016/05/pasi-sahlberg-finnish-lessons-what-can-the-world-learn-from-educational-change-in-finland-columbia-university-new-york-and- london-2015.html

Sandel, Michael – *The Tyranny of Merit* (2021) https://dowbor.org/2022/07/a-tirania-do-merito-o-que-aconteceu-com-o-bem-comum.html

Santos, Boaventura de Souza – *The End of the Cognitive Empire* – Duke University Press Books, 2018

Schor, Juliet – *After the Gig: how the sharing economy got highjacked, and how to win it back* – University of California Press, 2020, p. 151, quoting Martin Kenney and John Zysman

Schor, Juliet B. – *The Overspent American* – HarperPerennial, New York, 1998

Schutter, Olivier de (Special Rapporteur) – *Eradicating poverty beyond growth* – UN, Human Rights Council – June 18 – July 12, 2024 - A/73/396

Sen, Shreeja - Time for upgrade: why competition law is not enough for the platform economy – Alainet, February 25, 2022 - https://www.alainet.org/es/node/215001

Shaxson, Nicholas – *The Finance Curse: how global finance is making us all poorer* – Grove Press, New York, 2019

Shepetyuk, Ivana – *What is the average marketing budget by industry* – Merehead, November 18, 2021 https://merehead.com/blog/average-marketing-budget-different-business-areas/

Silverman, Craig, and Ruth Talbot – *Google says it bans gun ads: it actually makes money from them* – June 14, 2022 - https://www.propublica.org/article/google-guns-ads-firearms-alphabet-advertising?utm_source=sailthru&utm_medium=email&utm_campaign=majorinvestigations&utm_content=riveri

Souza, Jessé - *A elite do atraso* - Casa da Palavra/LeYa, 2017

Stiglitz, Joseph – *After Neoliberalism, progressive capitalism* – 2019 - https://www.project-syndicate.org/commentary/after-neoliberalism-progressive-capitalism-by-joseph-e-stiglitz-2019-05

Stiglitz, Joseph - *Rewriting the rules of the American Economy: an agenda for shared prosperity* – Roosevelt Institute, 2015 - https://rooseveltinstitute.org/wp-content/uploads/2015/05/RI-Rewriting-the-Rules-201505.pdf

Stiglitz, Josph – *CGET Interim report* - Institute for New Economic Thinking – 2021 - https://www.ineteconomics.org/research/research-papers/the-pandemic-and-the-economic-crisis-a-global-agenda-for-urgent-action

Stone, Oliver and Peter Kuznick – *The untold history of the United States* – Gallery Books, New York, 2019, P.734

Streeck, Wolfgang – *Buying time* – Verso, London 2014 – http://dowbor.org/category/dicas-de-leitura/

Streeck, Wolfgang – *O que nos separa de um novo conflito global* – Outras Palavras, 6/6/2024 - https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/o-que-nos-separa-de-um-novo-conflito-global/

Tapscott, Don and Anthony Williams- *Wikinomics: how mass collaboration changes everything* - Penguin, US, 2006 - https://dowbor.org/2008/03/wikinomics-2.html

Tavares, Conceição- *Restaurar o Estado é Preciso* - January 18, 2021 - https://outraspalavras.net/outrasmidias/conceicao-tavares-restaurar-o-estado-e-preciso/

Taylor, Matthew – *Grotesque Greed: immoral fossil fuel fossil profits must be taxed, says UN chief* - The Guardian, August 3, 2022 - https://www.theguardian.com/environment/2022/aug/03/greed-of-fossil-fuel-companies-is-grotesque-says-un-secretary-general

Tcherneva, Pavlina – *The Case for a Job Guarantee* – Polity Press, 2020 - https://dowbor.org/2022/05/the-case-for-a-job-guarantee.html

Theodoro, Mario – *A sociedade desigual* – Zahar, Rio de Janeiro, 2022 - https://dowbor.org/2022/05/a-sociedade-desigual-racismo-e-branquitude-na-formacao-do-brasil.html

TicoTimes – March 18, 2023 – *Artificial Intelligence* - https://ticotimes.net/2023/03/18/artificial-intelligence-accelerates-the-fourth-industrial-revolution

TNI – Transnational Institute – *Big Tech: the rise of GAFAAMT* – 2023 - https://www.tni.org/en/big-tech-the-rise-of-gafaamt

Truthout, *Health debt USA* - 22 July 2021 - https://truthout.org/articles/nearly-one-in-five-americans-are-in-collections-for-medical-debt/?eType=EmailBlastContent&eId=fefbb67d-6dd6-4305-9a32-0d9cd14d4178

Tuchman, Barbara, W. – *The March of Folly: from Troy to Vietnam* – Random House, New York, 2014 – 470 p – https://dowbor.org/2018/10/barbara-w-tuchman-the-march-of-folly-from-troy-to-vietnam-random-house-new-york-2014-a-marcha-da-insensatez-470-p.html

Twain, Mark – *The bible According to Mark Twain* – Touchstone, 1995

UBS - *Global Wealth report 2024* - https://www.ubs.com/content/dam/assets/wma/mx/latam-access-2024/week31/global-wealth-report-2024-pt.pdf

Uchôa, Marcélio – *O que os administradores públicos municipais precisam saber* - CRV, 2019 - https://dowbor.org/2020/08/marcelio-uchoa-o-que-os-gestores-publicos-municipais-precisam-saber-ed-crv-2020-preface-dowbor.html

UNCTAD – *Digital Economy report 2021* –https://joserobertoafonso.com.br/digital-economy-report-2021-unctad/?utm_source=mailpoet&utm_medium=email&utm_campaign=atualizacoes-da-semana-de-economia_639

UNCTAD – *Trade and Development Report 2022* 3 - https://unctad.org/system/files/official-document/tdr2022_en.pdf

UNDP – *Human Development Report 2020/2021* - P. 25 - https://shop.un.org/system/files/pdf/9789210016407_web.pdf?orderid=209513&unphash=38018d8d936b8ce67f9a2ca047761582a0aafc88

UNEP – *Principles for responsible banking* – Sept. 23, 2019 – Assets 47tri$ https://www.unepfi.org/banking/bankingprinciples/– See also the $47tn assets: https://www.unepfi.org/news/industries/banking/130-banks-holding-usd-47-trillion-in-assets-commit-to-climate-action-and-sustainability/

UNFSS – UN Food Systems Summit 2021 - https://www.csm4cfs.org/wp-content/uploads/2021/09/Declaration-EN-2.pdf and https://Foodsystems4people.org

UNICEF – *Undernourished and underfed* – 2023 Report - https://data.unicef.org/resources/undernourished-and-overlooked/

UNRISD – *Crises of inequality: shifting power for a new eco-social contract* - full-report-crises-of-inequality-2022.pdf (unrisd.org)

UNRISD, *A New Eco-Social Contract* - Issue Brief 11, March 2021 - https://www.unrisd.org/80256b3c005bccf9/httpnetitframepdf?readform&parentunid=2d51d21d694a94d4802586a1004d18fc&parentdoctype=brief&netitpath=80256b3c005bccf9/(httpauxpages)/2d51d21d694a94d4802586a1004d18fc/$file/ib11---eco-social-contract.pdf

Van Parijs, Philippe – *Basic Income and the Left* – Social Europe Edition, 2020

Versignassi, Alexandre e Camila Barros – *Os donos do mundo* – September 11, 2023 - VC S/A https://vocesa.abril.com.br/mercado-financeiro/donos-do-mundo-os-fundos-que-mandam-nas-maiores-empresas-da-terra#google_vignette

Visual Capital – July 29, 2022 - https://www.visualcapitalist.com/visualized-the-top-25-u-s-newspapers-by-daily-circulation/

Visual capitalist - How Do Big Tech Giants Make Their Billions? (visualcapitalist.com)

Visual Capitalist – June 29, 2022 - https://www.visualcapitalist.com/3-companies-make-up-50-percent-of-us-ad-revenues/

Visual Capitalist - *Real Estate Investment Trusts (REITs)* - https://www.visualcapitalist.com/the-worlds-largest-real-estate-investment-trusts-reits/

Visual Capitalist July 29, 2022 https://www.visualcapitalist.com/visualized-the-top-25-u-s-newspapers-by-daily-circulation/

Walker, Chris – *Greedflation* -Truthout, January 22, 2024 - https://truthout.org/articles/greedflation-accounts-for-53-cents-of-every-dollar-of-inflation-in-past-6-months/?utm_source=truthout&utm_campaign=5dd2a5d0b2-email_campaign_2023_11_16_07_58_copy_01&utm_medium=email&utm_term=0_-e6daf26d84-%5blist_email_id%5d

Wall Street Journal – April 12, 2022 - Digital Ad Revenue Jumped 35% in the U.S. Last Year, Biggest Gain Since 2006 - WSJ

Wall Street Journal – October 18, 2023 - Public Citizen, October 19, 2023 - https://www.citizen.org/news/pfizer-spikes-paxlovid-prices-to-100-times-cost-of-production/

WHO - www.google.com/search?q=deaths+from+smoking+2020+worldwide - Access July 26, 2021

WHO – *Global Cancer Burden Growing* - Press Release, February 1, 2024 - https://www.who.int/news/item/01-02-2024-global-cancer-burden-growing--amidst-mounting-need-for-services

WID – *World Inequality Report 2022* – Executive Summary: https://wir2022.wid.world/executive-summary/

Wong, Felicia – *New Progressivism is emerging* - Roosevelt Institute, April 28, 2021 https://rooseveltinstitute.org/2021/04/28/a-100-day-progress-report-how-new-progressivism-is-emerging/

Wong, Felicia – *The emerging worldview: how new progressivism is moving beyond neoliberalism* – Roosevelt Institute - January 2020 - https://rooseveltinstitute.org/emerging-worldview-new-progressivism-moving-beyond-neoliberalism/ https://rooseveltinstitute.org/wp-content/uploads/2020/01/RI_EmergingWorldview_report-202001-1.pdf

Wong, Felicia https://rooseveltinstitute.org/2021/06/03/a-bretton-woods-moment-how-this-years-g7-summit-could-rewrite-the-international-rules

Yu, Yue Stella – Truthout, September 26, 2019 - *Big Pharma Invests Millions* - https://truthout.org/articles/big-pharma-invests-millions-as-congress-prepares-drug-pricing-bills/?eType=EmailBlastContent&eId=65e59e9d-8236-4da4-a09e-556eb60cfe54

Yunus, Muhammad – *A World of Three Zeros: the new economics of zero poverty, zero unemployment and zero net carbon emissions* - Public Affairs, 2018

Zaneti, Hermes – *O Complô,* Verbena Editora, Brasília, 2024 - https://dowbor.org/2024/04/o-complo-2.html

Zaneti, Hermes – *O Complô, a batalha dos bancos para derrubar o artigo 192º da Constituição*, Ed. Verbena, 2024 - https://dowbor.org/2024/04/o-complo-2.html

Zhang, Sharon Zhang – *This is what price-gouging looks like* - Truthout, October 28, 2022 - https://truthout.org/articles/this-is-what-price-gouging-looks-like-exxon-profits-break-all-time-records/?eType=EmailBlastContent&eId=0c9d419c-ca2c-44a4-a9f1-780ebe87c591

Zuboff, Shoshana – *The Age of Surveillance Capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power* – PublicAffairs, News York, 2019.